



APAIXONADA POR UM NERD

"DA AUTORA DO LIVRO VICTÓRIA"

JENNIFER ALVES





APAIXONADA POR UM NERD

"DA AUTORA DO LIVRO VICTÓRIA"

JENNIFER ALVES

APAIXONADA POR UM NERD

"DA AUTORA DO LIVRO VICTÓRIA"

JENNIFER ALVES

Copyright © 2020 Jenniffer Alves

Capa: T.V Designer Editorial

Imagens usadas: pt.pngtree

Revisão: Carina Barreira

Diagramação: Jenniffer Alves

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte desta obra através de qualquer meio — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei no 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Todos os direitos reservados.

Edição Digital | Criado no Brasil.

Uma obra de Jenniffer Alves



[Dedicatória](#)

[Nota do Autor](#)

[Capítulo 01](#)

[Capítulo 02](#)

[Capítulo 03](#)

[Capítulo 04](#)

[Capítulo 05](#)

[Capítulo 06](#)

[Capítulo 07](#)

[Capítulo 08](#)

[Capítulo 09](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Alexander](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Gilles](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Peter](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Capítulo 47](#)

[Capítulo 48](#)

[Prólogo](#)

[Agradecimientos](#)

Dedicatória



Dedico esse livro às minhas amigas Mariana que deu origem a essa história e a Carina Barreira por toda a força que está me dando nessa minha trajetória.

Nota do autor



Apaixonada por um Nerd nasceu de repente na minha cabeça após terminar Victória, então como eu iria ficar trinta dias afastada de Victória que deixei engavetado, decidi que me aventuraria nessa nova história mesmo sem saber o meio e o fim, deixei que ela tomasse seu próprio rumo. E vou ser sincera, me surpreendi muito, porque não imaginei que teria um Serial Killer a solta.

Esse livro não é como Victória, aqui se trata de adolescentes, drama familiar e uma pitada de mistério, é uma história mais leve, rápida e gostosa de ler. Espero que goste da leitura e que se apaixone por Peter, tanto quanto eu me apaixonei por ele.

Boa leitura, miojinho!



Todos nesse mundo já fizeram merda algum dia na sua vida, seja por uma escolha errada ou por impulso, só que temos que estar preparados para as consequências, pois em algum momento, teremos que lidar com elas. Eu, por exemplo, estou arcando com tudo o que eu fiz de errado. Bom... não que eu ache o que eu fiz foi extremamente errado, para mim foi apenas uma brincadeira que todos adolescentes fazem, brincadeiras que saem do controle.

Mas para outras pessoas, pichar uma escola com palavras de repúdio por causa de uma diretora injusta, quase explodir a escola com fogos de artifícios e quebrar o nariz de uma menina que acha ter o rei na barriga, é algo imperdoável.

Olho para o homem furioso na minha frente, eu apenas assisto seus lábios se movimentando enquanto jorra sermões e indignações à minha rebeldia. No entanto, sinto que esse não é o único motivo para ele me mandar para longe, sabe quando você faz muitas burradas, mas acredita que está sendo punida por uma coisa totalmente diferente? Bem, é isso o que estou

sentindo nesse momento.

Umedeço os lábios e respiro fundo antes de voltar a prestar atenção no que meu pai diz. Ele me olha e suspira, sabe que eu não estou prestando atenção no que está falando.

— Vai ser bom para você, Mariana. — Persiste papai.

— Bom? — Bufo de raiva. — Bom é para você que vai se livrar de mim. — Meu pai respira fundo abaixando a cabeça.

— Aqui. — Ele me entrega o passaporte com a passagem. O meu desejo nesse momento é de rasgá-los.

— Por quê? — Ele passa a mão na sua barba rala. — Eu juro que vou mudar pai. — Insisto.

— Como das outras milhões de vezes que prometeu mudar? — Pergunta com um tom de desgosto e um olhar zangado. — Da última vez que eu acreditei na sua promessa, você pichou os muros da escola. — Dou de ombros.

— Mereceu.

— Mereceu, Mariana? — Papai me olha incrédulo. — Você levou advertência por maltratar um colega e diz que a escola mereceu esse ato de vandalismo? — Fito o passaporte em minhas mãos.

— Eu não quero ir para outro país, pai. — Choramigo.

— Mas você vai! — Bato meu pé com ódio. — Você precisa de disciplina e sua nova escola é conceituada. — Reviro os olhos.

— Eu odeio gente riquinha. — Retruco com desdém encarando as pessoas no aeroporto.

— Você é *rica*, Mariana. — Papai me lembra.

— É... — Olho para ele franzindo o cenho. — Mas ninguém sabia que eu sou rica. — Papai aperta seu nariz um pouco irritado. — Mas agora todos vão saber, porque eu vou estar no meio de um bando de gente esnobe. — Falo com desdém.

— Você vai sobreviver. — Reviro meus olhos novamente.

— Vai ser bom para você, queridinha. — Encaro a mulher ao lado do meu pai. — Um lugar novo com gente nova, é sempre bom. — Heidi é a cópia perfeita de uma boneca, mas de uma forma falsificada. Tudo nela é falso, até mesmo seu caráter.

— Ninguém te perguntou nada, plastificada. — Heidi abre a boca chocada antes de bufar e fechar a cara.

— Mariana... — Adverte papai.

— Você está me abandonando, pai. — Fecho meus olhos por um segundo. — Assim como fez aquela mulher. — Papai coloca as mãos no bolso da sua calça.

— *Aquela mulher* é a sua mãe. — Solto uma risadinha. — E eu não estou te abandonando. — Papai segura meu rosto com ambas as mãos. — Eu estou te enviando porque eu já não sei mais o que fazer com você.

— Pai... — Engulo o caroço que se formou na garganta.

— Eu te amo mais do que a minha própria vida, Mariana. — Papai beija minha testa. — Por essa razão que você vai, acredito que te dei liberdade demais e deixei que fizesse o que quisesse. Eu não te dei limites e regras, sua rebeldia sem causa passou dos limites.

— Mas eu não a conheço. — Digo em desespero.

— Esse é o momento de vocês. — Papai se afasta.

— Você vai agradecer, queridinha. — Heidi fala com indiferença

olhando para suas unhas falsas.

— Foi você? — Ela me olha. — Você que insistiu com papai para me mandar embora, não foi? — Pergunto com desprezo. — Quem diria, meu próprio pai me trocando por uma...

— Mariana — Assusto com a voz grave do meu pai.

— Ela só quer o seu dinheiro, Heidi trai você na sua cara. — Aponto o passaporte na direção da plastificada que está roubando meu pai de mim. — Será que não enxerga? — Papai franze as sobrancelhas.

— Alexander, não vai dizer nada? — Heidi olha para ele incrédula.

— Não é por isso que você está embarcando. — Meus ombros caem em derrota.

— Tudo bem. — Concordo, por fim. — Quando descobrir que me abandonou por uma adúltera, não quero que venha chorando. — Papai ergue o canto de sua boca.

Alexander é um homem alto e muito lindo para sua idade, com 40 anos está na flor da idade - é o que ele vive falando. Papai é dono de uma rede de supermercados, considerado o homem mais rico de Minas Gerais, e por esse motivo só atrai vigaristas interessadas em seu patrimônio.

Papai é muito discreto e dificilmente você encontra algo relacionado a ele nas mídias e tabloides de fofocas. Ele cuidou de mim sozinho sem ajuda de ninguém, Alexander é o melhor pai do mundo, mesmo eu sendo a pior filha.

— Pai... — Troco o peso do meu corpo para a outra perna. — Por favor, não me mande embora. — Suplico.

— Ela estará te esperando do lado de fora do aeroporto. — Papai me encara com seus olhos verdes. — Se comporte, ela não tem minha paciência,

Mariana. — Respiro fundo concordando. — Eu te amo.

Papai me puxa para um abraço forte de despedida. Sinto seu perfume e entrelaço meus braços em seu pescoço aproveitando os últimos segundos que eu o teria. Não quero ir para outro país, muito menos morar com uma mulher que me abandonou quando eu tinha dois anos de idade sem nem olhar para trás.

— Eu também te amo. — Ele afasta com as mãos em meus ombros.

— Agora vai que o seu voo está prestes a sair. — Balanço a cabeça de leve.

— Tchau, tchau queridinha. — Entorto a boca enojada.

— Aproveite enquanto pode, porque você vai ser chutada assim como as outras que queriam dar o golpe no meu pai. — Seguro a alça da minha mala de mão e olho pela última vez para meu pai.

— É só por um ano, Mariana. — Umedeço meus lábios com o coração apertado. — Estarei a uma ligação de distância. — Papai sorri me motivando.

— Tá. — Murmuro virando de costas.

Começo a andar em direção ao portão de embarque, rumo a uma cidade onde eu não conheço ninguém, muito menos a mulher que terá a minha guarda. Estou amedrontada em pensar que eu estarei em um lugar totalmente desconhecido, mas ao mesmo tempo animada, pois farei de tudo para me enviarem de volta.

— Alexander, viu como ela falou comigo? — Escuto Heidi reclamar.

— Cala a boca pelo menos uma vez nessa sua vida. — Rebate papai, zangado.

Olho para trás sobre os ombros sem parar de andar. Papai está vestindo um terno escuro com uma gravata da cor vinho, sentirei tantas saudades dele,

do seu sorriso e de suas broncas.

Sei perfeitamente do seu desespero em ver sua única filha envolvida em tramoias causadas por ela mesma, e entendo o porquê de me enviar para longe. Alexander está arrasado, nunca tínhamos ficado tão longe um do outro, será a fase mais difícil de nossas vidas.

Papai sorri para mim e sussurra um “eu te amo”. Volto a olhar para frente e entrego o passaporte e a passagem para a moça conferir. Me recuso a chorar, não deixarei as lágrimas caírem, até porque, eu que causei tudo isso, por esse motivo eu terei que ser forte e arcar com as consequências.

— Boa viagem, Mariana. — Diz a moça me devolvendo os documentos.

Agradeço com um pequeno aceno. Respiro fundo antes de passar pelo portão de embarque deixando meu Brasil, meu pai e minha vida para trás.



Pego minhas malas e olho ao redor do aeroporto de San Francisco lotado de gente indo e vindo, muitos com sorrisos no rosto e vários com semblantes irritados e cansados, assim como eu.

Respiro fundo e caminho em direção à saída. Quinze horas de viagem deixam qualquer um quebrado, minhas costas estão destruídas. Eu não consegui pregar o olho durante o voo por medo, parece absurdo, certo? Mas... sei lá, vai que o avião cai comigo dormindo? Pelo menos acordada eu poderia tentar salvar minha vida.

Passo no meio de um grupo de adolescentes barulhentos, fico olhando para eles por alguns segundos, estão empolgados com a viagem ou a volta dela. Todos falam inglês, eu sei pronunciar a língua perfeitamente, porque meu pai me obrigou a estudar desde que eu existo, para me comunicar com *ela*, com a minha mãe que é americana e não sabe falar o português.

Desvio os olhos a tempo de sair do caminho de um garoto, mas meu movimento não impede que ele esbarre em mim. Ele usa um capuz dificultando ver seu rosto e está entretido no telefone. Se eu fosse um carro,

com toda certeza sua morte seria anunciada minutos depois por não prestar atenção por onde anda.

— Ei... — Chamo, ele para parecendo tenso. — Olha por onde anda, cara. — O garoto olha por cima do seu ombro discretamente, e mesmo assim, não consigo ver seu rosto.

Seu olhar dura alguns segundos, o que parece ser minutos. Ele apenas sussurra um “desculpe” e volta a caminhar apressado encarando o celular novamente. Isso foi estranho!

Solto a respiração que tinha prendido e volto a andar em direção à saída do aeroporto. Meu coração acelera quando passo pelas portas rotativas. O ar quente me recepciona, juntamente com os raios de sol em plena tarde. San Francisco é quente, mas ao mesmo tempo, fria. Olho ao redor observando os carros, táxis e ônibus em busca da minha carona. Ou melhor, da mulher que me abandonou.

Papai avisou que ela estaria à minha espera na saída, mas será que ele não se referiu ao estacionamento? O que me preocupa é se *ela* me reconhecerá, porque fazem quatorze anos que não me vê.

Alexander é louco em enviar sua filha para um país desconhecido, mais doido ainda em entregá-la nas mãos de uma desconhecida. Respiro fundo sentando em cima das minhas malas, à espera *dela*.

A última vez que eu me encontrei com ela eu tinha apenas três anos de idade, depois nunca mais, mesmo quando papai tentava me mostrar algo dela, ou quando insistia que eu falasse ao telefone quando Ellen ligava. Sim, eu sei o seu nome! A única coisa que eu sei é que ela se chama Ellen Collins. Até porque, eu tenho seu sobrenome.

Mariana Collins Vitalle. Vitalle do meu pai, que também é o nome das empresas dele, *Grupo Vitalle*. Papai é italiano, mas foi criado a vida toda no

Brasil. Eu não sou Brasileira legítima, apenas a mistura de italiano e americano no sangue.

Heidi é Brasileira, interesseira e golpista. Detesto aquela mulher, sinto meu coração apertar só de pensar que meu pai ficará sozinho sem mim para orientá-lo dos erros que está cometendo. Todas as mulheres que ele se relacionou o traiu, e eu era sua detetive, investigava cada uma e descobria seus podres. Mas dessa vez, papai não quis me ouvir em relação à Heidi.

Olho para um SUV enorme e escuro que estacionou na minha frente. O veículo é todo equipado e na lateral tem um adesivo escrito POLICE, com sirenes em cima do teto e na frente do carro, as luzes vermelhas e azuis transluzem sem emitir som.

A porta é aberta e uma mulher sai de dentro do carro. Prendo a respiração quando ela bate a porta e analisa o lugar até seus olhos se encontrarem com os meus. Uma policial está conduzindo aquele veículo e me estuda nesse exato momento, fixamente. Essa mesma policial é a minha mãe.

Ellen sorri de leve ao me reconhecer e começa a caminhar em minha direção. Fico paralisada a encarando. Minha mãe é alta e loira, seus cabelos estão soltos e seu uniforme de policial cai perfeitamente em seu corpo esbelto e musculoso na medida certa.

Papai nunca falou que minha mãe é uma policial, mas a verdade é que eu nunca quis saber de nada. Ellen para à minha frente e me observa. Não somos parecidas, enquanto ela tem cabelos loiros e lisos, os meus são pretos e enrolados. A única semelhança são nossos olhos castanhos, grandes e marcantes.

— Oi. — Ellen diz. — Como você cresceu, está a cara do Alexander.

— É... — Levanto pegando a alça das minhas malas. — Tinha que crescer um dia. — Falo ríspida.

— Como foi a viagem? — Pergunta pegando uma das três malas que eu trouxe.

— Cansativa. — Ellen abre o porta-malas do SUV.

— Como não seria? Você ficou dentro de um avião por aproximadamente quinze horas. — Quando todas as malas estão guardadas, ela fecha o porta-malas e vira para mim, me olhando. — Vai descansar logo, temos ainda 140km para percorrer. — Franzo o cenho.

— Você não mora aqui? — Ellen nega com a cabeça.

— Moro em Sacramento. — Ela abre a porta do motorista e aponta com o queixo para o outro lado do carro. — Vamos?

— Sim. — Concorde contornando o veículo e sentando ao lado de Ellen.

Ela arranca com o SUV sem dizer nada. O único barulho dentro do carro é o rádio da polícia que o tempo todo informa alguma operação sendo realizada. Coisas de policiais! Olho pela janela observando San Francisco ficar para trás.

A cidade é linda e ensolarada, fiquei ainda mais impressionada quando passamos pela ponte Golden Gate Bridge que liga San Francisco à Sausalito. Eu sempre a via em fotos, mas nunca ao vivo.

— Eu não sabia que você é uma policial. — Digo quebrando o silêncio.

— Você nunca quis saber. — Ellen tem razão. — Eu sou perita criminal também. — Olho para ela que está focada na estrada.

— Interessante. — Volto a fitar a janela.

— Como você está? — Solto uma risadinha sem humor.

— Você se importa? — Ela não diz nada. — Eu só quero ir embora.

— Eu sei que sim. — Ellen concorda. — Mas vai ser bom para você, Sacramento é uma cidade incrível. — Encaro seu perfil enquanto dirige.

— Como pode ter certeza? — Ellen tamborila o volante.

— Apenas permita-se ser feliz aqui. — Recosto a cabeça no encosto e fecho meus olhos.

Permitir ser feliz aqui? Ao lado da mulher que me abandonou e que nem me deu um único abraço, e pior ainda, não demonstrou um pingão de entusiasmo ao me reencontrar? Será muito difícil!

Acordo assustada quando o carro faz um barulho - nem percebi que tinha dormido. Olho pela janela e vejo nada mais do que deserto e uma estrada sem fim. Sem movimento e sem carros. Encaro Ellen que me olha com uma sobrancelha levantada.

— O que você fez para Alexander te mandar para longe? — Pergunta com a expressão séria.

— Você já sabe. — Retruco irritada, mas Ellen apenas espera por minha resposta. — Eu pichei o muro da escola.

— E?

— E que papai teve que reformar toda a escola para evitar que a diretora me denunciasse. — Ellen sorri e balança a cabeça.

— Você fez mais coisas...

— Tenho certeza que você sabe de todas. — Indago remexendo no banco.

— Sim, mas quero saber da sua boca. — Ela me lança um olhar cético.

— Quase explodi a escola levando fogos de artifício. Peguei emprestado uma relíquia no museu, mas devolvi quando os alarmes foram disparados, nessa vez eu só queria ver como funcionava a segurança. Quebrei

o nariz de uma patricinha e papai teve que pagar uma cirurgia plástica para arrumar o estrago. — Dou de ombros com indiferença. — Muitas outras coisas que você deve saber.

— Por que você faz isso? — Respiro fundo.

— Não sei... — Passo a língua nos meus lábios. — Acho divertido.

Ellen fica calada, e sem dizer nenhuma palavra eu abraço o silêncio. Olho para o relógio no meu pulso que já está ajustado no fuso horário da Califórnia. Estamos na estrada a uma hora e meia, quero tanto deitar em uma cama e em um travesseiro.

Ellen para em um posto de gasolina e começa a abastecer o carro. Aqui nos Estados Unidos não existe frentista, você coloca as moedas, cartão ou dinheiro na máquina de combustível e solicita o tanto de gasolina que quer, a máquina faz todo o resto.

— Você quer alguma coisa? — Pergunta Ellen com os braços na janela do motorista.

— Uma barra de chocolate e se tiver *Toddynho*, quero também. — Ela franze as sobrancelhas.

— Acredito que *Toddynho* seja a marca do achocolatado do Brasil. — Ellen sorri.

— Você conhece? — Ela inclina a cabeça para o lado.

— Morei alguns anos no Brasil, Mariana. — Ellen dá dois tapinhas na janela. — *Toddynho* não tem, chocolate sim. — Ela vira de costas e caminha até a loja do posto.

Não é só do *Toddynho* que sentirei saudades, mas de todas as comidas do Brasil. A maioria dos alimentos daqui são enlatados, gordurosos e... Não sei! Mas, sem graça se encaixa bem. Não, eu não conheço os Estados Unidos,

nunca visitei esse país, por esse motivo que a internet foi criada, para descobrir o desconhecido.

Ellen volta com duas garrafas de água e três barras de chocolate. Sem perder tempo, rasga o plástico e morde um pedaço do delicioso doce. Eu sou chocólatra, só faltou o Toddynho.

— Estamos chegando. — Diz Ellen depois de vários minutos na estrada. — Mariana, pegue aquela pasta no banco de trás, por favor. — Tiro o cinto de segurança e inclino para pegar a pasta. Volto a afivelar o cinto com a pasta no meu colo.

— O que é isso? — Pergunto curiosa.

— Tudo sobre sua nova escola. — Um arrepio percorre meu corpo. — A grade das suas aulas, número do seu armário com a senha, e os horários de cada atividade.

Começo a analisar os documentos e as informações. Mordo meu lábio inferior sem acreditar no que eu estou vendo.

— Sério? — Ellen me encara. — Uma escola Católica?

— A King Christ High School é conceituada, Mariana, com clubes de estudos e várias atividades e esportes que você pode escolher. O ensino é excelente e muitos que sonham ingressar em uma faculdade importante, conseguem bolsas estudando lá. De todas as escolas de Sacramento, ela é a melhor. Ainda mais para você que está no último ano. — Fito Ellen sem piscar.

— O diretor é um padre. — Mostro a foto para ela, indignada.

— Padre Pirosh Black Storn é muito legal, você vai gostar dele.

— Você é religiosa? — Pergunto fechando a pasta.

— Sim. — Responde.

— Que ótimo! — Murmuro zangada. — Eles ensinam as consequências do abandono? — Solto as palavras em um só folego. Ellen fecha a cara e me olha por alguns segundos e depois volta a fitar a estrada.

— Eu não...

— Ok... Ok... — Vocifero — Não me venha com auto piedade.

— Mariana... — Ellen respira fundo. — Vamos facilitar as coisas?

— Facilitar? — Solto o ar pela boca. — Vamos sim, que tal desistir desse papel de *mãe* e me enviar de volta? — Olho para ela. — Você nem quer isso, Ellen Collins. — Ellen esfrega sua sobrancelha com a mão esquerda livre.

— Se eu te disser que eu quero isso? — Ela me encara. — Mesmo não querendo falar comigo, eu acompanhei você em todas as suas fases. Alexander me manteve informada durante todos esses anos.

— Mas nunca foi me ver? — Nunca entenderia Ellen, não tem explicação. — Vai ser o pior ano da minha vida. — Murmuro.

— Só se quiser. — Retruca, mas eu não respondo. Me sinto cansada demais para continuar esta discussão.

Não estou acreditando que eu irei estudar onde Padres e Freiras administram. Sempre ouvi falar que escolas *Cristãs* são as mais rigorosas e mantêm a disciplina controlada, não sei se é o caso dessa, por isso que eu terei que esperar o pior.

O plano de me enviarem de volta ficará muito mais difícil, porque padres nunca desistem dos seus fiéis, ainda mais um padre Diretor de uma escola que lida diariamente com adolescentes rebeldes. Entretanto, eu não desistirei sem lutar, farei com que eles me mandem de volta para o meu pai o mais rápido possível. Ellen não conseguirá lidar com uma garota rebelde e

problemática como eu, pelo menos é o que eu acho.



Sacramento é uma cidade muito linda, fiquei admirada quando fomos entrando nela. Ellen fala sem parar das suas riquezas, dos museus e de como ela se transformou na capital da Califórnia depois da corrida do Ouro.

Ellen explica que em 1948 o jornal “*New York Herald*” publicou a descoberta de ouro no rio Sacramento o que fez milhares de pessoas de todo o mundo se mudarem para o oeste dos Estados Unidos na esperança de ficarem ricos. Mas foram poucos os que enriqueceram, o próprio descobridor das primeiras pepitas ficou pobre.

Olho para Ellen que sorri enquanto me conta essa história, parece estar tão entusiasmada e animada. Ela aponta o dedo para frente e eu acompanho. Uma grande ponte se aproxima, Ellen fala que a Tower Bridge é considerada um *ícone* da cidade.

Ela tem 225 metros de comprimento e trata-se de uma ponte vertical que é suspensa quando é preciso que um navio de grande porte passe. Olho pela janela quando vamos transitando por ela e admiro os iates e lanchas atracados no rio Sacramento.

— O que você está achando? — Pergunta depois de atravessarmos a ponte.

— Uma cidade muito bonita. — Respondo com sinceridade.

— Você vai gostar daqui eu tenho certeza. — Eu não tinha essa certeza!

Quando estávamos entrando em um bairro onde havia várias casas no estilo americano, uma mais bonita que a outra, o telefone de Ellen toca e ela atende. Tento não prestar atenção, porém, sua voz muda junto com sua expressão me despertando curiosidade.

— Estou a caminho. — Fala para a pessoa do outro lado da linha e finaliza a ligação fazendo o contorno e dirigindo em direção contrária com a testa franzida.

— O que aconteceu? — Pergunto inquieta. Ela me olha de soslaio e suspira.

— Uma jovem foi encontrada morta em sua casa. — Fico encarando Ellen. — Ela foi encontrada enforcada, tudo indica que foi suicídio, mas... — Ergo uma sobrancelha.

— Mas... — Incentivo Ellen a continuar.

— Acredito que foi um assassinato. — Ela joga essa bomba e meu coração dispara. — É a terceira garota que encontramos da mesma forma, preciso averiguar se foi mesmo suicídio.

— Outras?! — Pergunto indignada. — Que ótimo! — Recosto minha cabeça no banco. — Vim para uma cidade onde tem um assassino à solta. Que ótimo! — Murmuro cruzando meus braços. Ellen não diz nada, apenas respira fundo e conduz o carro em direção à cena do crime.

Minutos depois ela estaciona próximo a uma casa grande e sofisticada,

onde está cheio de policiais, ambulâncias e uma fita amarela selando todo o lugar. Ellen manda eu ficar no carro pois será rápida, claro que não obedeço. Que absurdo pensar que *eu* ficaria de fora esperando!

Sou curiosa e gosto dessas coisas de detetives, assassinatos, investigação e hoje eu descobri o porquê. Sigo Ellen, passo por debaixo da fita que um policial ergue. Ele me olha receoso quase me impedindo de passar, mas Ellen avisa que eu estou com ela e lanço um sorrisinho de vitória em sua direção.

— Senhorita Collins... — Um homem de meia idade se aproxima. — Estava à sua espera. — Ele me olha com o cenho franzido. — Quem é essa moça? — Pergunta sério.

— Minha filha. — Responde Ellen ríspida. — O que você tem para mim, detetive Trump? — Ele fica me encarando e eu não desvio do seu olhar desconfiado.

— Você nunca me disse que tem uma filha. — Ele movimenta o dedo indicador para cima e para baixo. — Não desse tamanho. — Já não gostei desse cara!

— Agora você está sabendo, e eu não te devo nenhuma satisfação, detetive. — Contraio meus lábios com a forma ríspida que Ellen retrucou. — Podemos ir logo ao assunto principal ou quer investigar minha vida também, Trump? — Percebo que esses dois não são amiguinhos.

O tal detetive Trump me olha mais uma vez antes de entrar na casa. Ele é um pouco calvo, magro e usa um sobretudo escuro com uma cadernetinha e caneta nas mãos. Sigo Ellen que começa subir as escadas, meu coração acelera com receio por ter vindo. Deveria ter ficado no carro! Culpa dessa curiosidade maldita.

— Boa noite, Sra. Collins. — Cumprimenta um homem moreno que

lhe entrega um par de luvas de silicone para Ellen que imediatamente as coloca.

Ellen abre a porta do quarto e entra, dou um passo para frente, mas sou barrada pelo mesmo policial moreno que entregou as luvas minutos antes. Olho para seu rosto e ele balança a cabeça negativamente me impedindo de prosseguir.

Dou um passo para o lado e olho para dentro do quarto. Mesmo distante eu consigo ver a cena do suicídio ou a cena de um crime. Ellen analisa todo o quarto, janelas, porta-joias tudo o que poderá indicar uma pista.

O cadáver da garota está pendurando em uma corda ao redor do seu pescoço. Ela ainda usa seu pijama, seus cabelos são grandes e escuros e tampam o seu rosto, sua pele é negra e está azulada. Engulo em seco vendo uma menina tão jovem *morta*. Um arrepio percorre meu corpo quando finalmente os peritos estendem o corpo da moça no chão.

Ellen analisa o cadáver com delicadeza, cada centímetro dele enquanto um outro homem tira fotos conforme é instruído por ela. Depois de duas horas, o corpo da garota é tampado com um pano branco.

Olho para o quadro enorme em cima da cama que contém a foto da moça, ela estava toda sorridente, parecia feliz. Ela era uma menina linda, por que se suicidaria? Depressão pode ser uns dos motivos. Procuro Ellen e a encontro olhando para a janela e borrifando um pó que não faço ideia do que é.

Ellen fala alguma coisa e vem em minha direção tirando as luvas. Ela passa por mim e eu a sigo parecendo um cachorrinho louco para receber um osso. Ellen para na frente do detetive Trump e coloca as luvas em seu peito.

— Foi assassinada. — Diz com os olhos cravados no detetive. —

Alguém entrou pela janela do lado de fora e forjou um suicídio. — Trump rosna de raiva. — Da próxima vez investigue melhor, e não entre em meu caminho. — Com isso, Ellen sai com passos largos em direção à saída da casa.

Olho para Trump e dou de ombros antes de ir atrás de uma Ellen muito irritada.

— Por que está com tanta raiva assim? — Pergunto correndo atrás dela.

— É a terceira garota que encontramos só nesse mês. — Responde entrando no carro. — Todas mortas do mesmo jeito. — Afivelo o cinto enquanto Ellen arranca com o carro.

— Enforcadas? — Ellen meneia a cabeça.

— Sim. — Minha boca seca.

— Quem foi? — Ellen suspira.

— Não sabemos, ela vai passar pelo médico legista e depois vai nos informar se o assassino deixou algum rastro em seu corpo. — Meu coração está batendo tão forte, pensava que aqui era mais seguro do que no Brasil, mas pelo visto...

— Tem um padrão? — Ela morde seu lábio inferior. Nos seriados que eu assisto, assassinatos do mesmo estilo sempre tem vítimas com um padrão.

— Jovens que ainda estão no colegial, é o que estamos cogitando. — Acho que vou usar isso para papai vir me buscar...

— Eu estou no meio então. — Falo sem pensar e Ellen me olha com o cenho franzido. — Tipo, eu tenho dezessete anos e ainda estou no colégio. — Entrelaço meus dedos. — Vou ligar para papai e dizer que eu não estou segura aqui. — Ellen solta uma gargalhada me surpreendendo.

— Não vai rolar, Mariana. — Reviro meus olhos. Eu vou ligar mesmo

assim, farei um bom drama e tenho certeza que Alexander me buscará.

— Chegamos. — Avisa estacionando em frente de uma casa e sai do carro.

Saio também e olho para a casa simples, mas não tão simples assim. É uma moradia popular. Ellen pega minhas malas e eu ajudo subindo os três lances de escada que dá a uma varanda enfeitada de flores.

— Pensei que encontraria uma mansão. — Indago sentindo-me intrigada.

— Não sou milionária igual ao seu pai, Mariana. — Responde abrindo a porta. — Eu trabalho para sobreviver e não recebo tanto por isso.

— Então meu pai que vai me bancar? — Ela coloca as malas na sala e eu olho ao redor. O interior é bonito, arrumado e simples, nada surpreendente.

— Não, eu vou te bancar. — Encaro Ellen com espanto. — Alexander não está me ajudando em nada financeiramente, você é minha responsabilidade agora, e vai ser sustentada por mim. — FRANZO as sobrancelhas.

— E a minha mesada? — Eu não poderia ficar sem ela, de jeito nenhum!

— Seu pai vai pagar a metade e eu a outra. — Ela levanta o dedo. — Só você se comportar. — Ellen me lança um sorrisinho. — Se aprontar, a mesada será cortada. — Abro a boca chocada. — Venha, vou te mostrar seu quarto.

— Quem teve essa ideia escrota? — Pergunto com raiva.

— Olha a boca. — Adverte Ellen. — Eu que tive a ideia. — Responde minha pergunta parando ao lado de uma porta. — Esse é o seu quarto.

Ellen abre a porta e eu entro congelando no lugar. *MEU-DEUS-DO-CÉU* eu não estou acreditando nessa breguice. Olho para a policial que está encostada com os braços cruzados no batente da porta me estudando.

— Sério, Ellen Collins? — Ela inclina a cabeça. — Você achou que eu seria uma boneca? — Vocifero indignada.

— Você não gosta de rosa? — Pergunta descruzando os braços e olhando o quarto.

Ele é todo cor de rosa e amarelo, lotado de ursos de pelúcia e uma cama estilo princesa. Meu estômago embrulhou na mesma hora. Olho para cima e um lustre rosa enorme faz o quarto brilhar como se tivesse purpurina.

— Eu detesto rosa. — Digo ríspida. — Tá ridículo esse quar... — Paro de falar quando encaro Ellen.

Ela está olhando para baixo com os ombros caídos em derrota. Eu acho que fui dura demais, Ellen deve ter se esforçado pra caramba ao decorar esse quarto que parece ter sido feito com carinho. Respiro fundo e cruzo meus dedos atrás das minhas costas.

— Pensando bem, até que não ficou tão mal assim. — Falo tentando transmitir uma verdade falsa. Eu até tento sorrir, olha só... eu sou legal! — Foi um choque na primeira vez, mas agora eu estou adorando. — Balanço a cabeça várias vezes. Ellen me encara com uma sobrancelha erguida.

— Você é uma péssima mentirosa. — Retruca com diversão. — Se quiser mudar e dar a sua cara, fique à vontade.

— Tá bom. — Ellen me olha mais uma vez.

— Agora descansa.

— Você também, Ellen. — Lanço um sorriso falso que ela sabe muito bem que é.

— Boa noite, Mariana. — Despede fechando a porta e me deixando ser engolida por esse rosa e ursos exagerados.

Eu tenho dezessete anos e não quatro anos, cruzes!

Sento na beira da cama e tiro minhas botas sentindo um alívio instantâneo ao libertar meus pés. Vou até minha mala, tiro um pijama e caminho até o banheiro com receio de encontrar vários bichinhos de banho. Um banheiro cheio de frufus.

Para o meu alívio, o banheiro é simples e da cor branca com tudo o que preciso. Tomo um banho demorado, entro debaixo das cobertas e disco o número do papai e espero ele atender.

— *Oi meu amor.* — Sua voz vai direto ao meu coração. — *Deu tudo certo?*

— Oi pai. — Remexo na cama. — Sim, deu tudo certo. — Respondo com minha voz carregada de lágrimas.

— *Não fique triste Mariana, vai ser bom para você.* — Porque todo mundo fica falando o que é bom para mim? — *Gostou da cidade?*

— É bonita pai, mas eu estou em perigo e você precisa me deixar voltar. — Indago fazendo uma voz amedrontada.

— *Como assim?* — Pergunta preocupado do outro lado da linha.

— Ellen recebeu uma ligação sobre um suposto assassinato. O terceiro assassinato nessa cidade só nesse mês, e diz ela que as garotas que morreram tem um padrão de idade e que estavam no colegial, eu tenho dezessete e me encaixo... — Paro para tomar fôlego. — Eu estou em perigo! — Falo com um drama exagerado.

Papai fica calado por alguns minutos até eu escutar uma risada discreta sua. Meus ombros caem em derrota. Não consegui convencer o senhor

Vitalle.

— *Sabe que não vai colar né, Mariana?* — Não custa tentar papai! Penso, mas não falo. — *Vai dar tudo certo meu amor, Ellen é uma boa profissional, vai prender esse assassino quando menos esperar.*

— Você nunca me falou que ela é uma perita criminal. — Papai suspira do outro lado da linha.

— *Você nunca perguntou.* — Retruca. — *Agora vai dormir que amanhã é um longo dia.*

— Tá. — Respondo triste.

— *Eu te amo.* — Diz papai com uma voz vacilante.

— Eu também, pai. — Ele finaliza a ligação e fico olhando para o telefone até escutar uma batida de leve na porta.

Ellen abre e entra com uma bandeja com suco e sanduiche. Ela coloca em cima da cômoda.

— Deu certo? Seu pai vai deixar você voltar? — Pergunta com uma sobancelha erguida. Fico olhando para ela surpresa, é tão nítido assim o que eu iria fazer?

— Como você sabe? — Ela dá de ombros com um meio sorriso.

— Você tem o mesmo temperamento que eu. — Ellen aponta para a bandeja. — Coma antes de ir dormir. — Ellen fala e sai do quarto.

Realmente, além dos olhos parecidos, eu tenho que reconhecer que a minha personalidade é quase idêntica ao dela. Pego o sanduiche, não serei idiota em recusar comer por capricho, porque comida é comida!

Sento na cama com o sanduiche na mão direita e o copo de suco na esquerda, pensado em várias alternativas para ir embora. Mas talvez não será tão ruim assim aproveitar o que essa cidade tem a oferecer, ou até mesmo

conhecer melhor a mulher que me abandonou quando criança. Às vezes pode ser divertido, afinal, ficarei só por um ano aqui, por isso, desfrutar desse lugar não será tão ruim.



— Mariana, acorda. — Ellen arranca as cobertas de cima de mim e eu choramingo.

Olho para Ellen já uniformizada de policial.

— Sério? — Pergunto com uma voz rouca de sono. Ela revira os olhos.
— Eu cheguei ontem, por que está me acordando às... — Olho para o relógio e deito de novo. — Seis da manhã?

— Te espero lá embaixo, suas aulas começam às oito. — Diz, eu encaro a mulher na minha frente com um olhar determinado.

Merda, não irei ganhar nenhuma batalha se eu começar.

— Tudo bem. — Concordo derrotada e me levanto.

Vou até o banheiro e começo a me arrumar para ir ao colégio. Enquanto me maquio, tento adivinhar o que irei encontrar. Meninas populares, jogadores lindos e populares, grupos distintos tipo nos filmes, entende?

Não vou mentir, porque se não estarei mentindo para mim mesma. Eu

estou amedrontada, odeio ir a um lugar onde não conheço ninguém, as pessoas o tempo todo me olham estranho se perguntando como eu sou, sempre com um olhar avaliador, curioso e muitas das vezes invejoso.

Coloco um pouco do creme de pentear na palma da mão, esfrego para espalhar e amasso meus cabelos de baixo para cima deixando os cachos bem definidos e um pouco volumosos. Eles batem quase na bunda quando molhados, mas quando secos chegam na cintura.

Sou completamente apaixonada por eles, mesmo que dê um trabalhão, no entanto, quando eles ficam do jeito que eu quero, faz valer a pena todo o trabalho, o que é muito difícil, levando em conta que eles têm vida própria.

Olho-me no espelho dando os últimos ajustes nos meus cachos úmidos e conferindo a maquiagem. Meus lábios estão de um vermelho intenso, olhos esfumados de preto e marrom, bochechas um pouco rosadas. Desço o olhar avaliando minhas roupas, coturnos, calça jeans, jaqueta de couro, tudo na cor preta, apenas a blusa de manga é rosa. Respiro fundo e dou mais uma amassadinha nos cabelos antes de pegar a mochila e ir até Ellen.

Ela já está dentro do mesmo SUV que tinha me buscado ontem, Ellen me fita com o cenho franzido quando sento no banco. Ergo uma sobrancelha esperando sua pergunta sobre o meu visual.

— O que é isso no seu rosto? — Reviro os olhos e afivelo o cinto quando ela arranca com o carro.

— Maquiagem, você nunca viu? — Ellen aperta os lábios.

— Eu já vi, mas não tão forte assim, ainda mais de manhã. — Olho no espelho retrovisor, não está tão forte!

— Para de ser exagerada, mulher. — Retruco, ela dá de ombros.

— Você se importa de eu levar você para o colégio? — Entorto os

lábios.

— Claro que não, por quê? — Pergunto intrigada.

— Sei lá... — Ellen para no sinal vermelho tamborilando o volante. — Jovens não gostam que pais os levem. — Estalo a língua mandando mensagem de bom dia para meu pai.

— Baboseira. — Guardo o celular na mochila e olho para Ellen. — Papai me levava todos os dias, ele fazia questão disso. Não vejo nenhum problema. — Ela me lança um sorriso largo e... feliz?

— Que bom, porque eu vou te levar todos os dias. — Ergo o canto do meu lábio superior.

— Papai só não me buscava, às vezes mandava um motorista, ou eu ia com as minhas amigas de transporte público. — Ellen me olha com as sobrancelhas erguidas por um instante antes de voltar a focar no trânsito.

— Ônibus? — Dou de ombros. — Isso é novidade. — Fala com surpresa.

— Qual o problema em andar de transporte público? — Começo a soar quando o colégio se aproxima. — É um pouco cansativo, mas até que eu gosto.

— Gente rica não gosta dessas coisas públicas, ou se misturar com gente *pobre*. — Encaro Ellen com a minha boca um pouco aberta.

— Eu só tenho mais dinheiro que outras pessoas, isso não me faz diferente ou melhor, Ellen, somos todos iguais independente das nossas posses. — Ela fica me olhando tempo demais.

— Pensei que você seria uma patricinha esnobe, não... — Ellen suspira. — Humilde. — Sorrio. Nem sabe ela que o responsável por ter me criado tão bem, foi o homem que um dia se relacionou.

— Agora me diga — endireito minhas costas. — Qual o seu problema com aquele tal detetive Trompa? — Ellen solta uma risada e eu também.

— É Trump, Mariana. — Corrige. — Eu e ele não nos damos bem, há uma competição de quem é melhor, mais habilidoso e esperto. Porém, Trump fez e vem fazendo coisas que eu não concordo, eu meio que... — Ela me olha séria. — Não concordo.

— Hum... eu não gostei do detetive Trompa, só toma cuidado. — Ellen me olha surpresa e com sua sobrancelha esquerda erguida.

— Você preocupada comigo? — Enrugo meu nariz.

— Eu tenho um sexto sentido aguçado, e ele te odeia... — Olho para o colégio um pouquinho distante. — E muito. — Completo com meu coração disparado.

— Vou aceitar o conselho, mesmo vindo de uma garota de dezessete anos. — Sorrio comprimindo os lábios.

— Vai me buscar também? — Pergunto quando ela estaciona e desliga o carro.

— Sim. — Assinto aceitando sua resposta.

O colégio Cristo Rey é enorme, parece a estrutura de um castelo, só que um pouco menor. Minha respiração está cortante, vários adolescentes chegam com veículos esportivos e chiques. Diferente do Brasil, aqui qualquer adolescente de dezesseis anos pode dirigir seu próprio carro.

— Está nervosa? — Pergunta Ellen, engulo em seco desafivelando o cinto.

— É... — Olho para ela e sorrio de leve. — Muito. — Ellen inclina a cabeça.

— Vai dar tudo certo. — Assinto descendo do carro.

— Tá, tchau. — Sorrio para ela com sinceridade antes de fechar a porta.

Respiro fundo e fecho os olhos por alguns instantes. Ajeito a mochila pendurada no meu ombro direito e meus cachos que já estão mais secos e volumosos. Começo a andar em direção à entrada do meu novo colégio observando tudo e todos.

Percebo que aqui tem muitos grupos, encaro um deles com várias garotas com minissaias e sorridentes demais. Garotos bonitos, lindos e feios, dou uma risadinha.

O que me intriga é: se a escola é cristã, por que tem meninas com minissaias? Estremeço quando uma passa na minha frente quase se quebrando de tanto rebolar, reviro os olhos já entediada.

Minha atenção é atraída para um carro que acabou de chegar, ele é um Porsche conversível vermelho, e é um puta carro! Diminuo a velocidade dos passos ainda encarando a máquina. Duas garotas descem dele. Duas Barbies sendo mais específica, com minissaias, cabelos loiros e com cara de donas do poder, ou melhor, donas do colégio.

Entorto os lábios com desdém, odeio gente assim que acha que tem o rei na barriga. Desvio os olhos, mas algo bate em mim fazendo com que eu dê dois passos para trás me desequilibrando. Alguém esbarrou em mim, droga!

Abaixo para ajudar a pegar suas coisas que espalhou no chão me sentindo furiosa. Pessoas em Sacramento não olham por onde andam não? Vejo uma mão grande, acho que foi um garoto que esbarrou em mim.

— Olha por onde anda, cara. — Vocifero com raiva pegando dois livros seu. — Podia ter me derrubado.

— Desculpe. — Diz com uma voz rouca e grave que me faz congelar.

Fito suas mãos grandes e vou subindo meu olhar com receio. Ele usa um moletom azul claro e no pulso esquerdo exibe um relógio preto, subo mais um pouco e finalmente olho para o seu rosto. Meu coração bate mais rápido e forte de uma forma esquisita.

O garoto tem uma pele lisa e branca, sem nenhuma mancha ou imperfeição, lábios rosados e olhos... de um azul acinzentado por debaixo dos óculos de grau. Seus cabelos são de um tom vermelho intenso e brilham com os raios de sol, tão diferentes, únicos e exóticos. Meu Deus, esse garoto é... Perfeito!

Seus olhos estão fixos nos meus, avaliando e estudando meu rosto e cabelos. Tudo ao meu redor congelou, barulhos foram cessados como se só existisse eu e ele nesse mundo enorme.

Não nos movemos e parece que nenhum dos dois quer quebrar esse momento. Nunca me senti assim com nenhum garoto, já me relacionei com muitos, porém, nem um deles fez meu coração bater de forma estranha como agora.

Sinto a necessidade de tocar seu rosto levemente quadrado. Tocar seus cabelos vermelhos e sentir sua pele. Quero escutar novamente sua voz navegando por meus ouvidos... Jesus, isso está estranho demais, por que eu não consigo desgrudar meus olhos dos seus?

— Ah, pelo visto já conheceu o nosso nerdzinho. — Fala uma voz feminina, ele de repente abaixa o rosto e tira os seus livros das minhas mãos de forma brusca.

— Nerdzinho? — Pergunto ainda encarando o garoto que levanta apressado.

— Você deve ser a nova aluna, filha da Ellen, correto? — Finalmente olho para a dona da voz.

Ela tem o mesmo estilo que eu, como roqueiros e góticos, porém, o dela é mais desleixado do que o meu. Olhos azuis, cabelos rosa, lábios pretos e piercing no nariz, orelha e queixo. Ao seu lado está dois garotos do mesmo estilo com os braços cruzados. Um grupo de vampiros, bizarros demais! Levanto pegando minha mochila.

— Sou eu — confirmo com um tom seco.

— Bem-vinda, sou Francine Scott. — Ela estende a mão com as unhas pintadas de preto. — Mas pode me chamar de Frankie. — Seguro sua mão por alguns segundos. Frankie aponta para os dois garotos ao seu lado. — Esses são, Gilles Hall e Jimmy Moore.

— Oi. — Balbucio um cumprimento e um aceno leve de cabeça. Eles são esquisitos demais!

— Venha que eu vou lhe apresentar o colégio. — Que intimidade é essa dessa garota? Mas mesmo achando estranho, assinto e olho sobre meu ombro encontrando com os olhos do *Nerd* por mais alguns segundos.

Desvencilho dos seus olhos e sigo Frankie, mas um barulho com risadas me faz parar e olhar para traz. Jimmy e Gilles tinham derrubado os livros do nerd e todos estão gargalhando da cena e fazendo piadinhas.

Franzo as sobrancelhas não gostando do que estou vendo. O Nerd abaixa para pegar seus livros e um deles chuta para longe do seu alcance disparando ofensas, dou um passo à frente com intuito de impedir essa covardia, mas Frankie segura meu braço.

— Vamos, isso não é da sua conta. — Por que ele não reage? Ele apenas aceita as ofensas calado. Fico olhando a cena com fúria espalhando

pelo meu corpo.

— Por quê? — Fito Frankie na espera de uma resposta.

— Por que o quê? — Ela levanta uma sobrancelha. — Venha. — Frankie me conduz pelos corredores. — Ele é o Nerdzinho da escola, nosso fantoche. — Ela dá de ombros e sorri. — Todos o odeiam, principalmente por ser um bolsista. — Que ridícula!

— Isso não é motivo. — Retruco abrindo meu novo armário.

— Sua mãe tem uma loja de coisas velhas e antigas, muito estranha por sinal. — Respiro fundo trocando a senha do armário e guardando minha jaqueta.

— Continua sem motivos. — Digo encarando Frankie de braços cruzados e uma cara fechada.

— Ela é tipo *hippie* ou *cigana*, uma esdrúxula.

— Eu acho legal. — Rebato cruzando os braços.

— Você é nova, logo vai entender. — Fala com um sorrisinho. — Venha que tem muitas coisas para te mostrar, senhorinha Vitalle. — Estreito os olhos.

— Como você sabe meu sobrenome? — Pergunto surpreendida, não esperava que soubessem quem eu sou, muito menos que sou milionária.

Frankie solta uma risadinha e me puxa para voltarmos a andar.

— Nada foge dos meus olhos e ouvidos. — Não gostei dessa garota por ser ardilosa, maldosa e cheia de si.

Mas fico na minha, por enquanto aceitaria sua amizade falsa, não posso julgar antes de conhecê-la melhor, mesmo sabendo perfeitamente que está amiguinha por eu ser muito rica. Dinheiro motiva as pessoas a serem fingidas, eu tenho influências e essa é a razão de eu ser útil para ela.

Enquanto me informa dos grupos e de suas atividades, dos que não posso me aliar e dos que tenho que manter distância, e do seu grupo que são as ovelhas negras do colégio, minha mente volta para o garoto ruivo que eu esbarrei mais cedo.

Não sei o porquê, mas eu quero me aproximar. Quero conversar com aquele nerd que disparou meu coração de uma forma tão inexplicável e nova.



— Então é isso. — Finaliza Frankie depois de me mostrar todo o colégio e de explicar como funciona tudo. — Você não pode se meter com qualquer pessoa, se não quiser ser marcada. — Balanço a cabeça negativamente olhando o refeitório um pouco vazio.

— Você está me dizendo que eu não posso ser amiga de quem eu quiser? — Frankie levanta uma sobrancelha.

— Depende de quem você quer ser amiga. — Ela aponta para as Barbies sentadas no meio do refeitório. — Se conseguir ser amigas daquelas você vai ser popular. Ninguém aqui senta na mesma mesa que outros, não nos misturamos. — Umedeço meus lábios um pouco irritada.

— E quem for amigo de vocês? — Pergunto encarando seus olhos cheios de lápis e sombra preta, pesado demais para seu rosto delicado.

— Serão tachados de maconheiros, ladrões, drogados... — Ela dá de ombros. — Você quer isso? — Pergunta com um olhar questionável.

— Eu não me importo com hierarquia, — inclino a cabeça, — ando,

falo e sento onde eu quero e com quem eu quiser. — Respondo um pouco ríspida deixando claro que eu não sou dessas que fica obedecendo regras.

— Deveria, Mariana. — Lanço um olhar entediante. — Não os subestime. — Aviso e eu reviro os olhos.

— No meu antigo colégio, eu quebrei o nariz de uma garota que tentou me fazer obedecer às suas regras. — Falo encarando Frankie, ela engole em seco.

— O que aconteceu? — Pergunta relutante, mas curiosa.

— Meu pai teve que pagar uma cirurgia plástica para tentar arrumar o estrago do seu rosto. — Sorrio. — Espero que não aconteça o mesmo aqui.

Frankie fica calada ao meu lado, eu também não puxo mais papo. Quem é ela para me dizer que regras eu tenho que seguir? Ou com quem eu devo andar e falar? Sou livre, de modo algum obedecerei a essas regras toscas e sem sentido de adolescentes.

— Você quem sabe. — Frankie aponta para uma mesa de canto um pouco afastada. — Sentamos ali, se quiser se juntar, ficarei feliz. — Pisco um olho concordando.

— Mariana? — Viro para trás quando alguém me chama. — Pelo visto já se enturmou, eu sou a Xayane Ross supervisora do Colégio, muito prazer. — Cumprimenta a freira parada na minha frente.

Ela é uma mulher baixa e parece não ter mais de trinta anos. Tem um olhar bondoso e calmo preparado para te acolher e confortar. Está vestindo uma túnica lisa e touca que cobre a cabeça e o pescoço, emoldurando seu rosto angelical.

Sobre os ombros usa um escapulário e um terço com um grande crucifixo que vai até sua barriga. Sua vestimenta preta e branca me fez

lembrar do filme “*A Freira*” do diretor Corin Hardy. Eu sou viciada nessa história, assisti mais de quatro vezes.

A história do filme se passa na Romênia depois de uma freira cometer suicídio. Para investigar o caso, o vaticano envia um padre exorcista assombrado pelo passado e uma noviça prestes a se tornar freira.

O filme é tão bem produzido que a todo momento me faz arrepiar quando os segredos profanos viam à tona e uma freira demoníaca que faz de tudo para matá-los. Teve uma parte que senti meus olhos arregalados com a intensidade do negócio, é bizarro, nunca olharei para uma freira com os mesmos olhos, sempre vou lembrar dela, da freira demoníaca.

— Por que está rindo? — Pergunta Xayane com as sobrancelhas franzidas. Eu estou rindo? Merda, nem percebi.

— Não é nada, só veio algo em mente. — Respondo sem graça.

— Venha, o diretor quer falar com você. — Xayane começa a caminhar pelo corredor e eu olho para Frankie que dá de ombros. — Você está gostando do colégio? — Pergunta quando eu a alcanço e ando ao seu lado.

— Muito cedo para tirar conclusões. — Ela me olha com um sorriso.

— Só escolha bem com quem vai querer ser amiga. — Ergo uma sobrancelha, Xayane solta uma risadinha. — Tentamos ao máximo manter a disciplina e proporcionar o melhor estudo, mas às vezes é complicado, lidar com jovens é difícil. — Eu tenho que concordar com ela.

— E aquele garoto ruivo? — Pergunto com muita curiosidade, parece que com ela eu posso ser sincera e ir logo ao ponto. Xayane me olha e me lança um sorriso largo. — Eu vi alguns garotos o intimidando quando cheguei. — Esclareço antes que tire conclusões precipitadas. Seu sorriso vacila.

— Peter é um garoto maravilhoso, estudioso e atencioso. — Hum... então ele se chama Peter. Interessante! — Infelizmente não está passando por um momento fácil.

— É...? — Xayane esfrega as mãos.

— Aqui tem muitas pessoas ricas que acham um absurdo se misturarem com pobres, vem da educação dos pais. — Fala tristonha. — Infelizmente não podemos fazer nada quanto a isso. — Ela me olha. — Espero que não seja igual a eles, Mariana.

Xayane abre a porta do diretor e me lança um sorriso lindo que fica difícil não retribuir. Entro na sala e ela fecha a porta me deixando sozinha com o padre sentado na mesa me olhando.

Ele veste uma batina simples preta com o colarinho branco, sua pele é bronzeada, alto e magro e não tem mais que quarenta anos. Ele sorri com os dentes perfeitos e brancos, seus olhos verdes me estudam arduamente.

— Oi. — Cumprimento sem jeito. O padre aponta para a cadeira à sua frente, qual era mesmo o nome dele? — Eu cheguei agora pouco, não deu tempo de fazer nada de errado, então por que eu estou na sala do diretor? — Pergunto me sentando.

— Seu inglês é perfeito. — Elogia com uma voz calma e calculada.

— É... — Aperto meus dedos. — Papai me forçou a estudar desde de novinha por causa da Ellen. — Ele levanta uma sobrancelha por debaixo dos óculos. Esse padre é muito bonito!

— Sua mãe no caso? — Confirmo balançando de leve a cabeça. — Eu te chamei para conhecer a minha nova aluna. — Ele olha para um papel, provavelmente minha ficha. — Sou o padre Pirosh Black Storn, diretor do colégio. Pode me chamar de Senhor Storn. — Pirosh me lança um olhar um

pouco severo.

— Entendido, Padre Pirosh. — Ele solta uma risadinha. Nunca que eu iria obedecer às suas ordens, chamaria ele do jeito que eu quisesse!

— Seu histórico não é muito bonito, senhorita Collins. — Aperto meus dentes.

— Me chame de senhorita Vitalle ou apenas Mariana. — Pirosh Larga o papel sobre a mesa e entrelaça os dedos em cima dele.

— Tudo bem, mas vamos direto ao assunto. — Encaro seus olhos sem desviar, não deixarei esse homem me intimidar. — Você fez coisas questionáveis em seu antigo colégio, brigas, vandalismo e eu não vou tolerar isso aqui. — Ele olha para o papel novamente. — Aceitei você porque conheço Ellen e admiro seu trabalho.

— Então, se não fosse por ela você não me aceitaria? — Recosto na cadeira com um olhar sacal.

— Me chame de *senhor*, e não é educado cortar as pessoas quando elas estão falando. — Retruca com um tom ainda mais severo. — Em vista do seu histórico, não, eu não te aceitaria. — Solto uma risada e inclino fitando seus olhos.

— Engraçado padre Pirosh, que hoje quando cheguei eu presenciei um bando de garotos maltratando covardemente um outro garoto por ele ser bolsista, e um bando de meninas mostrando a bunda descaradamente, e agora você vem me dizer que não me aceitaria por meu histórico? — Sorrio sem humor. — Você não tem o direito de me dar esse aviso tosco quando nem enxerga o que estão fazendo debaixo do seu nariz. E você só me aceitou por eu ser uma Vitalle, filha do homem mais rico de Minas Gerais. — Recosto na cadeira sem desgrudar dos seus olhos furiosos.

Pirosh não fala nada por longos segundos, o único barulho é o tic tac do relógio de parede. Seu rosto está ficando vermelho de raiva, mas eu me faço de indiferente, quem ele é para falar dessa forma desdenhosa comigo? Ele é um padre e muito estúpido por sinal.

— Você se orgulha do que fez? — Pergunta um pouco mais calmo.

— É divertido, padre. — Respondo fitando minhas unhas pintadas de azul. Ele respira fundo e retira os óculos.

— Vou ficar de olho em você, e qualquer coisa que você fizer vai resultar em grandes punições, Mariana. — Ergo meus dois polegares.

— Perfeitamente compreendido, padre. — Ele aperta os lábios. — Posso ir?

— Sim. — Responde recolocando seus óculos e pegando outro papel.

Levanto e ando em direção à porta, seguro a maçaneta e olho sobre meu ombro esquerdo, não deixarei que sua palavra seja a última. Pirosh tem que abrir seus olhos e enxergar as coisas que estão acontecendo.

— Abre o teu olho padre, não é porque tem bolsistas e pessoas pobres nesse colégio que elas merecem ser maltratadas e excluídas. — Pirosh ergue o rosto e me encara. — Como servo de Deus e seu representante, deveria saber muito bem o que é humildade e amor ao próximo. Elas são todas iguais, nem menos e nem mais. Todos filhos do teu Deus. Do meu Deus.

Abro a porta e saio disparada pelo corredor, louca para fazer uma ligação e esvaziar minha fúria, papai irá me escutar. Respiro fundo já odiando esse diretor e ansiosa para fazer sua cabeça fritar. Eu ficarei no grupo retardado de Frankie, só para mostrar a ele quem eu sou quando tratam as pessoas como ele as tratam.



Remexo na minha comida, espaguete com molho branco, enquanto escuto a conversa na mesa e o barulho do refeitório. As primeiras aulas correram tudo bem, nada de surpreendente, apenas olhares e franzir de testas quando eu passava.

Liguei para meu pai e falei tantas coisas, que durante cinco minutos ele ficou só me escutando. Alexander além de ser meu pai, ele é meu melhor amigo, sempre contamos as coisas um para o outro, mesmo eu não concordando e fazendo diferente, somos unha e carne.

Papai só falou para eu ter calma e agir com a cabeça fria, desde que está longe, não poderá fazer nada, eu estou por conta própria e agora eu que resolverei os meus problemas. Disse-me também, que pode ter sido apenas um equívoco entre mim e o padre, um mal-entendido entre duas pessoas que julgaram ser o que não são, pediu para eu dar um tempo que logo se resolveria.

Recosto na cadeira sem fome. É sempre assim, quando algo me aborrece, não consigo comer. Gilles fala sem parar do show de rock que foi no sábado, contando todos os detalhes para Frankie e Jimmy que não desgruda os olhos de mim.

Respondo apenas com poucas palavras ou um sorriso discreto, tentando passar a impressão de que eu estou focada na conversa e não no mundo da lua. Meus olhos são atraídos para um garoto solitário em uma mesa do canto distante com um livro na mão, lendo enquanto come seu espaguete.

Ninguém se aproxima dele, mas quando passam sempre fazem alguma piadinha. Tamborilo meus dedos na mesa fitando de longe o garoto. Ele colocou o capuz como se estivesse se escondendo do mundo.

— O pai dele morreu a três anos atrás. — Desvio meus olhos do Peter e encaro Frankie.

— Como? — Meus dedos paralisam e todos da mesa ficam em silêncio.

— Foi um acidente de carro, eles invadiram a contramão e colidiram de frente com uma caminhonete. — Frankie olha para traz, para Peter. — O pai morreu na hora. — Meu coração aperta.

— Ele era parceiro de sua mãe. — Olho para Jimmy que roda sua garrafa de água, sentando de uma forma relaxada na cadeira. — Um detetive, mas teve um escândalo de que ele era corrupto e traficante, nunca foi provado o contrário.

— Por isso que pegam tanto no seu pé? — Pergunto, Gilles sorri.

— Ele é um bolsista de merda, pai corrupto que deixou a família endividada e suja por toda a cidade. Que motivos você quer para que o trate diferente? — Mordo meu lábio inferior encarando Gilles.

Esse garoto é perigoso. Avalio seu olhar impiedoso, ele tem um tom de ódio na voz. Peter não fez nada para esses caras e é odiado sem motivos, simplesmente por sua classe social. Inclino na mesa e sustendo meus cotovelos nela, fitando seus olhos intensamente.

— Meu antigo colégio era público, eu andava de transporte público e minha melhor amiga é pobre, tão pobre que teve dias que não tinha nada para comer, devido aos seus quatro irmãos, pai preso por tráfico de drogas e uma mãe faxineira, passavam muitas dificuldades. — Sorrio ao lembrar da Stefanny. — Ninguém sabia quem eu sou e o quanto de dinheiro eu tenho,

consegui um emprego para sua mãe, creche para os irmãos e uma vida sem fome para minha amiga sem que soubesse quem eu sou. — Levanto abruptamente da cadeira. — Eu sou milionária, mas com um coração humilde que ajuda o próximo. Vocês são uns imbecis, gananciosos e maléficos, não sei se quero andar com vocês.

Dou as costas e saio caminhando em direção à saída. Passo ao lado de Peter, mas ele não me olha, nem levanta o rosto. Respiro fundo quando escuto passos atrás de mim. Paro em frente do meu armário pegando minha mochila para encontrar com Ellen. Não terá mais aulas depois do almoço.

— Olha, — Frankie para ao meu lado ofegante, — sinto muito por eles terem falado aquilo, eu não penso como eles. — Dou uma risada cética e bato a porta do armário. — Gilles e Jimmy são cruéis quando querem. — Estreito os olhos. — Ok! Eles são assim o tempo todo.

— Porque anda com esses babacas, Francine? — Volto a andar pelo corredor com ela ao meu lado.

— São meus únicos amigos. — Paro encarando seus olhos cheios de culpa. — Sério Mariana, quem vai andar com uma garota como eu? — Ela respira fundo. — Com uma mãe alcoólatra e problemática?

— Como assim? — Seus ombros caem em derrota.

— Minha família é podre de rica, mas minha mãe só pensa no trabalho e em encher a cara. — Frankie comprime os lábios. — Eu não tenho ninguém. — Fala fazendo um bico.

Fico olhando-a com mais atenção, com mais detalhe. Não foi essa a impressão que tive quando a conheci, ela não parece ser uma garota que pede desculpas e se vitimiza, Frankie é ardilosa, maldosa e está sendo artificial demais, essa garota está...

— Mentirosa. — Frankie solta uma gargalhada.

— Fui convincente? — Fecho meus olhos por alguns instantes. — A parte do podre de rica eu não menti. — Aperto minhas mãos em punho para não quebrar sua cara descarada.

— Fica longe de mim, garota. — Viro de costas antes que eu exploda.

— Te espero amanhã na mesa na hora do almoço. — Mostro o dedo do meio sem perder meu tempo olhando para ela.

Que garota tosca! Percebi sua mentira no momento que comprimiu os lábios, não enxerguei sinceridade em seus olhos e nossa... Como eu queria quebrar seu nariz. Acelero o passo para sair logo dessa escola.

Que ódio! E pior que esse foi só o primeiro dia, imagine os outros. Apenas um garoto eu gostaria de ter amizade. Apenas ele que eu deixarei se aproximar, mas nesse caso eu que terei que me aproximar. Farei isso, mas aos pouquinhos.



Se passaram um mês desde que eu cheguei em Sacramento. Eu e Ellen estamos nos dando bem, por enquanto. Até que eu gosto dela, não o suficiente para chamá-la de mãe, porque a mágoa ainda está impregnada em meu coração, mas ela é legal.

Eu ainda me sento com os vampiros, mesmo que sinta muita raiva deles e por detestá-los na maior parte do tempo. Frankie me pediu mil perdões por ter sido estúpida, apenas aceitei e fingi estar tudo bem.

Peter nunca foge dos meus olhos, sempre solitário e com um livro na mão e sendo escorraçado por seus colegas, como agora que derrubaram sua bandeja de comida no chão do refeitório e lhe deram um soco na barriga. Sabe quem foi o responsável? Jimmy Moore.

Estou achando que esse cara tem alguma coisa com Peter, um assunto não resolvido, algo pessoal. Recosto na cadeira vendo um bando de garotos o insultando, enquanto todos riem sem parar da palhaçada que estão protagonizando.

Peter aperta as mãos em punhos várias vezes, provavelmente mantendo

a calma. Ele se vira e sai pelas portas duplas do refeitório, os brutamontes levantam as mãos, inclusive Jimmy que recebe aplausos. É um absurdo, de todos que estão aqui, eu sou a única que não ri.

Levanto discretamente e pego uma maçã, jogo ela para cima e a seguro com a palma da mão andando pelo corredor entre risos e piadinhas.

— Ei Mariana. — Olho para trás, para Frankie. — Aonde você vai?

— Dar uma volta por aí. — Dou de ombros voltando a andar.

Não quero ficar perto dessas pessoas, está ficando cada dia mais difícil segurar minha língua dentro da boca. Avisei a Ellen de que se for chamada, foi porque eu quebrei o dente de alguém. Ela surtou e horas depois meu pai ligou, repeti a mesma coisa, ainda falei que não me responsabilizo por perder a cabeça.

Subo a escada que leva à biblioteca, tendo a certeza de que ele estará lá, se escondendo e enfurnado em seus livros. A bibliotecária me olha com a testa franzida, não dou atenção, deve estar se perguntando o por que uma problemática está em um lugar como esse.

A biblioteca é gigantesca, com grandes prateleiras de todos os tipos de livros e gêneros. Tem uma parte reservada apenas para computadores, outra com mesas, provavelmente para o estudo e algumas poltronas de leitura espalhadas por todos os cantinhos mais afastados dela.

E lá está ele, Peter Mackenzie, o nerd do colégio. Ele encontra-se inerte em seu livro e não percebe minha aproximação. A capa do seu livro tem um homem com um corpo definido e tatuado. Estreito os olhos tentando ler o título em amarelo “*Meu querido meio-irmão*” da autora Penélope Ward. Sorrio de leve, já ouvi falar dessa autora, mas nunca li nada dela. Arranco o livro de suas mãos o surpreendendo e o assustando.

— Olha só, o Nerd lê livros com personagens problemáticos. — Falo sarcástica. Ele apenas me encara com um semblante irritado. — O que mais você lê? Livros fofinhos? — Peter levanta uma sobrancelha e recosta na poltrona.

— E qual o problema em ler livros fofinhos? — Tenho que me segurar para não fechar os olhos ao escutar sua voz rouca e grave.

— Nenhum. — Digo, folheando seu livro. — Não sou fã desses livros *fofinhos*, e ver um garoto lendo é... diferente. — Fecho o livro sem marcar onde ele tinha parado. Peter fecha os olhos com um suspiro. Sorrio com diversão. — Ops!

— Você fez isso de propósito. — Peter comprime os lábios perfeitos em sinal de desgosto.

— É... — Estendo seu livro. — Talvez eu tenha. — Quando ele estica a mão para pegar o livro, eu coloco a maçã no seu lugar.

— O que é isso? — Pergunta intrigado e estudando a fruta.

— Uma maçã, é óbvio. — Coloco o livro debaixo do meu braço direito.

— Eu sei que é uma maçã, o que eu quero saber é, por que me deu uma maçã? — Inclino a cabeça olhando para os seus olhos através dos óculos. Claro que não vou revelar que peguei a fruta para ele depois da cena do refeitório, não serei idiota a esse ponto.

— Estou tão cheia, comi muito e fiquei com dó de jogá-la fora. — Dou de ombros e começo a andar pelo corredor de livros. — Se não quiser, pode jogar fora. — Aceno com a mão em sinal de desdém.

Peter levanta e me segue cauteloso. Fico olhando as variedades de livros nas prateleiras. Para quem ama ler, esse é um lugar considerado um paraíso. Passo os dedos nas lombadas das edições antigas e novas, muitos

podem ser considerados como relíquias.

— Eu sou mais livros de massacre. — Falo pegando um livro que parece ser de terror. — Nada de fofinhos.

— O que você gosta de encontrar neles? — Fito Peter por um instante antes de voltar a andar.

— Matança. — Sorrio. — Você já leu “O Exorcista”? — Ele franze a testa e nega com a cabeça. — Ah, é muito legal. — Estendo um livro de terror para ele pegar. — Você deveria ler, é emocionante. — Peter pega o livro e folheia as páginas.

Ele é mais alto do que eu, parece ser um garoto forte com um corpo definido por traz do moletom largo. Garoto é apenas um sinônimo a usar, porque de garoto ele não tem nada.

— Emocionante de que forma? — Pergunta me encarando com seus olhos brilhantes. Nossa... Como eles brilham!

— Da forma que arrepia os cabelinhos do seu braço e faz você temer a noite. — Peter sorri de leve, muito de leve.

— Não gosto de terror. — Fala recolocando o livro na prateleira. — Sou mais os *fofinhos*. — Enrugo meu nariz divertida.

— Que careta. — Ele solta uma risada que bate em cheio no meu coração. — Você é bizarro.

— Você é estranha. — Entorto a boca e Peter me olha com um sorriso discreto e lindo.

— Sou um pouquinho. — Ele ergue uma sobrancelha como se eu tivesse falando algo absurdo. — Tá, eu sou *muito* estranha. — Peter assente. — Você nem me conhece, Nerd. — Entrego-lhe outro livro de terror.

— Conheço o suficiente para saber que é estranha. — Jogo um beijinho

em sua direção o fazendo rir.

— Leia esse, você vai gostar. — Digo balançando o livro na sua frente. Ele pega e folheia também.

— Você já leu? — Me olha curioso. Inclino a cabeça e suspiro.

— Não, mas parece ser legal. — Ele estreita os olhos duvidoso. — Sabe o que eu estou achando? — Peter nega com a cabeça.

— Não quero nem saber. — Sorrio abertamente.

— Vou falar assim mesmo. — Peter revira os olhos. — Eu acho que é um bundão que morre de medo de fantasmas. — Ele respira fundo e me olha sério.

— Não sou bundão. — Rebate entediado.

— Eu te desafio a ler esse livro. — Aponto para o que está segurando. Peter ergue as sobrancelhas. — É um clássico do terror.

— “*Quando os Adams saíram de férias*” ... — Peter lê o título do livro. Não sei como eu o encontrei aqui em meio a tantos. — Título instigante.

O livro parece ser mesmo bizarro, foi escrito por Mendal W. Johnson que conta a história de uma babá que vai ser torturada em todos os sentidos cruelmente por crianças, e ela terá que lutar para se manter viva. É o que a sinopse diz.

— Eu... — Peter começa a falar, mas para. Cruzo meus braços e fecho a cara.

— Vai amarelar, nerd? — Ele respira fundo e balança o livro na minha frente.

— Eu aceito seu desafio, criatura esquisita. — Solto uma risada da sua forma brincalhão.

— Não sou criatura. — Retruco.

— Claro que é. — Peter rebate mordendo a maçã e me encarando.

Seu olhar é tão intenso que me deixa sem jeito, um frio percorre minha barriga e tenho que desviar do seu rosto e focar na prateleira. Limpo a garganta, me sentindo nervosa.

— Depois me fala o que achou. — Falo me afastando.

Tenho que ir para longe dele, meu corpo ficou estranho, quente e gelado ao mesmo tempo. Sem contar que eu estou com medo dele escutar as batidas do meu coração.

— Ei... — Peter me chama e eu olho para trás. — Meu livro. — Aponta para seu livro debaixo do meu braço que ainda não terminou de ler. Sorrio o erguendo.

— Vou ler e depois te entrego, preciso de livros *fofinhos*. — Peter bagunça seus cabelos vermelhos.

— Eu nem terminei, estou na metade. — Dou de ombros, ele suspira. — Esse livro não é fofinho, é bem dramático. — Sorrio ainda mais por ver sua relutância em me emprestar o livro. Nenhum leitor gosta de emprestar seus exemplares, sei bem disso, pois meu pai é louco por eles.

— Estou precisando de um livro dramático. — Seus ombros caem em derrota. — Obrigada por me emprestar. — Não espero por uma resposta e saio da biblioteca com um sorriso enorme no rosto.

Chego no meu armário para guardar o livro dramático. Cuidarei bem dele e apesar de não gostar desse gênero, eu lerei por causa do Peter. Peter Mackenzie, seu nome fica piscando na minha mente o tempo todo, assim como seus cabelos vermelhos.

— Onde você estava? — Jimmy encosta no armário ao lado do meu

com as mãos no bolso, me assustando. — Você sumiu, estava te procurando. — Guardo o livro junto com as minhas coisas e fecho a porta do armário.

— Fui dar uma volta. — Encaro seus olhos escuros. — O que você quer? — Pergunto voltando ao refeitório com ele ao meu lado.

— Só senti sua falta. — Franzo a testa sem olhá-lo. — Você está livre nesse fim de semana? — Encaro seu rosto bonito, mas furado demais.

— Não. — E realmente não estou livre.

Jimmy balança a cabeça de leve. Ele para na minha frente e me olha nos olhos.

— Eu estava pensando se gostaria de ir a um show de rock de uns amigos meu, vai ser no sábado à noite e tenho dois ingressos — Jimmy chega mais perto de mim. — Então lembrei de você. — Estreito meus olhos um pouquinho.

Desde o momento que eu cheguei, percebi o quanto ele me encarava e tentava o máximo ficar perto de mim. Nunca demonstrei interesse, até porque, eu não estou nem um pouco interessada nele. Jimmy é um garoto bonito, um pouco mais alto do que eu e forte de uma forma natural, mas nada que me deixe desejosa.

Penso em dar várias desculpas, eu não quero um vínculo com eles. Comprimos meus lábios e opto por uma meia verdade, porque se a Ellen ver com quem eu estou andando, ela surtaria.

— Não sei se Ellen deixará. — Jimmy solta uma risada.

— Precisa da permissão de sua mãe? — Cruzo os braços. Sim, eu preciso! Assim como sempre pedia ao meu pai, eu pedirei a ela.

— Algum problema? — Jimmy para de rir com meu tom severo. — Eu estou sobre as suas regras, não posso quebrá-las.

— Não há problemas, só achei inusitado. — Ele se aproxima mais. — Gostaria apenas de um momento a sós com você, para conversarmos e nos conhecermos melhor. — Quem disse que eu quero? Ele teve uma impressão errada!

— Bom, sinto muito, mas não vai dar. — Jimmy franze o cenho e uma sombra passa por seus olhos, tão rapidamente que quase deixei passar essa oscilação de comportamento.

— Tudo bem. — Ele sorri e estica a mão em direção ao meu cabelo. Dou um passo para trás.

Jimmy congela com meu comportamento frio e me encara um pouco furioso. Ele aperta a mão em punho e abaixa-a colando na lateral do seu corpo. Vira o rosto com um sorrisinho de desdém e volta a me encarar.

— Fica para a próxima então. — Diz, ele se vira e sai andando a passos largos em direção ao refeitório.

Solto a respiração que estava presa e tento acalmar meu coração. Foi perturbador ver o quanto Jimmy ficou abalado com minha recusa. Eu via-o seduzindo várias garotas, e todas sem exceção, caíam de amores.

Acredito que fui a única que o rejeitou. Reviro os olhos, não me importo com isso, muito menos esquentarei a cabeça pensando sobre. Ele terá que aceitar que eu não estou interessada nele e não cairei de amores com sua voz mansa e cantadas idiotas.

Quero tanto ir embora, não para Ellen e sim para meu pai. Estou com tantas saudades que dói. Engulo o caroço que se formou na garganta, me sinto tão sozinha nesse colégio, aqui todos são perversos e maldosos. Não tenho conhecidos e nenhuma garota que pudesse ser uma amiga.

Frankie é igual a Jimmy e Gilles. Respiro fundo, tenho mais duas aulas

e depois eu poderei descansar. Só preciso aguentar mais algumas horinhas.

— Você ficou sabendo? — Pergunta Frankie ao meu lado na sala de aula.

— Não. — Respondo rodando a caneta entre meus dedos.

— Parece que a Alexia foi transferida para outro colégio. — Assinto sem me importar, odeio fofocas.

— E? — Incentivo mesmo assim.

— Ela era uma bolsista, não sei o motivo, mas ela foi embora. — Diz com uma voz alegre. Fito Frankie que recosta na cadeira com um batom roxo.

— Essa notícia te deixou muito feliz, certo? — Ela assente e solta uma risada empolgada.

— Claro, Mariana, menos um pobretão no meu colégio. — Respiro fundo e encaro meu caderno em branco. — Minha prima volta amanhã. — Olho para ela que faz uma careta.

— E qual o motivo do seu desanimo? — Frankie revira os olhos.

— Ela é cruel, pior que a gente. — Fala com indiferença. — É metida e esnobe, e o pior é que eu tenho que fingir amizade, pois sua família é mais rica que a minha.

— Você acha ruim? — Frankie chupa o piercing do seu lábio inferior.

— Sim, o pai dela é o presidente da nossa empresa. Era para o meu pai estar na presidência e não o dela, mas eu consigo lidar com ela. — Frankie batuca os dedos na mesa. — Vou ser a presidente um dia. — Solto uma risada e ela me encara com as sobrancelhas erguidas.

— Você já se olhou no espelho? Acha que vai conseguir a presidência sendo uma garota rebelde? — Aponto a caneta em sua direção. — Você não presta atenção na aula, só humilha as pessoas e tira notas péssimas, e quer se

tornar uma presidente para tomar o cargo que seu pai provavelmente não mereceu? — Frankie abre a boca, mas se cala com um rosnado.

— Você deveria manter a língua dentro da boca, Mariana. — Retruca com ódio na voz.

— A verdade dói, não é? — Frankie apenas me encara com os lábios apertados.

Não desvio dos seus olhos, pois o que eu estou falando é a verdade. Eu ainda tento encontrar uma resposta plausível para saber o porquê ainda fico perto deles. Frankie às vezes é legal quando não se torna tão baixa, como agora.

Desvio do seu olhar e fito a professora de história que acabou de entrar para começar a última aula. Presto atenção em tudo o que ela repassa e ensina, na esperança de que as horas passem depressa. Frankie se calou, não disse mais nada, eu apenas agradeço pelo seu silêncio, pois me sinto farta das suas conversas.



— Como foi o colégio hoje? — Pergunta Ellen, quando entro no carro.

— Um saco. — Respondo irritada. — O que me alivia um pouco, é saber que hoje é sexta. — Ellen sai do estacionamento.

— É só o primeiro mês, tudo é mais difícil. — Fito a janela. — Irei te deixar em casa e de lá vou trabalhar. — Olho para Ellen.

— Deixa-me ir com você. — Peço.

Quando Ellen fala em trabalhar, significa duas coisas: uma, ela irá fazer rotas, porque é uma policial. E a segunda é a que eu mais gosto, Ellen irá refazer a cena de um crime.

— Vai ser legal para nós duas. — Endireito minhas costas no banco tentando convencê-la. — Você quase não ficou em casa essa semana, estou entediada e não conheço ninguém para me distrair. — Ela me olha de soslaio e respira fundo.

— Você não fez amizades? — Pergunta intrigada.

— Não, as pessoas com quem eu ando não são basicamente *amigos*.

— Hum... — Fico encarando Ellen com esperança. — Ok... — Comemoro com um sorriso, amo a sua profissão.

Minutos depois, Ellen estaciona perto de uma casa um pouco simples, têm vários policiais ao redor e uma faixa amarela de isolamento. Sigo ela ansiosa para saber o que vai fazer.

— Senhorita Collins — cumprimenta um homem alto e forte. — Está tudo pronto. — Ele entrega uma caderneta com anotações.

— Obrigada Bryan. — Ellen analisa as anotações e ele aguarda me lançando um sorriso confortante. — Certo, vamos tentar refazer. — Ela devolve a caderneta e Bryan se afasta.

— O que é? — Pergunto curiosa, pegando o par de luvas de silicone que ela me entrega.

— O depoimento do assassino — Ellen me entrega também uma luva para meus pés — falando como fez para matar sua mulher. — Estremeço sentindo o látex nas minhas mãos. — Vamos ver se ele está falando a verdade. — Concordo e acompanho Ellen.

Paramos em frente ao lance de escadas que dá na pequena varanda da casa. Ellen sobe devagar, analisando cada pedacinho. Ela para em frente a porta fechada com Bryan ao seu lado esquerdo com uma câmera.

— O melhor de ser perita criminal — começa agachando para analisar a porta — é que você tem que pensar como o criminoso, como se você mesma tivesse cometido o crime. — Olho para ela intrigada.

— Eles falam a verdade? — Ellen nega com a cabeça.

— Nem todos, por isso que a reconstrução do crime é essencial, nenhum crime é perfeito. — Ela alisa a porta. — Ele disse no seu depoimento que a porta estava aberta, que Ashley a abriu para que pudesse entrar, mas...

Agacho ao seu lado e olho para suas mãos, Bryan tira uma foto já sabendo o que Ellen descobriu.

— Mas... — Incentivo para que continue.

— Tem uma elevação na porta. — Ellen levanta e imita um chute. — Ele a chutou para arrombá-la, Ashley nunca abriu para ele.

Ellen abre a porta e entra cautelosa. O cheiro de sangue nos recepciona e meu estômago embrulha na hora, não pelo cheiro do sangue, e sim pela morte que está impregnada nessa casa.

No meio da sala tem um desenho do corpo de Ashley feito com giz branco, e dentro desse mesmo desenho, tem manchas de sangue. Meu coração aperta, desvio meus olhos daquela parte e foco no que Ellen está fazendo.

— Ele a matou com dez facadas. — Ela caminha em direção à cozinha. — Ele chegou, bateu nela por ter pedido o divórcio a jogando contra a parede. Aproveitando que Ashley ficou tonta com a batida, ele veio na cozinha e procurou por uma faca para matá-la.

Ellen analisa cada canto e para em frente ao amolador de facas. Bryan tira algumas fotos e encara Ellen, um pouco enojado.

— Ele afiou a faca antes de enfiá-la em Ashley. — Fala quando chego mais perto. A cozinha está intacta, apenas uma gaveta do armário aberta.

— Como você sabe? — Pergunto olhando o amolador.

— A faca que encontramos estava muito bem afiada para ter afundado no corpo de Ashley tão facilmente, enquanto ele a observava desmaiada no chão da sala, ele afiava a arma. — Ellen aponta para a bancada com uma carne dentro de uma panela. — Ele chegou na hora do jantar de Ashley.

— Enquanto amolava a faca, — continua Bryan, — conversava

calmamente com ela. Onde a Ellen está, dá para ver perfeitamente a parte da sala, como Ashley foi espancada e não conseguia levantar para fugir, ele agiu de forma fria. — Finaliza Bryan.

— Digitais? — Pergunto a Bryan.

— No amolador, na faca e em toda casa — Responde.

Ellen respira fundo e caminha até a sala, ela para e olha em nossa direção com a expressão ilegível, mas pálida como se tivesse presenciando toda a cena do assassinato. Não é fácil lidar com mortes, ainda mais uma tão cruel.

— Ele a arrastou pelos cabelos e a levou para o meio da sala, — Ellen para à frente do desenho, — aqui ele começou a esfaqueá-la enquanto Ashley estava deitada, tirando todas as chances de ela lutar pela vida. — Ela aponta para o sofá e as paredes. — Os respingos de sangue não deixam dúvidas. — Ellen respira fundo.

— O laudo confirma que o estômago, fígado e o couro cabeludo foram afetados. Ashley morreu com a terceira facada que foi em seu pescoço, mas mesmo assim, seu marido continuou a esfaqueando de modo calmo e lento. — Fala Bryan.

Esfrego as mãos com nervosismo, como uma pessoa pode ser tão cruel a ponto de matar lentamente o outro, ainda mais a ex-mulher que dizia amar. Isso não é amor!

— Bryan, chama o detetive e repasse tudo a ele. — Pede Ellen agachada ao lado do desenho, chego perto e olho para onde está encarando fixamente.

— Mas ele já não está preso? — Ela confirma com a cabeça.

— O problema é que seu depoimento tem muitas pontas soltas. — Ela

aponta para uma pegada bem discreta, que se não prestasse atenção nunca seria descoberta. — É menor que o número do marido e maior que o número de Ashley.

— Então? — Ellen levanta e segue os passos em direção à escada.

— Tinha outra pessoa na cena do crime.

Depois de muitas fotos e anotações dela e de Bryan, o detetive Alan, colega de Ellen, pegou o caso para investigar. Como Ellen só refazia as cenas dos crimes em busca de digitais e de possíveis pistas, o resto será com o detetive que tentará descobrir a verdade por trás do mistério da morte de Ashley.



Sábado à noite e eu aqui lendo o livro do Peter, que por sinal está muito dramático, cheio de mimimi com essa tal paixão proibida. Entretanto, eu terei que terminar *meu querido meio-irmão* justamente por causa de Peter.

Viro deitando de bruços com minhas pernas para cima balançando enquanto prossigo com a leitura. Respiro fundo e coloco a testa no livro, seria tão mais fácil se esses dois assumissem que se amavam, que saco! Solto a respiração pela boca fazendo meus lábios tremerem com a lufada de ar.

Eu queria era estar lendo um thriller, terror ou suspense, qualquer coisa que não fosse um romance. Raphael Montes é um dos autores que eu mais gosto, a primeira obra que eu li dele foi “Jantar Secreto”, meio bizarro, mas legal e menos entediante.

Solto um gritinho, porra... porque tudo para eles tem que ser difícil? Se fosse um assassino aqui, matando geral, seria muito mais interessante. Acho que vou é assistir um filme, o filme do Jason, é meio ridículo levando em conta o quanto 2019 é tecnológico, mas sexta-feira 13 de mil novecentos e lá vai cacetadas é bom demais, não importa o quanto antigo é.

Fecho o livro com o marcador de páginas, estou quase na metade, só sei que será um sacrifício terminar esse livro. Mas tudo bem, por Peter eu terminarei. Coloco o filme no meu notebook e pauso para ir fazer pipoca e preparar uma Coca-Cola com gelo e limão bem caprichada.

Desço as escadas deslizando nas minhas meias e com meu pijama de ursinho - presente do meu pai - ele é realmente de ursinho, com capuz de orelhas fofinhas. Reviro os olhos lembrando de quando abri o presente e dei de cara com essa cafonice, mas só uso por causa de Alexander.

Derrapo antes de chegar ao fim do corredor quando escuto Ellen conversar com alguém. Eles estão falando em um tom baixo e cauteloso, provavelmente para eu não escutar. Colo meu corpo na parede e arrisco espiar sobre a parede, um tanto curiosa.

Bryan aparece na minha visão, ele é alto com cabelos castanhos e forte, muito bonito por sinal, não tinha reparado muito nele até agora. Mas uma coisa eu achei estranho, foi o jeito esquisito que me olhava na cena do crime de Ashley, seus olhos brilhavam. Bryan murmura algo que não escuto, bagunça seus cabelos um pouco grisalhos e some das minhas vistas.

Ellen logo aparece um pouco pálida, testa franzida e mordida a ponta do seu dedão. Ela tem essa mania de morder o dedo quando está nervosa, então não pode ser uma coisa boa.

— Você está me pressionando, Bryan. — Diz andando de um lado para o outro.

— Eu pressionando você? — Ele parece chocado. — Eu tenho todo o direito. — Ellen solta uma risadinha forçada sem nenhum humor e o encara.

— Você nunca quis saber, por que agora? — Agora é a minha vez de franzir a testa com o rumo dessa conversa.

— Porque eu quero, eu mudei. — Mudou? Então faz muito tempo que se conhecem. — Olha para mim, Ellen, — ela ergue o rosto, — eu tenho o direito.

Ellen solta a respiração e esfrega o rosto um pouco frustrada e irritada, mas ela assente, seja o que for, não é um assunto meu. Tento ao máximo voltar para cima, lutando contra essa curiosidade maldita.

Quando viro para subir para o meu quarto, tropeço em um dos degraus soltando vários palavrões, porque meu dedinho foi o que mais protestou com essa falta de atenção. Congelo, pois a conversa cessou. Levanto e colo o corpo na parede prendendo a respiração, eles não podem descobrir que eu estou aqui espiando.

— Vou embora, depois conversamos com mais calma. — Diz Bryan.

— Certo, te vejo segunda. — Ellen se despede e eu volto correndo o mais silencioso para o meu quarto. Fecho a porta sem fazer barulho e solto a respiração.

Engraçado que mesmo que eles pareçam um pouco alterados, a conversa estava bem cautelosa, agora fico imaginando como seria a conversa calma que Bryan se referiu. Adeus pipoca, adeus Coca-Cola. Não desceria de jeito nenhum depois de presenciar essa conversa estranha.

As pessoas de Sacramento são muito estranhas, eu hein!

Fecho o notebook, também não quero mais assistir Jason, perdeu a graça. Me ajeito na cama para dormir um tanto quanto irritada com toda essa

conversa de Ellen, porque ela simplesmente me deixou encucada e mesmo que não seja um assunto meu, eu quero descobrir do que se trata.



— Terminei — grito pulando da cama. — Que livro mais... — Paro olhando para ele.

Passei o domingo inteiro lendo “meu querido meio-irmão” e não foi muito fácil, mas depois a leitura engatou. Não vou dizer que é uma leitura boa, mas também não foi ruim. Foi um livro... Sei lá!

Espreguicho sentindo meu corpo todo dolorido e aliviado, não vi nem o sol do dia de hoje. Aproveitei que Ellen está trabalhando e afundei a cara no livro sem interrupção, parando apenas para comer.

Deito de costas na cama e fecho os olhos. Minha cabeça está latejando de dor, acredito que foi o efeito de quase doze horas de leitura, me sinto meio que aérea, acho que é assim que os nerds se sentem na maior parte do tempo. O resultado de muita leitura e estudo faz a cabeça rodopiar e balançar como se tivesse fora do corpo.

Esquisito!

Virei nerd? Levanto sobressaltada, será que nerdisse é contagioso?

— Mariana, que ridícula você! — Repreendo-me.

Estou com pensamentos estranhos demais, como assim *nerdisse* é contagioso? Isso sequer existe! Balanço a cabeça de um lado para o outro, tentando jogar essas ideias sem sentido fora. Eu viajei literalmente na maionese. Preciso de Coca-Cola e tentar esquecer as cenas do livro que ainda pipocam em minha mente.

Quando vou dar um gole na minha tão sonhada Coca-Cola, a campainha toca. Penso em não atender, primeiro porque estou sozinha e segundo, porque eu não quero ver ninguém. Opto por abrir, talvez é algo importante.

Abro a porta dando um gole no refrigerante, mas paraliso com ele na boca olhando para os olhos azuis de Frankie. O que ela está fazendo na minha porta? Engulo a coca que desse rasgando a garganta.

— O que você está fazendo aqui? — Pergunto um pouco seca.

— Oi para você também. — Ergo uma sobrancelha e ela me lança um sorriso. — Que tal sair do tédio e darmos uma volta? — Pergunta apontando com o dedão o carro estacionado na porta de casa.

Desculpa, eu precisava de uma boa desculpa convincente.

— Ellen me pediu para ficar, não posso sair. — Digo fechando a porta. Uma desculpa mais sem noção do mundo.

Frankie espalma a mão na porta me impedindo de fechá-la.

— Vai ser divertido, vamos? — Pede fazendo um bico. — Vai ser bom para você sair e conhecer mais pessoas. — Respiro fundo e bebo de uma só vez minha coca. Não terá outro jeito a não ser aceitar sair com eles.

— Tudo bem. — Confirmo sentindo o gosto do refrigerante na boca. — Me dê vinte minutos, ok?

— Te espero no carro junto com os meninos. — Informa animada já descendo a escada rumo ao carro vermelho e elegante.

Solto a respiração fechando a porta e subo as escadas correndo para trocar de roupa. Calço uma bota sem salto com uma calça jeans preta simples, blusa de mangas compridas branca e jaqueta jeans escura. Faço um coque bem bagunçado nos meus cabelos deixando vários cachos soltos intencionalmente e faço uma maquiagem simples com um gloss rosado nos lábios.

Envio uma mensagem para Ellen avisando que eu sairei por algumas horas, mas que não voltarei tarde. Guardo o celular no bolso de trás da calça e faço o exercício de respiração para me deixar calma diante daqueles três vampiros preconceituosos, maldosos e esquisitos.

Entro no carro minutos depois me sentando no banco passageiro de trás e cumprimentando Jimmy que está no volante e Gilles ao seu lado.

— Sua mãe deixou você sair dessa vez? — Pergunta Jimmy um pouco desdenhoso.

— Basicamente. — Respondo. — Para aonde vamos?

— Para qualquer lugar, gata. — Brinca Gilles. — Vamos dar uma volta por aí!

— Já conheceu a cidade? — Pergunta Frankie mascando chiclete.

— Um pouco. — Frankie estoura uma bola fazendo vários barulhos.

— Ei, — Gilles vira para trás, olhando Frankie com a testa franzida — será que não dá para mascar seu chiclete como uma pessoa normal não?

— Como você classifica normal, gatão? — Frankie pergunta fazendo mais barulhos com seu chiclete. É realmente irritante, parece vaca mascando.

— Boa pergunta. — Jimmy me olha pelo retrovisor. — Você tem a

resposta, Mariana? — Nego com a cabeça e desvio do seu olhar intenso.

— Acredito que ninguém seja normal. — Digo encarando a janela.

— Como assim, não entendi. — Indaga Gilles me fitando.

— Normal seria um adjetivo, onde o comportamento e aparência é algo aceitável perante a sociedade, algo comum. Mas se prestar atenção, cada pessoa tem uma peculiaridade, mas que devido a vários motivos, acabam se escondendo. — Olho para Gilles. — Porém, outras pessoas ligam o foda-se e expõem ao mundo o que realmente são, aí a sociedade não os veem com bons olhos, ou como normais.

— Como a gente. — Completa Frankie.

— Pode se dizer que sim. — Concordo com ela.

— Pizza de calabresa? — Pergunta Jimmy. — Podemos comprar e ir comer em algum lugar. — Sugere.

— Eu topo. — Concorda Gilles. Jimmy me olha pelo retrovisor e eu concordo com um pequeno aceno. Ele sorri e acelera o carro.

A conversa se estende, não presto muita atenção, mas respondo quando me perguntam. Estamos agora falando sobre uma festa que está rolando em um campo próximo de onde estamos, claro que discutiram se iam ou não, eu apenas disse tanto faz. Escolheram a festa.

Rodo a garrafa de cerveja que seguro, não que eu bebesse, só aceitei para que Frankie parasse de encher meu saco. Quase todos do colégio juntamente com mais vários adolescentes de outras instituições festejam perto da fogueira alta. Muitos já estão bêbados e meninas dançam depravadamente em cima de carros e caminhonetes.

Frankie está nesse exato momento com a língua dentro da boca de Gilles, o que me deu um choque, não fazia ideia de que ambos são

namorados ou sei lá o que é o relacionamento deles. Porque eu tinha visto Gilles agarrando outra menina e ela outro cara.

— Está sozinha? — Olho para um garoto alto, um pouco musculoso, moreno e lindo. Está vestindo uma blusa larga de um time de futebol, com certeza é um atleta.

— Estou com uns amigos. — Respondo entregando-lhe a minha garrafa de cerveja.

— Gostando da festa? — Comprimo meus lábios e cruzo os braços.

— É legalzinha. — Encaro seu rosto bonito. Ele recosta no carro ao meu lado e dá um gole na cerveja.

— Eu sou Steven Jones. — Estende a mão grande, eu a seguro.

— Mariana Vitale. — Steven sorri e chega mais perto.

— Você é uma garota muito linda, te notei no momento em que saiu daquele carro vermelho. — Inclino a cabeça fitando seus olhos verdes. — Você está sozinha?

— Eu acho que já te respondi essa pergunta. — Steven desencosta do carro e para na minha frente colocando ambas as mãos ao meu lado, me cercando.

— Não nesse sentindo. — Ele passa a língua nos lábios. — Falo no sentindo de estar solteira.

— Ahhhhh — minha voz sai arrastada — sozinha, meu bem. — Steven sorri e chega mais perto, sinto sua respiração navegando na minha pele.

— Isso é ótimo. — Ele enlaça minha boca sem esperar por mais nada.

Sua língua pede permissão para entrar dentro da minha boca e eu permito. Steven segura minha cintura com uma das suas mãos e cola seu corpo no meu enquanto aprofunda o beijo.

Ele tem gosto de menta e cerveja, não beija mal e cada vez que prolonga o beijo, melhor fica. De repente ele é arrancado bruscamente antes mesmo de eu colocar minhas mãos nele. Steven cai no chão surpreso sem entender o que tinha acontecido. Eu volto a cruzar os braços e recosto no carro.

— Cai fora, Steven. — Avisa Jimmy enfurecido.

— Ei cara, você é louco? — Grita Steven se levantando.

— Cai fora, é o último aviso. — Steven olha para mim e eu apenas dou de ombros. Estou nem aí para os dois!

— Vai se foder. — Steven sai jogando a garrafa que ainda segurava no chão.

Jimmy se vira para mim com a respiração acelerada. Ele está vermelho de tanta raiva.

— O que foi isso? — Pergunta como se eu devesse satisfação a ele.

— Um beijo, você não viu? — Jimmy para na minha frente, um pouco próximo demais.

— Por quê? — Franzo o cenho. — Por que o beijou? — Solto uma risada e passo a mão direita nos lábios.

— Porque eu quis — Jimmy aperta os lábios — e Steven quis. — Ele respira fundo e esfrega a testa.

— Ok, tudo bem. — Encaro seus olhos escuros já mais calmos. — Você está linda, não tive a chance de te falar.

— Muito obrigada. — Sorrio de leve aceitando seu elogio.

— Aceita mais uma bebida? — Nego com a cabeça. — Uma volta, então?

— Pode ser.

Coloco as mãos no bolso da minha jaqueta enquanto caminho ao lado de Jimmy. Andamos por uma trilha pouco fechada por árvores e plantas, mas logo acaba, dando espaço a grandes pastos cheios de animais. Parece ser uma fazenda ou reserva, algo assim.

O luar ilumina nosso caminho enquanto a música se distancia e mais silencioso fica. Os grilos e sapos foi substituindo os barulhos de risadas e conversas, eles me transmitem paz e calma.

— Que lugar é esse? — Pergunto a Jimmy. Ele está tão perto que seu braço esquerdo roça no meu direito.

— Fazenda do responsável pela festa.

— Parece ser bonita de dia. — Jimmy sorri e assente com a cabeça.

— Você está gostando da cidade? — Pergunta sustentando os braços em uma cerca de madeira.

— Não. — Ele me olha com a sobrancelha direita erguida, a mesma que tem um piercing.

— Você é sincera. — Recosto na cerca com as mãos ainda em meus bolsos.

— Um dos muitos defeitos meus. — Jimmy solta uma risada.

— É só segurar a língua de vez em quando, ou pensar antes de falar. — Olho para ele sem demonstrar emoção, muito menos o quanto suas palavras me afetam.

Nunca que serei mentirosa, tampouco evitar falar o que eu penso. Papai gosta dessa minha característica, pois eu sempre digo o que está acontecendo sem rodeios. Às vezes sou dura - está bem, na maior parte do tempo - e sei que minhas palavras podem afetar e machucar alguém, dependendo de quem

é. Mas eu sou verdadeira, e a verdade é dolorosa, nunca vou mudar isso, por ninguém e muito menos por Jimmy.

— Vou pensar nas suas palavras da próxima vez. — Respondo friamente.

— O show de ontem foi muito bom, você perdeu. — Não digo nada, apenas olho para o pasto cheio de cavalos. — Não parei de pensar em você nem por um segundo.

— Ah, é? — Jimmy me fita intensamente.

— Você impregnou minha mente. — Umedeço meus lábios com a língua me sentindo desconfortável com o rumo dessa conversa.

— Sinto muito por não sair de sua mente. — Digo com um pouco de sarcasmo.

— Não sinta, quero que esteja aqui, — aponta para sua têmpora, — o tempo todo. — Engulo em seco. Esse cara está indo longe demais!

— Como foi ver seus amigos tocar? — Tento mudar a conversa.

Jimmy sorri de lado e vira o rosto olhando para o pasto, cruzando as mãos penduradas na cerca.

— Eles evoluíram muito, estão cada dia melhores. — Meu corpo arrepiava com a lufada de ar gelado, as noites em Sacramento estão sendo muito geladas.

— Isso é muito bom, indica que tem muito talento e que podem ir longe. — Ele concorda com um aceno de cabeça.

— É o que espero. Vou poder lucrar muito com eles futuramente. — Ergo uma sobrancelha.

— Lucrar com eles? — Pergunto curiosa.

— Sim, — Jimmy se vira ficando na minha frente — eu patrocino eles, os instrumentos e passagens para se apresentarem em lugares diferentes, tudo sai do meu bolso. — Ele dá um passo à frente parando a centímetros de mim. — Bom, a maior parte.

— Torcendo para que dê certo. — Jimmy fica me encarando, não desvio.

— Obrigado, — ele coloca a mão na cerca do meu lado — suas palavras foram muito importantes.

Não sei porquê, mas também não gostaria de saber.

— Não sabia que Gilles e Frankie são enrolados. — Tento novamente mudar o rumo da conversa.

— Eles são um casal liberal. — Jimmy se aproxima mais.

— Casal liberal? — Ele assente. — Diferente. — Balbucio.

— Eles ficam juntos sempre que convém, mas não impedem que transem com outras pessoas. — Jimmy fala com um sorriso nos lábios e olhos cravados em mim.

— Transar? — Engulo em seco quando seu corpo cola no meu.

— Você não sabe o que é isso, Mariana? — Dou um passo para trás, mas a porra da cerca me impede.

— Sei perfeitamente. — Jimmy passa o dedo indicador no meu rosto.

— Que bom. — Diz me analisando com desejo. — Eu queria muito sentir seu gosto. — Seu dedo começa a acariciar meus lábios.

— Ainda bem que você *queria*. — Retruco um pouco irritada.

— Shhhh, — Jimmy coloca o dedo nos meus lábios me fazendo calar — já falei para segurar a língua. — Franzo o cenho.

— Não me diga para calar. — Ordeno segurando seu pulso.

— Sim, eu digo. — Ele roda sua mão desvencilhando do meu toque e segura meu pulso.

— É melhor se afastar, Jimmy. — Peço com o coração acelerado.

— Você alguma vez já obedeceu a alguém? — Pergunta inclinando a cabeça me olhando um pouco alterado.

— Não, eu não obedeco a ninguém. — Tento afastá-lo, mas seu corpo parece uma rocha. — Jimmy...

— Às vezes é bom ser obediente.

Jimmy me puxa de encontro ao seu corpo colando sua boca na minha. Seu aperto no meu pulso fica um pouco mais forte e sua outra mão segura minha cintura impedindo de me mexer.

Ele roça seus lábios nos meus pedindo permissão, tal permissão que eu não irei conceder. Tento falar para que se afaste, mas Jimmy aproveita que abri a boca e invade-a com sua língua.

Tenho que agradecer, pois ele tem um gosto bom, mas ainda assim é um beijo forçado e indesejado. Jimmy me aperta mais quando tento sair de seus braços, contorcendo em desespero. Sua língua roça o céu da minha boca e os dentes mordem meu lábio inferior.

Meu corpo se arrepia, não de um jeito bom, mas em desgosto e repulsa. Estou me sentindo vulnerável, agoniada e aflita. Nunca tinha sido agarrada sem a minha permissão, nunca soube da sensação de me sentir indefesa.

Jimmy me solta depois de alguns minutos de luta e dá um passo para trás arfando e sorrindo vitorioso. Eu quero apenas chorar. Eu quero sair daqui e me esconder. Ele passa os dedos nos lábios me fitando, como se eu estivesse sem roupas. Eu me sinto tão exposta...

— Finalmente senti seu gosto, — Jimmy dá um passo à frente — quero muito poder...

Minha mão voa acertando seu rosto com um estalo alto. Ele vira a cabeça devido ao impacto e coloca a mão em sua bochecha. Jimmy me encara com surpresa, raiva e um pouco arrependido.

— Desgraçado. — Xingo entre os dentes.

Minha respiração está acelerada e meu coração dói pela força dos batimentos. Percebo quando uma sombra passa por seus olhos escuros, parece arrependimento. Pelo menos é o que eu acho, no entanto, tenho certeza que tudo é mentira para apaziguar o erro que cometeu, pois ele fez sabendo muito bem quais seriam as consequências.

— Me desculpe... — Começa, mas para quando eu balanço a cabeça de um lado para o outro.

Passo por ele em passos largos esbarrando em seu ombro direito.

— Ei, — Jimmy corre atrás de mim — me desculpe, pensei que você queria isso tanto quanto eu.

— Pensou errado. — Ele aguenta meu antebraço, mas desvencilho sem parar de andar.

— Mariana, volta aqui!

Jimmy não vem atrás de mim, sabendo que não irá adiantar. Tento procurar um lugar mais afastado, onde eu poderei desabar sem que ninguém veja. Nunca me senti assim, meu corpo está tremendo e gelado, minha respiração está ofegante e meu peito dói.

Sento na grama encostando no tronco de uma árvore na busca de controlar a respiração e tentando me acalmar. Esfrego meu rosto e boca para tirar o gosto dele de mim. Fecho meus olhos bem apertados evitando as

lágrimas. Eu nunca choro, raro as vezes que eu deixei que elas caíssem e não será hoje que eu irei chorar.

Retiro o iPhone do meu bolso, desbloqueio a tela e clico na galeria onde têm todas as minhas fotos. Clico em uma que meu pai beija minha bochecha, vendo essa imagem meu peito despedaça e não consigo mais me segurar. Começo a chorar compulsivamente olhando para Alexander pela foto.

Estou com tantas saudades que dói. Se eu estivesse no Brasil nada disso teria acontecido. Estaria com os meus amigos, com minha família e com meu pai e nunca, nunquinha seria forçada a fazer algo que eu não quero.

Posso estar exagerando, afinal, foi só um beijo, poderia ter sido pior. Mas foi um beijo que eu não queria, fui encurralada e impedida de evitar tal ato. Me sinto fraca, frágil e odeio me sentir desprotegida.

Meu pai me olha através de uma outra foto, com seus olhos verdes escuros e pele branca, parece um homem de no máximo trinta anos. Como ele estará agora, sem mim? Sem sua filhinha?

Disco o seu número e com as mãos trêmulas, espero que ele atenda.

— *Oi, minha bebê.* — Sua voz faz com que eu derrame ainda mais lágrimas, meu coração se quebra.

— *Pai...* — Minha voz sai carregada de dor. — Me leva para casa.

— *O que aconteceu, Mariana?* — Pergunta preocupado, quase gritando em desespero.

— *Eu quero você de volta.* — *Soluço.* — Sinto tantas saudades. — Meu choro aumenta e ele espera do outro lado da linha enquanto descarrego minha dor.

Quando me acalmo, ele me pergunta — *Está muito difícil?*

— Está pai, eu... eu... — Enxugo meu nariz. — Eu só quero seu colo, ir para casa.

— *Oh minha filha.* — Sua voz sai baixa e sinto dor e desespero nela. — *Eu sempre estarei aqui para você, não sabe?*

— Sei. — Papai suspira do outro lado da linha.

— *Você está usando o pijama de ursinho que eu te dei, certo?* — Pergunta.

— Aquela coisa cafona? — Um sorriso aparece em meus lábios.

— *Sim, aquela coisa cafona.*

— Eu uso todos os dias, pai. — Escuto sua risada.

— *Bom, muito bom.* — Papai respira fundo. — *Continue usando, ele vai te proteger, o urso vai te proteger.*

— Pai, é só um pijama. — Digo já me sentindo mais calma.

— *É, mas o urso verdadeiro está do outro lado do país, então ele está me substituindo por enquanto.* — Respiro fundo sorrindo, meu pai é o único que sabe me acalmar

— Eu te amo, Alexander Vitalle. — Papai ri do outro lado da linha.

— *Agente mais um pouco, lembre-se que as tempestades sempre passam e um sol logo nasce.* — Sorrio encolhendo minhas pernas e encostando a testa nos joelhos.

— Não vou me esquecer. — Papai fica calado. — Preciso desligar, amanhã tem escola.

— *Claro, amanhã eu te ligo meu bebê.* — Reviro meus olhos mentalmente, odeio quando meu pai me chama de bebê. — *Eu te amo, Mariana Vitalle.* — Sorrio me sentindo mais leve.

— Tchau. — Despeço finalizando a ligação.

Abraço meus joelhos, ficando quietinha escutando o barulho distante da festa enquanto espero minhas forças voltarem para eu ir embora. Ir para longe dessas pessoas que não merecem um pinga do meu respeito.

Respiro fundo. Inspiro e expiro, só tenho que aguentar mais um pouco. Só mais um pouquinho e quando menos esperar estarei nos braços do meu pai e de volta para minha casa e para meu Brasil.



— Está tudo bem? — Pergunta Ellen do outro lado do balcão com grandes olheiras.

— Sim. — Respondo remexendo os ovos mexidos. — Só queria ir para casa. — Sussurro engolindo as lágrimas.

— Você se importa se o Bryan te levar hoje? — Levanto os olhos a encarando. — Estou tão cansada que eu poderia dormir no volante. — Ellen teve plantão na polícia durante 24 horas, imagino o quanto está cansada.

— Não, pode ficar tranquila e durma o dia todo. — Falo voltando a remexer a comida.

— Hoje e amanhã estou de folga, que tal uma seção de cineminha? — Pergunta um pouco animada, sorrio.

— Só se tiver pizza e for filme de terror. — Olho para Ellen que me lança um sorriso lindo.

— Feito. — Ellen me fita mais atentamente. — Tem certeza de que está tudo bem? Não quer conversar?

— Não se preocupe. — Levanto pegando a mochila. — Vou esperar por Bryan lá fora.

Sento na escada e sustento meu cotovelo no joelho e pouso meu queixo na palma da mão esquerda. Eu mal dormi a noite, revivendo o momento em que Jimmy me agarrou e da forma que me senti ontem. Quando consegui pegar no sono, dormi encolhida me sentindo sozinha e com medo.

— Se precisar conversar, saiba que eu estou aqui. — Viro para trás olhando Ellen na porta. Não tinha percebido ela ali, mas também estou tão aérea, não iria perceber.

— Tá. — Lhe dou um sorriso reconfortante. Ela se despede e fecha a porta dizendo que irá dormir.

Minutos depois o carro de Bryan para em frende de casa. Levanto e caminho até ele entrando dentro de sua caminhonete.

— Bom dia, moça. — Cumprimenta com um sorriso.

— Bom dia, senhor bonitão. — Ele me lança um sorriso mais largo e levanta uma sobrancelha enquanto dirige rumo ao meu colégio.

— Bonitão? — Pergunta surpreso.

Ele está muito bonito vestido com uma camisa azul e calças jeans, um Rolex no seu pulso esquerdo diz o quanto de dinheiro ele tem. Sua barba está impecável e seus olhos castanhos brilham, seus cabelos são um pouco encaracolados em um penteado perfeito.

— Vai se encontrar com alguma namorada? — Pergunto divertida. — Porque não é possível que tenha se arrumado apenas para levar uma adolescente para o colégio.

Bryan solta uma gargalhada e nega com a cabeça.

— Tenho outros compromissos.

— Hum... — Ao longo do caminho ele fala um pouco de sua vida e da sua empresa de contabilidade.

Sua profissão de perito criminal é a que mais se dedica, já que tem funcionários que cuidam da sua empresa. Bryan escolheu ser perito por paixão e me conta quais foram os piores crimes que ele teve que refazer as cenas ao longo dos anos. Ele é muito divertido e não seria nada ruim se ele e Ellen formassem um casal.

— Já pensou em ter o seu próprio carro? — Sua pergunta me surpreende, não tinha parado para pensar sobre.

— Nem pensei. — Digo dando de ombros.

— Você sabe dirigir? — Olho para ele com um sorriso de lado.

— No brasil é proibido dirigir antes de completar dezoito anos, mas meu pai me ensinou a dirigir quando íamos para a fazenda do meu tio. — Seu sorriso diminui um pouco.

— Então vai ser fácil, pensa e depois me fala, posso te ajudar a encontrar um carro bacana. — Diz um pouco mais sério.

— Vou perguntar ao meu pai. — Ele me olha quando estaciona o carro.

— Não precisa, sua mãe é a Ellen e agora pode ser tudo pedido a ela. — Encaro Bryan um pouquinho irritada.

— Meu pai sempre virá em primeiro lugar, ele decide se poderei ter ou não um carro. — Abro a porta da caminhonete e antes de descer olho para ele. — Até agora, Ellen só me gerou, nada mais do que isso. Ainda é a mulher que me abandonou. Tchau, Bryan, e obrigada pela carona. — Fecho a porta da caminhonete e ando em direção à entrada do colégio.

Escuto seu carro sair do estacionamento e vejo Jimmy caminhando em minha direção. Não diminuo os passos e muito menos olho para ele quando

para ao meu lado.

— Como você está? — Pergunta na maior cara de pau.

— Péssima. — Respondo seca subindo os degraus e passando pela porta do colégio.

— Olha...

— Eu não quero saber, me deixa em paz. — Viro no corredor do meu armário deixando Jimmy para trás.

Abro o armário e coloco minha mochila dentro pegando somente o necessário para as três primeiras aulas.

— Ei, você sumiu ontem. — Frankie fala encostando no armário do meu lado.

— Fui embora. — Ela levanta uma sobrancelha.

— Como e porquê? — Respiro fundo e bato a porta do armário o fechando.

— Chamei um Uber — volto a andar — e não é da sua conta.

— Calma, garota. — Indaga Frankie. — Eu fiquei preocupada.

— Eu estou bem. — Digo diminuindo os passos.

— A festa foi ícone, muito boa. — Fala mascando seu chiclete. — Jimmy está caidinho por você. — Revela empurrando meu ombro com o seu. — O cara está apaixonado. — Encaro Frankie com seus cabelos rosa escuro e um pouco desalinhados.

— Que pena. — Ela me olha. — Porque eu não estou nem um pouco interessada nele. — Frankie solta a respiração pela boca.

— Ele parece ser um pouco grosso, — pouco? Solto uma risadinha de desdém — mas é legal, você vai perceber quando o conhecer melhor.

— E esse lance com Gilles? — Frankie revira os olhos.

— É só um casinho, nenhuma amarra, mas vou confessar, — Frankie chega mais perto do meu ouvido — ele é uma delícia na cama, juro, fico excitada só de pensar. — Travo os pés no chão com a sua intimidade.

— Quantos anos você tem, Francine? — Pergunto pasma.

— Dezesete e não se preocupe, usamos camisinha e tomo anticoncepcional. — Tiro meus cabelos longos do ombro.

— Nova demais para ter relações como se fosse uma adulta. — Digo fitando seus olhos. Ela gargalha tanto que seus olhos lacrimejam.

— Você é virgem? — Levanto uma sobrancelha. — Porque parece minha mãe. — Reviro os olhos.

— Vamos logo para a aula.

— Mariana, Mariana! — Frankie dá um soco com delicadeza no meu ombro. — Somos jovens, temos que aproveitar, ainda mais quando estamos solteiras e tem um gato à nossa disposição.

— Vou me lembrar disso.

É estranho ver uma garota falar da forma que Frankie falou em relação ao sexo. Sim, eu sou virgem, mas por opção, pois tive várias oportunidades. Acredito que esse tipo de intimidade tenha que ser algo especial, que envolve amor e sentimentos, não simplesmente fazer com qualquer um e quando der vontade.

Nenhum dos garotos que me envolvi mereceu minha virtude, minha preciosidade, então a deixei trancada e ficará até eu encontrar a pessoa certa. Entro na sala e congelo, agora se ele quisesse, eu não hesitaria em lhe dar.

No fundo da sala, está Peter com seu moletom escuro e capuz, com um lápis na mão e concentrado no que está fazendo. Meu coração dá um salto e

de repente me sinto nervosa e sufocada, é sempre assim ao vê-lo ou quando penso naqueles cabelos vermelhos.

— Mas que merda esse nerd está fazendo na nossa sala? — Vocifera Frankie ao meu lado.

— Não faço a menor ideia.

— Saiu uma pobretona da sala para entrar outro? Será que não vamos nos livrar desses sangues sugas não? — Amaldiçoa e eu apenas encaro Peter Mackenzie.

— Se eles estão aqui, é por que merecem. — Retruco caminhando em sua direção.

Paro ao lado de sua mesa e tamborilo com minhas unhas pintadas de azul. Peter congela, olho para seu caderno, ele estava desenhando. Estreito os olhos tentando ver melhor, o desenho é uma paisagem, tão perfeitos os traços que parece ser real na cor grafite.

— Olho só, se não é o Nerdzinho na minha sala. — Digo com a voz um pouco arrastada.

Ele ergue o rosto lentamente e eu acompanho cada movimento seu. Através dos óculos, Peter crava os olhos azuis em mim fazendo meu coração perder o compasso das batidas.

— Infelizmente. — Sorrio ao escutar sua voz e por senti-la navegando em meus ouvidos.

— Então quer dizer que o Nerd desenha! — Frankie fala com uma voz desdenhosa e tenta pegar o caderno de Peter, mas ele espalma sua mão grande impedindo-a.

— Não toca. — Curto e grosso, gostei!

Peter encara Frankie com raiva, ele está se sentindo ameaçado e eu não

tiro sua razão. Frankie o xingou de idiota antes de sair para se sentar em seu lugar. Peter volta a me olhar e recosta na cadeira rodando seu lápis entre os dedos.

— Nos vemos depois. — Digo e dou algumas batidinhas em cima do meu caderno. — Belo desenho. — Ele me lança um sorriso discreto que faz meu coração bater ainda mais forte.

Merda, de novo o maldito do meu coração.

Sento ao lado de Frankie e um pouco atrás de Peter do meu lado esquerdo. Recosto na cadeira observando os alunos chegarem e se acomodarem em seus lugares, mas não antes de perceberem o nerd e balbuciar ofensas e indignação.

Peter Mackenzie, por outro lado, não dá bola e continua focado em seu desenho. Acredito que é por isso que todos os odeiam, Peter ignora qualquer tipo de ofensas.

E o que dá mais raiva em qualquer pessoa, é o fato de ser ignorado. A vontade dos abusadores desse colégio é que ele revide e retruque para que possam fazer mais do que meras ofensas.

A aula se estende e eu não consigo prestar atenção em nada, a não ser em Peter. Ele por outro lado presta atenção em cada palavra que a professora de história, Darla, fala e ensina, dando jus ao seu apelido de Nerd.

Não precisamos trocar de sala, então outro professor entra para iniciar a segunda aula que é de economia. Frankie babava em cima do seu caderno, é a brecha que eu preciso para conversar com Peter, não que eu me importasse que alguém visse.

Arranco uma folha do meu caderno e escrevo um recadinho para ele.

Eu: *Terminei o livro.*

Transformo a folha em um aviãozinho e espero o professor virar de costas para jogar na mesa de Peter, ele aterrissa perfeitamente em cima do seu caderno.

Ele pega e desfaz o avião e segundos depois escreve algo, o que me deixa muito curiosa. Peter espera o professor Adam virar de costas para jogar o aviãozinho em minha direção sem que ninguém perceba.

Pego o papel e desfaço o avião e sorrio.

Peter: *Eu também terminei, não consegui esperar para que o devolvesse, então eu li em e-book. Você gostou, garota estranha?*

Mordo meu lábio inferior e olho para Frankie que ainda baba e o respondo.

Eu: *Te devolvo depois, cuidei bem do seu livro, Nerd. Eu achei a leitura meio... sei lá.*

Jogo o avião e minutos depois ele volta a aterrissar na minha mesa.

Peter: *Como assim “Sei lá”?*

Escrevo a resposta.

Eu: *Muito drama, é tão mais simples assumirem que se amam do que ficar dificultando as coisas. Passei raiva na maior parte da leitura, mas gostei do final, mais ou menos.*

Peter: *Não na situação deles, às vezes o que é simples se torna difícil.*

Eu: *É, mas acredito que eles dificultaram todo o negócio, ainda mais quando envolvem outra pessoa que vai sair machucada. Eles se amavam, por que lutar contra esse amor?*

Peter: *Eles pensavam que estavam fazendo a coisa certa. Acredito que se fosse você, faria o mesmo.*

Eu: *Eu não, se é para ficar junto da pessoa que eu amo, lutarei até o fim para tê-la ao meu lado.*

Peter: *Amar é sacrifício, é se afastar quando acha que é a melhor coisa a se fazer por aquele que ama, mesmo que seja dolorido. Amar pode ser a salvação, mas também pode ser a destruição. Amar é proteger, mesmo que tenha que viver longe daquele que tanto ama. Amar é se colocar no lugar do outro, é se doar por inteiro, amar é deixar que a pessoa que ama, viva, mesmo que seja longe dela. Amar é permitir que a pessoa que ama crie asas, mesmo que tenha que voar para longe de seus braços, amar é deixar ir.*

Eu: *Que lindo Peter, o nerd também é poeta e sabe o que é amor. Acho que estou vendo com outra visão, menos crítica do livro.*

Peter: *Você já amou alguém, Mariana?*

Fico olhando para a pergunta no papel que Peter fez. Não, eu nunca amei ninguém e muito menos me apaixonei.

Eu: *Não.*

Peter: *Um dia saberá do que eu estou falando.*

— Sério? — Sobressalto com a voz de Frankie. — Você está conversando com aquele merda? — Ela sustenta sua cabeça na mão com o cotovelo apoiado na mesa. — É inacreditável.

— Eu te devo alguma satisfação? — Frankie solta uma risadinha.

— Espero que pare antes que seja tarde, garota. — Ela vira para o outro lado e deita a cabeça sobre os braços. Respiro fundo e olho para o professor e depois para o bilhete.

Eu: *Acho que estou apaixonada. Paixão é a mesma coisa que amor?*

Fico olhando para as palavras escritas e pensando se deveria enviar ou não. Espero o professor Adam se distrair e com uma respiração funda, jogo o

aviãozinho de papel que cai em cima de suas mãos. Meu coração acelera quando ele começa a escrever.

Peter: *Paixão é o sentimento que nasce antes do amor. Se sentir apaixonado é algo forte, intenso e envolvente, mas por ser um sentimento que faz com que você queira fazer loucuras, ele pode acabar.*

Eu: *E se não acabar?*

Peter: *Ele vira amor, e o amor nunca acaba. Ele pode ser destruído, mas se for verdadeiro a chama nunca se apagará.*

Eu: *Então acho que eu estou apaixonada. Você quer saber por quem?*

Peter: *Não, isso é assunto seu!*

Recosto na cadeira um pouquinho decepcionada, ele meio que foi grosso, certo? Solto a respiração e guardo oaviãozinho dentro do meu caderno e tento prestar atenção nos últimos minutos da aula. Mas de repente umaviãozinho novo aterrissa em cima do meu caderno, abro o papel.

Peter: *Não faça essa cara de decepcionada, não combina com você. E sim, me diga por quem acha que está apaixonada que eu posso te ajudar em algo.*

Penso se deveria mesmo contar a ele, meu coração está pulando de tanto que bate enquanto eu escrevo.

Eu: *Por você, Peter Mackenzie.*

Jogo o avião com a mão um pouco trêmula, ele aterrissa e Peter abre o papel e congela, percebo o quanto ficou tenso ao ler a resposta. Ele olha para trás sob o ombro esquerdo e me encara um pouco pasmo.

Recosto na cadeira sem desgrudar meus olhos dos dele, mostrando o quanto eu estou sendo verdadeira e sincera em relação aos meus sentimentos. Não faço ideia se Peter acredita, mas eu sei que estou apaixonada por ele.

Desde o momento em que esbarramos no aeroporto, soube que ele é diferente dos outros, e eu tive a certeza quando seus olhos pela primeira vez se encontraram com os meus.



Viro para frente desvencilhando dos olhos mais lindos que eu já vi em toda minha vida. Volto a encarar a resposta da Mariana, eu gosto disso nela, da sua sinceridade e língua solta, sempre direta sem rodeios. É fácil entendê-la, mas a sua reposta bateu em cheio em meu peito.

Não quero me envolver com ninguém. Não quero que ninguém se aproxime de mim, mas ela está chegando perto demais. Perto de uma zona onde não deveria se aproximar.

Meu foco é conseguir uma bolsa de estudos longe dessa maldita cidade. Desse maldito país. Por isso jurei há três anos atrás que não terei vínculo com ninguém, assim não saberiam da verdade que eu tanto escondi.

Escolhi esse colégio por esse mesmo motivo, sabia da fama de maltratarem os bolsistas, então assim não teria nenhum amigo, ninguém a se apegar. Seria mais fácil quando eu fosse embora, sem ao menos olhar para trás.

Aguentei dois anos desse inferno, sendo xingado, maltratado e escorraçado. Não me importo, não ligo, pois eu tenho um objetivo que eu

quero alcançar. Assim, tudo se torna suportável quando visualizo a estrada que eu caminharei depois de terminar o ensino médio.

Falta pouco, só tenho que aguentar mais um pouco.

Respiro fundo mais uma vez e início outro desenho. Quando desenho eu me desligo do mundo a minha volta, ele permite que eu visualize meu futuro que estou almejando, e é assim nos livros. Ler me faz conhecer outros mundos e descobrir que tem pessoas enfrentando coisas piores do que eu.

Mas aquela garota entrou apenas para bagunçar tudo o que eu estou planejando. É fácil conversar com Mariana, ela deixa as coisas mais simples com seu tom de sarcasmo e jeito durão, no entanto, sei que tem um coração frágil e que está perdida, é apenas olhar para aqueles olhos grandes que diz tantas coisas.

Não entendo os motivos que a levou a andar com aqueles três idiotas. Jimmy é o pior deles, não aceita um não como resposta e faz tudo com calma, sem chamar muita atenção para suas sujeiras. Gilles é apenas um drogado, perdido e o cachorrinho de Jimmy. Já Francine, é apenas o brinquedinho deles, um pau mandado e um fantoche.

Todos com contas milionárias e com alergia à pobres, assim como todo o colégio. Aperto o lápis com um pouco mais de força, mesmo que eu tenha me preparado quando escolhi estudar aqui, ninguém merece ser maltratado desta maneira.

Não volto a olhar para Mariana, apenas pego as minhas coisas, coloco o aviãozinho dentro do meu caderno e saio da sala assim que a aula é finalizada. Eu terei que afastá-la de mim, é perigoso e se prosseguir, um de nós sairá muito machucado.

Alguém esbarra no meu ombro com força enquanto ando pelo corredor e solta uma risada. Gilles está na minha frente com as mãos nos bolsos da sua

calça preta cheia de cordões prata. Seu sorriso é o que mais desperta minha raiva.

— O que o Nerd pegajoso estava fazendo na sala das minhas meninas?
— Suas meninas? Continuo o encarando.

Gilles dá um passo à frente ainda sorrindo, ele mete medo em qualquer um, menos em mim, eu os conheço muito bem para sentir medo, mas não irei demonstrar qualquer emoção, então me mantenho ilegível.

— Jimmy não vai gostar de saber que está rondando a garota dele. — Diz com um rosnado. Ele me fita dos pés à cabeça e estala a língua várias vezes. — Não que ele tenha que se preocupar com um embuste como você.

Aperto os dentes sentindo a fúria subindo meu corpo. Tenho que me calmar, é todos os dias as mesmas coisas, sempre consigo me controlar, mas hoje não estou conseguindo, não quero, porque ele está falando dela, da Mariana.

— Eu escutei um papinho aí, — ele se aproxima predatoriamente esfregando seus lábios com os dedos da mão esquerda — que estava trocando recadinho na aula com a namorada de Jimmy. — Mariana é namorada dele? Meu coração acelera. — É melhor tomar cuidado, Nerd, — Gilles me dá dois tapas no meu peito — ou então, vai aparecer com a cara roxa qualquer dia desses.

Ele está tão próximo que consigo sentir sua respiração. Gilles é centímetros mais baixo que eu, entretanto, mesmo que aparenta ser mais fraco do que eu, nunca o subestimarei. Porém o que bate na minha mente sem parar é a sua palavra dizendo que Mariana é namorada de Jimmy. Não posso acreditar nele, ela me disse que está apaixonada por mim, mas pode ser mentira, esse grupo é mentiroso, no entanto, se fosse alguma mentira, Gilles não estaria me ameaçando.

— Se eu o ver com papinho com a brasileirinha, eu acabo com você. — Ameaça, eu não duvido, pois já os vi fazendo coisas piores do que espancar um cara.

Gilles esbarra no meu ombro e sai pelo corredor se misturando com a multidão de adolescentes. Minha respiração está acelerada, assim como meu coração.

O problema é que a própria Mariana está se aproximando e não eu. Esfrego meus cabelos e decido faltar o restante das aulas e esfriar a cabeça. Preciso ficar longe daqueles cabelos cacheados, boca perfeita e olhos astutos e cheios de vida e esperança.

De todas as coisas boas que me aconteceu ao longo dos anos, Mariana foi a melhor. Ela está entrando em meu caminho sem cerimônias, e eu tenho que evitar que isso aconteça, mas o problema é que eu a quero. Quero Mariana em meus braços e em meu coração.



Passo pela porta da loja Old Artifacts que faz um barulho por causa do sino indicando que alguém entrou, o que é raro. Minha mãe aparece e franze as sobrancelhas.

Julie Pollok está vestida com um vestido colorido longo e solto, com pulseiras e uma tiara nos seus cabelos longos e ruivos, parece ter saído dos anos oitenta. Mamãe se aproxima com um olhar avaliador e segura meu rosto e acaricia minhas bochechas com o dedão.

— Tudo bem, meu amor? — Pergunta com sua voz calma.

— Só não estou muito bem para assistir as outras aulas. — Ela respira fundo e fecha os olhos por alguns segundos, sabe muito bem o que eu vivo naquele colégio, mas aceita o fato de eu querer estudar lá.

— Certo, — ela se afasta — vou preparar um chá para você, — começa a andar em direção à nossa casa que fica no andar de cima da loja, — para eliminar essas vibrações negativas.

Sigo ela e me sento na mesa colocando a mochila no chão.

— Você já almoçou? — Pergunta colocando uma xícara cheia na minha frente.

— Sai antes do almoço. — Seguro a porcelana com ambas as mãos, sentindo-a queimar minhas palmas e olhando para o chá dentro da xícara. Uma coisa que ela sabe bem, é fazer chás.

— Vou preparar o almoço para você. — Ela me encara relutante. — Quer comer carne? — Pergunta com uma voz carregada de dor.

Julie despreza qualquer tipo de maus-tratos, por isso se tornou vegana, mas eu não, e mesmo que ela relute, não me proíbe de comer os animais que ela luta para manter vivos.

— Comi na semana passada, meu corpo precisa de proteínas. — Digo um pouco divertido observando seu rosto delicado. Mamãe balança a cabeça concordando e começa a preparar meu almoço.

— Não sei o porquê insiste em estudar naquele maldito colégio. — Resmungo temperando a carne.

— Aquele colégio pode me mandar para qualquer faculdade. — Julie respira fundo.

— Você sabe que não depende unicamente do colégio, certo? — Concordo com ela. — Pode conseguir qualquer bolsa que quiser, mesmo que

seja no pior colégio. — Mamãe me olha. — Peter, você é inteligente, não merece ser tratado da forma que o tratam, isso me destrói.

Seus olhos se enchem de lágrimas, abaixo a cabeça fitando a xícara fumegante e cheio de culpa. Engulo o caroço que se formou em minha garganta.

— Eu mereço mãe. — Murmuro. — Mereço ser tratado da forma que me tratam.

Suas mãos seguram meu rosto e encaro seus olhos tristes.

— Não foi sua culpa, Peter. — Desvio meus olhos dos dela sem coragem de fitá-los. — Ei, — volto a olhar para seus olhos azuis — Foi uma fatalidade, poderia ter acontecido com qualquer um Peter. Não se culpe, filho.

— Mas se eu...

— Shhh... — Julie beija minha testa — pare de pensar nessas baboseiras, ok?

— Ok. — Concordo para que ela fique mais tranquila.

Julie prepara meu almoço e volta para a loja me deixando sozinho. Quando termino de comer, arrumo a cozinha e volto para o meu quarto. Tomo um banho e sento em frente ao meu computador já ligado.

Abro meu caderno e livros, mas antes de fazer qualquer coisa, encaro o porta-retrato. Meu pai está sorrindo com os braços cruzados encostado em uma Kombi colorida e toda desenhada, assim como as suas roupas.

Meu coração aperta, ele amava o seu trabalho de policial. Sempre dizia que precisava proteger as pessoas da maldade, que elas precisavam dele para se sentirem seguras, no entanto, Charlie Mackenzie não conseguiu se proteger das pessoas más e muito menos do seu filho, que o matou.

Deito o porta-retrato incapaz de continuar olhando para o seu sorriso

que destruí, então faço a única coisa que me faz esquecer de tudo, começo a estudar sem hora para acabar.



— Qual seu lance com o Bryan, hein? — Pergunto colocando um pouco de pipoca na boca.

Ellen senta do outro lado do sofá e se estica entregando-me um copo cheio de Coca-Cola com gelo e limão. Agradeço alegremente e ajeito a coberta em minhas pernas.

— Já fomos namorados quando eu era mais jovem. — Diz pegando sua bacia de pipoca e o controle da tv.

— Ele parece ser muito legal. — Ellen sorri um pouquinho encarando seu refrigerante.

— Bryan é um homem muito...

— Lindo. — Completo olhando-a sob a borda do meu copo.

— Não ia dizer isso. — Ellen ri e coloca sua coca na mesinha de centro. — Ele é um homem integro e respeitoso, um tanto especial.

— Vocês não pensam em... — Faço um movimento com a mão tirando uma gargalhada sua.

— Não, somos apenas amigos. — Levanto uma sobrancelha e Ellen respira fundo.

— Sei... — Pego um pouco de pipoca. — Mas não seria nada ruim em experimentá-lo de novo, Ellen. — Ela abre a boca indignada.

— Mariana — Adverte e eu solto uma risada. — Vamos assistir a esse filme e mudar de assunto?

— Claro, vamos lá.

Ellen coloca o filme sexta-feira 13, com meu amado Jason, que no caso é o serial Killer que mata todo mundo sem ter uma razão específica. O filme é antigo e eu amo, ele é tão mentiroso que enquanto Ellen gemia de nojo, eu ria dos efeitos mais falsos da face da terra.

— O que aconteceu com o pai de Peter? — Solto a pergunta justamente quando Jason está matando um dos personagens do filme.

Não olho para Ellen, mas sinto seus olhos preso em mim.

— Um acidente de carro. — Responde suspirando.

— O que ele era seu? — Finalmente olho para ela que encara seu copo de refrigerante.

— Charlie foi meu mentor quando entrei na polícia, éramos parceiros. — Ellen passa a língua em seus lábios. — Não sei especificamente o que aconteceu, mas Charlie se envolveu em um escândalo de corrupção e tráfico de entorpecentes.

— Ele foi investigado?

— Sim, encontraram vários quilos de drogas em seu carro e dinheiro com nomes dos homens que o pagavam para que ele os soltasse. — Seu tom estava carregado de decepção e tristeza.

— Você acredita nisso? — Seus ombros caem. — Você acredita que

realmente foi verdade?

— Não tivemos a chance de provar o contrário, Mariana. — Ellen me olha com seus olhos brilhando por causa das lágrimas. — Ele morreu no dia seguinte de tudo acontecer.

— Sinto muito. — Sussurro com o coração apertado, principalmente por Peter.

— Ele era meu melhor amigo. — Ellen sorri, seu olhar está fixo na pipoca, aposto que está relembrando do pai de Peter. — Ele sabia de tudo da minha vida, eu o conheci desde que tinha dezoito anos.

— Ele sabia da minha existência? — Ellen assente.

— Ele ficou com raiva quando eu te abandonei no brasil. — Engulo em seco e uma pitada de raiva me invade. — Ficou dois anos sem falar comigo, quando entrei na polícia, nós nos reconciliamos. Ele aceitou os meus motivos, mas não concordou com o que fiz, e três anos atrás, ele morreu.

— E quais seriam esses motivos? — Pergunto com minha voz fraca.

Ellen me olha percebendo que tinha falado um pouquinho demais, ela se ajeita no sofá e desvia do meu olhar.

— Vamos terminar de assistir ao filme? Está ficando interessante. — Ela aumenta o volume da tv.

— Você sabe que uma hora ou outra terá que me contar a verdade, né? — Ellen não me olha.

— Eu sei. — Murmura.

Não adianta forçá-la a falar a verdade, porque não irá contar. Então volto a prestar atenção no filme, mas a minha mente vaga entre o filme e o garoto com os cabelos vermelhos que eu acabei revelando que estou apaixonada por ele.

Meu Deus, eu sou uma idiota! Por que eu não fiquei com a língua na boca? Deixasse esse sentimento só para mim. Coloco um monte de pipoca na boca. Depois da aula, Peter desapareceu, será que ficou receoso pelo que eu falei?

Meus olhos o procuraram pelo refeitório inteiro, pelos corredores e aulas, nada do Peter. Respiro fundo e tento mais uma vez prestar atenção no filme, no entanto a única coisa que eu enxergo na TV é o Peter.



— Você ficou sabendo? — Pergunta Frankie quando desço do carro de Ellen. Me despeço dela e começo a caminhar com a garota no meu calcanhar.

— Não, — respondo — o que aconteceu?

— Alexia foi encontrada morta. — Paro de uma vez e olho pelo estacionamento e depois para Frankie. Ninguém parece chocado ou surpreso, estão como todos os dias, indiferentes.

— Como assim? — Frankie sorri e dá alguns pulinhos de alegria.

— Ela se matou, Mariana. — Frankie gargalha me deixando perplexa. — Se pendurou na corda. — Ela segura seu pescoço e finge apertá-lo colocando a língua para fora.

Mais outra garota foi morta em menos de um mês, e tudo indica que foi da mesma forma, o mesmo assassino. Porém, o que está me indignando, é a falta de noção da garota à minha frente, Frankie está indo longe demais com seu deboche.

— Frankie — chamo, mas ela continua rindo — Frankie, para! — Grito perdendo a paciência.

— Graças a Deus, menos uma pobretona na terra. — Ah, isso é demais!

Agarro seus braços com força e a sacudo para ver se coloca alguma coisa nessa cabeça oca cheia de crueldade.

— Você tem noção do que está falando, garota? — Seu sorriso morre. — Uma pessoa morreu e você está feliz por uma coisa séria? Alexia pode ter sido assassinada!

— Eu não me importo. — Frankie retruca e desvencilha os braços das minhas mãos e me encara. — O que você queria que eu fizesse? — Ela se aproxima e fica cara a cara comigo. — Oh, tadinha da Alexia, ela morreu — fala em um tom de desdém — sinto muito. — Frankie coloca o dedo indicador no meu peito. — Seria tudo mentira, porque eu não me importo, se tiver que desejar que ela reviva só para morrer novamente, eu desejaria com todo o prazer do mundo.

Balanço a cabeça de um lado para outro incapaz de dizer qualquer coisa. Nesse momento sinto nojo e raiva de Francine, mas o sentimento que mais me consome em relação a ela, a dominante é a pena.

— Eu estou enojada com sua atitude. — Frankie estala a língua e me olha friamente.

— Eu não me importo.

— Deveria. — Ela ri. — Não sei o porquê de continuar andando com vocês. — Dou as costas e começo a caminhar, mas paro segundos depois que sua voz entra em meus ouvidos carregada pelo vento.

— Porque você é igual a gente, Mariana. — Olho para ela sobre meu ombro direito.

— Pelo contrário, Francine, — viro e dou um passo parando na sua frente com os olhos cravados nos dela, — eu sou totalmente diferente e nunca me alegrarei com a morte de outra pessoa.

— Então quer dizer que você é igual o Nerdzinho? — Meu coração acelera com a menção de Peter. — Eu vi seu papinho em bilhetinho com aquele palerma, fique sabendo que já caiu nos ouvidos de Jimmy.

— O que você quer dizer com isso? — Aperto minhas mãos em punhos.

— Você acha que Jimmy vai gostar que sua namorada fique de papinho com outro garoto? — Franzo o cenho, eu não sou namorada de ninguém, que papo é esse?

— Eu não sou namorada dele. — Frankie segura meu braço e crava as unhas nele.

— Claro que você é, enlouqueceu? — Olho para sua mão no meu braço e tento soltá-lo, mas ela segura com mais força. — Você é nossa melhor amiga, faz parte do nosso trio e é namorada de Jimmy no momento em que pisou nesse colégio. — Com sua outra mão, ela alisa os meus cabelos. — Seu cabelo é maravilhoso e você é linda Mariana, por isso que Jimmy a reivindicou, por esse motivo que aceitamos você.

Esse papo está me assustando. Puxo meu braço das suas garras e dou um passo para trás, ela ficou estranha de repente e meu coração acelera quando eu vejo que é verdade o que diz, seus olhos estão carregados de maldade. Sinto um frio na espinha e minhas mãos começam a tremer.

— Você está louca? — Frankie me encara com um sorriso frio.

— Não faça algo estúpido, garota, e não se aproxime do Nerd se quiser que ele fique com aquele rostinho intacto. — Frankie me olha inteira. —

Jimmy fez uma ótima escolha, sério, você é tão linda que dói, nunca te falaram isso não? — Engulo em seco. — Te encontro na sala de aula, preciso esperar por minha prima.

Francine me dá as costas e sai caminhando em direção a um carro que acabou de chegar. Eu estou presa no chão, sem reação e com o corpo trêmulo. Nunca tinha encontrado ninguém como ela, com sua maldade e muito menos fui tratada dessa forma.

Enquanto ando em direção ao banheiro para me acalmar, nossa conversa pipoca em minha mente, é como se eles mandassem em mim e que meu dever é de obedecê-los com a cabeça baixa. É inaceitável!

Me sinto perdida e sozinha, por que eu não me afastei? Por que eu continuei andando com esses idiotas? Bato de leve a mão na cabeça, não posso deixar que eles ditem as regras, não aceitarei que eles mandem em mim. Eu tenho voz, atitude e não preciso deles, poderei muito bem sobreviver sozinha.

Acho que não me afastei por isso mesmo, por me sentir só. Desde o dia em que eu cheguei, ninguém conversou comigo, a não ser o Peter, mas eu que tomei a iniciativa e se eu não tivesse feito isso, nem ele teria conversado.

O que está acontecendo com esse colégio? Com esses alunos? Por que todos sentem tanto medo de Jimmy, Francine e Gilles?

— Porra... — Amaldiçoo quando minhas mãos atingem o solo.

Não tinha visto a maldita da escada e tropecei no degrau. Fecho os olhos sentindo meu corpo pinicar, minha respiração foi cortada quando a dor tomou conta. Ranjo os dentes sentindo algo quente escorrer pela minha canela, merda!

Inspiro e expiro várias vezes na tentativa de me acalmar antes de olhar

para o ferimento. Eu estou vestindo um vestido preto soltinho e coturnos. *Droga*, se eu tivesse escolhido as calças jeans, garanto que não teria me machucado.

Respiro fundo e volto a subir as escadas com muito mais raiva. Raiva de mim por ter ficado calada diante das normas de Francine. Raiva por eu ter me machucado e raiva por esse maldito país.

— Archhh... — Soco a parede.

Se meu pai não tivesse me mandado para Ellen, nada disso estaria acontecendo. Alexander tem a maior culpa, ele me tirou dos meus amigos, da minha escola - não que eu voltasse para a antiga escola, até porque eu fui expulsa – mas eu estaria em outra e com pessoas normais.

— Archhh... — Rosno com fúria.

Eu não sou assim. Não sou uma garota que fica calada e sem reação. Eu não sou assim, merda!

— Mariana? — Escuto a voz de Peter, mas não olho para trás e continuo andando. — Maria...

— Vai para aula, Peter. — Falo por cima dos meus ombros.

— Ei, — Peter segura meu braço — o que aconteceu? — Puxo o braço de suas mãos com brutalidade.

— Não me toca, Peter, — ele se assusta com meu grito — não me toca.

— Calma, Mariana. — Peter ergue as mãos em sinal de redenção, isso desperta ainda mais a minha raiva. — Eu só estava preocupado.

— Não fique. — Digo, dando-lhe as costas.

— Você está machucada. — Afirma me seguindo.

Paro e aperto minhas mãos em punhos cravando a unha na palma. Eu

quero ficar sozinha, me acalmar e repensar, eu preciso me reencontrar. As palavras de Francine invadem minha mente e fecho os olhos com força.

“Não faça algo estúpido garota, e não se aproxime do Nerd se quiser que ele fique com aquele rostinho intacto.”

— Não é da sua conta, Peter. — Rosno me virando para ele. — Por que está preocupado? Você é algo meu? — Ele franze as sobrancelhas e dá um passo para trás, como se eu tivesse lhe dado um tapa.

— Você tem razão, — sua voz sai fraca partindo meu coração — não é da minha conta.

Balanço a cabeça concordando. Encaro os seus olhos azuis, Peter não demonstra intenção de ir para a aula, ele está relutante e sinto o quanto quer se aproximar, e entender meu comportamento ríspido e desconcertado.

Eu quero que Peter quebre essa parede que está nos separando, impedindo de chegarmos perto um do outro, pois a única coisa que eu anseio é os seus braços em volta de mim, protetoramente. Desejo sentir seu calor e seu cheiro. Inspiro fundo e solto as palavras que tenho certeza que irão machucá-lo.

— Fica longe de mim, não se aproxime. — Digo baixinho. — Vai ser melhor para nós dois. — Peter me encara fixamente, eu não desvio do seu olhar duro e magoado.

— Não precisa pedir duas vezes. — Ele se vira e sai pelo corredor com a cabeça baixa.

Fecho meus olhos com o coração doendo. Entro no banheiro, bato a porta e a tranco depois de certificar de que não tem ninguém aqui. Encostada nela, deslizo para o chão e fico sentada com meu olhar fixo na parede branca.

Eu estou sendo uma idiota, fui estúpida com a única pessoa que quer o

meu bem verdadeiramente. O que está acontecendo comigo? Eu não sou assim! Recosto a cabeça na porta e fecho os olhos controlando a respiração rápida e ofegante.

Não sei por qual caminho percorrer, estou tão perdida. Tiro o telefone do meu bolso e disco o número dele, da única pessoa que poderá me ajudar nesse momento, e é o único que me conhece.

— *Oi, meu amor.* — Papai me saúda com alegria.

— Pai, — Engulo o caroço que se formou na garganta — eu não me reconheço.

— *O quê?* — Solto uma risada que parece mais um soluço. — *Mariana...*

— Eu estou chorando pai, e eu nunca choro. As pessoas daqui são estranhas, eu não sei o que fazer, qual caminho seguir ou qual escolha fazer, eu não sei, pai. Eu... eu...

Começo a chorar novamente e dessa vez eu não reprimo as lágrimas, deixo que elas escorram por meu rosto. Sinto meu coração se fragmentar aos pouquinhos, principalmente por Peter, aquele olhar triste e magoado, da sua voz preocupada, eu o machuquei.

— Estou tão perdida, pai. — Limpo as lágrimas. — Tão sozinha.

Alexander fica calado me escutando chorar. Eu sei o quanto está destruído e se sentindo inútil por não estar aqui para me segurar, como fez durante dezessete anos. Respiro fundo e tento me acalmar escutando sua respiração acelerada através da ligação.

Tento evitar uma nova onda de choro, tenho que ser forte e... assusto com algo se quebrando do outro lado da linha, escuto papai amaldiçoar e novamente, meu coração se parte.

— *É normal,* — começa com cautela e ofegante — *você está em um lugar novo, onde não conhece ninguém, é uma mudança difícil. É normal se sentir perdida.*

— Pai...

— *Mas sabe,* — Papai me corta com sua voz um pouco mais alterada — *não faz mal fraquejar ou chorar, Mariana, mesmo que isso não faça parte de sua personalidade.* — Respiro fundo e fecho os olhos com a cabeça ainda encostada na porta.

— Eu odeio essa escola, esse país. — Confesso.

— *Cadê aquela rebelde sem causa que eu enviei para os Estados Unidos?* — Pergunta com a voz mais calma, comprimo meus lábios e meu queixo treme.

— Eu não sei, pai. — Respondo, pois eu realmente não sabia aonde ela foi.

— *Claro que você sabe,* — diz com tranquilidade — *ela está aí dentro de você.* — Encosto minha mão no peito sentindo meu coração bater acelerado.

— Eu estou com medo, pai. — Murmuro com meus olhos enchendo de lágrimas. — Estou com muito medo.

— *Ei, cadê aquela Mariana destemida, linguaruda e briguenta que não tem medo de nada?* — Não respondo, então papai continua. — *Aonde está aquela garota que não aceita levar ordens? Ou que faz de tudo para arrumar uma encrenca?*

— Eu não...

— *Você sabe, ela está aí dentro.* — Fala com um suspiro. — *Aonde está aquela garota que tentou roubar um artefato de um museu?* — Sua voz

sai cautelosa e eu sorrio. — *Afinal, por que você fez aquilo?* — Pergunta incrédulo.

— Eu queria ver se funcionava o alarme. — Respondo com uma meia verdade, porque se eu falar que foi por causa de um desafio de amigos, ele vai me picotar em pedacinhos.

— *No meio da noite?* — Pergunta — *Com uma mochila e vestida de preto?*

— Foi uma missão que *Jerry* me designou. — Respondo com sarcasmo tirando uma risada sua.

— *Entendo.* — Papai ri com a menção do desenho “As três espãs demais” que eu sou fã. — *E por que você levou fogos de artifício para o colégio?* — Fito meus pés.

— Era festa junina, sempre soltam fogos de artifício, por isso que eu os levei escondido para termos a queima, já que a diretora não aceitou nossa proposta. — Respondo convicta lembrando dos meus amigos que sorrateiramente carregaram uma caixa inteira de fogos.

— *Você quase colocou fogo no colégio, não melhor,* — Papai faz uma pausa — *você quase explodiu o colégio, Mariana.*

— Foi um acidente. — Falo baixinho. — Não pretendia fazer aquilo, quando ligamos eles, um dos canos do fogo de artifício caiu e ao invés de ir para cima, foi para o lado em direção as pessoas e as salas derrubando todo o resto. — Revelo um pouco culpada. — Ainda bem que ninguém se machucou.

— *Você foi expulsa e ainda pichou o colégio.* — Fala com um tom um pouquinho irritado.

— A diretora era uma chata, pai, — ele respira fundo — tinha uma

implicância comigo.

— *Não é para menos, você estava o tempo todo procurando confusão.*

— Solto uma risada, isso era verdade.

Se tivesse uma confusão na escola, pode ter certeza que eu estava no meio, mas se não fosse, eu entraria no meio do mesmo jeito e faria ainda mais alvoroço.

— Era bom viver perigosamente. — Sussurro.

Ficamos em silêncio por alguns segundos, eu revivendo as minhas aventuras e meu pai relembrando os apuros que passou para tentar ocultar as tramoias da filha. Mas o melhor de tudo, é que Alexander é o único que sabe perfeitamente me acalmar, só de eu saber que ele está ali me escutando, já me deixa melhor.

— *Pois é,* — começa com uma voz baixa — *cadê essa garota?* — Fico calada, não sabendo o que responder.

— Pai...

— *Hum...* — Murmura em resposta.

— Eu tinha você para me proteger. — Umedeço os lábios com a língua — Eu tinha o tio Enrico e a vó Giulia e minha prima Luna, eu tinha minha família. — Engulo novamente as lágrimas. — Aqui eu não tenho ninguém.

— *Você tem a Ellen.* — Relembra tirando um suspiro meu. — *Ela é sua mãe, você tem que aceitar esse fato e se aproximar mais dela, Mariana.*

— Ela esconde tantas coisas, ela me abandonou, pai... — Alexander faz silêncio por alguns segundos.

— *Está na hora de perdoá-la, minha filha.* — Sustento meu cotovelo esquerdo no joelho com a mão na testa.

— Eu preciso da verdade, antes de poder sequer perdoá-la.

Como poderei perdoar alguém que me abandonou e nem sequer explicou os motivos? Ellen se esquivava todas às vezes que eu tento conversar com ela sobre esse assunto, eu tenho a impressão de que ela está me escondendo algo maior, que tem medo de revelar a verdade.

— *Você está sozinha agora, Mariana,* — fala me tirando do devaneio — *você precisa aprender a fazer suas próprias escolhas, eu não vou estar aqui para sempre.* — Uma lágrima escorre pelo meu rosto. — *Você precisa encontrar seu caminho, sozinha.*

— Pai, e se eu não encontrar?

— *Só se não quiser.* — Responde com uma voz mansa.

— Eu acho que o deixei aí no Brasil. — Troco o telefone de orelha e engulo as lágrimas.

— *Quem?* — Pergunta confuso.

— Meu eu.

Levanto do chão com a ajuda da minha mão esquerda e fico em frente ao espelho. Meus olhos grandes e castanhos estão vermelhos e inchados, meus cabelos estão um pouco bagunçados. Olho para meu braço que têm hematomas causados pelas unhas da Francine.

— *Não Mariana, ela está com você.* — Volto a fitar-me no espelho. — *Ela é você, filha. Apenas deixe que ela volte, a verdadeira Mariana está dentro de você, mas só vai sair quando parar de reprimi-la.*

— E o medo? — Pergunto relutante.

— *O enfrente* — Respiro fundo — *enfrente seu medo com sua força e nunca se esqueça de quem você é. Nunca se esqueça da sua essência.*

— Eu te amo, pai. — Sorrio ao escutar sua respiração de alívio. — Obrigado por tudo.

— *Você é minha vida, Mariana.* — Inspiro fundo. — *Nunca se esqueça disso.*

— Nunca. — Fecho os olhos lembrando do sorriso dele — Estou com saudades.

— *Eu também, meu amor.* — Papai respira fundo. — *Tchau.*

— Tchau.

Finalizo a ligação e seguro a borda do mármore da pia com a cabeça baixa. Papai está certo, eu não posso deixar que esses sentimentos mandem em minha vida, que o medo comande o meu caminho. Eu não sou essa pessoa fraca. Eu não sou essa garota vulnerável.

Respiro fundo e ergo meu rosto lentamente encarando meu reflexo. Eles de agora em diante irão ver quem é a verdadeira Mariana. A Mariana que não tem medo, a que não se assusta com qualquer coisa e muito menos deixa que mandem nela. Essa Mariana não foi embora ou ficou no Brasil, ela está aqui, dentro de mim, pronta para sair e arregaçar com essas pessoas.



Depois que eu passei na enfermaria para cuidar do machucado da minha canela e braço, entro na sala para a primeira aula. Meus olhos imediatamente encontram com os do Peter, que me encara com um pouco de raiva e decepção. Eu o feri com minhas palavras.

Paro ao lado da sua mesa com meus olhos ainda fixos nos dele e tamborilo com as unhas seu caderno. Peter inclina a cabeça para o lado me observando.

— Desculpa, — Sussurro — por ter te tratado daquela forma.

Peter balança a cabeça de um lado para o outro e coloca os cotovelos em cima da mesa entrelaçando os dedos, ele me encara com intensidade através dos seus óculos.

— Apenas vai se sentar em seu lugar, Mariana. — Diz com raiva.

Respiro fundo e me sento ao lado da Francine que me olha com a cara azeda. Recosto no assento e fico olhando para Peter. Não tiro sua razão de estar com raiva, até porque, eu pedi para que ficasse longe.

— Ei...

— Cala a boca. — Corto Frankie antes mesmo dela começar a falar.

Estou de saco cheio dela e nesse exato momento quero apenas quebrar o seu nariz, e se ela insistir, é o que eu farei na frente de todo mundo. A professora de estudos sociais entra na sala para iniciar a aula, cortando qualquer tipo de comunicação, pois Emma, não aceita nem um pinga de conversa.

As aulas foram se estendendo uma na outra, parece que as horas correm lentamente e quanto mais eu olho no relógio, mais devagar se passa. Quando finalmente a terceira aula acaba, dou Graças a Deus e espero que a sala se esvazie antes de ir para o refeitório. No entanto, minha esperança é que Peter fique para trás, o que não fez, pois ele foi o primeiro a sair da sala.

— Essas três aulas demoraram pra cacete, — vocifera Frankie ao meu lado — pensei que nunca mais sairia daquela sala.

— Minha bunda está dormente. — Revelo sem humor.

Frankie não sai do meu lado e finge que nada aconteceu, eu entro na dela, controlando meus sentimentos de jogá-la nesse armário e rachar sua cabeça.

— Jimmy me perguntou por você mais cedo, — diz enquanto nos aproximamos do refeitório — o cara parece gostar mesmo de você.

— Vocês têm um gostar muito... — olho para ela — estranho, você não acha?

Frankie para de andar e me encara, cruza os braços e estalo a língua.

— Sabe esse machucado aqui? — Mostro o hematoma do meu braço. — Não vai ficar por isso mesmo, você pegou pesado e o curioso — diminuo a distância entre nós — é que vocês nem sequer me conhecem.

— Eu errei, — começa a falar, mas seu olhar está desdenhoso — às vezes meu comportamento é interpretado de uma maneira diferente.

— Diferente? — Solto uma risadinha incrédula.

— O que vocês estão fazendo aqui na porta? — Gilles pergunta abraçando meu ombro. — Como foi a aula, Mariana? — Ele me fita inteira — Uau... — Passa a língua em seus lábios. — Você está maravilhosa com esse vestido.

Meu corpo fica tenso da forma que Gilles me olha. Tiro sua mão do meu ombro e o empurro para longe de mim. Ele sorri divertido, mas ainda me olha com cobiça. Frankie o puxa para os seus braços me encarando com a cara um pouco fechada.

— Te esperamos na mesa. — Fala dando as costas.

Gilles sai andando com ela e me olha por cima do seu ombro esquerdo, fazendo meu coração disparar e entrar em alerta. O que têm de errado com eles? Inspiro fundo e sigo para o refeitório.

Quando termino de colocar a comida na minha bandeja que ficou um tanto superlotada, porque eu amo a macarronada do dia de terça. Meus olhos recaem na mesa dos vampiros, tem uma outra garota ao lado deles, provavelmente a prima de Frankie.

— Você que é a namorada de Jimmy, certo? — Pergunta uma moça loira com olhos verdes, ela faz parte das populares, do grupinho das Barbie. — Uma escolha péssima, garota. — Confessa estalando a língua indignada.

Ah, isso já é demais!

Deixo a Barbie falando sozinha e caminho em direção à mesa deles com a raiva zumbindo nos meus ouvidos, minhas mãos estão tão trêmulas que aperto a borda da bandeja tentando me controlar.

Jogo a bandeja em cima da mesa derramando o refrigerante no colo de Frankie, que solta um grito de susto e me olha incrédula. Meu espaguete cai sobre Gilles e Jimmy levanta abruptamente derrubando a cadeira que estava sentado me lançando um olhar enfurecido.

— Você está louca? — Indaga Frankie zangada, não respondo.

Passo a língua nos meus lábios e inclino meu corpo com as mãos espalmadas na mesa, encarando Gilles, Francine e Jimmy que fitam meu rosto enfurecidos. Eles se acham os fodões desse colégio, o trio que bota medo, mas não a mim, eles não conhecem o meu verdadeiro eu.

— Então quer dizer que eu sou a namorada do Jimmy? — O próprio sorri de lado e inclina o corpo para ficar mais perto de mim.

— O beijo que protagonizamos disse tudo. — Fala impassível.

Ele inclina mais um pouco ficando cara a cara comigo e com um sorriso que eu não sei interpretar. Respiro fundo e inclino a cabeça o avaliando. Dos três, Jimmy é o mais perigoso. Ele é frio, calculista e audacioso.

— Ah, — diminuo ainda mais a distância entre nós triscando a ponta do meu nariz no seu — o beijo que você roubou? — Estalo a língua três vezes. — Aliás, o beijo que você me forçou, certo?

Afasto escutando cochichos dos alunos referentes à minha revelação, mas não dou atenção, meus olhos continuam em Jimmy que aperta seus lábios e estreita os olhos perigosamente.

Está nítido que estamos desafiando um ao outro, com os olhos cravados sem desviar, nenhum tem a intensão de perder. Jimmy continuaria fazendo o seu teatro, se gabando da sua beleza e conseguindo todas as mulheres que quer, o problema é que eu não o quero e isso o enfurece.

Jimmy não vai ceder, com os olhos navegando pelo meu corpo, soube que ele fará de tudo para me ter. Seja da forma mais suja que tem, para mostrar a todos que ninguém o rejeita, que tem tudo o que deseja, Jimmy lutaria por isso.

— Você é minha. — Diz de uma forma que ninguém pode ouvir.

— Eu não sou! — Retruco chegando perto do seu rosto. — Se continuar, Jimmy, as coisas não vão ficar bonitas. — Ameaço tirando uma gargalhada sua.

— Estou loucamente apaixonado por você, não importa que pense errado meu amor, estamos destinados a ficarmos juntos. — Aperto os dentes quando sua bochecha roça a minha. — Ainda mais se tiver sem esse vestido e nos meus braços.

— Continue, Jimmy, — sussurro em seu ouvido — porque o aviso foi dado, não me responsabilizo por meus atos e retire o que você falou, não sou sua, não sou sua namorada. — Volto a encarar seus olhos escuros. — E nunca vou ser.

— É o que veremos. — Diz endireitando suas costas. — Eu me apaixono ainda mais por você a cada dia, esse seu jeito indomável me atrai. E não se preocupe, amo desafios. — Jimmy sorri.

— Eu também amo um desafio.

— Mariana, — começa Gilles e eu o olho preguiçosamente — sei que vocês tiveram uma briga de casal ontem, mas não precisa fazer cena na frente de todos. — Mente descaradamente.

— Fazendo cena? — Solto uma risada e depois outra e por fim, estou gargalhando.

Gilles fica vermelho tentando se controlar, sabendo que eu estou rindo

da sua cara. Frankie rosna de raiva por ver seu poder sendo testado e principalmente, por eu ter a audácia de enfrentá-los, coisa que ninguém nunca teve.

— Ei, piranha. — Franço o cenho e olho para trás.

— Piranha? — Volto a olhar para eles e meus olhos cravam em Frankie.

Francine dá de ombros e sorri friamente. Endireito minhas costas e viro para a Barbie na minha frente. Ela é negra com os cabelos encaracolados e longos. Pele perfeita, corpo perfeito, olhos amendoados. Tudo nessa garota é perfeito, ela exala dinheiro.

— Quem, eu? — Aponto para meu peito um pouco confusa, quem é essa garota?

— Tem mais alguma piranha aqui? — Pergunta dando um passo à frente.

— Estou olhando para uma. — Retruco fazendo ela rosar.

Essa garota está possessa, o que eu fiz para ela?

— Você se acha engraçadinha, né? — Ela diminui a distância ficando centímetros com seus olhos cravados nos meus.

— Você pode ser um pouquinho mais específica. — Peço com a voz arrastada e movimentando minha mão.

A Barbie solta uma risada de desdém e ergue o canto de seu lábio superior em sinal de nojo.

— Quer dizer que a piranha não lembra dos garotos com quem fica?

— Vou te pedir uma coisa, — fico mais perto do seu rosto perfeito — não me chame mais de piranha, ou... — Deixo a frase morrer e olho para os lados com o canto dos olhos.

Todos do refeitório estão prestando atenção no bate-boca, ninguém respira ou fala. Fito os olhos de Peter, ele está com os braços cruzados e recostado na cadeira focado em mim.

— Ou o quê? — Minha atenção volta para a Barbie com olhos amendoados, furiosa.

— Não vai querer ver esse rosto perfeito passar por uma cirurgia de reconstrução, ou vai? — Ela fica me olhando e percebo quando minhas palavras atingem seus ouvidos, seus olhos vacilam e ela umedece os lábios.

— Você ficou com meu namorado no fim de semana passada. — Revela, eu respiro fundo já imaginando quem seria, mas não irei demonstrar isso.

Olho para Frankie por cima do meu ombro e pergunto com indiferença — Quem é o namorado da Barbie?

— Steven. — Responde e eu volto a encarar a garota.

Estalo a língua e bato o dedo indicador no meu nariz.

— Não tenho culpa se a língua do seu *namorado* escorregou para dentro da minha boca. — Solto a respiração me fazendo de entediada.

— Sua...

— Olha a boquinha. — Alerto ficando tão perto dela que sinto sua respiração. — Não tenho culpa de seu namorado ser infiel e não dar a mínima para você, porque eu te garanto que não fui a única a experimentar a língua dele naquela noite.

— Mas você quis! — Afirma furiosa.

— Com toda a certeza, eu quis, — ela aperta os dentes — seu namorado é lindo, flertou comigo e eu aceitei. Estou solteira e ele... — ergo a mão direita e com o dedo indicador da mão esquerda eu aponto para o meu

dedo anular — solteiro.

— Ele não estava solteiro, sua vadia. — Ela dá um passo para trás e ergue a mão direita com o intuito de dar-me um tapa na cara.

Quando sua mão chega perto do meu rosto, seguro seu pulso com força impedindo o impacto. Ela puxa a mão, mas eu impeço que desvencilhe e me aproximo quase triscando no seu nariz.

— Você é uma estúpida, idiota. — Rosno. — Você deveria tirar satisfação com seu namorado e não com as infinitas garotas que ele ficou só naquela festa. Se dê o valor, se ele ao menos se importasse com você, não estaria em uma festa desacompanhado e beijando qualquer uma. — Ela rosna de raiva.

Ficamos encarando uma a outra em silêncio total. Acho que nem um inseto se atreveu a fazer barulho. Todos estão tensos esperando uma briga entre duas garotas por causa de um homem infiel.

— Mariana Vitale e Katie Becker, — escuto a voz de Xayane — para a sala do diretor, agora! — Ordena.

Sem olhar para a supervisora, solto o pulso de Katie e saio andando em silêncio. Passo por Xayane e Peter, que me encara fixamente. Desvio do seu olhar decepcionado e caminho em direção ao Padre Pirosh. No mínimo, irei levar uma detenção.

Minutos depois, está eu e Katie sentadas em frente ao diretor que tem a cara de poucos amigos. Ele me olha com muito mais raiva do que para Katie, que fita suas unhas perfeitas com indiferença.

— Vocês acham bonito o que fizeram no refeitório? — Pergunta com as mãos em cima da sua mesa entrelaçadas.

— Foi divertido. — Responde Katie com uma voz calma.

— Principalmente quando eu segurei o braço dela, impedindo que me desse um tapa. — Katie ri e remexe na cadeira.

— Merda, você tem um bom reflexo garota. — Indaga com diversão. Meus olhos ainda estão fixos no diretor.

— Vocês duas estão brincando com a minha cara? — Pergunta nos encarando por cima dos seus óculos. Katie estala a língua e respira fundo.

— Claro que não, imagina! — Aponta para o seu peito. — Eu brincando com você, diretor? É inaceitável isso. — Fala com sarcasmo.

— Foi só um desentendimento entre garotas, Pirosh. — Ele odeia que eu o chame pelo nome, mas eu não ligo. — Coisas sobre garotos.

— Isso mesmo. — Confirma Katie cruzando suas pernas grossas e definidas.

— Vocês duas estão em detenção durante toda essa semana. Terão aulas diferenciadas e ficarão até mais tarde.

— De boa, diretor. — Concorde Katie. — Estou de acordo.

— Alguma objeção, Mariana? — Pergunta com uma sobrancelha erguida e estreitando os olhos.

— Nenhuma. — Dou de ombros, não me importo.

— Vocês estão dispensadas de qualquer atividade hoje, vão para casa esfriar essas cabeças e refletir no que fizeram. — Katie se levanta ajeitando sua minissaia.

— Já estou arrependida. — Fala colocando a mão no peito e fazendo bico.

Solto uma risada amargurada e saio da sala do diretor sem dizer nada. Pelo menos não precisaria assistir mais aulas hoje.

— Ei, — chama Katie andando do meu lado — desculpas.

Paro de uma vez fazendo Katie trombar em mim. Ela amaldiçoa e me olha com seus olhos lindos. Porra, essa garota é perfeita!

— Você me pedindo desculpas? — Cruzo os braços incrédula.

— Sim, eu errei. E como você mesma falou, — Katie remexe em desconforto — tenho que socar a cara do Steven, e não a sua ou das milhões que ele fica.

— Você deveria se dar o valor. — Volto a andar em direção ao meu armário. Katie claro que fica no meu calcanhar.

— É, tem razão. — Sério? Paro novamente e ela tomba nas minhas costas.

Fecho os olhos rangendo os dentes evitando xingá-la.

— A Barbie sabe admitir que está errada? — Ela revira os olhos e faz um bico.

— Eu não sou Barbie. — Cruzo os braços. — A Barbie é loira, branca e com olhos azuis, eu sou negra com olhos amendoados. — Ela aponta o dedo para seu rosto. — Há uma grande diferença.

— Linda do mesmo jeito. — Katie sorri abertamente. — Não há diferença alguma.

— EU GOSTEI DE VOCÊ. — Sobressalto com o seu grito. — Sérioouu, gostei muito.

Solto a respiração pela boca e volto a andar. Afff, agora pronto, achei!

Abro a porta do meu armário e pego minha mochila com o livro do Peter que nem consegui devolver.

— Eu não entendo por que anda com aquele trio nojento. — Assusto

com a sua voz.

Ela ainda está aqui?! Porra!

— Nem eu! — Bato a porta do armário e caminho em direção à saída.

— Ei, — olho para trás — espera eu pegar minhas coisas para irmos embora juntas? Vai ser rápido. — Me olha esperançosa.

— Tchau, Barbie. — Seus ombros caem e eu volto a andar.

— Te vejo amanhã na aula da detenção, então. — Não respondo, apenas reviro os olhos passando pelas portas do colégio.

Vai ser uma boa caminhada até a casa da Ellen, aproximadamente trinta minutos, mas não ligo, preciso pensar e esvaziar a mente, e esse passeio vai me ajudar, ainda mais que o tempo está fresco. Será bom derramar essa raiva dentro de mim enquanto cominho.



Hoje é o quinto dia cronometrado que eu não a vejo. Sim, contei os dias, as noites, as horas e sempre a procuro por todos os lugares e corredores em busca daqueles olhos grandes e castanhos, cabelos cacheados e boca atrevida, mas nada dela.

Mariana sumiu!

Não está junta com o trio, não comparece nas mesmas aulas que eu. No entanto, apesar de não a ver, eu também evitei encontrá-la, mesmo que meu coração teimoso insiste em bater ao pensar nela e meus olhos persistem em procurá-la, eu a evitei!

De vez em quando escutava cochichos em relação à Mariana, principalmente quando aparecia no refeitório, meu coração sabe perfeitamente quando ela está por perto. O idiota bate mais forte, minhas mãos soam e minha respiração acelera, entretanto, eu não tirava o foco do meu livro e a ignorava.

Mariana simplesmente pegava sua comida e sem dizer nada, sumia.

Respiro fundo quando minha bandeja voa das minhas mãos se espatifando no chão, esparramando comida por todos os lados. Em vários momentos pensei em procurá-la, mas me retrai, não quero que ninguém se aproxime, mas ao mesmo tempo eu quero... apenas ela!

— Não sei porque insiste em almoçar onde ninguém te quer. — Diz Gilles empurrando meu peito.

Nem eu sei, mas eu preciso comer, certo? Na maior parte da minha vida nesse colégio eu fiquei sem me alimentar, por causa disso, minha comida fica mais no chão do que no estômago.

Poderia até trazer comida de casa, ou comprar do lado de fora do colégio, mas eu insistia em almoçar aqui no refeitório. Primeiro porque a comida é muito gostosa, especialmente a macarronada. E segundo, gosto de irritar Gilles, mostrando que ele não me intimida e que eu estarei sempre aqui, querendo ou não.

— Pelo menos se afastou da minha garota. — Olho para Jimmy.

Ele está com as mãos nos bolsos e me olha com tranquilidade, totalmente ilegível. Jimmy ainda insiste que Mariana será dele, *que é dele*, ordenando que todos os garotos tirassem as mãos dela.

Não que seja verdade, ou que eu me importe, mas se levar em conta a briga de semana passada com Mariana... Merda, eu gostei dela enfrentando esses babacas.

— Que garota? — Pergunto cético. Todos fazem barulhos com a boca e assobios, como se eu tivesse chamando uma maldita briga.

— Olha, o Nerd fala. — Francine assume a provocação. — Mas acho que era melhor ter ficado com a boquinha fechada, ser invisível seria ainda melhor.

— Difícil quando vocês insistem em me enxergar. — Retruco cansado de ser zoadado.

Jimmy dá um passo à frente com um sorrisinho de deboche e um olhar desafiador.

— É só não entrar na nossa frente, Peter. — Diz com uma voz baixa. — Ainda mais quando sei de coisas que todos iriam amar saber. — Meu corpo gela.

— Você se sente culpado, Peter? — Pergunta Gilles sorrindo como uma voz que só nós podemos escutar.

— Um tanto difícil não se sentir quando é cem por cento o responsável. — Francine fala com indiferença encarando as unhas pintadas de preto.

Respiro fundo com as mãos em punhos. Essa conversa foi para um lado pessoal e eu não estou a fim de ter uma briga aqui, no lugar cheio de gente. Viro de costas e começo a caminhar em direção à saída do refeitório.

— Abre teu olho Nerd, se não as coisas podem ficar um tanto.... — Gilles gargalha — pesadas.

Não dou bola, falar do meu passado é difícil, ainda mais quando envolve mais pessoas e que essas pessoas sabem perfeitamente de tudo o que aconteceu. Abro as mãos e as fechos várias vezes relaxando meus dedos. Esses filhos da puta estão indo longe demais. Eu os ignoro o máximo que posso, fico na minha, mas eles insistem em me atormentar.

E hoje, naquele refeitório, senti que as coisas aumentaram, que eles já não querem mais que eu os ignore, eles querem que eu revide, pois assim terão a chance de se livrar de mim. Mas o mais importante, se livrar não só de mim, mas da verdade daquela noite que mudou minha vida.

Paro de uma vez quando olho para um lance de escadas e a vejo

sentada com sua bandeja de comida. Os corredores estão vazios, aqui é um bom lugar para se esconder de todos. Afastado, solitário e calmo.

— Almoçando sozinha? — Ela ergue a cabeça e me olha com aqueles olhos grandes que tanto senti falta. — Cadê seu namorado? — Me amaldiçoo imediatamente, mas eu quero saber da sua resposta.

Mariana me encara com uma expressão entediada, porém, seus olhos têm um brilho astuto e sarcástico, sinto meu coração acelerar quando ela sorri de lado e pisca lentamente com seus cílios longos e escuros.

— Você também, Nerd? — Sua voz sai com calma — Jimmy não é meu namorado.

— Não é o que ele diz. — Rebato tirando um suspiro seu.

— Sério? — Sua perna começa a balançar, Mariana está ficando irritada. — Vai continuar? Falei que ele não é nada meu, pronto!

Levanto minhas mãos em sinal de redenção, ela dá um pequeno aceno de cabeça e enrola seu garfo no macarrão.

— Por que está sozinha? — Repito a pergunta. Mariana volta a me olhar, ela apenas dá de ombros.

— É bom ficar sozinha.

— Será que é isso mesmo? — Ela solta sua respiração pela boca abaixando seus ombros.

— Não, porque eu não quero ficar com aquele trio e porque ninguém desse colégio se aproxima de mim, então eu fico sozinha, sou uma boa companhia. — Mariana enche sua boca de macarrão e estremece de prazer enquanto mastiga.

Ela é linda, uma beleza exótica, seus cabelos é a combinação perfeita para seu rosto delicado e perfeito. Eu poderia ficar horas olhando-a sem me

cansar. Mariana transmite diversão, mesmo com seu jeito marrento e um pouco grosso, mas eu sei que é o seu jeitinho, e isso desperta o desejo de tê-la ao meu lado.

— Quer companhia? — Mariana prende seus olhos nos meus e seu sorriso faz o meu coração dar um pulo de excitação.

— Seria ótimo! — Subo dois degraus e me sento no terceiro ficando mais próximo dela. — Não é bom ficar sozinha por muito tempo.

— Eu sei como é! — Mariana sorri e leva mais uma garfada de macarrão à boca, comendo como se fosse a coisa mais deliciosa do mundo. — Por onde andava?

— Estava na detenção, aulas especiais para pessoas problemáticas. — Fala gesticulando com a mão.

Recosto a cabeça na parede e cruzo os braços. Fico olhando-a comer, reparo em seus gestos, o piscar de seus olhos, movimento de sua boca e respiração. Seus cabelos estão presos em um rabo de cavalo com um lenço vermelho como uma tiara, são tão cheios que eles caem em cascata sobre suas costas e ombros.

— Sabe, — começa passando a língua em seus lábios, acompanho seu movimento sentindo meu corpo esquentar — eu odeio esse colégio e as pessoas, — ela ergue garfo cheio de macarrão — mas a única coisa boa é essa macarronada, juro por Deus, — ela leva o garfo à boca e mastiga um pouco — é deliciosa! — Sorrio.

— Percebi. — Mariana abre sua latinha de Coca-Cola. — Então você odeia todo mundo? — Ela assente distraída — Eu estou incluso?

Mariana congela e me olha através da borda da latinha por alguns segundos. Ela abaixa a lata e engole o refrigerante com seus olhos cravados

em mim, sem desviar. Mariana nega com a cabeça cautelosa e olha para baixo rodando o garfo no macarrão outra vez.

— É diferente. — Diz baixinho.

— Diferente como? — Pergunto curioso, desencosto a cabeça da parede e fixo meu olhar nela que fita a comida.

— Sou apaixonada por você, — ela finalmente me olha com um olhar cheio de sinceridade — essa é a diferença.

O que eu mais amo nessa garota é sua sinceridade, não tem rodeios e tudo o que precisa falar, Mariana simplesmente fala.

Meu coração está acelerado mais uma vez, ela já tinha me revelado isso nos aviõezinhos de papel, acreditei que ela estava brincando com a minha cara, eu me apeguei a esse fato, no entanto, olhando agora para seus olhos brilhantes e sinceros, sei o quanto ela está sendo verdadeira. Mariana não esconde seus sentimentos e não se engana.

Mariana realmente está apaixonada por mim!

Desvio do seu olhar intenso me sentindo desconfortável. Não quero me aproximar, mas ao mesmo tempo eu quero. Estou gostando dessa garota e a cada dia esse sentimento se fortalece, durmo sonhando no dia que eu poderei... tocá-la, sentir seu cheiro, sua pele, seu gosto e os seus cabelos.

Fito meus tênis, é perigoso deixá-la se aproximar. Tenho que ir embora, ficar longe e esquecer desses sentimentos, mas o problema é que meu corpo não me obedece, ele não se mexe. Meu cérebro teima em ser racional, e o maldito do meu coração quer ser irracional, ele quer Mariana.

— Desculpa. — Viro a cabeça encontrando com seu olhar receoso — Não deveria ficar falando essas coisas na lata.

— Não peça. — Digo respirando fundo e recostando na parede.

— Você já almoçou? — Pergunta me olhando com o cenho franzido sabendo da resposta. — De novo, né? — Assinto com um sorriso de lado.

— Por quê? — Sua voz eleva — Por que você deixa que façam isso? — Seus olhos procuram os meus, eu desvio olhando para o degrau abaixo de mim sem responder sua pergunta.

Tenho vários motivos, um deles é que eu mereço. Não quero falar sobre isso, se ela descobrir talvez me odeie, por esse motivo que não posso me aproximar. Faço um movimento para levantar, mas sua voz sai com um pouco de desespero.

— Não vá, não toco mais nesse assunto. — Olho para ela, Mariana limpa a garganta. — Venha comer comigo.

— O quê?

— Almoçar comigo, dividir a comida. — Aperto meus dentes me sentindo nervoso com seu convite. — Eu coloquei muita macarronada e já estou ficando cheia. — Insiste.

— Comer sua comida? — Minha pergunta sai com incredulidade, ela levanta uma sobrancelha.

— Não me diga que você é daquelas pessoas cocozinha?

— Cocozinha? — Repito a palavra ainda incrédulo. Ela revira os olhos e respira fundo.

— Sim, pessoas que tem frescura e não divide a comida por sentir *nojo* da outra. — Sorrio com seu jeito impaciente. — Se você não comer, vou jogar fora essa comida que alimentaria muitas bocas, vai ser um desperdício. — Persiste.

— Não sou essa pessoa *cocozinha*. — Digo indo me sentar ao seu lado. — Eu divido a comida com você.

Mariana me lança um sorriso lindo de vitória fazendo-me sentir nervoso de repente. Ela me entrega o garfo e seus dedos roçam nos meus, suspiro de leve e pego o macarrão levando à boca.

— Muito bom. — Elogio tirando uma risada sua.

— Eu te falei. — Entrego o garfo a ela e fico olhando-a o tempo todo sem desviar. Mariana me hipnotiza. — Por que você fica me encarando, Peter?

Meu mundo congela.

Pela primeira vez, ela falou meu nome. Meu coração dispara, minha boca seca e sinto um nó no meu estômago. Mariana se vira lentamente me olhando com aqueles olhos castanhos e grandes. Sinto que todo o ar foi sugado dos meus pulmões.

— Repete — peço, ela me olha confusa.

— Qual parte?

— A parte que você fala meu nome. — Mariana fica me olhando fixamente e um sorriso vai aparecendo em seus lábios carnudos e perfeitos.

Ah, como eu quero senti-los!

— Peter... — fecho meus olhos por alguns segundos ao escutar meu nome saindo de sua boca e navegando por meus ouvidos e chegando em meu coração. — Peter Mackenzie.

Seus olhos vibram e eu sorrio. Escutar meu nome ser dito por ela foi a coisa mais mágica que me aconteceu. É como sentir uma onda passar por meu corpo, me arrepiando de prazer e felicidade. E mais uma vez, eu a quero, só que dessa vez, eu a quero muito mais do que antes.

Ela vira o rosto e segura a latinha do seu refrigerante um pouco sem graça e com as bochechas avermelhadas. Sorrio ainda mais vendo-a

envergonhada, então decido mudar de assunto.

— Você não devolveu meu livro, Mariana. — Ela faz um bico divertida.

— É, eu não devolvi. — Diz colocando a bandeja no degrau acima e me entrega a latinha de refrigerante. — Foi de propósito.

— Como assim? — Ela sorri, um sorriso contagiante.

— Tenho que ter algum motivo, certo? — Assinto concordando — Se eu te devolvesse o livro, não teria mais um motivo de te encontrar.

— É só vir falar comigo. — Ela morde seu lábio inferior. Eu que queria estar mordendo-o e não ela, desvio o olhar de sua boca.

— Não, não dá certo. — Mariana estica suas pernas.

— Por quê? — Pergunto lhe entregando seu refrigerante.

— Não teria uma desculpa plausível para conversar com você. — Solto uma risada. — Ei, — Mariana me olha — você leu o livro que te indiquei?

— Claro, — respondo inclinado a cabeça e olhando-a, — como eu poderia não ler?

— O que achou? — Pergunta curiosa recostando as costas na parede e ficando de frente para mim.

— Um livro muito estranho. — Ela ri.

— Me conta detalhes.

— Com spoiler? — Levanto uma sobrancelha, ela assente sorrindo.

— Não me importo, apenas conte todos os detalhes.

Então começo a contar tudo sobre o livro, dos detalhes e da minha opinião sobre a leitura. Conversar com Mariana é fácil, divertido e descontraído. Ela presta atenção em cada detalhe, fazendo piadas e sendo

sarcástica de um jeito brincalhão.

Seu sorriso me contagia e a todo momento que ela ri, eu tenho que me segurar para não a tocar, ou beijá-la. Foi uma missão difícil não chegar mais perto, ainda mais quando seu perfume de rosas invadia minhas narinas despertando todos os meus sentidos.

Estou relutante em admitir o que sinto por ela, até porquê, mal a conheço. Apesar disso, eu quero saber de tudo sobre sua vida, da sua cor preferida, de sua comida favorita, o que gosta de fazer e das coisas que mais odeia. Como é a sua família? Porque ela veio para este colégio?

E conforme nossa conversa evolui, Mariana vai me contando aos pouquinhos de sua vida antes de vir para os Estados Unidos. Sinto na sua voz uma tristeza reprimida, não é seu desejo, ela não quer estar aqui.

— O que você mais sente falta? — Pergunto vendo um brilho de tristeza em seus olhos.

— Meu pai, minha família. — Mariana sorri com o olhar fixo nas suas botas.

— Eu entendo. — Sentir saudades é algo tão dolorido, a sorte dela é que seu pai ainda está vivo.

— Sinto muito. — Murmura, viro o rosto para olhá-la. — Sinto muito por seu pai.

Ela sabe? Umedeço os lábios e desvio do seu olhar. Claro que sabe, meu pai era melhor amigo e parceiro de Ellen Collins, mãe de Mariana.

— Me conta mais sobre o Brasil, — Mariana assente e suspira — quero conhecer mais um pouquinho de onde você morava. — Ela sorri e volta a falar de tudo o que mais ama em seu país.

Lembrar do meu pai, é reviver aquele dia, daquela noite chuvosa e do

que eu causei. Tudo para me aceitarem, para me incluírem. Eu era estúpido há três anos atrás, um garoto de dezesseis anos que queria apenas se enturmar e ter amigos.

Presto atenção em cada palavra de Mariana, mas ao mesmo tempo estou longe, se eu tivesse sido mais racional... Se eu não tivesse tão desesperado atrás de amigos, meu pai estaria aqui, vivo e não morto.

A voz de Mariana me acalma, seu jeito de falar com um sotaque estrangeiro me faz esquecer da minha dor e arrependimento. Fico olhando para ela sorrindo ao escutá-la contar das suas tramoias.

Ela é tão linda que aperta meu coração, seu sorriso simples e contagiante me faz desejar poder vê-la o tempo inteiro, e me pergunto se a verei sorrindo assim todos os dias.

Inclino a cabeça fitando seu rosto, assistindo seus gestos delicados e movimento de sua boca enquanto continua a falar. Ela ama conversar, e eu amo escutar sua voz. Engulo um caroço que se formou na minha garganta, uma emoção invade meu coração, tal emoção que eu nunca tinha sentido.

Um desejo de proteção penetra com força no meu ser, juntamente com o medo. Medo de perdê-la, de nunca poder tocá-la ou de nunca poder escutar sua voz. Mariana entrou na minha vida definitivamente, e eu farei de tudo para que não saia nunca mais, para que sorria todos os dias, pois pela primeira vez na minha vida, estou completamente apaixonado.



Observo os alunos “problemáticos” chegarem para o último dia de aula na detenção. Estou sentada no fundo, assim tenho uma visão privilegiada de todo o lugar, de quem sai e de quem entra.

Masco meu chiclete e recosto no assento franzindo o cenho. Tem mais de uma semana que Alexia morreu, ou melhor, foi *assassinada*. Sei disso, pois Bryan me deu todas as informações que tinha depois da minha insistência.

E adivinha quem está investigando o caso – Detetive Trump. Ou Trompa para mim.

Fica difícil saber de mais algumas descobertas, e quem é o suspeito, já que ele não simpatiza muito comigo. Claro que é por causa da Ellen, então a curiosidade irá me corroer aos pouquinhos.

O engraçado de tudo... não, usando outra palavra, o mais *estranho* disso tudo, é que ninguém, absolutamente ninguém citou Alexia ao longo da semana. É como se ela nunca tivesse existido, nem um sussurro ou cochicho em relação ao assassinato.

Isso me intriga e faz com que eu sinta a necessidade de investigar. Já que eu tenho um tantinho de dom para o ramo de detetive. Não será um problema eu mesma ir atrás de respostas.

Faço uma bolha grande com meu chiclete e com os pensamentos longe. Mas não tão longe assim, pois eles estão aqui nesse colégio. De repente a bolha é estourada espalhando por todo meu rosto me assustando.

Olho para a garota à minha frente com um sorriso enorme e com a unha suja de chiclete. Katie acabou de estourar minha bolha.

— Sério?! — Ela coloca sua mochila na mesa do meu lado.

— Não resisti. — Fala se sentando com seu minishort. — Estava grande demais.

— Sabe o quanto isso é difícil sair do rosto? — Pergunto irritada tentando tirar o chiclete do meu nariz, queixo e bochecha. — Sacanagem! — resmungo.

— Nem acredito que acabou essa detenção. — Olho para ela compartilhando o mesmo alívio.

— Não vai demorar muito tempo para eu voltar, então... — Enrolo o chiclete e boto no saquinho para jogar fora depois.

— Não tenho dúvidas — Katie inclina na mesa e me encara. — Encrenqueira do jeito que é, vai viver aqui. — Sorrio com prepotência.

— Só não caçarem encrenca. — Dou de ombros bocejando por causa do sono.

Essa noite eu quase não dormi, passei o tempo todo pensando em Peter e nessa tal de Alexia, cada vez que eu pensava, mais interessada eu ficava.

— Até que foi bom, — fito seus olhos amendoados e brilhantes, Katie me olha sorrindo — porque eu te conheci.

Fico encarando seu rosto perfeito surpresa com a sua afirmação. Em seu olhar não tem um pingô de mentira, estão transmitindo a mais pura sinceridade. É um pouco estranho, nunca pensei que essa garota fosse... legal.

— Não digo o mesmo. — Minto desviando do seu olhar.

Falei para Peter que ninguém conversava comigo, mas o problema é que eu não me aproximava de ninguém, não quero isso, porque ficarei apenas um ano nessa cidade, então tornaria mais fácil a minha volta, sem alguém para se despedir.

Porém, tem o Peter, que estou cada vez mais apaixonada por ele, meu coração aperta todas as vezes que eu imagino o dia da minha volta, minha cabeça fica cheia de perguntas; como será quando eu for embora? Como ele ficará? Peter sofrerá? Eu estou sendo tão egoísta, não quero machucá-lo!

Embora eu queira muito sentir o calor dos seus braços e sentir sua boca e seus cabelos vermelhos entre meus dedos, eu não poderia fazer isso com ele, eu acabaria despedaçando seu coração e por esse mesmo motivo, me afastarei antes que seja tarde demais.

— Para de ser marrenta, — reclama Katie empurrando meu ombro esquerdo com o seu me despertando do devaneio — sei que você pensa o mesmo, aquele trio que anda, não merece ficar com você. — Olho para ela com uma sobrancelha erguida.

— E você merece? — Katie inclina a cabeça e comprime os lábios pensativa.

— Depende. — Diz com um sorriso.

Balanço a cabeça de um lado para o outro olhando os últimos alunos chegando para a aula.

Katie se cala e começa a mexer em seu telefone imersa em suas redes

sociais. Esfrego meu rosto e pego uma garrafa de água na mochila, estou com tanto sono que se eu deitar a cabeça nessa mesa eu durmo.

— Estranho, né? — Olho para Katie que guardou seu telefone e encara a sala um pouco inclinada na sua mesa. Ela já não está mais sorrindo.

— O que é estranho? — Pergunto e dou um gole na minha água.

— Ninguém cita a morte de Alexia. — Paro de fechar a garrafinha com as palavras de Katie. — Muito menos da outra garota que morreu da mesma forma, é como se elas nunca tivessem existido.

— Outra garota? — Essa eu não sabia.

Guardo a garrafa na mochila e fico olhando atentamente para Katie imersa em pensamentos. Ela foi a única que até agora falou sobre esse assassinato e eu quero saber mais, muito mais.

— Você não ficou sabendo? — Nego com a cabeça. — A outra garota se chamava Melanie Foster, bolsista e solitária, morreu enforcada e foi espancada.

— Quando isso aconteceu? — Remexo no meu assento, um pouco assustada.

— Uns quatro meses atrás, Mariana. — Katie me olha com seriedade. — Tom Lee, bolsista do segundo ano, morto enforcado a cinco meses. — Arregalo os olhos e Katie respira fundo. — Emily Hayes, bolsista e morta a seis meses, declararam suicídio. Wendy Sandres, bolsista do primeiro ano, tirou sua própria vida, ela se enforcou. — Katie recosta da cadeira e cruza os braços. — Luci Heavis, bolsista do terceiro ano, morta a dois meses.

Todos esses nomes, todos esses jovens mortos do mesmo jeito? No prazo de um mês cada morte? Passo a língua nos meus lábios secos, estou assustada com o que Katie acaba de revelar, e o pior é que todos eles eram

bolsistas.

— Tem um assassino nesse colégio, Mariana, e ninguém percebe isso.
— Respiro fundo colocando os cotovelos na mesa.

— Por que está me dizendo isso? — Ela me olha preocupada.

— Porque eu me simpatizei com você, e sei que em ti eu posso confiar.
— Tem algo a mais que ela não está me contando.

— Eu percebi que algo está estranho nesse colégio, os bolsistas parecem ter medo e se excluem, são zoados o tempo todo. — Katie confirma com um aceno de leve.

— Principalmente pelo trio que você anda. — Ela me lança um olhar severo, eu ignoro.

— Quando eu cheguei a essa cidade, a primeira coisa que eu vi foi uma garota morta em uma casa sofisticada, Ellen ficou transtornada, pois era a quarta se não me engano, morta da mesma forma.

— Karolyn Hall. — Diz batucando sua mesa.

— Você a conheceu? — Katie solta uma risadinha sem humor e me olha.

— Ela era o brinquedinho do trio e louca por Jimmy, então fazia de tudo para chamar sua atenção — engulo em seco com meu coração disparado. — Karolyn era tão cruel quanto eles.

— Mas ela era rica, certo? — Katie assente.

— Sim, por esse detalhe que torna as coisas ainda mais estranhas. — Ela se inclina ficando um pouco mais próxima. — Ela morreu igual aos bolsistas. Dias antes, Karolyn teve uma briga feia com o trio, principalmente com Francine, depois de três dias ela morreu.

Katie prende meu olhar, dizendo no que eu me meti.

— Você não está achando que eles são os responsáveis, está? — Demora alguns segundos para Katie responder, mas a sua resposta bate em cheio em mim.

— Muita coincidência, você não acha?

Ela volta a se acomodar no assento desviando seu olhar, dando a conversa por encerrada. Pego meu caderno quando a professora Valeria de literatura entra na sala.

Sim, é muita coincidência!

Não presto atenção no que a professora fala, apenas a encaro e assisto sua aula com os pensamentos longe. Tudo o que está acontecendo nesse colégio é demais, as pessoas daqui não ligam para nada, fecham os olhos para os jovens morrendo cruelmente sem explicação.

“Tem um assassino nesse colégio, Mariana, e ninguém percebe isso.”

As palavras de Katie martelam na minha mente a aula inteira, e se realmente tiver um assassino à solta? O problema é que seu foco são os bolsistas. Seis bolsistas mortos em menos de um ano.

— Vamos fazer juntas?

— Quê? — Pergunto sem entender.

— O trabalho que a professora acabou de passar, vale nota. — FRANZO o cenho e olho para a professora que já tinha finalizado a aula. — Nem prestou atenção, né?

— Nem um pouco. — Respondo esfregando o rosto e guardando minhas coisas na mochila.

— Não faz mal, eu explico como vai ser.

— Você é uma nerd? — Katie ri se levantando da cadeira, mas não me responde.

— Vamos que eu estou faminta. — Diz indo em direção à porta.

Faço o mesmo, mas quando chego na porta a professora me chama. Fecho os olhos e respiro fundo antes de voltar e parar na frente de sua mesa.

— Está tudo bem com você? — Pergunta me olhando por cima de seus óculos.

— Claro que estou. — Ela ergue uma sobrancelha.

— Não pareceu, você voou a aula inteira. — Troco o peso do meu corpo para outra perna. — Tem certeza que está bem?

— Absoluta, professora Valeria. — Tento transmitir confiança.

— Escolheu sua dupla para o trabalho? — *Merda*, só falta ela me perguntar o tema.

— Com a Katie. — Sorrio um pouco impaciente.

Valeria fica me olhando por mais alguns segundos, eu sustento seu olhar para mostrar que eu sei do que ela está falando.

— Tudo bem, — fala por fim — pode ir, bom almoço.

— Obrigada. — Agradeço e caminho apressada para fora da sala, rezando para que não me pergunte mais nada sobre sua aula.

— Que aula demorada. — Sobressalto de susto com a voz de Jimmy atrás de mim. Levo a mão no peito um pouco transtornada e encaro seus olhos escuros.

— Não me assusta assim. — Peço tentando regular a respiração.

— Não farei. — Confirma respirando fundo e colocando as mãos no bolso da calça. — Você sumiu, senti sua falta.

— Aula de detenção. — Respondo um pouco nervosa.

— Um saco, geralmente os professores pegam mais pesado com provas

e trabalhos. — Balanço a cabeça confirmando. — Almoça comigo? — Pede com tanto carinho que me assusta essa atitude.

— Eu... ham... — Droga, como eu irei dispensar seu convite? — Tudo bem.

Jimmy me lança um sorriso largo e seus olhos brilham. Não posso negar, que apesar de ser do jeito que é, ele é muito lindo. Começo a andar em direção ao refeitório, e de repente sua mão segura a minha me fazendo parar de surpresa. Ele entrelaça nossos dedos e acaricia as costas da minha mão com seu polegar.

— Não fica chateada, só quero você perto, será que é pecado sentir esse desejo? — Pergunta com seus olhos cravados no meu.

— Vão pensar outra coisa, Jimmy.

— Quando é que você liga para o que dizem, Mariana? — Respiro fundo e tento desvencilhar nossas mãos, mas ele segura mais firme. — Olha para mim. — Pede com uma voz doce e eu olho. — Não é nada demais, apenas amigos, tudo bem? — Fito nossas mãos, o que todos irão pensar? — Agora vamos, você deve estar faminta. — Diz divertido balançando nossa mão me fazendo sorrir.

— Estou e muito.

Enquanto caminhamos entre os corredores, escuto cochichos em relação a nós. Eu sabia que esse gesto de Jimmy causaria isso, mas do jeito que ele falou, da forma que insistiu, ficou um tanto difícil de recusar.

— Como foi a aula? — Pergunta me olhando.

— Bem. — Respondo brevemente, questionando a mim mesma por não ter afastado Jimmy.

— Você gosta de chocolate, não é? — Assinto com o pensamento

distante. — Pois então, minha mãe ama fazer doces e ela fez um monte ontem, não entendi para que ou para quem, mas fico feliz, porque são deliciosos. — Sorrio.

— Ela é doceira? — Jimmy estala a língua.

— Não, mas ela gosta muito desse ramo, e... — Jimmy para ficando na minha frente e tira algo do seu bolso — eu trouxe uma amostra para você experimentar, são deliciosos, vai por mim. — Ele estende o chocolate e eu ergo a mão para pegar o pequeno embrulho, mas Jimmy volta a guardá-lo.

— Ei!? — Olho para ele indignada.

— Só depois de almoçarmos, essa será sua sobremesa. — Diz rindo e colocando a mão direita nas minhas costas me guiando para o refeitório.

— Não acredito que você fez isso. — Falo incrédula e um pouco divertida. — Não se dá um chocolate para uma pessoa e depois tira seu doce, Jimmy.

— Vai sobreviver. — Retruca através de uma gargalhada baixa. — Já conheceu a prima da Francine? — Pergunta voltando a segurar minha mão.

— Não tive essa oportunidade. — Ou azar, penso comigo mesma.

Jimmy balança a cabeça de leve um pouco severo. — Tome cuidado.

— O quê? — Ele passa a mão no seu rosto e aperta a mandíbula, parece estar enfurecido.

— Ela chega ser pior que Francine, Mariana. — Jimmy me encara com seus olhos sombrios. — Apenas tome cuidado, você promete?

Ele para e segura meu rosto com ambas as mãos me surpreendendo com um olhar duro e frio. Dei um passo para trás um pouco assustada, mas ele segura mais meu rosto, não com força, e sim com firmeza.

— Você promete? — Repete a pergunta com intensidade. Seguro seus

pulsos e assinto.

— Eu prometo. — Ele solta a respiração e encosta a testa na minha.

Meu coração acelera com essa sua atitude me deixando sem reação. Não conheço esse Jimmy preocupado e carinhoso. Ele desencosta sua testa da minha e me puxa para seu peito me abraçando com uma mão na minha nuca.

Jimmy respira fundo e intensifica o abraço, parece estar com medo, mas medo de quê? Ele não é assim!

— Vou te proteger. — Sussurra. Um nó se forma na minha garganta ao escutar suas palavras. — Não vou deixar que nada de mal aconteça. — Não estou entendendo, meu coração bate tão forte que escuto ele em meus ouvidos.

— Jimmy, o que está acontecendo? — Ele inspira fundo e se afasta de mim.

— Não está acontecendo nada, só para me certificar de que você vai ficar bem. — Jimmy umedece seus lábios com a ponta da língua.

— Eu vou ficar bem, não se preocupe. — Ele sorri e beija a ponta do meu nariz e me encara com admiração.

— Agora vamos te alimentar. — Solto uma risada olhando para ele.

Jimmy não volta a segurar minha mão, apenas começa a andar ao meu lado conversando sobre as aulas que teve, não faço ideia do que acabou de acontecer entre nós, mas uma certeza eu tenho – algo está acontecendo e eu não gostei disso.

Mesmo que Jimmy tente ocultar sua preocupação com conversas aleatórias, não está sendo bem-sucedido, pois mesmo do meu lado, sorrindo e brincando, sua mente não se encontra aqui, e eu quero descobrir por onde ela anda.



Pego a bandeja e escolho o que irei comer. Jimmy fica na minha frente conversando com Gilles, que ainda me olha com cobiça, parece que estou pelada em seus olhos. Eles se afastam e caminham até seus lugares de costume, Jimmy antes de ir, fala que me espera lá.

Quando chegamos, todos olharam para nós, evitei encarar Peter, não quero ver sua expressão decepcionada ou chocada. Respiro fundo colocando salada com brutalidade no meu prato.

— O que está fazendo com o Jimmy? — Murmura Katie do meu lado.
— Pensei que ficaria longe.

— Eu não sei. — Olho para os quatro sentados na mesa. — Jimmy é persistente e ele meio que foi estranho. — Katie me olha com uma sobrancelha erguida.

— Depois você me conta. — Assinto comprando um refrigerante no caixa.

— Por que contaria? — Pergunto um pouco cética.

— Porque você é minha amiga. — Olho para ela pasma. — Te espero na saída.

Katie se afasta sem esperar por uma resposta. Essa garota grudou em mim que nem um carrapato. Vou em direção à mesa e passo por Peter, congelo quando sua voz invade meus ouvidos me fazendo engolir em seco.

— Pensei que não fosse namorada dele. — Viro encontrando com seus olhos através dos óculos.

Peter está vestindo um moletom escuro, seus cabelos vermelhos brilham, mas a sua expressão é de raiva e decepção. Minhas mãos começam a tremer como se eu tivesse feito algo de errado. Dou um passo à frente chegando mais perto. Ele coloca os cotovelos na mesa e me encara fixamente.

— Continuo sem namorado. — Respondo friamente colocando minha bandeja na sua mesa. — E se eu tiver, tem algum problema?

Peter parece ter levado um choque com a forma que eu falei, posso ter sido fria, mas eu odeio quando alguém pede satisfação da minha vida, mas acima de tudo, não quero vínculos, até mesmo com a pessoa que eu sou apaixonada.

Eu irei embora, droga! Como poderei alimentar esse amor?

— Nenhum Mariana, apenas fale a verdade. — Me aproximo mais do seu rosto inclinando meu corpo.

— Não minto, Peter. — Respiro fundo. — Jimmy me convidou para almoçar com ele, eu aceitei.

— Não me deve satisfação. — Rebate com agressividade.

— Sim, eu não devo, — Peter recosta na cadeira — mas eu quero, não tem nada de mais com esse convite.

— Não pareceu quando estavam andando de mãos dadas pelo colégio.

— Peter volta a inclinar e ficar cara a cara comigo. — Ou quando ele te abraçou e beijou seu nariz. — Então ele viu? Meu coração aperta de arrependimento.

— Com ciúmes, Peter?

— Muito, Mariana. — Responde com seus olhos azuis cravados no meu. — Vá, não é bom ficar de papo com o nerd do colégio. — Peter levanta, junta suas coisas e me dá as costas.

— Peter! — chamo, mas ele não para e continua andando de passos largos. — Merda.

Eu sou uma idiota. Como eu falo para o cara que estou apaixonada e fico de xaveco com outro? Mesmo que eu não tenha, foi isso que todos entenderam. Esfrego meu rosto me sentindo irritada comigo e me amaldiçoo. Olho em volta e percebo que todos estão prestando atenção em mim e em Peter.

Encontro com o olhar de Katie, ela levanta uma sobrancelha em sinal de explicação. Essa garota não irá me deixar em paz até eu revelar a verdade.

— Está com algum problema? — Olho para Gilles com a testa franzida.

— Não.

— Não foi o que pareceu, — ele aponta o queixo para a porta do refeitório — por isso que odeio gente pobre, eles sempre estão na sola dos nossos sapatos. — Ranjo os dentes com raiva.

— São pessoas como nós, Gilles. — Falo cautelosa, ele solta uma risadinha.

— São parasitas, Mariana, — ele diminui a distância entre nós — que devem ser exterminadas da face da terra. — Gilles roça seu dedo indicador no meu braço me olhando com desejo.

— Se forem exterminados, caro amigo, — inclino a cabeça o encarando — quem fara os serviços para as pessoas grandes? — Ele sorri e passa o dedo no meu ombro me arrepiando.

— Pelo menos para escravos esses pobretões servem. — Fecho minhas mãos em punhos. — Você está linda, como sempre. — Gilles tira meu cabelo do ombro e roça o dedo na minha clavícula. — Tome cuidado com quem conversa boneca, não é bom ficar dando atenção para inferiores.

— Ou o quê? — Aperto minhas mãos trêmulas.

Gilles sorri friamente e segura meu queixo com um olhar impiedoso. Ele passa a língua nos seus lábios e me fita por inteira com seu sorriso se alargando. Meu corpo entra em alerta.

— Terei que te dar uma pequena lição. — Ranjo meus dentes e antes de eu retrucar, Gilles se afasta e pega minha bandeja.

— Deixe que eu levo a sua bandeja. — Tento protestar, mas Gilles não dá a mínima e anda em direção à mesa colocando minha comida ao lado de Jimmy que me lança um olhar severo.

Jimmy fala alguma coisa para Gilles que responde com um sorriso falso. Ele cruza os braços e fica me olhando enquanto me aproximo da mesa, Jimmy levanta e segura minha mão apontando para a garota com cara fechada ao lado de Frankie que me cumprimenta com um sorriso de desdém.

— Essa é a Susan Scott Perry, prima de Frankie. — Ela me olha com os olhos azuis. Susan não parece ser como Frankie, nem tem o mesmo estilo de todos aqui.

Ela veste calças jeans justas com salto alto, uma regatinha vermelha que realça seus seios avantajados e perfeitos. Seus cabelos mel caem por suas costas até a cintura, cheios e ondulados.

— Seu novo brinquedinho, Jimmy? — Pergunta com um tom gelado.

— Uma amiga, Susan. — Responde Jimmy apertando minha mão.

— Entendo, muito bonita por sinal. — Ela inclina a cabeça me analisando. — Você teve um bom gosto, porque a anterior... — Susan deixa a frase morrer erguendo o canto do seu lábio inferior com um gesto de nojo.

— Não ligue para ela. — Sussurra Jimmy nos meus ouvidos me guiando para a cadeira ao seu lado.

Fico em silêncio e discretamente analiso Susan. Não fui com a cara dela e a todo momento ela só dispara ofensas, como está fazendo agora. Falando que é um absurdo pobres estudar nesse colégio e ignorando totalmente eu e Francine.

Jimmy não dá muita atenção, ao contrário de Gilles, que entra na dela com sua língua venenosa. Algumas vezes os olhos de Susan se encontram com os meus, ela apenas levanta de leve o seu queixo em demonstração de desafio, ou melhor, a procura de uma encrenca.

— Ela é uma idiota, — sussurra Jimmy em meu ouvido outra vez — acho que ficou com inveja da sua beleza. — Viro o rosto e toco meu nariz no seu, ele está tão perto que não percebi.

— Jimmy, se afasta. — Ele sorri, mas não afasta. — E eu acho que nosso santo não bateu.

— Eu tenho certeza. — Fala divertido voltando a recostar no seu assento.

— Ei, que tal todos irmos comer pizza hoje à noite? — Pergunta Frankie animada.

— Você gosta de pizza, Francine? — Susan pergunta encarando sua prima. — Seria melhor evitar esses tipos de comida, você já se olhou no

espelho? — Frankie congela, encarando a prima.

— Não estou gorda. — Susan solta uma risadinha.

— Claro que está, prima. Sério, no último jantar que tivemos com os sócios da empresa, você estava deplorável com aquele vestido roxo. — Susan solta outra risada. — Viu os culotes na sua cintura? Você é tão rica e nem se cuida, teria vergonha de andar com você, ainda bem que isso aqui é apenas um colégio e não vou muito socializar com você.

Aperto as mãos sentindo ódio de Susan por ser tão venenosa. Lá no fundo eu fiquei um pouco alegre por ver Frankie sendo humilhada, mas ninguém tem o direito de falar assim com outra pessoa, não importa o que ela fez, ou quem ela seja, isso é inaceitável.

— Para mim, Francine está ótima. Tem curvas, um corpo bonito e delicada, não tem que mudar por causa do que os outros pensam, se ela estiver se sentindo bonita, satisfeita e feliz, é o que importa. — Retruco Susan.

— Você se acha bonita, prima? — Pergunta Susan com desdém sem desviar dos meus olhos.

— Sim, eu me acho bonita do jeito que estou, melhor do que ser um esqueleto como você, sem nada para pegar ou sentir, apenas ossos. — Francine rebate usando ofensas, o que foi um erro.

— Ah, suas ofensas não me atingem, porque eu sei que não sou tão magra, ou puro osso prima, até porque, os garotos amam e nunca reclamam. — Susan diz olhando sedutoramente para Gilles e depois Jimmy.

— Você é uma imbecil que usa a buceta para conseguir o que quer. — Vocifera Frankie, levanto as sobrancelhas e recosto na cadeira, de jeito nenhum eu me intrometerei em uma briga tão baixa como essa.

— Fiquei sabendo que suas notas estão deploráveis, — continua Susan com tom de provocação — por isso que seu pai não conseguiu o cargo de CEO, é tão inútil como a filha.

— Inútil? — Frankie solta uma risada incrédula

— Se fosse, tinha conseguido o cargo minha cara. — Susan leva a lata de refrigerante à boca e olha para a garota que se aproxima com sua bandeja. — Nesse colégio só tem gente podre. — Fala jogando a lata no rosto da garota que solta um grito e por pouco não derruba a bandeja.

Susan levanta pegando seu prato de comida e se aproxima da garota que a encara espantada. Eu não faço ideia de quem é a menina, mas dá para entender que não é rica. Susan estala a língua e para em frente a garota.

— Um vermezinho nesse colégio? — Susan olha para nós com um sorriso cruel — Por que vocês não aniquilaram esse troço ainda? — Faço um movimento para levantar e impedir o que ela irá fazer, mas Jimmy segura meu braço.

— Me solta. — Rosno.

— Não se mexa, ou vai ficar pior para você. — Diz em um tom gelado.

— Não tivemos tempo. — Responde Gilles se aproximando da garota que começou a tremer. — Aliás, esse vermezinho conseguiu passar batido. — Susan gargalha.

— Merda. — Xinga Frankie inquieta em sua cadeira. — Jimmy, ela é uma mulher, não permita que Gilles ponha a mão nela. — Murmura Francine com raiva.

— Até que dá para o gasto. — Volto a encarar Gilles — Eu iria aproveitar. — Ele toca no rosto da garota que dá um passo para trás assustada.

— Ah, para Gilles, essa coisa aí só vai nos intoxicar. — Susan ergue o prato e joga a comida na cabeça da garota.

Cruzo as mãos e levo-as à boca mordendo minha pele para me impedir de voar no pescoço da Susan e acabar com aquele rosto e nariz arrebitado. Frankie abaixa a cabeça com a respiração forte e Jimmy ao meu lado se mantém imóvel, observando toda a cena deplorável.

— Não vale a pena gatão. — Diz Susan a Gilles e volta a se sentar. — Não passe em meu caminho novamente verme, ou vai ser pior. — Ameaça, a garota treme e chora chocada com o que fizeram com ela, segundos depois ela sai apressada em meio a gargalhada dos outros alunos.

Meus olhos são atraídos para a mesa de Katie, que está vermelha de raiva, apenas ela não ria. Apenas ela tem um olhar de fúria e ódio.

— Viu só prima, é assim que tem que lidar com esses parasitas. — Susan olha para Francine. — Sinto vergonha de você. Mas tudo bem, você não tem culpa de ser inútil.

Frankie com um tom vermelho no rosto, espalma a mão na mesa se levantando. Ela dá uma última olhada para Susan, dá as costas e vai em direção à saída do refeitório com passos largos e raivosos.

Susan solta uma risada divertida e me encara. Gilles faz menção de ir atrás de Francine, mas Susan segura a mão dele, o impedindo de ir e o faz sentar ao seu lado, empinando seu peito para parecer mais seu decote. Gilles sorri de lado e se acomoda ao lado dela, falando coisas sujas que queria fazer com ela.

Engulo a bile que subiu na minha garganta.

— Aqui. — Jimmy estende o chocolate. — Sua sobremesa.

— Obrigada. — Ele assente de leve com seriedade e me encara. — Vou

atrás da Francine. — Digo levantando antes que Jimmy protestasse.

Preciso me afastar deles o quanto antes, a cada dia mais estranhos ficam. Jimmy é o pior deles, mas hoje a atitude de Frankie me instigou, ela não queria que mexessem com a garota.

Respiro fundo com o coração acelerado e indignado. Fico imaginando os motivos desses adolescentes serem tão cruéis. Acelero o passo rumo à Francine, a encontro em seu armário batendo a porta dele sem parar, cada vez com mais raiva.

Chego perto e solto a respiração, ela não se vira e nem me olha, tão focada em seu armário, Frankie tenta aliviar sua raiva nele. Gostei um pouco de vê-la assim, pois uma pessoa muito mais cruel chegou a colocando no banquinho.

— A caça virou contra o caçador. — Digo com uma voz arrastada. — Quem diria, a senhora das ofensas sendo humilhada pela priminha. — Encosto no armário ao seu lado abrindo o saquinho do chocolate.

— Não me enche, Mariana.

— Você não é um balão para eu te encher, Francine. — Retruco sarcástica. Ela respira fundo e bate à porta do armário outra vez.

— Você viu o que ela fez com aquela garota?

— Você já fez o mesmo. — Rebato fitando meu chocolate.

— E Gilles? — Frankie bate com mais força a porta e solta um gemido — O cara está... está...

— Nem ouse terminar. — Ordeno não querendo saber.

— Mariana, — levanto o rosto olhando-a — você reparou o jeito que ele anda te olhando ultimamente?

Sim! Mas não posso dizer isso a ela, o olhar de Gilles é... Respiro

fundo e nego com a cabeça.

— Nem reparei. — Murmuro voltando a encarar o chocolate.

— Você é minha amiga? — Pergunta me fazendo rir.

— Não. — Respondo seca. Ela respira fundo e revira os olhos.

— Você é minha amiga, então não discuta. — Olho para ela. — Gilles ultimamente está muito agressivo, não sei o que aconteceu, mas a última transa, ele... meio que me machucou.

— Como assim? — Olho-a mais atentamente, parece que está envergonhada.

— Foi um pouco agressivo na hora do sexo, — engole em seco — ele sempre foi assim, sempre pegando as mulheres e tudo mais. — Frankie passa a mão no seu rosto. — Mas ele está esquisito, só sei disso. — Ela me olha. — Toma cuidado, ok? — Pede me lançando um olhar assustado.

— Ok.

— Olha lá. — Frankie aponta o queixo atrás de mim. Viro a tempo de ver Susan grudada em Gilles em uma parede.

Ele passa a mão por todo seu corpo, e ela o mesmo. Ambos não ligam para os alunos que passam por aquele corredor. Gilles e Susan estão prestes a fazer sexo ali mesmo. Engulo a ânsia de vomito e foco no meu chocolate e escuto novamente Frankie bater a porta do seu armário.

— Quero socar a cara dessa nojenta. — Resmungo entre os dentes.

— Por que não soca? — Mordo um pedaço do chocolate a encarando.

— Porque ela é minha prima. — Fala sob as batidas da porta do armário.

— Isso importa? — Frankie para de bater a porta e me olha um pouco

menos vermelha.

— Pior que importa, — ela respira fundo — meu pai ordenou que eu fosse cordial com Susan, por causa da empresa.

— Lamento. — Digo colocando todo o resto do chocolate delicioso na boca.

— Você realmente lamenta? — Pergunta irritada. Dou de ombros e sorrio olhando para Gilles e Susan se agarrando no corredor.

— Não. — Respondo dando as costas a Frankie e caminhando para assistir minhas três últimas aulas.

E eu falei a verdade, não me importo e muito menos lamento por ela. Francine precisa de um choque de realidade e de que as suas maldades um dia virarão contra ela, e é o que está acontecendo. Tudo o que vai, um dia volta, essa é a lei da vida.

Mesmo que tenha apresentado estar um pouco diferente hoje, querendo defender uma garota, pedindo para eu tomar cuidado com Gilles e revelando o jeito que ela a tratou, não ameniza o que já tinha feito e o que vinha fazendo.

Se ela se sente arrependida, eu não faço ideia, mas espero que caia na real, que todos nós somos iguais independente de nossas riquezas e que ninguém merece ser tratado da forma que eles tratam as pessoas pobres e bolsistas desse colégio.



As últimas aulas foram uma tortura, parecia que não acabava de jeito maneira. O que tornou um pouco suportável foi Katie, que a todo momento cochichava alguma coisa que me fazia conter o riso. Porém, o que me deixa ansiosa é lembrar do rosto de Peter naquele refeitório, eu fui totalmente estúpida com ele, uma escrota! Encosto a testa na mesa e solto um grito baixinho. Ele não merece ser tratado daquele jeito, ainda mais depois de confessar meus sentimentos.

Respiro fundo e começo a guardar minhas coisas, graças a Deus irei para casa. Katie como sempre, fica do meu lado, falando que nem uma matraca, nem sei ao certo o que está dizendo, apenas assinto.

— Vou te deixar em casa. — Fala quando saímos do colégio.

— Não vai dar, — faço um bico — Ellen já está me esperando.

— Então amanhã vou à sua casa, — Katie sorri — às dez.

— Você nem me perguntou se eu vou sair. — Digo espantada com a intimidade dessa garota.

— Nós iremos sair no sábado garota, temos muitas coisas para fazer depois do trabalho.

Katie sustenta seu olhar e eu reviro os olhos. Não tem como recusar, até porque, amanhã eu não farei nada mesmo.

— Tudo bem, até amanhã. — Despeço indo em direção ao carro de Ellen.

— Nova amiga? — Pergunta quando entro e afivelo o cinto.

— Um carrapato, vamos dizer assim. — Ellen ri enquanto manobra o carro saindo do estacionamento.

— Katie é legal, conheço sua família. — Fala me olhando por alguns segundos.

— Como?

— Eles frequentam a mesma igreja. — Tinha me esquecido que Ellen é religiosa e todos os domingos ela comparece à missa. — Só que estão passando por um momento difícil, então seja legal com ela.

— Não vou nem perguntar o que é. — Mesmo morrendo de curiosidade, resistirei, percebi desde o minuto em que Katie grudou em mim, uma certa carência.

— Deixe que ela te conte. — Assinto. — Vamos tomar um sorvete? Estou morrendo de vontade.

— Eu topo com toda certeza, ainda mais se tiver cheio de granulados.

— Sei de um lugar que você pode colocar tudo o que quiser. — Ellen sorri animada.

Fico impressionada com o tamanho da sorveteria e das variedades de sabores e acompanhamentos que eles fornecem. Ellen pega uma enorme taça e eu com inveja, pego uma igual.

Coloco meus sabores preferidos, sensação, chiclete, blue, flocos, leite condensado e morango. Encharquei a taça com bastante cobertura de morango, chocolate ralado e granulados.

Escolhemos uma mesa do lado de fora. A taça de Ellen está tão recheada como a minha, ela estremece de prazer tomando seu sorvete. Sorrio balançando a cabeça de um lado para o outro, mas quando eu coloco uma colher na boca... estremeço de prazer igual a Ellen. Que sorvete mais delicioso!

— Vamos brincar, eu faço uma pergunta e cada uma responde, depois é sua vez de perguntar. — Sugere olhando para seu sorvete.

— Pode mandar.

— Percebi que não gosta de rosa, — enrugo o nariz — qual cor você gosta?

— Preto. — Olho para ela e ergo levemente meu queixo indicando que é a sua vez.

— Gosto de preto também e vermelho. — Engulo o sorvete e penso na pergunta que eu farei a ela.

— Desde que eu cheguei aqui, nunca a vi citar nomes de parentes. Eu por um acaso tenho tio, avó...

Ellen me encara por algum momento e depois remexe seu sorvete, com os pensamentos um pouco distantes e uma expressão triste.

— Eu tinha uma família, mas não tenho mais. — Ela sorri de leve e aponta a colher na minha direção. — O que pretende fazer depois de terminar o ensino médio?

— Hum... — Recosto na cadeira e olho para a praça do outro lado da rua. — Vou voltar para o brasil e lá irei fazer faculdade.

— Então você vai voltar? — Pergunta com a voz triste atraindo minha atenção. — Aqui tem as melhores faculdades do mundo.

— Minha vida está no Brasil. — Ellen abaixa os olhos e assente.

Seu gesto aperta meu coração, parece que é tão sozinha.

— Por que você não namora? — Ellen solta uma risada e coloca uma colher cheia na boca. Sua taça já está quase na metade.

— Não encontrei a pessoa certa. — Diz dando de ombros.

— Quando foi a última vez que realmente gostou de alguém? — Ela recosta na cadeira e fita a taça.

— Há dezessete anos atrás. — Revela sem me olhar. — Foi o único que amei em toda minha vida. — Observo Ellen atentamente, um sorriso aparece em seus lábios e seu olhar está focado na taça, ou no passado.

— Meu pai? — Pergunto inclinando na mesa.

— Sim. — Murmura em resposta.

— Você o abandonou. — Ellen assente. — Não só a ele, mas sua filha também. — Ela me olha com os olhos brilhantes.

— Você já se arrependeu de algo que fez na sua vida? — Várias vezes, mas eram coisas pequenas, e de atitudes que não deram muito certo, mas não da proporção de que Ellen está se referindo, então eu nego com a cabeça.

— Sei do tipo de arrependimento que está falando, daquele que muda uma vida completamente, certo? — Ela assente. — O que você se arrepende, Ellen?

— De muitas coisas, uma delas é por ter abandonado vocês. — Ela abaixa a cabeça e roda sua taça.

— Por que não voltou atrás? — Ellen solta uma risada sem humor e

olha para cima antes de prender meu olhar com o seu.

— O estrago já estava feito, não tinha como mudar. — Ela respira fundo. — Tive que arcar com as consequências.

— E o que você aprontou? — Pergunto curiosa, porque da forma que ela está falando, parece ser algo muito sério.

— Na época eu não passava de uma adolescente. — Ellen balança a cabeça indignada. — Quando você nasceu, eu só tinha dezoito anos e já tinha acabado com a minha vida.

— Adolescentes são assim, mas você não é mais, porque não tenta consertar o que não conseguiu no passado? — Remexo meu sorvete que está quase acabando.

— Estou tentando. — Ellen me olha e sorri. — Estou tentando...

— Por isso sugeri que eu viesse para cá? — Ela confirma balançando a cabeça. — Bom, até que você é legal e tem um trabalho incrível. — Sorrio para tranquilizar seu coração.

— E como anda Alexander? — Seus olhos brilham quando pergunta do meu pai.

— Bom, está bem, solteiro também... — dou de ombros — é o que eu espero.

— Como assim? — Pergunta mordendo um canudo de chocolate.

— Meu pai tem um pé podre para mulheres, ao longo dos anos só arrumou golpistas.

— Ele está solteiro? — Sua voz sai cautelosa.

— Assim espero. — Ellen me olha confusa. — Quando me mandou embora, ele estava com uma mulher nojenta, investiguei sua vida e descobri que queria dar um golpe em meu pai, mas ele não quis me ouvir, não

perguntei mais.

— Um detetive na família?

— Eu acho que esse é meu dom. — Aponto a colher para ela. — Acho que puxei de você. — Ellen ri.

— Então temos algo em comum.

Ficamos mais de duas horas conversando na sorveteria. Ellen comprou mais sorvete para ela, só que dessa vez, pegou uma taça menor, eu não pude resistir e peguei uma também.

Ellen é muito divertida e me conta histórias incríveis relacionadas ao seu trabalho, o que me deixa ainda mais apaixonada pela profissão de detetive, policial e perito. Nesse momento estou pensando seriamente em mudar o rumo das minhas escolhas.

— E como está a investigação do caso das meninas mortas? — Ellen solta um suspiro e esfrega as mãos.

— Eu não acompanho o caso, não sou uma detetive e muito menos sou amiguinha do Trump, mas ouço rumores, pelo que descobri, não tem nenhuma pista de suspeitos.

— Tem que descobrir logo. — Ela assente.

— Mas irão encontrar o assassino, mais cedo ou mais tarde. — Diz convicta. — Nenhum crime é perfeito, Mariana, nunca se esqueça disso. — Meneio a cabeça tomando meu último sorvete.

— E o caso da Ashley? — Ellen me olha.

— Encontramos o culpado semanas atrás.

— Quem é? — Pergunto muito curiosa. — Foi mesmo o marido dela? — Ellen nega com a cabeça.

— Descobrimos que ela estava se relacionando com outro homem já algum tempo, mas seu ex-marido não fazia ideia. — Franzo as sobrancelhas.

— Então?

— O amante é o responsável pela morte de Ashley. — Arregalo os olhos, surpresa.

— E as digitais? — Ellen balança a cabeça de um lado para o outro.

— O marido realmente apareceu na casa dela, eles tiveram uma briga e ele a espancou, mas o amante já estava lá e presenciou toda a cena. Entretanto, Kevin queria se vingar do marido de Ashley por algo do passado, aproveitou a brecha da briga, cometeu o assassinato e fez com que as provas incriminassem o marido, achando que sairia impune. — Fico chocada com essa história e admirada pelo trabalho das autoridades.

— Ele está preso? — Ellen assente.

— Ambos presos.

Suspiro afastando a taça de mim e ao mesmo tempo pensando em Ashley, pelo menos puderam fazer justiça por ela, pegando aqueles que a fizeram mal. Olho para taça e suspiro mais uma vez.

— Eu estou cheia de sorvete. — Digo recostando na cadeira. — Nunca tomei tanto na minha vida. — Ellen solta uma risada.

— Nem me fale, acho que engordei um quilo. — Fala divertida. — Mas foi o quilo mais feliz que eu ganhei.

Gargalho compartilhando o mesmo sentimento que o dela. Quero ter espaço para mais sorvete.

— Outro dia voltaremos aqui, quero tomar outros sabores, têm muitos ali desconhecidos.

— Eu concordo plenamente. — Ela ri se levantando.

Seu telefone começa a tocar, sei bem do que se trata, Ellen me lança um olhar de desculpa e se afasta para atender. Fico observando enquanto fala com a pessoa do outro lado, sua testa franze e ela assente desligando o celular.

— Algum problema? — Ellen inspira fundo e me olha.

— Um acidente, preciso comparecer no local. — Faço um bico descontente. — Se importa de ir para casa sozinha?

— Não se preocupe, vá fazer seu trabalho. — Digo com calma e compreensiva. Ellen sorri e me dá um beijo na bochecha se despedindo.

Ela entra no carro e dirige em direção ao seu destino. Eu preciso urgentemente de um carro, ligarei para meu pai amanhã para providenciar um. Respiro fundo, pego minha mochila e começo a caminhar em direção à minha casa. Já passa das seis e meia da tarde e como estamos no inverno, o céu escurece muito mais rápido e um vento gela meu rosto.

Ellen têm muitos segredos, mas acredito que aos poucos ela vai se abrindo, contando tudo o que aconteceu e os seus motivos. Porque não aguento mais ficar no escuro sem saber o que a levou a abandonar sua filha.

Paro no sinal vermelho e observo os carros passarem, sinto mais frio e retiro um agasalho de dentro da mochila, visto colocando o capuz e respiro aliviada, agora estou mais quentinha. Atravesso a avenida na faixa pensando em Peter, no maldito nerd que roubou meu coração.

Ele deve estar achando que sou uma louca, ontem estávamos almoçando juntos, declarei que estou apaixonada e hoje me comporto totalmente diferente, mostrando meu lado agressivo. É tantas coisas acontecendo ao mesmo tempo que está mexendo com minha sanidade, mudanças nunca são uma boa coisa, ainda mais de país, deixando tudo o que conquistei para trás.

Eu sou uma idiota! Primeiro, porque eu ainda continuo andando com aquele trio? Segundo, porque eu fui escrota com Peter? Meu Deus, eu sou mesmo idiota!

Cruzo meus braços quando uma lufada de vento frio bate em mim, falta alguns quilômetros para minha casa, não me importo em andar, gosto porque isso me ajuda a colocar os pensamentos em ordem.

Olho para os lados, a rua que estou é comercial, cheia de lojas de todos os tipos, ela é iluminada por luzes e enfeites, nunca tinha visto um lugar tão cheio de cores e vida aqui em Sacramento, parecia que o Natal tinha chegado com antecedência.

Observo admirada a alegria desse lugar, um grupo de senhores cantam alegremente e duas mulheres dançam conforme a melodia, me junto com a multidão e assisto o espetáculo. Percebo que eles são da cultura cigana, as mulheres vestem vestidos vermelhos longos e rodados, estão cheias de pulseiras, colares e sorriem e divertem a plateia que começa a bater palmas e a cantar junto com os cantores. Eu não resisto e me entrego, bato palmas e rio quando as dançarinas puxam as pessoas para dançarem junto a elas.

Meu coração pula de alegria em estar passando nesse momento tão especial. Eles terminam e agradecem, a plateia não se contenta e pede por mais, então eles retomam o espetáculo, cantando e dançando outra música. Sorrio me sentindo realizada por ter assistido, dou um passo para trás e volto a caminhar, porque infelizmente eu tenho que ir embora.

Paro em frente a uma loja de artefatos antigos, tão colorida quanto a rua. Olho para cima e leio o nome “Old Artifacts”, inclino a cabeça e volto a encarar a loja, pena que eu não estou com dinheiro e nem cartão aqui comigo, porque parece ter várias coisas lindas que poderia comprar para levar para minha família no Brasil.

Descido vir depois com mais tempo e dinheiro, volto a andar e congelo ao vê-lo agachado conversando com uma senhorinha sentada no chão com um monte de cachorrinhos dentro de uma caixa de papelão.

Peter sorri enquanto conversa com a senhora e acaricia os cachorrinhos que choram sem parar. É uma visão maravilhosa, porque o sorriso desse garoto é como o sol que ilumina a escuridão, mostrando o caminho que antes não dava para enxergar. Um sorriso capaz de despertar infinitos sentimentos, tão simples, puro e verdadeiro que eu seria capaz de ficar a vida toda aqui apenas vendo-o sorrir.

Meu coração acelera e respiro fundo sentindo-me sufocada, nervosa e ansiosa. Será que eu vou lá conversar com ele? Umedeço meus lábios secos e esfrego minhas mãos, tenho que ser corajosa e ir atrás do que eu quero, e nesse momento meu desejo é tê-lo comigo, mas antes, preciso pedir desculpas.

Com uma respiração funda, tomo coragem e começo a caminhar na sua direção, e a todo momento meu coração bate mais forte. O que eu vou falar para ele? Mordo meu lábio inferior e paro ao seu lado. Peter levanta com um cachorrinho no colo cheirando o animalzinho.

— Você gosta dessas coisinhas? — Pergunto chamando sua atenção.

Ele se assusta e me encara, seus olhos brilham quando me reconhece, mas logo perdem o brilho.

— Oi — diz colocando o cachorrinho dentro da caixa. — Você não? — Nego com a cabeça. — Então você não gosta de animais? — Pergunta cruzando os braços.

Mordo novamente meu lábio inferior quando analiso mais atentamente Peter. Ele não está mais com suas roupas largas de moletom e óculos, Peter usa uma camisa branca, calça jeans e um tênis preto, seus cabelos estão um

pouco desordenados e seus olhos me avaliam minuciosamente.

O problema é que ele me deixou tão paralisada e sem reação, Peter está completamente lindo, seus braços e peitoral são fortes, seu corpo é... sinto minha barriga estremecer e minha mente começa a ter visões luxuriosas, um tanto depravadas. Balanço a cabeça desprendendo desses pensamentos pecaminosos e tento focar nele que espera por minha resposta.

Como ele consegue esconder essa beleza usando aqueles moletons?

—Mariana?

— Hum... — Olho para ele engolindo seco. Peter ergue uma sobrancelha e sorri de lado. — É... hum... — O que ele me perguntou?

— Você gosta de cachorros? — Fito Peter hipnotizada com sua beleza, sua voz é tão grave e um pouco rouca que vibra todo meu ser.

Olho para a caixa de cachorrinhos e inclino a cabeça.

— Não sei! — Dou de ombros e volto a encará-lo. — Nunca tive um, e não fui criada perto dessas criaturinhas medonhas. — Falo apontando para os filhotinhos que não param de chorar.

— Eles não são medonhos, são fofos. — Peter retruca se inclinando e pegando um cachorrinho pretinho. — Eles são um amor. Você nunca teve contato com eles?

— Meu pai é muito ocupado, — dou de ombros observando Peter beijar o animalzinho que geme em seus braços, — eu também nunca me interessei por eles. — Peter me olha e assente. — Minha vó mora na fazenda com meu tio, lá têm muitos deles, mas sempre ficam espalhados, raramente chegam perto de mim quando estou lá. — Falo sentindo uma saudade da vovó.

— Os animais são a maravilha desse mundo, — diz se aproximando

com cautela, — eles são puros, humildes, tem um coração que poucos humanos têm e amam incondicionalmente.

— Essas coisinhas? — Pergunto encarando o cachorrinho na sua mão.

— Sim, eles amam sem interesse, sem inveja ou maldade, eles são fiéis e estão dispostos a morrer para te salvar. — Peter estende o cachorrinho. — Pega!

Engulo em seco, nunca peguei em um cachorro antes. Peter coloca o cachorro em meus braços e se afasta um pouco, fico sem jeito de segurá-lo, porque ele começa a se contorcer e a subir em meu corpo. Seguro seu corpinho quente e pequeno, o animalzinho se aconchega no meu pescoço e sinto sua respiração na minha pele, ele tem cheiro de leite. É tão gostosinho...

— Como? — Pergunto inclinando a cabeça para sentir seu corpinho na minha bochecha. — Como sentem isso tudo se são irracionais? — Peter nega com a cabeça e se aproxima novamente.

— Não são irracionais, quem fala isso são pessoas que não gostam de animais, que os maltratam e desrespeitam, eles merecem muito mais respeito por virem ao mundo já sabendo amar, tal sentimento que leva a vida toda para um ser humano aprender. — Peter coloca meu cabelo atrás da orelha. — Eles existem para nos ensinar o significado do amor, de aproveitar cada momento como se fosse o último e são fiéis. Quem tem um animalzinho ao seu lado, nunca estará sozinho.

— Você tem um bichinho? — Pergunto segurando mais forte o cachorro que começa a choramingar.

— Ele morreu. — Diz tristonho. — Você deveria ter um, assim talvez você possa aprender tratar melhor a pessoa que diz estar apaixonada. — Meu coração acelera com sua declaração. Fico estagnada encarando Peter que me olha por alguns instantes antes de passar por mim para ir embora.

Ele acabou de me dar um fora?!

— Peter! — Chamo virando no rumo que ele foi.

— Até mais, Mariana. — Diz sem olhar para trás e entra na loja de artefatos.

Respiro fundo e abaixo a cabeça, suas palavras foram como um soco no meu estômago. Fecho meus olhos engolindo o nó que formou na minha garganta, sinto vontade de chorar. Droga!

— Você quer ele? — Assusto com a voz da senhorinha, me esqueci completamente dela.

— Quê? — Pergunto sem entender, ela aponta para meu pescoço.

— O cachorro, você quer ser dona dele?

— Ah... — Tiro o cachorrinho do meu pescoço, ele protesta e fico olhando para a criaturinha, tão pequenininho, delicado e bonitinho. — Eu não sei.

— Ele gostou de você. — Diz a velhinha. Olho para ela que sorri para mim. — Diz a lenda que nunca escolhemos os animais, eles nos escolhem, e acho que esse carinha aí te escolheu. — Comprimo meus lábios e fico encarando o filhotinho, ele balança o rabinho tirando um sorriso meu.

— Eu não posso...

— Ou você não quer? — Engulo em seco olhando para ela.

Ela está usando um vestido longo e vermelho florido, seus braços estão cheios de pulseiras e os dedos cheios de anéis, ela parece ser uma cigana. A velhinha me olha com simpatia.

— Não perca essa oportunidade, é o destino querendo te presentear. Esse carinha aí, — ela aponta para o cachorrinho, — vai te dar muito trabalho, é como criar uma criança, mas pode ter certeza que você nunca vai

ser amada como ele vai amar você.

— Você acha? — Ela assente e sorri.

— Você nunca mais se sentirá sozinha. Vá, leve-o e cuide bem dele.

Respiro fundo e aconchego o cachorrinho dentro da minha blusa para protegê-lo do frio, decidindo ficar com ele. Agradeço a velhinha e caminho de volta para casa com meu novo amigo. Um amigo que nunca me deixará sozinha e sempre me amará independente dos meus erros e defeitos, pois ele me escolheu e eu o amarei com todo meu coração.



Entro na loja e bato a porta com raiva, respiro fundo bagunçando meus cabelos. Ela não pode ser assim, uma hora conversa de boa e outra me trata mal, sei que ela se sente confusa por estar sozinha em um país desconhecido, mas essa mudança de comportamento me deixa furioso e magoado.

Caminho até o caixa onde minha mãe está finalizando o atendimento de um cliente e me inclino no balcão, fico encarando uma bola de cristal na prateleira à minha frente, pensando em como seria maravilhoso se ela funcionasse de verdade.

Escuto o sininho da porta e olho para trás, minha avó entra com a caixa de cachorrinhos, ela a coloca na minha frente e se inclina ficando na mesma posição que eu. Os cachorrinhos que sobraram choramingam, mas logo se calam.

— Vendeu muitos? — Pergunto indiferente.

— Não, as pessoas não estão dispostas a comprar. — Sorrio e balanço a cabeça, na verdade, vovó não vende eles, ela apenas oferece e a pessoa que está disposta a pagar, no final os leva de graça, porque dizendo ela, são

pessoas realmente interessadas em cuidar do animalzinho pelo resto da vida.

— Eles vão encontrar um lar rapidinho. — Digo para confortar Dona Alba.

— Aquela sua amiga levou o cachorro. — Fala sem me olhar, meu coração acelera com a menção de Mariana. — Vi nos olhos dela o quanto se sente sozinha, e ela se iluminou quando eu disse que aquele bichinho irá amá-la incondicionalmente. — Meneio a cabeça feliz por Mariana.

— Ela é nova, tem pouco tempo que se mudou para a cidade. — Dona Alba respira fundo e tira suas cartas de baralho cigano do bolso e começa a embaralhá-las. — Vai ler meu futuro? — Pergunto surpreso, porque vovó nunca leu meu futuro antes.

— Sim.

— Por quê? — Ela me entrega as cartas, aponta o queixo em direção a elas para que eu possa embaralhá-las, faço o que pede e as entrego de volta. Vovó espalha as trinta e seis cartas no balcão, vira a carta do meio e se vira para mim.

— Sinto que preciso fazer isso. — Diz apontando para a carta que acabou de virar. — Essa representa você, escolha quatro cartas Peter.

Respiro fundo e derrotado, fito Dona Alba com a intensão de negar, mas desisto porque ela me olha severamente, quando essa velha coloca algo na cabeça, nem Deus tira. Minha mãe se aproxima e meneia a cabeça para que eu faça o que vovó pede.

Olho para as cartas com meu coração acelerado, será que isso realmente funciona? Eu não sei, mas minha mãe lê a palpa da mão e minha vó cartas, nunca vi ninguém reclamar de suas adivinhações, então como sou criado por ciganos tenho um sentimento de que isso seja real.

Respiro fundo com receio e escolho as quatro cartas que vovó pediu. Enquanto aponto para as cartas, ela desvira. Comprimo meus lábios quando minha mãe me olha com a testa franzida, não é uma coisa boa. Engulo em seco quando vovó me encara e toma fôlego para explicar o que está nas cartas.

— A primeira que você escolheu foi a carta 24, O Coração. — Dona Alba bate o dedo na carta. — Significa amor eterno, emoções profundas e descoberta do amor verdadeiro. — Ela me encara com seriedade. — Você está apaixonado por aquela garota? — Me retraio sem saber o que responder, mas não adiantará mentir.

— Eu acho que sim. — Confesso engolindo em seco.

— Ela pode ser o amor da sua vida, mas terão que enfrentar muitos obstáculos para ficarem juntos. — Diz voltando a analisar a segunda carta. Fico preocupado com sua expressão ilegível e séria, meu coração bate mais forte quando vovó respira fundo.

— A segunda escolha Peter, foi a carta 7, A Serpente. — Vovó cruza as mãos e se inclina no balcão. — Ela está muito perto de você, não é um bom sinal.

— Significa o quê? — Pergunto com medo de sua resposta.

— Essa carta representa inveja, desarmonias, brigas, rivalidade, discórdia, falsidade e traição. — Dona Alda me olha um pouco pálida. — Essa carta, Peter, é maldade pura. — Aperto minhas mãos em punhos, porque isso me deu medo.

— E as outras, mãe? — Pergunta mamãe, ela parece estar ainda mais preocupada.

— A terceira que você escolheu foi a carta 23, O Rato. — Fala pegando

a carta e me mostrando o desenho de um rato peludo e marrom. — Não tem outro significado a não ser, PERDA, em todos os aspectos. — Ela fecha os olhos e recoloca a carta no seu lugar. — E a quarta que ele escolheu Julie, foi a carta 36, A Cruz.

— É uma coisa boa, certo? — Pergunto com um sorriso forçado. — Porque cruz é Deus, e Deus é algo bom... — Me calo quando reparo que mamãe e vovó estão sérias. — O que significa?

— Ela está muito perto da carta que representa você, Peter. — Dona Alba diz mostrando a posição da carta, ela está do meu lado. — Indica energias negativas, estão tentando influenciar sua vida, não é uma boa carta, Peter. — Elas ficam me encarando preocupadas, mas é obvio que isso não é real, claro que não!

— Isso não é real, então não fiquem tão preocupadas. — Digo me inclinando e começando a recolher as cartas. É uma palhaçada isso, como pude deixar essa velhinha colocar minhocas na minha cabeça?

— Peter, isso é real. — Diz minha mãe com cautela.

— Não, mãe, não podemos ficar com isso na cabeça, às vezes nem acontece, se eu acreditar vou viver na sombra disso. — Falo arrumando as cartas ciganas.

Engulo em seco enquanto vou juntando-as, mesmo que eu tente lutar contra esse sentimento de medo, de que isso não é real, eu ainda sinto que pode ser verdade, minha vida não está às mil maravilhas, mas... poxa, só tem coisa ruim aqui!

— Peter... — Vovó me chama, mas não dou bola, continuo arrumando as cartas. — Eu sei como se sente em relação ao que eu faço, mas eu nunca erro garoto.

— Para vó! — Indago com desespero. — Isso é uma palhaçada. Eu lembro quando a senhora leu as cartas para meu pai uma semana antes de morrer, foi apenas uma coincidência, eu sou o culpado, eu estava dirigindo, eu me droguei, não tem nada a ver com cartas, porque a senhora já sabia que eu vinha usando, não use essas malditas cartas para decidir meu futuro, isso não é real! — Falo jogando as cartas longe. — Por quê tudo na minha vida é difícil? Por que tudo é escuro? Eu estou cansado! — Desabafo mordendo meu lábio inferior com força.

— Você tem que tomar cuidado, Peter. — Diz vovó com uma voz calma. — Você está em perigo. — Olho para elas por alguns segundos antes de me virar e sair da loja com a cabeça fervendo.

A culpa corrói meu peito a cada dia, se tornando uma dor insuportável de carregar. Não sei se serei capaz de um dia me perdoar pelo que eu fiz, porque tinha como eu ter evitado, mas eu não quis, escolhi ir pelo caminho errado, fiz a escolha errada e hoje arco com as consequências.

Sinto ódio de mim, tanto ódio que mal consigo me olhar no espelho, pois todos os dias eu me lembro daquele dia, do dia que assinei minha sentença de morte, perdendo minha alma, porque eu matei não só uma pessoa, mas duas que tinham uma família para cuidar, filhos para criar e uma vida para trilhar.

Caminho entre a multidão na rua rumo a garagem que me esconde todas as noites, o lugar onde tem a prova do que eu fiz. Destravo a porta da garagem e a ergo. Um Impala 62 está no meio dela, totalmente destruído. Engulo em seco e me aproximo.

Lembrar daquela noite chuvosa é como morrer aos poucos, é ver meu futuro se despedaçando em arrependimento, culpa e remorso. Escuto a voz do meu pai gritando comigo, dos meninos atrás rindo por estarem drogados e a

única coisa que eu vejo antes do zumbido e do silencio, e a luz de uma caminhonete me alertando de que estava na contramão.

Coloco a mão no capô destruído do carro, nunca consegui me desfazer dele, para não me deixar esquecer do que eu fiz. Eu matei pessoas naquela noite, e nunca me perdoarei por ter feito isso.

Deixo o choro me consumir, a tristeza me invade e mais uma vez o meu único desejo era ter morrido naquela noite, porque assim eu não me sentiria tão culpado e não precisaria lidar com as consequências dura da vida.



Desço as escadas com o iPhone na mão e o cachorro na outra, ele choraminga querendo descer das minhas mãos e papai ri do outro lado do vídeo chamada. Posiciono o celular no chão encostado na parede, deito de bruços e solto a criaturinha impaciente. Sustento meu queixo na palma da mão e fico olhando o cachorrinho que começa a andar, cheirar e chorar por todos os cantos.

Porque cachorro chora tanto?

— *Como vai chamá-lo?* — Pergunta papai sentado em sua cadeira no escritório. É tão bom vê-lo ao vivo, Alexander é tão lindo.

— Não sei... — Falo encarando seus olhos verdes. — Talvez Bob? — Papai franze os lábios e nega com a cabeça.

— *Muito comum.*

— É, mas é fácil de lembrar e curto de falar, — pego o cachorro e coloco em frente do telefone, mostrando a carinha da criaturinha para meu pai. — Vai, confessa, ele se parece com Bob.

— *Não parece!*

— Sim, parece.

Solto o bichinho que sai correndo para longe de mim, sorrio vendo-o andar com dificuldade e balançando a bundinha.

— *Faça uma escolha melhor para o nome dele, Mariana.* — Respiro fundo e encaro papai.

— Alexander. — Meu pai franze as sobrancelhas. — Vou colocar o nome dele de Alexander.

— *De jeito nenhum.* — Protesta reprimindo um sorriso.

— Uma homenagem ao homem que amo. — Papai nega com a cabeça e sorri.

— *Que tal... Beethoven.* — Inclino a cabeça pensando se combina ou não com a coisinha preta chorona.

— Por quê?

— *Beethoven é considerado o pilar da música ocidental, ele é um gênio da música.* — Reviro os olhos, esse cara é de mil e lá vai cacetadas, mas como papai gosta desses clássicos, claro que tem que se referir a um de seus ídolos.

— Pensei que era por causa do filme. — Papai dá de ombros com diversão. — Mesmo assim, não rola, é feio. — Papai estala a língua.

— *Então pense...*

— Já sei! — Corto papai e me sento pegando o cachorrinho. — Vou chamá-lo de Dean.

— *Dean?!*

— Siiiiiiim. — Esfrego meu nariz no de Dean. — Homenagem ao

melhor personagem do seriado Sobrenatural. Amo aquele cara! — Papai ri e meneia a cabeça.

— *Não concordo, mas como essa criaturinha aí é sua, só me resta aceitar.* — Viro o cachorro para frente, papai acena. — *Olá Dean, muito prazer.*

— Ele chorou a noite toda, só parou quando eu o peguei no colo. — Digo aborrecida.

— *É normal, logo se acostuma.* — Pai chega mais perto da tela. — *Ele está igual a você, longe de sua família e irmãos, um lugar desconhecido, é normal que chore uns três dias, mas como ele tem você, não estará desprotegido.* — Balanço a cabeça, concordado com Alexander.

— Preciso fazer compras para ele e levá-lo ao veterinário para tomar as vacinas. — Falo deixando-o caminhar.

— *E como Ellen aceitou essa ideia?*

— Ela está de plantão, não chegou ainda do trabalho. — Papai balança a cabeça. — Será que ela vai aceitar?

— *Provavelmente, ela gosta de animais.* — Fico olhando para ele. — *Uma vez, ela resgatou um cachorro de rua e tentou cuidar dele, Ellen levou no veterinário, mas infelizmente o animal não resistiu, morreu em seus braços.* — Papai respira fundo e olha para baixo com um sorriso de lado. — *Ellen chorou a noite toda, diz que amava aquele cachorro.*

— E depois? — Pergunto curiosa.

— *Bom, depois ela se recuperou e não arrumou mais nenhum, pelo menos não enquanto estávamos juntos.* — Comprimos meus lábios, papai fala com tanto carinho de Ellen que acho que ele ainda gosta dela.

— E a Heidi, pai? — Ele respira fundo e me encara.

— *Não estamos mais juntos.* — Revela com tristeza na voz. — *Eu não quero mais me relacionar.* — Confessa tristonho.

— Sinto muito, papai. — Ele meneia a cabeça.

— *Como está a escola? Já fez novos amigos?* — Pergunta mudando de assunto.

— Está indo. — Sorrio para ele. — Uma colega vem daqui a pouco para fazermos um trabalho.

— *Fico feliz por você, meu bebê.* — Enrugo meu nariz, sinto tantas saudades.

— Pai, eu posso ter um carro? — Pergunto batucando os dedos no meu joelho.

— *Claro, nos EUA com sua idade já é permitido tirar a carteira de motorista.* — Diz rindo. — *Vou te enviar o dinheiro para comprar um, mas precisa tirar seu documento para conduzir.* — Assinto animada.

— Vou pedir para o Bryan me ajudar na escolha. — Papai fica sério de repente, como se eu tivesse lhe dado um soco.

— *Bryan?*

— Sim, aquele cara que te falei, amigo da Ellen. — Franzo a testa observando a expressão ilegível do meu pai.

— *Sei quem é, vai ser bom, ele sabe das coisas.* — Diz sem muita convicção. Que estranho!

— Tudo bem, pai? — Ele acena com a cabeça.

— *Sim, só me lembrei de que preciso assinar uns documentos da empresa ainda esta manhã.* — Fala alterado. — *Mariana...*

— Hum... — Ele me olha e respira fundo.

— *Eu te amo mais do que a minha própria vida.*

— Eu sei pai. — Porque ele ficou assim tão de repente?

— *Toma cuidado, tá?*

— Vou me cuidar, não se preocupe. — Ele sorri e meneia a cabeça.

— *Tchau minha boneca.*

— Tchau, papai. — Despeço antes dele finalizar a vídeo chamada.

Pego o iPhone e fico olhando-o, tentando entender a mudança repentina do meu pai, foi só tocar no nome do Bryan que ele se alterou.

O que está acontecendo?

Olho para o lado quando Dean começa a chorar sem parar, levanto e caminho até a cozinha, sei que não pode dar leite ao bichinho, mas infelizmente é a única coisa que tem para ele comer. Esquento no micro-ondas e retiro somente quando o leite está bem morninho, coloco em um potinho e assisto Dean tomar desesperadamente a sua refeição. Preciso comprar comida apropriada para essa criatura.

Subo as escadas de volta para o meu quarto e envio uma mensagem para Katie, pedindo para que compre comida no pet shop antes de vir para cá. Ela responde imediatamente dizendo que fará esse favor para mim.

— MARIANAAAAA! — Deixo o celular cair de susto com o grito de Ellen.

Merda, ela chegou e viu Dean!

Meu coração está acelerado, será que ela vai deixar eu ficar com ele? Com cautela vou em direção à sala, desço as escadas com o coração na garganta. Ela está em frente à porta com os braços cruzados e uma cara de poucos amigos.

— O que é isso aqui? — Ela aponta para Dean que cheira seu coturno.

Encaro Ellen, ela está uniformizada e tem uma arma na cintura, mordo meu lábio inferior e meu coração acelera, pois quando Ellen está vestida de policial, a mulher fica apavorante.

— Um cachorro? — Respondo entrelaçando as mãos atrás das costas.

— Eu sei que é um cachorro, quero saber o que ele está fazendo aqui.

— Ele é o Dean, minha criaturinha. — Engulo em seco quando Ellen olha para ele.

— Seu?

— Sim.

— Desde quando?

— Desde ontem. — Ela respira fundo e abaixa pegando o Dean.

— Você vai cuidar dele, certo?

— Sim.

— Eles são como crianças, Mariana, você está preparada para essa responsabilidade?

— Estou ciente disso. — Ela meneia a cabeça e coloca a criatura no chão novamente.

— Ele caga.

— Você também. — Digo e mordo minha língua. Ellen me olha com uma sobrancelha erguida. — Eu sei de todas as responsabilidades.

— Certo. — Diz respirando fundo. — Eu vou dormir, estou um caco, não deixe isso ficar chorando. — Afe, isso será muito difícil, porque ele não cala a boca, mas eu concordo balançando a cabeça.

— Tá!

— Mais tarde conversamos direito. — Balanço a cabeça, Ellen pula o Dean e caminha em direção à escada.

— Posso ficar com ele? — Pergunto dando um passo para o lado, saindo do caminho dela.

— Desde que cuide dele, sim. — Fala parando na minha frente. — Depois nos falamos. — Diz me surpreendendo com um beijo na minha cabeça.

Ela sobe as escadas e fecha a porta do seu quarto. Respiro aliviada e sorrio indo pegar Dean. Beijo seu nariz e sinto seu cheirinho de leite.

— É isso aí, garoto, agora você é oficialmente meu. — Ele abana o rabinho e saio para fora, deixando-o andar pela grama a espera de Katie.



Uma hora depois, Katie estaciona o Porsche rente à calçada da minha casa. Eu vi esse carro na primeira vez que fui à escola, mas não a vi sair dele, e sim umas duas loiras se não me engano, devem ser amigas dela.

Katie se aproxima com uma sacola e olha para Dean andando na grama. Ela estende a sacola e senta ao meu lado na escada e fica observando a criatura choramingar.

— Arrumou um companheiro? — Pergunta abrindo um pirulito.

— Ele me escolheu. — Sorrio verificando o que tem dentro da sacola.
— Obrigada por ter trago a comida de Dean.

— Dean!? — Katie me olha com um semblante chocada. — Dean do sobrenatural?

— Esse mesmo. — Confirmo analisando o patê de carne que ela comprou.

— Agora toda vez que chamar esse cachorro pelo nome, vou me lembrar daquele Deus grego. — Diz suspirando.

— Ele é muito gato.

— Gostoso... — Fala passando a língua em seus lábios. — Ah... se eu tivesse uma oportunidade, eu dava minha preciosidade sem pensar duas vezes, até ficar assada.

— Ei!? — Ela solta uma risada e dá de ombros. — Que mente pecaminosa, hein?

— Nhaaaa, deixa eu com meus sonhos obscenos. — Balanço a cabeça negativamente, rindo dela. — Onde arrumou esse cachorro?

— Estava caminhando de volta para casa e encontrei uma rua colorida e divertida, Peter conversava com uma velhinha com uma caixa de cachorros, no final, acabei trazendo. — Katie assente chupando seu pirulito.

Dean se aproxima, tiro do saquinho um petisco e dou para ele, ainda bem que Katie escolheu um molinho que dá para ele mastigar. A criatura se afasta um pouquinho levando seu canudo de petisco e deita na grama mastigando-o. Só assim para ele ficar calado.

— Me diga aí, — começa empurrando meu ombro com o dela, — qual seu lance com Peter?

— Nenhum. — Respiro fundo e encaro seus olhos amendoados. — Gosto dele, só que...

— Qual o problema? — Dou de ombros, não quero falar sobre isso com ela.

— É complicado.

— Peter não é um cara para se andar, Mariana. — Revela me surpreendendo. Como assim?

— Posso saber por quê? — Katie tira o pirulito da boca e passa a língua nos lábios.

— Ele é problemático. — Fala sem dar mais explicações.

— Como assim? Pode me explicar direito?

— Eu conheço sua família por frequentar a mesma igreja que a minha mãe, e você sabe como as pessoas gostam de fofocar a vida dos outros, então muitas coisas eu ficava sabendo, mas nunca me aproximei dele. — Revela mordendo seu pirulito.

— O que aconteceu? — Ela respira fundo antes de começar a falar.

— Ele era um drogado. — Meu coração acelera com a revelação de Katie. — Você sabia que ele andava com o trio? — Arregalo os olhos e sinto meu corpo gelar.

— Não fazia a menor ideia. — Ela morde o lábio inferior e balança a cabeça.

— Eles praticamente cresceram juntos, não sei qual a relação entre eles, mas parece que Peter queria ser aceito no trio, então começou a se drogar, a beber e andar pelo caminho errado.

Esfrego meu rosto chocada com essas palavras, por isso que sempre achei que essa implicância com Peter tinha alguma coisa a mais, algo mais particular, mas saber que aquele nerd um dia foi um drogado é difícil de acreditar, pois parece que anda na linha.

— Por que você está me contando? — Katie inclina a cabeça me encarando.

— Para você se afastar dele e do trio, gosto de você, mas eles são barra pesada e vão te machucar, Mariana. — Umedeço meus lábios e balanço a cabeça indignada.

— Me machucar? — Ela meneia a cabeça e estala os dedos olhando para Dean.

— Você reparou que todas as pessoas que morreram tiveram algum contato com eles? — Nego com a cabeça, não reparei nisso.

— Pois bem, — diz se virando para mim, — eu te falei da lista dos mortos, que de algum modo eles estão ligados com o trio, como eu sei do vínculo deles, eu suspeito que um deles seja o assassino.

— Quem? — Pergunto intrigada.

— Peter.

Fico paralisada encarando Katie, não consigo me mover e muito menos falar alguma coisa. Peter pode ser o assassino? É inacreditável, do pouco que o conheço, sei que não faria mal nem a uma mosca. Mas é aí que mora o perigo, pois nunca conhecemos ninguém verdadeiramente.

— Por qu... — Engulo em seco e respiro fundo. — Por que você acha isso?

— Vingança. — Ela balança os ombros e faz um beico. — A única coisa que me vem à cabeça é isso.

— Vingança porque, Katie? O que aconteceu? — Ela balança a cabeça negativamente.

— Não sei de detalhes, apenas que eles estavam juntos no dia do acidente do pai de Peter. — Katie respira fundo. — Só sei disso.

— E é o suficiente para acusá-lo? — Pergunto com um tom severo. Ela ergue uma sobrancelha e sorri de lado.

— Estou suspeitando, depois você tenta ligar os pontos, vai encontrar alguma coisa. — Respiro fundo e olho para Dean que dorme feito um anjinho.

— Essa cidade é muito esquisita. — Murmuro esfregando minhas mãos.

— Estou te avisando antes que seja tarde. — Diz com indiferença e abre outro pirulito, colocando-o na boca.

— Obrigada pelo aviso. — Rebato com um pouco de raiva.

Sua suspeita é muito grave, não se acusa uma pessoa assim sem ter provas, ainda mais um garoto que é maltratado na escola e tem um passado cheio de dor. O que ela está fazendo não é certo, parece que não quer que eu esteja com Peter, aliás, ninguém parece que me quer junto com ele. E por quê?

— Vamos fazer nosso trabalho logo? — Pergunta se levantado. — Minha mãe quer que eu vá no cemitério com ela. — Fala revirando os olhos.

— Quem morreu? — Katie abaixa a cabeça.

— Meu pai. — Revela me dando um choque. — Ela quer arrumar o túmulo dele, deixar mais bonito.

— Sinto muito. — Digo sentindo meu coração apertado.

— Tudo bem. — Ela me lança um sorriso forçado. — Já tem algum tempo.

— Como ele morreu? — Sei que estou sendo insensível, mas estou tão curiosa.

— Acidente de carro, há três anos atrás. — Revela desviando do meu olhar.

— Vamos fazer nosso trabalho então, qual assunto mesmo? — Pergunto mudando de assunto, porque fiquei incomodada com o rumo da conversa.

— Sobre a literatura no século XXI. — Meneio a cabeça me levantando com a sacola na mão.

— Não vai ser tão difícil, gosto de literatura. — Falo pegando Dean no

colo e entrando dentro de casa com Katie logo atrás.

— Eu não sou fã desse tema, ainda bem que escolhi a parceira perfeita.
— Fala dando pulinhos enquanto sobe as escadas que leva para meu quarto.

— Bem, acho que é bom não ficar tão animadinha, porque não vou fazer esse trabalho sozinha. — Ela ri abrindo a porta do meu quarto.

— UAU! — Exclama. — Que quarto lindo.

— Obra de Ellen. — Digo colocando Dean na sua caminha improvisada com um travesseiro e coloco as comidas dele em cima da cômoda.

— Adorei, meu sonho é ter um quarto assim. — Revela pegando meu notebook.

— Você é rica, deve ter um quarto mais lindo que o meu. — Ela dá de ombro e sorri.

— Talvez eu tenha. — Katie senta no chão e me olha. — Vamos começar?

— Vamos. — Confirmo sentando ao seu lado.

Durante três horas seguidas fazemos nosso trabalho, pesquisamos e montamos relatórios conforme a professora instruiu. Ri muito de Katie que reclamou a maior parte do tempo, e me contava histórias sem nexos enquanto eu escrevia e montava o relatório, porque ela não é boa em escrever, então tomei essa tarefa para mim.

Katie chupou vários pirulitos ao longo das horas, não sei de onde tirou tantos, sua boca provavelmente deve estar toda machucada, pois não tem lógica chupar essa quantidade e não ficar com a boca sensível.

Depois do trabalho finalizado, ela foi embora e passei a tarde inteira do sábado com Ellen. Assistimos um monte de filmes e comemos várias

besteiras – gordices vamos dizer assim. E a cada dia que passa eu gosto ainda mais dela e do seu jeito divertido e sério ao mesmo tempo.

Ellen não é tão ruim assim, mas mesmo que eu esteja criando um vínculo, ela tem muito o que se explicar. Dean por outro lado, deu muito trabalho, cagou nos tapetes de Ellen, fez xixi nos corredores e sem contar no grito que ela deu ao pisar na bosta fedorenta da criatura, quase me enforcou.

Mas conseguimos contornar a situação, ele é pequenino ainda, tem muito o que aprender e amanhã levarei Dean ao veterinário que Ellen indicou, mesmo que seja domingo, ele me atenderá, só espero que a pessoa que irei chamar, esteja disposta a me acompanhar.



Estaciono o carro ao lado da loja da mãe de Peter. Bryan foi lá em casa, a cada dia que passa, mais presente ele se torna, aproveitei e pedi sua caminhonete emprestada, e para minha surpresa, ele me emprestou sem contestar.

Tomamos o café da manhã juntos, não sei, eu posso até estar errada, mas esses dois estão de rolo, porque estão amiguinhos demais e perto demais. Olho para trás, Dean dorme sem fazer barulho, o que é um alívio, essa criatura chora demais.

Respiro fundo tomando coragem, será que ele está em casa? Desligo a caminhonete e recosto a cabeça no banco. É um risco eu estar dirigindo sem carteira, porém essa é a vantagem de ter uma mãe policial.

Ai meu Deus! Levanto a cabeça com a respiração acelerada, já estou até considerando Ellen minha mãe, isso está ficando sério.

Desço da caminhonete gigante, deixo a janela aberta por causa de Dean e caminho até a porta da loja. Respiro fundo mais uma vez antes de entrar na Old Artifacts. Um sino toca e eu olho para ele assustada.

— Seja muito bem-vinda. — Uma mulher ruiva me recepciona.

Ela usa um macacão largo de um pano bem fino e colorido, muitas pulseiras, anéis e colares, a tiara em sua testa me chama atenção por parecer ser feito à mão. Lembro de quando Frankie falou sobre Peter e sua família no meu primeiro dia no colégio, essa mulher se parece muito com ele e é muito linda também.

— Oi. — Cumprimento sem graça.

— Em que posso ajudar, criança? — Pergunta se aproximando.

— É... — Limpo a garganta e me assusto quando ela pega minha mão direita e vira para cima.

— Não se assuste. — Ela me olha com simpatia. — Você tem uma áurea muito brilhante, mas está um pouco ofuscada. — Diz alisando a palma da minha mão.

— O que você está fazendo? — Pergunto puxando minha mão, mas ela segura mais forte.

— Mariana... — Fala meu nome arrastado encarando minha mão.

O que essa mulher esquisita está fazendo, meu Deus do céu!?

— Como sabe meu nome? — Ela balança a cabeça negativamente.

— Vejo escuridão em seu caminho, muita tristeza e segredos que podem mudar seu futuro. — Revela contornando a palma da minha mão com o dedo. — Você precisa ser forte, nem tudo o que dizem é verdade. Vejo cobras, sangue, lágrimas em seu caminho, mas também consigo ver força e perdão...

— Você está me assustando. — Tento puxar minha mão novamente, mas ela me impede.

— Você vai precisar seguir seu coração, Mariana, coisas negativas

estão ao seu redor, mas você terá que ser forte, — ela me encara com intensidade, — para vencer o inimigo.

Meu coração acelera com desespero por causa das palavras dessa mulher, e ela tem tanta certeza na voz e no olhar que fico ainda mais assustada. Por que está me dizendo essas coisas? Ela nem me conhece!

— Mãe! — Uma voz quebra a tensão. — O que você está fazendo? — Peter nos olha com as sobrancelhas franzidas.

— Estava conversando com sua amiga, ela veio te ver. — Diz se afastando rapidamente, nos deixando sozinhos.

Olho para minha mão trêmula enquanto as suas palavras navegavam minha mente, batucando sem parar. Sobressalto quando a mão de Peter segura a minha, ele a esfrega e me olha preocupado.

— Peço desculpas, minha mãe e minha vó são esquisitas. Não ligue para o que dizem, é tudo fantasia de suas cabeças. — Assinto com receio, não senti que foi de sua cabeça ou imaginação, ela estava falando seriamente.

— O que ela fez?

— Elas são ciganas, e sabe como ciganas são curiosas, sempre querem ler o futuro das pessoas. — Engulo seco e aperto a mão de Peter que ainda segura a minha.

— Quero te fazer um convite. — Falo finalmente olhando para ele.

Peter está com seus óculos de grau e me olha no fundo dos olhos, meu corpo fica elétrico com a intensidade de seu olhar, o calor de sua mão faz meu coração palpitar e o sorriso preguiçoso que aparece em seus lábios faz minha boca secar.

— Pode falar.

— Quer ir no veterinário comigo, levar a criaturinha para tomar as

vacinas e comprar algumas coisas para ele? — Peter inclina a cabeça e solta minha mão.

— Claro. — Diz com um brilho hipnotizante nos olhos azuis.

Ele abre a porta para mim, paramos em frente a caminhonete e olho para ele.

— É o carro do amigo da minha mãe, eu sei dirigir só não tenho carteira. — Revelo, Peter acena de leve com a cabeça. — Quer dirigir? Você deve ter carteira, aí impedimos de sermos pegos pela polícia. — Ele pega a chave e assente.

— Pode ser. — Diz abrindo a porta para mim, entro e ele contorna a caminhonete se ajeitando no banco do motorista. — Como está sendo a experiência de ter seu primeiro animal de estimação?

— Está sendo esquisita, Dean é muito chorão, tenho que ter muita paciência com ele.

— Dean? — Pergunta arrancando com o carro.

— É o nome da criatura. — Peter ri e me olha por um instante antes de focar na rua.

— Por que você fica chamando-o de criatura? — Olho para trás quando Dean choraminga, mas logo se cala e volta a dormir. Ufa, aleluia!

— Sei lá, acho que é porque ele é uma criatura chorona. — Peter sorri e fica encarando a estrada.

— Como você está? — Pergunta depois de alguns minutos.

— Estou bem. — Respondo alisando o cinto de segurando. — Sua mãe me deixou um pouco assustada. — Ele respira fundo e batuca os dedos no volante.

— Não se assuste, ela é assim mesmo. — Muito difícil não se assustar,

mas tento ao máximo não ficar pensando nisso.

— E como você está, Nerd? — Peter sorri balançando a cabeça de um lado para o outro.

— Bem, na medida do possível. — Responde me olhando enquanto o sinal está vermelho. — Você está linda hoje, sabia? — Meu coração acelera com seu elogio, fico sem palavras e desvio do seu olhar avaliador.

— Obrigada. — Murmuro.

— O que fez ontem?

— Fiz um trabalho com Katie para a professora de detenção e passei o resto do dia com a Ellen. — Ele meneia a cabeça.

— Como está sua mãe? Faz tempo que eu não a vejo.

— Ela está bem. — Digo sem muita confiança, porque vejo que Ellen não está muito legal, ela se esforça para esconder de mim o que a incomoda. — Peter? — Olho para ele e inclino a cabeça.

— Sim. — Umedeço meus lábios, será que pergunto sobre Katie e o trio? E se ele não gostar e não quiser falar? E se ele desistir de passar o dia comigo?

— Nada não. — Digo sorrindo. — Só queria falar seu nome. — Peter me olha desconfiado.

— Pode dizer, eu vou te responder. — Insiste, mas prefiro não arriscar.

— Gosto de você. — Revelo recostando minha cabeça no banco e olhando-o.

Não acredito em tudo o que Katie falou sobre ele e muito menos das suas desconfianças, pois o cara que está na minha frente não parece ser do jeito que ela descreveu, pode ser que ele tenha sido um drogado e feito coisas erradas. Que adolescente não faz burradas? Katie é popular, milionária e

patricinha, claro que ela não vai querer que eu ande com Peter, sua implicância com trio eu aceito, mas não com Peter.

Ele me olha no fundo dos olhos e sorri, ele é tão lindo que sinto tanta vontade de tocar seus cabelos vermelhos, sua pele branca e rosada, lábios carnudos e sentir o toque de suas mãos percorrendo meu corpo. A cada dia que passa, mais esse sentimento que sinto por ele aumenta, a necessidade de ficar perto dele está se tornando insuportável, e já não sei se serei capaz de me afastar.

— Eu ainda tenho minhas dúvidas se gosto ou não de você. — Fala quebrando o clima. — Vai ter que provar se vale a pena eu gostar de você, porque quando eu me apegar, Mariana, é pra valer.

— Eu vou embora no final do ano. — Revelo com a voz trêmula. — Vai ser bom não nos atermos. — Peter estaciona o carro, desliga o motor, tira o cinto de segurança e se aproxima de mim.

— Tudo nessa vida tem como dar um jeito. — Diz chegando ainda mais perto de mim. — O problema é que já estou atermado, e não sei se será possível eu me afastar de você, Mariana.

Engulo em seco sentindo meu coração acelerar mais uma vez, minha barriga gela e meu olhar recai em seus lábios rosados e perfeitos, como Peter é cheiroso... Ele tira alguns fios de cabelo do meu rosto e roça os dedos na minha bochecha, não consigo desprender do seu olhar, Peter me hipnotiza de uma maneira única, um jeito que somente ele consegue fazer.

— Você é linda, tão linda que tira meu sono. — Fala roçando seu nariz no meu, fecho meus olhos incapaz de mantê-los aberto. — Seu cheiro de rosas e chocolate me deixa doido.

Prendo a respiração quando seus lábios roçam os meus. Sinto meu corpo inteiro se contrair de desejo, de vontade de beijar sua boca e sentir suas

mãos. Peter desce os lábios pelo meu pescoço e inspira antes de voltar a roçar os lábios nos meus novamente.

— Precisamos levar esse carinha no veterinário, depois terminamos essa conversa. — Assinto com os olhos fechados desejando que tudo se explodisse e só sobrasse eu e esse nerd.

Dean chora, respiro fundo e assinto.

— Ok!

Peter se afasta e eu abro os olhos com meu corpo inteiro pulsando de desejo. Meu Deus, eu nunca me senti desse jeito. Engulo em seco e inspiro tentando me acalmar e me recompor. Peter retira a chave da ignição, se inclina para pegar Dean e desce da caminhonete.

Esfrego meu rosto, arrumo meus cabelos antes de descer da caminhonete e ir atrás deles que entrou no pet shop. Leva um tempinho para minhas pernas me obedecerem, pois estão bambas pelo efeito delicioso que Peter me faz sentir.

Não resta dúvidas, eu realmente estou apaixonada pelo nerd, e dessa vez não resta incertezas. O problema agora é fazê-lo perceber que vale a pena se apaixonar por mim e se entregar, porque eu quero sentir sua boca, seu sabor e farei de tudo para que isso se realize.

Não me importo se irei embora no final do ano, eu vou aproveitar cada segundo que tenho ao seu lado, e como ele falou, sempre tem um jeito e daríamos esse jeito, porque eu quero Peter para mim... quero ele do meu lado, custe o que custar.



Pet shop é simplesmente lindo, têm várias coisinhas para criaturinhas e muitos frufus. Fico olhando as caminhas tentando escolher qual será a melhor para Dean, o problema é que eu não sei o tamanho que ele vai ficar.

E se ficar gigante? Olho para o cachorro que anda no chão da loja, suas patinhas não são gordinhas e grandes, são pequeninas, ele tem um rabo um pouco longo, um nariz achatado, olhos... FRANZO o cenho, não reparei na cor de seus olhos.

— Que tamanho que ele vai ficar? — Pergunto a Peter que analisa uma caminha.

— Acredito que seja um porte pequeno, não aparenta ser cachorro grande. — Diz mostrando uma caminha. — Creio que essa seja perfeita para ele, o que acha?

Pego a caminha e a estendo no chão. Ela é redonda e bem fofinha na cor preta, mesma cor de Dean, vai ser difícil enxergar a criatura em uma cama da sua cor, mas eu gostei e achei ela tão bonita, tem até um travesseirinho.

— Eu gostei, só que ela é da mesma cor que a criatura, imagine só se eu não o enxergar? — Dean sobe na cama e se acomoda nela, parece que gostou.

Fico encarando meu cachorro para ver se descubro a cor de seus olhos, e eles são esverdeados, que lindos! Bato a ponta do meu dedo em seu focinho e sorrio quando ele tenta me morder.

— Ele gostou. — Fala Peter se agachando para acariciar Dean.

— Vou ficar com ela. — Revelo pegando a criatura no colo. — Agora vamos levá-lo para tomar as vacinas, certo?

— Certo. — Peter confirma pegando a caminha de Dean.

O veterinário faz todos os procedimentos necessários para manter Dean saudável. Ele me instrui do que devo e não devo fazer com o cachorro, como por exemplo; não dar comida de gente para ele, pois temperos e alguns alimentos podem lhe fazer mal.

Depois de tirar sangue de Dean para fazer alguns exames, tomar a primeira vacina e vermífugos, fomos dispensados. Agora é só esperar os resultados e a data das próximas doses. Comprei não só a caminha, mas shampoos para banho, ração, alguns petiscos, cobertinha para aquecê-lo e uma escovinha de dente para manter seus dentes limpos.

Foi muito divertido esse momento, Peter se mostrou ser bem-humorado, me fazendo rir quase o tempo inteiro. Queria poder ficar mais tempo ao seu lado. Guardo todas as compras no carro e Peter arranca com a caminhonete nos levando para um destino que não quis revelar.

Ele dirige por aproximadamente meia hora, entra em uma rua de chão engolida por uma mata. O lugar é muito íngreme, onde exige muita força do carro para conseguir chegar no topo.

Alguns minutos depois, Peter estaciona o carro e desce, contorna a caminhonete e abre a porta para me ajudar a descer. Agradeço pelo cavalheirismo desejando que sua mão me segurasse por mais alguns segundos ou minutos, quem sabe eternamente.

Peter pega Dean e estende a mão para que eu possa segurá-la, seguro sem pensar duas vezes. Ele nos guia mais para cima, tenho certeza que o que eu vou ver vai ser mágico.

— Que lugar é esse? — Pergunto um pouco ofegante por causa da subida.

— Meu lugar favorito, eu vinha muito aqui com meu pai quando estava vivo. — Revela fazendo meu coração apertar.

— Você sente muita falta dele, não é? — Peter assente e me lança um olhar triste.

— Ele era o melhor pai do mundo, tinha seus defeitos, mas além de ser meu pai, era meu melhor amigo.

— Sinto muito. — Ele acena com a cabeça e olho para frente.

— Mesmo quando eu comecei a andar por um caminho distorcido, ele estava ao meu lado, mas sabe como são os adolescentes que se rebelam... — Assinto apertando sua mão.

— Nossos pais se tornam inimigos. — Digo entendendo perfeitamente o que ele quer dizer.

— Não me importava mais com meus pais e quanto mais eles falavam, mais eu queria me afundar, não ligava para suas broncas e muito menos conselhos, na minha cabeça eu sabia o que estava fazendo.

— Foi uma fase difícil? — Pergunto tomando fôlego para continuar subindo o morro.

— Sim, e só piorou. — Confessa parando de andar. — Olha só! — Diz apontando para frente.

Meus olhos se iluminam quando eu vejo a perfeição da natureza. O mar está à frente com penhascos à sua volta, o sol reluz na água azul cristalina, abaixo de nós tem uma praia onde se encontram pássaros de várias espécies que também voam pelo céu azul. Nunca tinha visto algo tão maravilhoso na minha vida, parece ter saído de uma pintura tamanha sua perfeição.

— Que maravilhoso, Peter! — Falo soltando sua mão e dando um passo à frente.

— Sim. — Diz soltando Dean para que ele possa andar. — Esse lugar me dá paz, me mostra que há um ser maior que todos nós. Esse lugar me fortalece.

Olho para Peter que encara a paisagem se perdendo em pensamentos. Ele não está com seus óculos, assim consigo ver melhor seus olhos azuis que são tão lindos, mas com um brilho opaco e sem vida.

— Peter...

— Mariana... — Ele se vira ficando na minha frente e me encara com intensidade. — Eu não sou uma pessoa boa, fiz muitas coisas erradas, mesmo que eu queira te amar, não sei se mereço você ao meu lado. — Peter respira fundo. — Não sei se mereço ser amado.

Meu coração dói ao vê-lo tão desolado, sozinho e triste, eu quero fazê-lo sorrir, mostrar o quanto é especial, mesmo com seus erros e defeitos, pois, Peter merece sim ser amado e valorizado.

— Não me importo com o que fez no passado, dos seus erros e defeitos, pois são deles que nos faz sermos pessoas melhores. É dos nossos erros que aprendemos a viver e fazer as escolhas certas.

— Tem coisas que você não sabe de mim, talvez nem queira mais ficar quando descobrir. — Diz com a respiração acelerada, dou um passo à frente e seguro seu rosto com minhas mãos.

— Eu não quero saber do Peter do passado, eu quero o Peter de agora. — Ele inclina a cabeça para o lado aceitando minha carícia. — Eu quero saber de tudo o que aconteceu com você, Peter, de todos os detalhes, mas irei esperar seu momento e pode ter certeza, eu vou te entender.

— Você é um raio de luz que chegou para iluminar minha vida. — Fala encostando a testa na minha. — Eu quero entregar meu coração para você, mas tenho medo.

— Medo de quê? — Pergunto roçando meus lábios nos seus.

— De sair ferido. — Revela entrelaçando as mãos em meus cabelos.

— Peter, não vou te prometer que não irá se machucar. — Encaro seus olhos. — Mas farei o impossível para que isso nunca aconteça. — Ele sorri de lado fitando minha boca.

— Posso te beijar? — Umedeço meus lábios e sorrio entrelaçando meus braços em seu pescoço.

— Deve...

Ele mal espera eu terminar de falar e enlaça minha boca com a sua. Eu esperei por esse momento desde o dia em que esbarrei com ele no aeroporto, mesmo não fazendo ideia de que estaríamos hoje aqui, juntos, já sentia que isso iria acontecer.

Amor à primeira vista? Talvez, o destino sempre coloca peças em nosso caminho. Eu vim para Sacramento contra minha vontade, sem conhecer ninguém, muito menos minha própria mãe, mas talvez se eu não estivesse vindo, não encontraria Peter.

Não sei o que vai ser de nós amanhã ou futuramente, as vezes nem dê certo de ficarmos juntos, somos dois jovens descobrindo o prazer da vida, talvez tenhamos que trilhar um caminho diferente, longe um do outro, mas você quer saber? Eu não vou pensar no depois, e sim no agora, pois lutarei para que isso seja apenas o começo de nossa história e de nossos sonhos, não importa as dificuldades e as diferenças, iremos lutar juntos, como um casal de namorados, amantes e amigos.

Peter segura minha cintura e me puxa para colar meu corpo no seu, querendo acabar com tudo o que tende a nos separar. Sua língua navega por minha boca arrepiando minha pele e fazendo-me sentir elétrica, mas ao mesmo tempo leve, como se eu estivesse voando pelo céu azul de uma manhã ensolarada.

Mordo seus lábios inferior e intensifico o beijo, porque eu não quero parar, pois cada segundo que se passa, a necessidade de senti-lo e saboreá-lo aumenta. Quero seu corpo ainda mais colado ao meu e suas mãos navegando pela minha pele, mas preciso respirar, recuperar o fôlego que não existe mais.

Peter desvencilha nossas bocas e respira fundo, faço o mesmo. Sua respiração acelerada acaricia meu nariz. Estamos ofegantes e maravilhados com o que sentimos, ele roça seus lábios nos meus novamente e sorri encostando a testa na minha.

— Quero passar a tarde inteira te beijando. — Diz apertando com delicadeza minha nuca.

— Eu também. — Suspiro segurando seus cabelos. — Não sabe o quanto esperei por esse momento. — Falo lhe dando um selinho. — Não me aguentava mais ficar sem senti-lo. — Peter sorri e começa a beijar meu pescoço me arrepiando inteira.

— Estava ficando difícil não querer sentir seus lábios perfeitos. — Fala

mordendo de leve o lóbulo da minha orelha direita.

— Você gostou? — Ele me olha, umedece os lábios e sorri preguiçosamente.

— Ainda não sei, preciso de mais provas. — Sorrio e volto a enlaçar seu pescoço.

— Então não podemos perder tempo.

Peter volta a me beijar, não consigo descrever a sensação que estou sentindo, meu coração palpita, minha barriga parece estar cheia de borboletas e sinto vontade de sorrir sem parar, mas não posso porque prefiro mil vezes estar beijando-o, sem pausas, sem interrupções e sem limites.



Desço as escadas de casa com um sorriso enorme no rosto, não consigo parar de sorrir. Ontem passei o dia inteiro com Peter, além de nos beijarmos a maior parte do tempo, conversamos para nos conhecer melhor e esse momento fez me apaixonar ainda mais por ele, foi incrível e inesquecível.

— Bom dia! — Saúdo me aproximando da cozinha.

— Está alegre hoje. — Sobressalto de susto com a voz de Bryan, ele está inclinado no balcão com uma xícara de café.

— Você por aqui!? — Falo com surpresa colocando minha mochila ao lado da cadeira. — Você por um acaso dormiu aqui? — Pergunto me sentando.

— Não, faz pouco tempo que cheguei. — Diz colocando um prato de ovos mexidos à minha frente.

— Cadê Ellen?

— Estou aqui! — Ela surge com um copo de suco e coloca na minha frente. — E esse sorriso no rosto? — Pergunta se sentando.

— Estou feliz, só isso. — Digo comendo meu ovo mexido com bacon que está divino. — Ainda negam que estão juntos?

— Não estamos juntos. — Retruca Ellen dando uma mordida em seu bolo.

Bryan se senta à mesa e fica me olhando tempo demais, esse cara está ficando estranho. Aponto a colher em sua direção.

— Você está passando tempo demais com a gente, tem alguma coisa que eu precise saber? — Bryan me encara e depois lança um olhar tenso em direção à Ellen que me fita um pouco pálida. — O que está acontecendo aqui?

— Não é nada. — Fala Ellen com uma risada forçada. — É que passamos a noite juntos, só não queríamos que você soubesse. — Inclino a cabeça e olho para Bryan.

— Não resistimos. — Concorde dando de ombros e encarando sua xícara.

Conheço ambos o suficiente para saber que estão mentindo. Respiro fundo e me levanto, perdi a fome.

— Mais uma vez a mentira no meio de nós. — Falo aborrecida pegando minha mochila. — Espero que possam me contar o que tanto escondem, antes que seja tarde demais. — Digo sem olhá-los e caminho em direção à porta.

— Mariana, eu te levo... — Ellen fala com desespero na voz.

— Não, eu vou caminhando, o colégio não fica tão longe. — Fecho a porta atrás de mim e desço as escadas da varanda rumo ao colégio.

Não entendo porque continuam mentindo para mim, sabem perfeitamente que a mentira magoa e destrói, mas preferem continuar

mentindo. Bryan está cada vez mais perto e sei que ele tem alguma coisa a ver com esse segredo que não só meu pai esconde, mas Ellen também.

Respiro fundo, acordei feliz e alegre por causa de ontem, mas foi destruído por essa droga de segredo. Merda, não acredito que eu terei que buscar minhas próprias respostas. Levo quarenta minutos até eu chegar no colégio, foi bom para eu espairecer a cabeça.

Abro meu armário colocando minha mochila dentro, encosto nele analisando minhas aulas em um papel, olho para frente quando vejo Frankie parando em seu próprio armário, levo um choque ao vê-la sem maquiagem e com blusas cumpridas, não está frio para se agasalhar daquele jeito.

Ela abre seu armário e respira fundo, faz uma careta tirando sua mochila das costas e a guarda lá dentro. Aconteceu alguma coisa com aquela garota, não é a Francine que eu conheço, a debochada e maldosa.

Pego as coisas que eu preciso para as primeiras aulas, tranco meu armário e me aproximo de Frankie com cautela. Seus cabelos estão tampando seu rosto, ela geme e segura seu pulso.

— O que foi? — Pergunto parando ao seu lado, ela se assusta, mas não me olha.

— Nada. — Responde seca.

— Frankie, o que aconteceu? — Repito friamente, mas no fundo morrendo de preocupação.

— Eu já disse que não é nada. — Fala alterada batendo a porta do armário com força e me dando as costas.

Se não fosse nada, ela não estaria agindo desse modo. Dou um passo à frente e seguro seu antebraço a fazendo parar.

— Você não está bem, Frankie, o que foi? — Ela tenta puxar seu braço

mais se encolhe de dor.

Faço ela se virar para mim e me assusto quando seus olhos se encontram com os meus. Seu olho esquerdo está roxo, sua boca tem cortes e sua bochecha está com um hematoma como se tivesse levado um tapa. Me aproximo e ainda segurando seu braço, ergo a manga de sua blusa, vendo um pulso arroxado.

Engulo em seco e encaro Frankie que abaixa a cabeça e começa a chorar. Ela foi espancada da forma mais covarde que existe, e mesmo sabendo de sua fama ruim, de suas atitudes desprezíveis, eu nunca desejaria isso a ela.

Meu coração se parte em pedaços, essa garota à minha frente está desolada, sozinha e ferida, nunca imaginei que veria Frankie nesse estado... tão vulnerável.

— Quem fez isso? — Ela nega com a cabeça e se encolhe.

Ranjo meus dentes com ódio de quem se atreveu a tocar nessa garota. Uma pessoa vem em minha cabeça, mas descarto na hora, não posso acusar sem ter provas. Então a única coisa que eu faço é abraçá-la com força, demonstrando que sua amiga está aqui para ela.

Seguro firme seus ombros quando seu choro intensifica e suas pernas fraquejam, tento entender o que leva uma pessoa fazer isso com a outra. Sei que Francine não é uma garota agradável, mas espancá-la desse modo não é certo, tira qualquer razão que a pessoa possa ter, não há justificativas.

— Eu n-não se-ei o qu-e aco-onteceu, — gagueja em meio aos soluços, — de repente eu recusei, ele se alterou e partiu para cima de mim e não parava mais, pensei que iria morrer. — Aperto Francine no meu peito para dizer que ela está segura.

— Eu estou aqui, ok? — Ela assente.

Frankie falou *ele*, então quer dizer que foi um homem que fez isso com ela. Respiro fundo e aperto minha mandíbula, segurando o ódio que eu estou sentindo.

— Vamos ao banheiro se recompor, não deixe que a vejam tão quebrada. — Falo afastando-a e olhando em seus olhos. — Vai ficar tudo bem, venha.

Seguro sua mão e a guio para o banheiro, ela lava seu rosto depois de ter chorado mais um pouco e vai me contando tudo o que lhe aconteceu, a única coisa que sinto ao escutar suas palavras é ódio, quando ela se recompõe e termina de falar, viro de costas e caminho apressada em direção ao refeitório, porque eu sei que ele vai estar lá.

— Mariana! — Grita Frankie atrás de mim. — Pelo amor de Deus o que você vai fazer?

Nem eu sei, mas a única coisa que me guia nesse momento é a ira, a raiva e o ódio. Esbarro no ombro de alguém, não paro para saber quem foi, pois só vejo vermelho e a mesa se aproximando.

Fecho e abro as mãos, ele está inclinado na mesa conversando e rindo, como pode estar rindo depois do que fez? Ele não me vê, o que é bom. Quando chego perto dele, seguro seus cabelos e com toda a força que eu tenho, bato sua cabeça na mesa.

Gilles ruge de dor e surpresa, chuto suas pernas, ele perde o equilíbrio e cai no chão, não perco tempo e vou para cima dele, agarro seus cabelos e começo bater sua cabeça no chão, ele uiva de dor a cada pancada, ele tenta me tirar de cima dele, mas não consegue por estar tonto, uso isso a meu favor e continuo jogando sua cabeça contra o piso do chão.

Solto sua cabeça e começo a socar seu rosto, assim como fez com o rosto perfeito de Frankie. Não duvidei nem um pouco quando ela me contou que foi ele que fez isso com ela, porque ela se recusou a transar com ele bêbado, drogado e ainda por cima a obrigou a fazer sexo.

EU VOU ACABAR COM ESSE DESGRAÇADO!

Seguro seu pescoço e começo a apertar, não enxergo nada, não ouço nada, nem sei como eu tenho tanta força para enfrentar um garoto que é mil vezes mais forte do que eu, mas a repulsa, a imagem dele estuprando Frankie, a espancando me deixa tão furiosa que a única coisa que eu quero é matá-lo.

— Eu vou te destruir, seu merda. — Chio entre meus dentes cerrados, largo seu pescoço e começo a socar seu rosto novamente, ele começa a sangrar conforme cortes são abertos.

Gilles geme, se contrai e uiva quando quebro seu nariz e se contorce tentando me tirar de cima dele, mas não consegue. Nesse momento eu sou muito mais forte do que ele e vou fazê-lo pagar.

Se ele fez isso com Frankie, com certeza fez com outras garotas. Meu Deus, nenhuma mulher merece passar por isso, ser forçada a algo que não quer, ser espancada por dizer não.

— Mariana pelo amor de Deus...

Escuto alguém gritar com desespero, braços me enlaçam e me tiram de cima de Gilles quase desmaiado, contorço para me soltar, eu não quero que ele desmaie, quero que ele morra.

— Me solta seu merda. — Rosno me contorcendo, não sei como consigo me soltar, mas a única coisa que faço é me virar e dar um soco no rosto da pessoa que me segurava antes de partir para cima de Gilles no chão.

Chuto sua cabeça fazendo-o gritar antes de me agarrarem e me

afastarem dele novamente.

— EU VOU MATAR ESSE DESGRAÇADO! — Grito com ódio.

— Se acalme, Mariana...

Tento me soltar, mas não consigo e sou afastada de Gilles que se contorce de dor. Jimmy me olha pasmo e se agacha ao lado do amigo que não para de gemer. Leva alguns segundos para minha visão voltar ao normal, olho para os braços que me seguram e depois para seu rosto.

Peter está com os olhos arregalados, pálido e me encara com horror. Frankie está ao seu lado com as mãos na boca, chocada com o que acabou de presenciar. Olho ao redor, todo mundo está em silêncio, me encarando com expressões abismadas, o Padre Pirosh anda apressado em nossa direção cuspiendo fogo, e finalmente olho para Gilles.

Ele está sentado no chão com uma blusa em seu nariz, tentando impedir o fluxo de sangue que jorra, seu rosto está machucado e ele me encara com ódio, como se pudesse me matar apenas com seu olhar, e eu soube nesse exato momento, fitando seus olhos furiosos que eu estou ferrada.



Gemo quando Xayane começa a limpar os machucados das minhas mãos, elas estão esfoladas de tanto que soquei a cara daquele desgraçado, e o impressionante é que não senti dor nenhuma. Ainda fico me perguntando como eu tive coragem de partir para cima dele.

Sei que foi por causa da Frankie e do que ele fez com ela, mas a força que eu estava naquela hora foi surreal, fiquei literalmente cega e não pensei em nada, se não tivessem me tirado de cima de Gilles eu o teria matado.

— Você está tão encrencada... — Murmura Xayane enfaixando minha mão direita.

— Eu sei. — Sussurro com uma respiração funda. — Eu fiquei cega de ódio.

Xayane me encara por alguns segundos com seus olhos bondosos e preocupados, não sei se soa estranho, mas ela fica tão linda de freira. Ela termina minha outra mão e alisa sua túnica e recosta na cadeira.

— Você quebrou o nariz de Gilles. — Assinto com um pequeno

sorriso, apesar de tudo o que fiz, não sinto um pinga de arrependimento. — O que te levou a fazer isso com ele, senhorita Vitale?

Deito na cama da enfermaria do colégio e fito o teto, não revelei os motivos que me levaram a agir daquela forma, mesmo com as ameaças e gritos do Padre Pirosh, eu não falei uma única palavra, apenas escutei e aceitei as broncas e indignações.

Sei que Frankie não quer que eu conte o que aconteceu com ela, apesar de não concordar, pois o que ele fez é crime e merece cadeia, eu respeitarei suas decisões, então, por enquanto, ficarei com o bico fechado.

— O que vai acontecer comigo? — Pergunto, escuto a respiração funda de Xayane.

— Talvez uma expulsão, — viro o rosto e a observo segurar seu terço, acho que ela está rezando enquanto conversa comigo. Admiro sua fé, gostaria de ser próxima de Deus como ela é. — Ou se der sorte, apenas uma suspensão e detenção. — Assinto erguendo minhas mãos enfaixadas.

— Xayane?

— Hum...

— Você é próxima de Deus? — Volto a olhá-la, ela ergue sua cabeça e crava seus olhos nos meus.

— Somos íntimos. — Diz com um sorriso discreto. — Por quê?

— Se você pedir para ele não deixar que algo aconteça, ele te escutaria? — Ela inclina a cabeça e olha para seu terço.

— Quem sabe! — Diz voltando a olhar-me. — Por que não pede você mesma? — Dou de ombros e balanço a cabeça.

— Acho que ele não me escutaria. — Murmuro entrelaçando as mãos e colocando-as em cima da minha barriga.

— Ele escuta todos os seus filhos, Mariana, basta pedir com fé, mas ele não prometerá que nada vá te acontecer, — olho para ela sem entender, — porém, te dará força para enfrentar todos os desafios que estará em seu caminho, e ao seu lado ele te guiará e estenderá sua mão quando você cair.

— Não sou muito íntima dele. — Confesso sentindo uma dor no peito.

— Você está com medo? — Umedeço meus lábios e assinto.

— Um pouco.

— Vai dar tudo certo. — Meneio a cabeça fitando o teto. — Posso rezar em voz alta? Assim você poderá conversar com Deus. — Comprimo meus lábios e assinto.

Sua voz é suave, calma e confortante, a cada oração que faz, sinto um alívio no peito. Eu sei que o que fiz foi errado, mas o pior foi que eu mexi com o próprio diabo. Aquele olhar que ele me lançou dizia muitas coisas, Gilles vai se vingar, não somente porque parti para cima dele, isso é o de menos, o problema é a vergonha que eu o fiz passar.

Ellen está nesse momento na sala do Padre Pirosh, deve estar furiosa comigo, já até imagino os gritos e as broncas que vai me dar quando chegarmos em casa. Respiro fundo engolindo o medo que começa a me consumir, não deveria ter perdido a cabeça, agora terei que enfrentar as consequências.

Xayane termina de rezar e sai da enfermaria me deixando sozinha, fico tranquila, porque Gilles foi para o hospital consertar seu nariz quebrado, graças ao bom Deus que não quebrei mais nada dele, pois se não, eu estaria ainda mais ferrada.

Escuto passos e olho no rumo do barulho, respiro aliviada quando Peter aparece vestido com seu moletom e óculos. Ele sorri e franzo a testa quando

vejo um cortado em sua boca.

— Oi. — Saúda se sentando na cadeira ao lado da cama. — Como você está?

— Bem, eu acho... — Ele abaixa a cabeça e encara suas mãos. — Quem fez isso com seu rosto? — Pergunto levando minha mão em direção ao seu rosto.

— Você. — Revela colocando sua mão em cima da minha, sua pele é tão quente e macia. — Tentei te segurar, mas você se virou e me deu um soco. — Fala sorrindo de lado.

— Desculpa, não quis te machucar.

— Eu sei que não. — Peter beija minha mão e fecha os olhos. — Mariana, sabe a merda em que se meteu? — Pergunta me encarando, assinto e inspiro fundo.

— Deixei o ódio me dominar, Peter. — Ele levanta e se aproxima.

— Percebi. — Peter alisa meu rosto e beija meu nariz. — Agora terá que enfrentar Gilles, aquele cara não vai deixar barato.

— Estou com medo. — Confesso fechando meus olhos.

— Não tenha, minha linda. — Diz colocando sua testa na minha. — Eu vou te proteger. — Assinto segurando seu rosto.

Peter encosta seus lábios nos meus pedindo permissão para me beijar, é obvio que eu aceito. Seu sabor é tudo o que eu preciso para me sentir calma e sem medo, seu carinho me fortalece e renova, sei que ele vai me proteger e eu também irei protegê-lo.

Alguém pigarreia atrás de nós e Peter se afasta olhando para trás. Ellen e Bryan estão parados na porta com cara de poucos amigos, ou melhor, cara de quem vai me botar de castigo pelo resto da vida. Respiro fundo e com a

ajuda de Peter, me levanto da cama.

Ellen ainda está vestida de policial, o que indica que deixou o trabalho para resolver os meus *pepinos*, mas porque Bryan está aqui também?

— Senhora Collins, como vai? — Pergunta Peter quando nos aproximamos deles.

— Oi Peter, não muito bem com o que eu acabei de escutar. — Responde com indiferença. — Vamos Mariana, temos muito o que conversar. — Ela me dá as costas e caminha furiosa pelo corredor vazio, Bryan me lança um olhar de conforto antes de seguir Ellen.

— Se cuida, ok? — Assinto abraçando Peter.

— Você também. — Falo lhe dando um selinho. — Posso te fazer um pedido?

— Claro. — Responde alisando meu rosto.

— Cuide da Frankie, sei que ela fez muitas coisas erradas com você, mas nesse momento ela precisa de alguém. — Peter respira fundo e acena com a cabeça.

— Vou ficar de olho nela. — Beijo seu nariz e vou atrás de Ellen, me preparando para o que vier.

Ellen está tão furiosa que parece estar correndo em vez de andando, ela se aproxima da caminhonete de Bryan com fogo nas ventas, fico até com medo de falar alguma coisa. Ela abre a porta de trás e fica segurando-a enquanto me fuzila com os olhos.

— Sabe da vergonha que eu passei naquela sala do diretor? — Pergunta quando me aproximo da porta do carro. — Você faz ideia do que fez?

— Eu agi com ódio. — Ela solta uma risada seca.

— Agiu com ódio? — Debocha das minhas palavras. — Assim como

fez das outras vezes? Não é a primeira vez que você quebra o nariz de uma pessoa, Mariana.

— Se eu quebrei, foi porque fez alguma coisa de errado, você não acha? — Meu coração acelera com raiva da sua atitude.

— Tudo tem um motivo para você, é sempre assim! — Fico chocada com sua atitude, quem ela pensa que é para falar assim comigo? — Você deveria crescer, garota, agir com a cabeça e não vir com desculpinhas para encobrir o que você anda fazendo.

— Do que você está falando, Ellen? — Bryan se aproxima com a testa franzida, esses dois estão estranhos demais.

— Você anda com um bando de delinquentes, maltrata os bolsistas, entra na porrada com um de sua turma asquerosa, e ainda me diz que teve motivos? — Grita com tanta raiva que me assusta.

— Eu não faço isso...

— NÃO FAZ? SÉRIO? VAI MENTIR AGORA? — Dou um passo para trás ainda mais assustada com seu comportamento.

— Ellen, se acalma! — Bryan tenta, mas recebe um olhar tão mortal que ele também dá um passo para trás.

— Olha aqui, Ellen Collins, — não vou deixar ela falar assim comigo, não quando não sabe absolutamente nada, — não sei quem colocou essa lorota em sua cabeça, mas fique sabendo que eu fiz isso por um motivo, não maltrato ninguém nesse colégio, pois eu respeito as pessoas, independente de quem seja ou de sua classe social. E sim, eu ando com um bando de delinquentes, mas não quer dizer que faço o que eles fazem. — Aproximo dela e olho no fundo de seus olhos. — Agora não me venha chamar de mentirosa, porque eu não sou, a única que vive na mentira é você, Ellen.

Ela me encara com a testa franzida e com mais ódio do que estava, e vendo ela nesse estado emocional, percebi que temos muito em comum.

— Você está de castigo, Mariana Vitale, sem mesada durante três meses. — Não digo nada, apenas aperto minhas mãos em punhos. — Nem seu pai vai interferir nisso, porque querendo ou não, eu sou sua mãe e você me deve respeito e obediência. Agora entra nessa porra do carro, antes que eu fale mais alguma merda.

Não espero mais nenhum segundo, entro no carro e Ellen bate a porta com tanta força que a caminhonete balança. Recosto a cabeça no banco e fecho meus olhos, ela está furiosa por alguma coisa que o diretor falou, pois nem mesmo explicações, Ellen quis.

Fico impaciente com a demora deles, será o que tanto enrolam lá fora? Quero ir embora e dormir pelo resto do dia. Olho para o lado e noto que ambos estão em uma discussão feia. Bryan está vermelho e esfrega seu rosto com impaciência, Ellen sorri debochadamente, ela coloca as mãos na cintura e aponta o dedo na cara dele.

Não faço ideia do que estão falando, o carro está com o rádio ligado e fechado, abafando qualquer barulho que vem do lado de fora. Mas é claro que vou escutar essa briga. Inclino no banco da frente e desligo o rádio, volto ao meu lugar, com cautela desço o vidro da janela e recosto a cabeça no banco escutando a discussão.

— ... Ela está andando com o filho daquele desgraçado. — Ellen fala com raiva.

— Dá para você se acalmar, não quer dizer que ele seja igual ao pai, Ellen. — Bryan tenta acalmá-la, o que piora a situação.

— Ele é igual aquele homem corrupto, você não ouviu o que Pirosh falou? Tem até boatos de que estavam juntos. — Ellen passa as mãos em seus

cabelos. — Alexander me avisou que Mariana podia dar trabalho, mas não ao ponto de andar com gente que não presta.

— Você está julgando as pessoas, Ellen, você nem sequer perguntou para Mariana o que aconteceu, apenas começou a ofendê-la. — Bryan me defende, sinto tristeza em sua voz.

— O pai daquele garoto incriminou um homem, seu idiota. — Diz com tanta raiva que meu corpo estremece. — E esse mesmo garoto estava no dia que ele morreu, você faz ideia disso?

— Olha, eu sei que ele era seu melhor amigo, mas poxa Ellen, não desconta em pessoas que não tem nada a ver. — Ellen solta uma gargalhada fria.

— Está dizendo isso só porque é amiguinho do Trump, mas fique sabendo, Bryan, que o que é daquele cara está guardado, eu vou botar ele na cadeia e provar a inocência de Charlie. — Bryan respira fundo e abaixa a cabeça.

— Deveria tomar cuidado, Trump não é meu amigo e muito menos é flor que se cheire.

— Eu sei perfeitamente do que ele é capaz, e seu filho também, se precisar acabar com ambos, eu farei isso.

— Jimmy é um bom garoto... — Meu coração acelera e sinto meus olhos arregalarem, então quer dizer que Jimmy é filho do detetive Trompa?

— Uma pinoia que é! — Retruca Ellen ainda mais alterada. — Esse garoto é encrenca, não me venha defender esse pirralho porque eu sei o que ele faz. — Ela se aproxima de Bryan. — Não vou deixar Mariana perto desses desgraçados, irei tirá-la desse colégio, mudar de cidade ou até mesmo mandá-la de volta para o Brasil, mas não irei em hipótese alguma deixar ela

se aproximar desses garotos.

— Você não pode tomar essa decisão sozinha. — Bryan rebate com uma expressão calma, mas furiosa.

— NÃO? — Ellen parece indignada, essa briga está indo longe demais, ambos estão ficando alterados e perdendo a cabeça. — EU SOU A MÃE DELA, FAÇO O QUE EU QUISER! — Grita Ellen mais perto de Bryan. — Não me diga o que eu devo fazer, ela é minha responsabilidade.

— Claro que vou falar! — Bryan se altera e bate em seu peito. — ELA É MINHA FILHA TAMBÉM...

Meu mundo desaba em meus pés, como se o universo tivesse explodido e sobrado apenas eu em meio à destruição e a devastação. Tudo a minha volta parece comprimir meu corpo, apertando tão forte que tira o ar dos meus pulmões, sinto uma dor tão grande no peito que é como se alguém estivesse arrancando-o.

Não sei se escutei bem, mas meu cérebro começa a girar, minha mente volta no primeiro dia que cheguei em Sacramento, do primeiro dia que conheci Bryan, daquela conversa em sussurros que eu espiei, de sua proximidade e olhares de admiração, atitudes estranhas e de sua presença mais constante no meu dia a dia.

Lembrei das vezes que toquei no seu nome e meu pai se alterou ou ficou sério demais, achei esquisito no momento, mas depois pensei que era apenas ciúmes por estar perto de um homem desconhecido, pois papai é muito ciumento comigo.

Entretanto, desde o momento em que Alexander me mandou para os Estados Unidos, eu soube que não foi por causa da minha rebeldia, papai é apegado comigo, nunca que me mandaria para longe, ainda mais entregar minha guarda a uma mulher que nem sequer me conhece. Sabia que tinha

alguma coisa estranha. Ellen, Bryan e Alexander escondem segredos, mas nunca imaginei que seria minha verdadeira paternidade.

Olho para eles que ficam em silêncio e congelados, pois sabiam perfeitamente que foram longe demais, os olhos de ambos se encontram com os meus e encaro Bryan. Seus cabelos são um pouco encaracolados, olhos castanhos e... Ele não pode ser meu verdadeiro pai, Alexander que é!

Não sei o porquê esconderam isso de mim, ou da Ellen ter me abandonado com um homem que não era meu verdadeiro pai, não sei porque fizeram isso comigo, não sei nem pensar direito. Estou paralisada, sem reação e em choque, pois mesmo que ele seja meu pai, assim como Ellen, ele me abandonou, nenhum deles merecem o título de pais, são pessoas mentirosas e falsas que acabaram de destruir a vida de uma adolescente que tem somente dezessete anos.

Então quer dizer que não sou uma Vitale? Que Alexander não é meu pai? Meus tios, primos, vovó não são minha família de verdade? Quem eu sou agora? Por que fizeram isso comigo? Por que destruíram minha vida?

Eu não quero saber das respostas, quero que o tempo volte. Quero estar no Brasil onde minha família está, o lugar que eu nunca deveria ter saído. Porque eu sei que se me responderem, saberei que nada do que eu vivi durante minha vida foi real, que minha família não é minha de verdade e que eu não sou Mariana Vitale.

Nesse momento a única coisa que eu sei, é que eu não quero descobrir a verdade.



Não consegui prestar atenção em nenhuma das aulas do primeiro horário, minha cabeça só tem a imagem de Mariana esmurrando ferozmente Gilles, ela estava irreconhecível, fiquei assustado ao vê-la em cima dele.

Não faço ideia do que aconteceu, ou o que a levou a fazer o que fez, mas se Mariana espancou aquele cara, alguma coisa ele aprontou. Cruze minhas mãos e encaro a professora Darla sem entender uma única palavra.

Meu coração bate com força, sinto-o abafado e angustiado, porque aquele cara não vai deixar barato, sei do que é capaz, pois eu era da turma deles, vi e fiz coisas que abominariam qualquer pessoa.

Já assisti eles espancarem garotos sem terem feito nada, eu mesmo já bati em um por causa de Jimmy. Na época que eu queria ser aceito, eu fazia de tudo para que me incluíssem no trio, até mesmo dar avisos em forma de espancamento.

Tudo isso para que meus primos me aceitassem, que me incluíssem na turma, mas tudo o que fizeram foram me usar e me derrubar. Meu pai nunca se deu bem com Trump e Mirko, pai de Jimmy e Gilles, porque decidiu

seguir uma cultura diferente, quis ganhar seu próprio dinheiro sem depender da herança de família, então meu avô e seus irmãos o deserdaram, papai seguiu com sua vida e conheceu minha mãe.

Anos depois ele tentou fazer as pazes, não teve muita aceitação, mas prometeram colaborar, mas mesmo que tentassem, não conseguiriam, pois tinha uma rivalidade entre os três. Papai ficava com pé atrás com minha amizade com os dois, tentava a todo custo aceitar, afinal, somos uma família.

Entretanto, tudo mudou quando eu comecei a seguir os passos de Jimmy e Gilles, aceitei pela primeira vez experimentar heroína de tanto que Gilles insistia. Ele usava, Jimmy de vez em quando, qual o mal de eu experimentar?

Foi o maior erro da minha vida, a sensação foi tão boa que eu usei uma segunda, terceira, quarta vez até não conseguir mais ficar longe, e foi quando meu pai descobriu que tudo desmoronou. Nossa família se quebrou, virou um ringe de luta sem fim. Acusações, ameaças, brigas e até mesmo agressões, tudo por causa do filho drogado do hippie.

Depois do acidente, minha mãe me internou em uma clínica de reabilitação, fiquei trancado em tratamento durante seis intermináveis meses, consegui largar o vício, hoje não sinto um pinga de vontade e felizmente me afastei. Porém, a culpa ainda está em meu peito, porque se eu não estivesse drogado e pegado o carro, meu pai estaria vivo.

Respiro aliviado quando a aula acaba, não aguento mais ficar preso nessa sala, com pessoas cochichando o tempo todo sobre a briga de Mariana e Gilles. Infelizmente eu não poderei faltar a aula, pois tenho prova no segundo horário, só torço para que Mariana fique bem depois das broncas e provavelmente do castigo.

Coloco minha bandeja de comida na mesa e me sento, como sempre

fico escutando piadinhas e ofensas direcionadas a mim, aquele trio fez um bom trabalho me excluindo e difamando.

Sinto um olhar em mim, uma sensação incômoda e agonizante, olho para o lado encontrando com olhos amendoados. Não me lembro do seu nome, mas é a garota que caçou briga com Mariana no refeitório por causa do namorado, ela me encara com intensidade como se eu tivesse feito algo de errado, não dura muito tempo e logo desvia e volta a interagir com sua turma de meninas perfeitas.

Meneio a cabeça, esse colégio só tem um nome renomado, porque os alunos são todos estranhos, problemáticos e esquisitos. Abro a garrafinha de água e paraliso quando uma bandeja é colocada à minha frente.

— Oi! — Levanto a cabeça e fito o rosto machucado de Frankie. — Eu sei que não fui uma pessoa boa com você, então estou aqui para te pedir desculpas.

— Hã?

É isso mesmo que eu acabei de escutar? Estou congelado e surpreso, nunca em minha vida eu ouviria as desculpas de Frankie. Coloco minha garrafinha na mesa e recosto na cadeira erguendo uma sobrancelha, não dá para acreditar nisso!

— Eu me arrependi pelas coisas que eu fiz, cai na real de que não vale a pena agir do jeito que eu estava agindo, só me tornei uma pessoa vazia. Pode até ser por causa do que me aconteceu, quando estamos perto da morte nossa vida passa como um flashback e eu não quero ser como eu era. — Frankie respira fundo e me olha com sinceridade. — Peço perdão, Peter, por todas as vezes que eu te fiz mal.

Quem sou eu para não perdoar? Ela era o brinquedinho de Gilles, fantoche de Jimmy, assim como eu era antigamente, pois a única coisa que

eles sabem fazer é usar as pessoas. Respiro fundo e assinto, ela suspira e me lança um sorriso com os olhos brilhando.

— Eu... — Francine umedece seus lábios e aponta para cadeira à minha frente. — Posso me sentar?

— Se quiser virar piadinha e ser odiada por se sentar com o nerd do colégio, pode ficar à vontade. — Dou de ombros pegando meu livro, ela balança a cabeça e se senta à mesa.

— Não ligo mais para isso. — Murmura e começa a mexer em sua comida, tento não prestar atenção nela, mas é difícil quando uma pessoa à sua frente parece tão solitária.

Fico entretido com a leitura que acabo não percebendo quando Jimmy e Susan se aproximam, eles param ao lado da mesa com os braços cruzados nos encarando. Não tiro meus olhos do livro, porque eu não quero confusão.

— Francine... — Começa Jimmy, rindo como se estivesse escutando alguma piada. — Agora está sentando com esse bosta? — Fecho meus olhos por alguns segundos para não retrucar sua ofensa.

— Eu não quero mais fazer parte do trio, estou fora. — Frankie revela encarando Jimmy.

— Se rebelou contra nós, priminha? — Zomba Susan, odeio quando pessoas chamam as outras com diminutivo, como se não fossem nada.

— Não, só não quero saber de vocês, então, por gentileza, me deixem em paz. — Frankie se assusta quando Jimmy bate a mão na mesa e inclina ficando perto do seu rosto.

— Você tem certeza da sua decisão? — Pergunta com um tom de ameaça. Frankie fica congelada em seu lugar e não diz nada, provavelmente com medo dele. — Foi o que pensei, venha, vamos voltar ao nosso lugar, não

nos misturamos com gente suja.

— Não seja malcriada, prima, foi só um desentendimento.

Jimmy segura o ombro de Frankie que encolhe imediatamente, é visível o seu medo. Fecho meu livro e bato ele na mesa chamando atenção de todos no refeitório.

— Ela falou para você se afastar. — Digo me levantando. — Então é melhor tirar essas patas de cima dessa garota.

— Ou o quê? — Jimmy inclina a cabeça e me lança um sorriso cruel, dessa vez eu não irei me calar.

— Vai ficar que nem o Gilles, e pode ter certeza que eu vou caprichar. — Escuto chiados dos outros alunos, Jimmy olha para os lados e sorri como se tudo não passasse de uma brincadeira.

— Olha só, se não é o Nerdzinho tendo coragem de me enfrentar. — Ele dá um passo à frente e fica cara a cara comigo. — Ou seria burrice?

— É muita idiotice mesmo. — Resmunga Susan. — Venha, Francine, para de fazer show. — Ela segura o braço de Frankie e a puxa para cima.

— Me solta sua escrota. — Francine puxa seu braço e vem para o meu lado, ficando atrás de mim.

— Sério? — Susan gargalha.

— Se não se afastarem, a coisa vai ficar feia. — Ameaço fechando minhas mãos em punhos.

— Eu vou acabar com você, seu merdinha! — Rosna Jimmy.

Sorrio balançando a cabeça de um lado para o outro, sentindo meu corpo elétrico e louco para que ele me desse um soco.

— Você não sabe o quanto estou louco para que parta para cima de

mim, Jimmy. Não faz ideia da vontade que eu tenho de socar sua cara, e pode ter certeza que quando eu te pegar, não vou parar até te ver desmaiado. — Jimmy me fita erguendo o canto de sua boca em sinal de nojo.

— Você não é de nada, é apenas um merdinha drogado e filho de papai corrupto...

— Se continuar, — corto Jimmy e me aproximo um pouco mais, — não serei capaz de me segurar.

— Você não é capaz de nada. — Retruca rangendo os dentes.

— Quer testar?

Jimmy fica me encarando furioso, seu rosto está vermelho e vejo seu corpo tremendo de ódio e repulsa, seu pai fez um bom trabalho colocando-o contra minha família. Percebendo que estou falando a verdade, ele dá um passo para trás e aponta o dedo em direção ao meu peito.

— Você vai pagar por isso, Nerd. — Diz se afastando, junto com Susan que me fuzila com um olhar desdenhoso.

Respiro fundo, eu realmente estava ansiando para que tomasse iniciativa e viesse para cima de mim, pois são anos de acertos de contas. Não ligo para suas ameaças, sei que ele vai fazer o que disse, mas diferente dos anos anteriores, hoje eu estou preparado para enfrentá-lo, pode levar o tempo que for, eu estarei pronto para acabar com esse cara.

— Obrigada. — Olho para Frankie com os olhos marejados.

— Não me agradeça. — Digo pegando minhas coisas. — Não fiz por você, e sim por Mariana, se tiver que agradecer alguém, agradeça a ela.

Falo lhe dando as costas e caminhando para fora do refeitório, sentindo vários olhos cravados em mim, me observando. Agora não é somente Gilles que terei que enfrentar, mas Jimmy também. Duas pessoas com meu sangue,

mas com ódio nas veias que não hesitarão em acabar comigo.



Saio do carro apressada sem olhar para trás, não quero conversa e muito menos escutar explicações, no momento quero apenas ficar em um canto e esperar até minha mente estar arejada, mas a verdade é que estou com medo de saber sobre minha origem.

— Mariana! — Chama Ellen andando atrás de mim.

Abro a porta de casa bruscamente e caminho em direção ao meu quarto.

— Mariana, precisamos conversar. — Insiste Bryan fechando a porta, meu corpo gela só de escutar sua voz, a voz do homem que pode ser meu verdadeiro pai.

— Mariana! — Ellen choraminga desesperada me fazendo parar no meio das escadas.

Respiro fundo e olho para eles parados rente à escada, me encarando com súplica.

— Eu não quero conversar, muito menos saber da merda da verdade.
— Digo entre os dentes. — Nesse momento eu quero ficar sozinha, esfriar

minha cabeça e tentar achar uma lógica em tudo isso, ou até mesmo acordar dessa droga de pesadelo. — Eles respiram fundo e Ellen abaixa a cabeça cruzando os braços.

— Mariana... — Começa Bryan, mas se cala quando dou de costas.

— Me deixem em paz. — Escuto alguém me seguir, mas logo para.

— Deixe-a, Bryan. — Diz Ellen. — Não vai adiantar conversar agora.

— Mas precisamos resolver isso.

— Ela é igual Alexander, — paro de subir quando escuto o nome do meu pai, — só conversam com a cabeça fria. Deixe-a, vamos esperar. — Diz Ellen, meu peito aperta, não tem como papai não ser meu pai.

Respiro fundo e entro no quarto fechando e trancando a porta. Começo a andar de um lado para o outro, Dean vem em minha direção, mas não dou bola para ele, preciso pensar, encontrar algo que prove que Alexander é meu pai.

Prendo meus cabelos em um coque alto e esfrego meu peito que dói a cada batida acelerada do meu coração. O caminho do colégio até em casa foi preenchido pelo silêncio, ninguém estava com intensão de resolver esse assunto dentro do carro, ou até mesmo no estacionamento do colégio cheio de plateia.

Sento na cama engolindo o choro, não posso chorar antes de saber a verdade. Pego meu iPhone e disco o número de Alexander, meu pai até algumas horas atrás. Espero que ele atenda, o que não demora muito, e ao escutar sua voz grave e rouca, sinto meu mundo se desabando aos poucos.

— *Oi, minha boneca.* — Saúda com alegria, me deixando ainda mais furiosa.

— É verdade?

— *O que é verdade?*

— Que você não é meu pai? — Alexander fica em silêncio do outro lado da linha e escuto sua respiração acelerada. — Você mentiu esse tempo todo?

— *Eu...*

— Então é verdade, não é? — Solto uma risada fria. — O que não é mentira na minha vida?

— *O amor que sinto por você.* — Diz apressado antes que eu fale em disparada.

— Amor? — Levanto da cama e começo a andar de um lado para o outro. — Quem ama não mente, não engana e não esconde...

— *Você está sendo injusta...*

— Injusta, Alexander? — Pergunto indignada. — Foi por isso que me enviou para esse maldito país? — Papai respira fundo e fica em silêncio, espero por sua resposta que vem com uma voz carregada de dor.

— *Ele descobriu que você poderia ser dele, então eu te enviei para conhecer seu verdadeiro pai.*

— Não sei qual dos três é pior... — Digo ofegante e quase chorando.

— *Mariana...* — Desligo o telefone na cara de Alexander e seguro-o firme para não jogar na parede por puro ódio e raiva. Acabo jogando-o na cama e abaixando para pegar Dean que não para de chorar.

Deito na cama encolhida e com minha criatura nos braços, deixando finalmente minhas lágrimas escorrerem e meu choro sair. Dean me cheira e coloca a cabecinha no meu pescoço, como se estivesse me consolando.

— Você é o único que não mente para mim, não é? — Sussurro apertando seu corpinho. — Por favor, nunca minta para mim, Dean... nunca,

ok?

Com meu cachorro nos braços, choro de dor até pegar no sono. Sei que quando acordar terei que enfrentar meu presente que mudará o meu futuro, e mesmo que não queira, eu preciso escutá-los.

Alexander

Me sento na cama com a cabeça entre minhas mãos, escutar sua voz tão dolorosa e desesperada do outro lado da linha me despedaçou. Eu nunca quis enviá-la para aquele maldito país, ainda mais me separar do meu tesouro, porém, quando Ellen falou que Bryan tinha descoberto a existência de sua própria filha e que poderia entrar na justiça para tê-la, não tive outra alternativa a não ser, mandá-la para longe.

Eu nunca duvidei que Mariana é minha filha, mesmo quando descobri que Ellen estava grávida e que me traia com outro. Mariana sempre foi minha desde o momento que eu escutei seu coração batendo pela primeira vez, ou quando escutei seu choro.

Engulo o caroço que formou na garganta, eu não posso perder minha filha, ela é meu mundo e só de imaginar ficar sem minha boneca, meu peito aperta e quase entro em desespero. Porra... ela é minha filha, sempre será minha bonequinha. Por que ficam duvidando disso? Por que querem tirá-la de mim?

Esfrego meu rosto. Desde o dia em que Mariana foi embora, não consegui me concentrar em nada, tudo o que fazia minha cabeça vagava se perguntando como ela estaria, se está se alimentando bem e se ela está feliz com sua nova vida.

Sinto uma mão alisar minhas costas nuas, nem no sexo eu consigo me concentrar, como se o buraco no meu coração estivesse dominando toda minha vida, fazendo-me perder o sentido de viver.

— Querido, o que foi? — Diz a mulher com uma voz melosa. — Aconteceu alguma coisa? — Ela começa a beijar-me sedutoramente, respiro fundo e me levanto pegando minha calça e começando a me vestir.

— Não aconteceu nada. — Respondo secamente.

— Eu escutei sua conversa. — Olho para ela com a testa franzida.

A mulher nua se estica na cama, exibindo seios fartos e perfeitos, sua mão começa a descer em direção à sua parte íntima. Eu acompanho congelado com sua ousadia, mas na verdade, eu estou buscando em meu cérebro o nome dessa criatura.

Não fazendo ideia de como se chama, volto a encarar seu belo rosto e olhos cheios de luxúria, ela passa a língua nos lábios e sorri maliciosamente. Respiro fundo e volto a me vestir, porque eu transei com essa mulher?

— Não deveria ter escutado, esse assunto é familiar. — Indago vestindo minha camisa social e abotoando-a apressado.

— Você já vai? — Choramíngua, não me atrevo a olhá-la. — Mas nem começamos.

— Eu já terminei. — Falo tirando duas notas de cem reais da carteira e colocando-as em cima da cômoda. — Para pagar pelos seus serviços. — Aponto para o dinheiro antes de dar as costas.

— Ei, — ela grita e a olho por cima do ombro ao abrir a porta, — eu não sou uma prostituta, seu idiota! — Não? Então por qual motivo aceitou transar comigo depois de dez minutos de conversa no pub?

— Então não deveria se portar como uma. — Retruco saindo do quarto de hotel e deixando uma mulher muito furiosa para trás.

Preciso fazer alguma coisa, Mariana é minha e ninguém tem o direito de dizer o contrário, pois era eu que estava lá quando precisou levá-la ao

hospital, quando tinha pesadelos, era eu que estava ao seu lado em todos os seus passos.

Caminho pelo hotel luxuoso recebendo cumprimentos das pessoas, meu motorista já está me esperando em frente dele, com a porta do Bentley aberta. Aceno de leve com a cabeça antes de entrar e me sentar no banco traseiro.

— Bom dia, senhor, para aonde vamos? — Pergunta ligando o carro.

— Me leva para empresa, João, preciso resolver uns assuntos. — Ele meneia a cabeça e parte em direção ao meu destino.

Retiro o iPhone do bolso e ligo para André, meu mordomo há mais de dez anos. Ele atende depois do terceiro toque.

— *Alô!*

— Sou eu André, preciso que faça algo para mim imediatamente.

— *Claro senhor.* — Olho para fora pela janela e suspiro, esse é o único jeito de provar que ela é minha.

— Quero que compre passagem somente de ida para San Francisco, Califórnia e arrume minhas malas, não faço ideia de quantos dias ficarei por lá, por isso você estará à frente e cuidará de tudo enquanto eu estiver fora.

— *O que mais, senhor?*

— Ficarei em Sacramento, alugue um carro e quero que esteja em frente ao aeroporto quando eu chegar. — Ele concorda e eu respiro fundo. — Quanto a reserva do Hotel, eu faço isso, talvez fique na casa de Ellen.

— *Certo.*

— André, quero sair daqui no máximo até a noite, — falo abrindo meu laptop enquanto João dirige até a empresa, — então não meça esforços para conseguir essa passagem.

— *Não se preocupe, quando o senhor voltar, estará tudo pronto.* —
Agradeço e finalizo a ligação.

Envio um e-mail para o médico amigo meu que trabalha em um hospital na mesma cidade que Ellen, solicitando seus serviços. Depois para minha advogada contando o ocorrido e pedindo para comparecer à reunião, ela ficará responsável enquanto eu estiver fora, tomando quaisquer decisões na presidência.

Primeiro porque eu confio nela de olhos fechados e colocaria minhas mãos no fogo por ela. Segundo, Marta é minha irmã, então não existe uma pessoa perfeita que não seja ela para ocupar meu cargo de presidência enquanto estiver fora.

Fecho o laptop e recosto a cabeça no banco, irei para os Estados Unidos provar que Mariana é minha, que ninguém poderá me dizer o contrário, e no fim, trarei minha filha de volta, para sua verdadeira casa e família, porque Mariana é uma Vitalle, e sempre será uma Vitalle.



Consegui dormir quase a tarde inteira, acordei ainda mais exausta do que quando dormi, pelo menos me acalmei um pouquinho. Esfrego meu rosto e me levanto sentindo meu corpo inteiro dolorido. Vou para o banheiro e tomo um banho demorado tentando pensar em tudo, menos em Ellen e Bryan.

Depois do banho, visto uma roupa mais quente tentando novamente aquecer meu corpo que treme, não de frio, mas de medo, exaustão e raiva. Sento na cama e encaro minhas mãos, preciso ter coragem de descer e enfrentar meus problemas, mesmo que me doa, eu preciso.

Encaro Dean enquanto dorme como um anjo em sua caminha, ele cresceu desde o dia que eu o peguei, está ficando um rapaz. Respiro fundo e caminho em direção à Ellen e Bryan que certamente me esperam na sala. Desço as escadas o mais lento possível, antes de encará-los sentados no sofá em silêncio absoluto.

— Agora vão me explicar, ou continuarão mentindo? — Eles sobressaltam com minha voz e me encaram.

Ellen está com o rosto vermelho, certamente chorou por seus erros.

Bryan está pálido e um pouco ilegível, não posso acreditar que ele é meu pai.

— Mariana, eu sinto...

— Me poupe dos arrependimentos, quero saber da verdade. — Falo com raiva e arrasto uma cadeira, me sentando de frente aos dois, esperando por uma resposta.

— Dezoito anos atrás, — começa Ellen colocando as mãos no bolso de trás da sua calça e abaixando a cabeça, — viajei com meus pais para o Brasil, eles queriam fechar negócios com uma multinacional de veículos no Rio de Janeiro... — Ela engole em seco e respira fundo. — Meus pais sempre foram autoritários, nunca me deixavam fazer nada, era só ordens e eu tinha que andar na linha, eu era sua moeda de troca.

— Moeda de troca? — Pergunto sem entender, Bryan solta a respiração me chamando atenção, ele se senta no sofá, cruza as mãos e fica fitando-as enquanto Ellen me explica.

— Eles queriam que eu me casasse com o filho de um dos milionários, antes de fechar negócio com a multinacional. Eu recusei, mas sabia que nunca aceitariam, até porque, eles precisavam desse casamento para chegar até seus objetivos. — Fico encarando Bryan, ele fecha os olhos por alguns segundos e me encara, seu olhar me dizia quem é o filho.

— Você? — Pergunto, ele confirma.

— Sim, eu sou o filho dos milionários. — Recosto na cadeira e aguardo por mais. — Quando meus pais me falaram sobre esse casamento, eu não me importei, pois queria tanto o poder quanto eles, e sabia que Ellen era linda, pois dias antes eu vi uma foto dela, então conquistá-la, seria meu novo objetivo, principalmente depois de conhecê-la, sua rebeldia me atraiu. — Olho para Ellen, ela suspira e com a cabeça ainda mais baixa, continua a contar.

— Nós nos casamos duas semanas depois, pois para que a parceria com a multinacional fosse firmada, tínhamos que mostrar que nossa família era unida. Apesar de não concordar, eu e Bryan começamos a ter relações sexuais, não que eu gostasse dele, mas aproveitei. — Ellen umedece os lábios e engole seco. — Ele era bonito, charmoso e carinhoso, o sexo era bom, só não havia amor, apenas desejo...

— Para mim sempre foi amor. — Retruca Bryan entre os dentes. — Me apaixonei por Ellen no momento em que a vi, fazia de tudo para tratá-la bem, tentado fazê-la se apaixonar por mim, mas...

— Tivemos uma briga, — fala Ellen fechando os olhos, — pedi o divórcio, mas ele não aceitou, nossas famílias não aceitaram. Fiquei revoltada, eles não podiam mandar em minha vida, mas eu era jovem e ingênua demais, foi quando sai de casa e fui a um pub em Copacabana, no Rio de Janeiro, bebi o que nunca tinha bebido e foi quando eu conheci Alexander...

Meu coração acelera com a revelação de Ellen, sei o que está por vir, respiro fundo e aguardo.

— Ele foi gentil comigo, conversamos a noite inteira, e no fim acabamos na cama. Não ousei contar que eu era casada, para mim era apenas uma noite, para ele foi algo mais e a partir daquele dia, começamos a nos ver quase sempre e em todas elas acabávamos na cama. — Franzo o cenho e encaro Bryan que está ilegível.

— E ele? — Aponto meu queixo em sua direção.

— Consegui esconder minha traição, mas eu tinha que interpretar o papel de esposa, então eu dormia com ele todas as vezes que me pedia. Meus pais e ele não poderiam nem sequer imaginar que eu tinha um amante. — Fala esfregando seu rosto, eu nem sei o que pensar, ou falar.

— Então você traia Bryan com Alexander e dormia com ambos? — Ela assente, meneio a cabeça com meus lábios apertados tentando ao máximo não a ofender.

— Eu queria terminar com Bryan, mas não podia por medo dos meus pais, e contar para Alexander corria o risco de eu perdê-lo, eu não queria ficar longe de Alexander, porque eu estava apaixonada por ele.

— Você mentiu para ele. — Digo decepcionada.

— Sim, eu menti para ambos. — Indaga com uma voz embargada por causa do choro.

— O que aconteceu? — Pergunto me inclinando e sustentando meus cotovelos nos joelhos.

— Meses depois, minha menstruação atrasou, pensei que era normal, mas no terceiro mês soube que tinha algo de errado, fiz o teste e deu positivo. — Ela respira fundo e me encara. — Eu estava grávida, mas não sabia de quem.

— Uau... — Solto a respiração e sorrio friamente, que história, nasci através de uma traição. — O que você fez?

— Não fiz nada, até não conseguir mais esconder. Bryan descobriu, ficou radiante e fazia planos, dizia que seria um menino e ele se tornaria herdeiro de um império. — Ellen suspira e olha para baixo. — Depois contei para Alexander, ele ficou um pouco assustado, mas logo aceitou a realidade, foi pé no chão em todas as decisões. Ele estava no começo de sua carreira, mas dizia que faria de tudo para se tornar o melhor pai para sua filha. — Ellen sorri encarando a parede. — Ele sempre sonhou em ter uma menina. Vê-los felizes por seu futuro filho me partiu, não sabia o que fazer, ou como contaria a verdade, escondi deles até o último mês de gestação quando...

— Eu descobri a verdade. — Completa Bryan. — Senti que tinha alguma coisa de errado com Ellen, ela não era a mesma, vivia chorando, afastada e no canto, às vezes saía e voltava tarde, então eu a segui e peguei ambos na cama. — Revela esfregando seu rosto. — Tivemos uma briga, eu e Alexander entramos na porrada, até descobrir que ele também não sabia da traição. Entretanto, ele foi mais homem do que eu, pois expulsei Ellen de casa prestes a dar à luz, enquanto ele a acolheu.

— E sua família? — Pergunto para Ellen.

— Bryan contou sobre a traição, como era uma família que dizia ter princípios, não aceitaram esse tipo de traição porque seria uma vergonha, eles me deserdaram e me deixaram sem nenhum dinheiro e muito menos ajuda.

— Até Bryan? — Olho para ele sem acreditar no que fez, ele abaixa a cabeça.

— Até mesmo Bryan, ele disse que o filho não era dele, e que nunca aceitaria criar o filho de outro. — Respiro fundo balançando a cabeça negativamente. — Alexander não saiu do meu lado, me deu toda a ajuda que precisei, deixou-me viver na mesma casa, pois para ele eu era mãe de sua filha e que merecia ser respeitada. E mesmo depois de você ter nascido, eu não me perdoei pelo que fiz, não merecia ter uma filha e muito menos viver como eu estava vivendo. Com o dinheiro que eu juntei, decidi ir embora do país e refazer minha vida, não podia levar você, porque para Alexander, sua filha era o centro do seu universo. Sabia que você estaria em ótimas mãos, mesmo que você não fosse a filha dele.

— Então me deixou por não conseguir me olhar por causa da sua traição? — Ela assente, olho para Bryan que fita suas mãos. — Você não sentiu remorso por deixar uma mulher grávida para trás, sem um pinga de ajuda? — Ele não responde, apenas fita suas mãos. — O que aconteceu

depois?

— Eu vim para Sacramento, estudei e me tornei policial e depois perita, me reencontrei com Bryan, mas tinha tanto ódio dele que menti, disse que você morreu no parto. — Mordo meus lábios meneando a cabeça.

— Como ele descobriu? — Pergunto me levantando da cadeira, não quero mais ficar sentada.

— Quando uma foto sua caiu da minha bolsa. — FRANZO o cenho, ela sorri e logo explica. — Ando sempre com uma foto sua, Alexander sempre me manda. Foi nesse dia que eu contei a verdade, e desde então ele vem insistindo para ver sua filha.

— Mas você nem sabe se eu sou realmente sua filha. — Falo para Bryan que me encara com um olhar perdido.

— Você se parece comigo, olhando aquela foto, senti que você é minha filha. — Diz com convicção.

— Como convenceram Alexander a me mandar para cá? — Bryan se levanta e me olha com firmeza.

— Eu ameacei expor tudo no tribunal, se não a mandasse para mim. — Fico olhando Bryan sem acreditar no que está falando.

— Você ameaçou meu pai?

— Eu sou seu pai, ele fez um favor te criando quando pensei que estava morta. Ellen mentiu para mim, eu quero apenas recuperar o tempo perdido com minha filha.

— Um favor? — Repito sem acreditar. — Muita hipocrisia sua, você foi um cretino e sério... — Respiro fundo, não dá para acreditar. — Não sei qual dos dois é pior, estou cansada...

Viro de costas e começo a subir as escadas apressada, mesmo que ela

tenha contando sua história sofrida para mim, ainda não consegui aceitar o fato de ter me abandonado por simplesmente não conseguir encarar seu erro, que no caso sou eu.

Entro no quarto, pego uma mala, abro e começo a colocar minhas roupas dentro, não ficarei mais nem um minuto aqui. Irei embora assim como ela fez quando eu era apenas uma criança.

— Mariana! — Ellen entra no meu quarto, ela tira as roupas que eu coloquei dentro da mala. — Para com isso, o que pensa que está fazendo?

— Arrumando minhas malas, estou indo embora.

— Você não vai! — Olho para Bryan ofegante. — Você vai ficar aqui com seus pais. — Sério que ele está falando isso?

— Primeiro, você não é meu pai. — Digo colocando roupas na mala enquanto Ellen tira-as de dentro dela. — Segundo, pela lei daqui, sou responsável por minhas atitudes, — encaro Bryan, — e pelas leis do Brasil, farei dezoito daqui três meses. Sou dona do meu nariz, Bryan. — Volto a colocar roupas na mala.

— Mariana, eu sinto muito. — Choramunga Ellen, paraliso e encaro-a. — Eu errei, não devia te olhar como um erro, mas cada dia que se passava minha culpa só aumentava. Alexander me tratava bem e nos tornamos amigos no final, mas era distante, solitário e me olhava com pesar, ele nunca superou minha traição, e vê-la todos os dias, me quebrava, não estava conseguindo te amar, eu precisava me afastar para que você fosse feliz, e sabia que seria com Alexander. — Ela funga e seu queixo treme. — Eu sou tão idiota, se arrependimento matasse eu estaria morta.

— Você mentiu para mim. — Digo magoada.

— Eu sei, mas não tive coragem de contar. — Ela me olha com olhos

cheios de lágrimas. — Quando vi você pela primeira vez no aeroporto, sentada em cima das malas com cabelos cacheados, eu soube da minha burrada, mas você cresceu tanto e começamos a conversar, a nos conhecer e senti-me completa. Não estava mais sozinha e não poderia estragar isso.

— Eu não estou preparada para aceitar quaisquer desculpas sua. — Falo jogando minha blusa na mala com brutalidade.

— Mariana... — Meu corpo estremece de raiva ao escutar a voz de Bryan.

— Você é um babaca. — Digo andando em direção à porta do quarto.

— Mariana, aonde você vai tão tarde? — Pergunta Ellen com desespero atrás de mim.

— Preciso pensar. — Respondo pegando as chaves do carro de Bryan em cima do balcão sem sua permissão. — Não se preocupe comigo. — Falo fechando a porta e indo encontrar com o único que poderá me ajudar a passar por isso, porque sozinha, eu não consigo.



Estaciono a caminhonete em frente a Old Artefacts, encaro a loja com receio de entrar. Peter mora no sobrado acima, parece que estão acordados. Olho para o relógio que marca dez da noite, rosno de raiva quando procuro meu celular e não acho, terei que bater à porta.

Respiro fundo, desço da caminhonete e caminho até a porta, toco a campainha e espero, alguns minutos depois, ela é aberta exibindo uma senhora com cabelos brancos e roupas de cigana, a mesma que me deu o Dean. Ela me encara e sorri.

— Sabia que iríamos receber uma visita. — Cantarola divertida. — Como você está, querida? — Pergunta com a testa franzida deixando seu sorriso morrer.

— Peter está, senhora? — Ela assente e grita o nome do Peter tão alto que meus ouvidos doem.

— Acredito que não vá entrar.

— Outro dia, preciso conversar com Peter. — Sabendo que algo

aconteceu, ela se afasta dando passagem para Peter, ela fecha a porta nos deixando sozinhos na calçada e com seus olhos azuis cravados no meu rosto, permito que o choro me domine.

Sem dizer nada, Peter me leva para seu peito e me abraça apertado. Meu choro é compulsivo, segurei tempo demais. Tentei ao máximo não deixar que a tristeza me consumisse, mas Peter me deixa vulnerável e ao mesmo tempo, me sinto segura em seus braços.

Meu coração dói só de pensar em tudo o que Ellen passou, por ter sido abandonada pelas pessoas que mais confiava. Fez de tudo para agradar seus pais, tomou atitudes erradas e no fim, foi escorraçada, deixada sozinha com uma criança no ventre.

Eu imagino sua dor, até mesmo a desolação quando olhava para a criança que fez tudo desabar. Ela via em mim seus erros, não aguentou, e me deixou como se eu fosse a culpada e merecesse viver sem uma mãe. Em certo ponto eu até que a entendo, mas nada justifica o abandono e as mentiras.

Peter me aperta mais um pouco, sua respiração está calma, seu corpo é quente e forte, sua mão alisa minhas costas e sua bochecha roça a minha. Eu queria que isso fosse um pesadelo, não quero ser filha de um homem egoísta, que abandonou sua esposa à míngua, expulsou ela de casa e a deixou em um país desconhecido. Com que direito ele tem de me chamar de filha?

Depois de anos e de tudo o que ele fez, Bryan quer recuperar o tempo perdido? Mas não foi o mesmo que disse que não cuidaria do filho de outro? Foto não diz nada, não sou parecida com ele, Bryan não merece que eu seja filha dele, não merece nenhum pinga de minha admiração e respeito, mesmo que esteja arrependido, não consigo acreditar nele.

Respiro fundo, me afasto dos braços de Peter e encaro seu belo rosto, ele está preocupado com minha reação, porque desde o momento que

cheguei, eu apenas chorei.

— Vamos entrar no carro? — Pergunto apontando para a caminhonete.
— Sei que tem prova amanhã, não vou tomar seu tempo, só preciso conversar um pouco. — Ele sorri, se inclina e beija minha boca.

Suspiro ao sentir seu gosto tão delicioso, entrelaço meus braços em seu pescoço e aprofundo o beijo com sabor de lágrimas, mas ao mesmo tempo, com sabor de paixão, saudade e carinho.

Peter segura minha cintura e começa a andar para frente, vou dando passos para trás sem desgrudar minha boca da sua, até me encostar na caminhonete. Ele saboreia meus lábios com a língua, os morde de leve espalhando arrepios pelo meu corpo inteiro.

Seu beijo desperta reações tão desconhecidas que minha vontade é de explorá-las e descobrir mais dessas reações. Sinto-me pulsar quando seu beijo se torna mais sedutor, meu corpo esquentar e a necessidade de tê-lo aumenta ainda mais.

Infelizmente ele se afasta ofegante, eu também estou e queria que isso fosse mais além, sei que parou porque as coisas esquentaram. Sorrio quando Peter encosta sua testa na minha, sinto sua respiração no meu nariz e o seu cheiro me inebria.

— Você está melhor agora? — Sua voz sai rouca e grave, arrepiando meu corpo.

— Já te falei que amo escutar sua voz? — Pergunto colocando minhas mãos por debaixo de sua camiseta e sentindo sua pele quente. Peter respira fundo e morde meu lábio inferior.

— É a primeira vez. — Responde beijando meu pescoço. — Estava com saudades.

— Eu também. — Falo arranhando suas costas e sentindo-o se contrair.

— Vamos entrar no carro, essa rua aqui pode estar quieta, mas aposto que têm muitos curiosos de olho em nós. — Assinto, abro a porta de trás e entramos.

Peter mal espera eu fechar a porta e me agarra, beijando ferozmente minha boca. Eu retribuo com a mesma intensidade, porque esse momento me faz esquecer de que dói tanto meu peito.

Ficar com Peter é a mesma coisa que me esquecer do mundo, dos meus problemas e do que eu tenho que enfrentar. Ele me transmite paz, conforto e felicidade, sei que tenho que ser corajosa, mas nesse momento, em meio aos beijos, quero apenas fugir da dor.

Depois de muitos minutos, ele se afasta tão ofegante quanto eu, ele me olha com intensidade e me lança um sorriso sexy e sedutor. Sem os seus óculos ele parece muito mais com um homem, do que apenas um garoto.

— Sei que estamos apenas no começo, mas ficar assim, tão perto de você, sentindo seu cheiro e seu sabor, me faz ter pensamentos nada dignos. — Beijo sua boca e mordo seu lábio inferior.

— Eu também, Nerdzinho. — Peter umedece seus lábios e sinto seu peito tremer com sua risada.

— Eu detesto que me chamem assim, mas quando você fala, meu corpo estremece de tanto desejo de tê-la. — Capturo sua boca novamente e puxo Peter pelo colarinho da camiseta fazendo-o colar seu corpo no meu.

Ele me puxa, fazendo-me sentar em seu colo, suspiro ao senti-lo tão quente por mim. A caminhonete de Bryan é tão grande, que não nos falta espaço.

Encosto a testa na dele, fecho meus olhos sentindo suas mãos apertar

minha cintura. Peter beija minha boca, só que o beijo está mais sedutor, me deixando acesa, querendo muito mais.

— Está vendo! — Ele me olha e sorri de lado. — Está me fazendo ir longe demais.

— Não me importo. — Digo entre nosso beijo.

Peter suspira e passa as mãos nas minhas costas por debaixo da blusa. Suas mãos são fortes e quentes, respiro fundo quando ele aperta minha cintura e puxa meu corpo para colar mais no seu.

— Mariana... — Murmura passando as unhas nas minhas costas.

— Hum...

Peter puxa meu lábio inferior com seu dente e o solta, tomba sua cabeça para trás com a respiração acelerada, ele pulsa de desejo debaixo de mim, o que me deixa muito mais louca para tê-lo por inteiro.

Seguro seu pescoço chamando sua atenção, Peter ergue a cabeça e me olha com a testa franzida, porque meus olhos estão cheios de lágrimas.

— Eu posso ser filha de outro. — Revelo entre os soluços do choro.

Peter imediatamente ergue suas mãos, tira os cabelos do meu rosto e limpa minhas lágrimas.

— Como assim?

— Descobri que sou fruto de uma traição, mas que Ellen não sabe ao certo quem é meu verdadeiro pai. — Abaixo a cabeça, sem coragem de encará-lo. — Não sei o que sentir, nem ódio sou capaz, Peter. Nem ódio! — Ele me leva para seu peito novamente, me abraça, dizendo que tudo dará certo no final enquanto choro.

— Eu sinto muito, meu amor. — Sussurra Peter no meu ouvido. — Agora me conta desde o começo para eu poder entender. — Assinto, levanto

a cabeça do seu peito e começo a contar toda a história que Ellen me falou.

Peter presta atenção em cada palavra minha, enquanto vou desabafando, ele limpa minhas lágrimas, gesto tão carinhoso que sinto meu peito sufocado e apertado. Quando termino, Peter fica em silêncio me olhando e acariciando meu rosto, não faço ideia do que se passa em sua cabeça.

— Olha, — ele umedece os lábios e suspira, — sei como deve estar sendo difícil, mas saiba que você nunca foi um erro, Mariana. Coloco minha própria vida em risco se o seu pai, Alexander, pensar diferente. Tanto você, quanto ele, foram vítimas, Alexander te criou sem ter certeza de que é filha dele. E mesmo que não seja de sangue, — Peter coloca o dedo no meu peito, — ele é de coração.

— Ele mentiu...

— Para o seu bem, meu amor. Ele deve estar sofrendo assim como você, não o condene por ter fechado os olhos e criado você. Alexander poderia muito bem ter feito igual Bryan, mas não, ele te criou com todo o amor desse mundo. Não seja egoísta com ele, Mariana.

Peter está certo, não posso ficar com raiva do meu pai por não ter me contado, em todos os momentos da minha vida, foi Alexander quem estava lá, com sua mão estendida. Foi ele que estava lá quando dei meus primeiros passos, foi ele que me ajudou a andar de bicicleta e ele que me levou pela primeira vez para escola.

Quando minha menstruação desceu pela primeira vez, papai que estava lá para me explicar o que estava acontecendo com meu corpo, ele que me ajudou com meu primeiro absorvente, explicando como usar, porque eu não tinha uma mãe que fizesse isso.

Alexander foi mãe e pai, e em vez de ficar com raiva, eu tenho que

agradecê-lo por ter me criado com tanto amor e carinho, sem esperar nada em troca.

— Você está certo, só que estou muito magoada. — Falo saindo do colo de Peter e me sentando no banco. — Sobre a Ellen...

— Tenha calma com ela, se ponha em seu lugar, mesmo que não justifique o abandono, ela sofreu e vem sofrendo, tudo é consequência de seus erros, mas não quer dizer que ela não te ame.

— Ela me vê como um erro, Peter. — Falo encarando minhas mãos ainda enfaixadas.

— Será? — Olho para Peter, ele recosta no banco e fica encarando o lado de fora. — Todos merecem uma segunda chance, certo? — Ele me olha, suspiro e assinto. — Então dê um tempo, não a condene. Ellen precisa de uma segunda chance para mostrar que pode ser uma boa mãe.

— Peter!

— Hum...

— Eu não senti muito arrependimento em Bryan, ele abandonou Ellen quando ela mais precisava, disse coisas horríveis para ela, e depois que descobre que posso ser filha, ele quer ser um pai? Eu o achei muito seco e autoritário, como se eu fosse obrigada a aceitá-lo. — Peter balança a cabeça.

— Não sou fã de Bryan, Mariana. — Revela me surpreendendo. — Ele usa muitas máscaras, então a única coisa que eu digo em relação a ele, é que tome cuidado e espere, talvez ele nem seja seu pai.

— Eles estão tão convictos. — Falo aborrecida.

— Têm três pessoas envolvidas nesse passado, nenhuma delas sabem ao certo a verdade, e só tem um jeito de descobrir. — Encaro Peter que me olha com intensidade, leio suas palavras em seus belos olhos, meu coração

imediatamente acelera.

— Teste de DNA!

—Teste de DNA. — Repete balançando a cabeça.

Olho para fora pela janela do carro, esse é o único método de provar que Bryan não é meu pai, que eu fui criada pela pessoa certa. Respiro fundo com a decisão tomada, irei pedir o teste de DNA.



Acordar cedo nunca foi tão difícil como está sendo agora. Levanto da cama sentindo meu corpo dolorido, meus olhos estão inchados de tanto chorar e sinto um mal-estar no estômago. Alguns faltariam ao colégio, mas eu não, porque pode ser bom para espairecer minha cabeça.

Depois de tomar um banho, vestir minhas roupas, esconder as olheiras com maquiagem e alimentar Dean, desço as escadas com o coração acelerado. Quando cheguei ontem à noite, não quis falar com Ellen e muito menos Bryan, apenas subi e me tranquei no quarto.

Respiro fundo, aperto a alça da minha mochila e encaro Ellen rente à escada. Seus olhos estão vermelhos e inchados, seu olhar é de pura desolação. Passo por ela sem dizer nada.

— Eu fiz seu café da manhã. — Diz com cautela.

— Obrigada, mas estou sem fome. — Falo indo em direção à porta.

— Eu posso te levar...

— Não precisa, vou andando. — Rodo a maçaneta, mas paro antes de

abrir a porta. — Cadê Bryan?

— Ele foi embora ontem depois que você chegou. — Responde. — Por quê? — Pergunta com receio.

— Ele vive aqui agora, não quero mais encontrá-lo quando eu chegar. — Indago abrindo a porta.

— Ele é seu pai... — Fecho meus olhos com força antes de me virar e encarar Ellen.

— Você nem tem certeza disso. — Ela abre a boca para falar, mas pensa bem e fica em silêncio. — Ele não é meu pai, Ellen, e nunca vai ser.

Viro de costas e saio de casa tentando ao máximo não chorar de novo. Ellen está tão acabada. Respiro fundo, pego meu fone de ouvido, plugo no celular e coloco minha playlist de músicas pop no último volume, mantendo minha mente ocupada enquanto caminho para o colégio.

Quando entro no estacionamento, avisto Frankie caminhando em minha direção com suas roupas pretas, maquiagem forte e muito gótica. A Francine que eu conheço, está de volta. Retiro meus fones de ouvido e os guardo na mochila, estranho a movimentação de policias e peritos em volta do colégio, alguma coisa aconteceu.

— Oi — cumprimenta Frankie me dando um abraço forte, fico congelada por um segundo, ela nunca me abraçou. — Obrigada por ter me defendido.

— Por nada. — Falo retribuindo o abraço.

— Poderia dar espaço? — Olho para trás desfazendo do abraço de Francine. — Você está péssima, o que aconteceu? — Pergunta Katie com um pirulito na boca.

— Problemas. — Respondo, ela assente e respira fundo. — O que

aconteceu?

Frankie me lança um olhar desesperado e retraído, Katie me encara como se eu soubesse o que tinha acontecido, parece que nenhuma delas quer revelar o que aconteceu. Balanço a cabeça e caminho em direção à movimentação, se elas não querem falar, eu irei descobrir.

Meu coração foi acelerando e batendo mais forte conforme eu me aproximava do aglomerado de pessoas. Empurro cada uma delas com delicadeza tentando ficar mais à frente e quando chego, meu único desejo é não ter descoberto o que está acontecendo.

Em uma árvore próximo a uma sala de aula, está uma garota pendurada com uma corda ao redor de seu pescoço, ela balança para frente e para trás, seu corpo magro está arroxado, suas mãos machucadas e vestida com um pijama de dormir.

Não consigo desviar meu olhar do seu corpo, seus olhos estão abertos e vidrados, fixos à frente, sua expressão é de puro horror e espanto, como se tivesse sido surpreendida ou lutado para sobreviver. Aperto minhas mãos em punhos, não sou capaz de acreditar que isso está acontecendo de novo, que mais uma jovem morreu de forma tão brutal e injusta, porque essa garota não se suicidou como irão alegar, mas sim, assassinada.

— Essa era bolsista? — Pergunto para Frankie e Katie quando ficam ao meu lado sem desviar meu olhar do corpo da garota morta.

— Sim! — Confirma Katie.

— Mariana, — começa Frankie com a voz assustada, — lembra daquela garota que Susan e Gilles aterrorizaram no refeitório? — Olho para ela assentindo, eu me lembro dela perfeitamente, só não faço ideia de como se chama. — Então, é ela!

Um calafrio percorre meu corpo, não estou acreditando no que Frankie acabou de dizer. Olho para Katie que faz um movimento com a cabeça como se estivesse falando “eu te falei”.

Katie estava certa o tempo todo, todas as mortes de um jeito ou de outro, tem ligação com o trio e Peter, porque eu o vi dias atrás conversando com essa garota, não me importei, afinal, eles eram colegas. Mas por que dessas mortes? Por que os bolsistas?

Os policiais estendem a garota no chão e começam a analisar seu corpo. Vejo Bryan conversando com Trump um pouco mais distante com uma câmera na mão, esse caso com toda certeza é deles. Dou um passo para trás e viro me afastando antes que eles me vejam.

Enquanto caminho em direção à sala do diretor, minha mente se enche de perguntas sem respostas. Até quando jovens bolsistas irão morrer para encontrarem o culpado? Esfrego meu rosto antes de rodar a maçaneta e abrir abruptamente a porta do diretor. Pirosh se assusta e levanta com um semblante irritado.

— O que está acontecendo com esse maldito colégio? — Pergunto antes que ele fale alguma coisa.

— Mariana, você não pode entrar assim! — Adverte com autoridade.

— Foram oito jovens bolsistas mortos em menos de um ano, Padre Pirosh, e ninguém faz nada.

— Estamos tomando as devidas providências, Mariana. — Fala contornando sua mesa e parando na minha frente.

— Não é o suficiente. — Respiro fundo tentando controlar minha respiração ofegante. — Tudo nessa cidade é estranho, pessoas, colégio e... Meu Deus, quantos bolsistas sobraram Pirosh? — Encaro-o, sentindo minhas

mãos trêmulas. — QUANTAS?

Ele não responde, apenas respira fundo, tira seus óculos e me fita com autoridade.

— Estamos fazendo o impossível para encontrar o responsável, senhorita Collen, mas infelizmente isso é com as autoridades e não comigo. — Aperto minha mandíbula, preciso fazer alguma coisa.

— Você deveria prestar mais atenção no colégio que dirige, e falar menos mentiras, *Diretor!* — Ele franze a testa, não engoli a mentira que falou de mim para Ellen.

— Não me diga o que fazer, mocinha...

— Eu digo e repito, Pirosh. — Encaro ele com fúria. — Se vocês não são capazes de encontrar um assassino, eu vou encontrá-lo. — Padre Pirosh arregala os olhos com surpresa, viro de costas e dou um passo à frente, mas sou impedida por uma mão no meu cotovelo.

— O que pensa que vai fazer?

— O que eu acabei de falar. — Olho para sua mão que segura meu braço, puxo tentando me desvencilhar, mas ele não solta.

— Isso é perigoso, onde está sua cabeça, Mariana Vitale? — Solto uma risada sarcástica e volto a encará-lo com intensidade.

— Eu fiz as contas, Padre, só resta um bolsista nesse maldito colégio. — Ele pisca algumas vezes e fixa os olhos nos meus. — E ele é meu namorado, não deixarei nada de mal lhe acontecer.

— Eu já tentei achar o assassino, Mariana, mas isso está acima de nós, você pode se encrascar. — Puxo meu braço com força soltando do seu aperto.

— Irei proteger Peter, e ninguém vai me impedir. — Ando até a porta e

antes de batê-la, olho para o diretor sobre meu ombro. — E é melhor o senhor não dizer nada aos meus pais ou...

Deixo a frase morrer e bato a porta, afasto da sala e me encosto na parede acalmando meu coração. Não restou nenhum bolsista, apenas Peter, se o assassino está focado tanto em eliminar pessoas pobres, então meu nerd é seu objetivo final.

Esfrego meu peito sem saber como farei para encontrá-lo antes que pegue Peter, já não bastava esse problema com paternidade, agora tenho que enfrentar um assassino, fazer o trabalho que a polícia não conseguiu.

Recosto a cabeça na parede, fecho meus olhos e faço o exercício de respiração, estou prestes a entrar em pânico com tudo isso. Meu peito bate sufocado, como se fosse parar a qualquer momento.

— Mariana? — Abro os olhos e viro na direção de sua voz.

— Oi, Peter! — Desencosto da parede e caminho a seu encontro.

— Está tudo bem? — Assinto enlaçando meus braços em seu pescoço e capturando sua boca com a minha.

Ele segura minha cintura e cola meu corpo no dele, saboreando o nosso beijo. Desvencilho minutos depois e inspiro fundo encarando seu rosto perfeito.

— Ficou sabendo do que aconteceu? — Peter assente e solta um suspiro.

— Mais um... — Sussurra, não posso falar nada para ele e muito menos do medo que estou sentindo de ele ser o próximo.

— Vai ficar tudo bem. — Ele esboça um sorriso forçado e balança a cabeça. — Agora me dá mais um beijo, porque temos que ir para a aula. — Peter abaixa e me beija calorosamente, ele tem gosto de menta e morango,

um sabor tão delicioso quanto seu cheiro.

— Até mais tarde. — Se despede em meio aos nossos beijos.

— Tchau, Nerdzinho. — Peter sorri e vira na direção de sua sala, mas congela.

Sigo seu olhar e encontro Bryan no fim do corredor nos encarando com uma cara fechada. Ele está vestido de policial, não sei por que estou me sentindo assustada, mas a postura e o olhar de Bryan são de pura raiva.

Peter me lança um olhar ilegível e passa do meu lado, indo no caminho contrário ao de Bryan, uma sensação estranha me abate, não é normal esse comportamento dos dois. Volto a olhar para Bryan que se aproxima com olhos fixos em mim.

— Você está namorando com ele? — Pergunta em um tom de choque.

— Qual o problema? — Ele cerra os dentes e desvia seu olhar.

— Não quero você perto dele, muito menos de beijinhos nos corredores. — Agora quem está em choque sou eu! Quem ele acha que é para mandar em mim?!

— Opa, opa, opa... — Ergo minha mão esquerda e solto um riso indignado. — Quem você pensa que é, Bryan? — Ele respira fundo e me fuzila com os olhos.

— Eu sou seu pai e o que eu ordenar, você deve obedecer. Não sou a Ellen que deixa você falar e fazer o que quiser... — Ele se cala quando começo a gargalhar na sua cara.

Sério mesmo que eu estou escutando isso?

Decido não falar nada, muito menos retrucar, dou as costas e o deixo para trás, furioso com minha atitude. Isso é mesmo uma piada, é até difícil acreditar, não sei como Ellen conseguiu acreditar nesse cretino duas caras.

Meu pai... ah, que piada mais engraçada. Ele não é meu pai, irei provar isso e esfregar o resultado na sua cara, porque a cada minuto, tenho certeza absoluta que o sangue que corre nas minhas veias, não é dele.



Pego minha mala e vou em direção à saída do aeroporto, não demorei muito para eu embarcar, até porque, os assuntos que eu deveria resolver antes de vir para Sacramento foram coisas rápidas, então no final da tarde já estava dentro do avião.

Passo pelas portas rotativas e olho em volta, atrás do carro alugado. André disse que o homem estaria à minha espera com uma placa com meu nome. Agora qual carro ele alugou? Não faço a mínima ideia.

Avisto um homem acenando para mim, como se soubesse quem eu sou. Dou de ombros e caminho em sua direção, ele tem a placa com meu nome e percebo que é o cara que André contratou.

— Senhor Alexander? — Assinto colocando a mala no chão. — Muito prazer, sou George, responsável pela loja de aluguel de carros de San Francisco.

— O prazer é todo meu, George. — Cumprimento com meu inglês quase perfeito. — Esse é meu carro?

— Sim. — Ele me entrega a chave do Cadillac CT5 da cor vinho, um carro luxuoso e extremamente lindo. — Senhor André já deixou tudo combinado comigo, pode aproveitar o quanto puder.

— Obrigado, George. — Abro o porta-malas e coloco minha mala dentro. — Agora eu preciso ir. — Digo rodeando o carro, entro e coloco a chave na ignição trazendo o carro à vida.

Arranco com velocidade, louco para encontrar minha filha e acabar de vez com essa dúvida dilacerante. Quero poder abraçá-la e dizer que seu pai chegou. Quando entro em Sacramento, paro no sinal vermelho e disco o número do Ricardo, ele atende no segundo toque.

— *Ei, meu amigo.* — Saúda com alegria.

— Acabei de chegar na cidade, está tudo pronto? — Pergunto colocando no viva-voz e acelerando o Codilac.

— *Como combinamos, ninguém vai saber que eu estarei fazendo o teste.* — Assinto mesmo que não veja.

— Por favor, mantenha isso debaixo dos panos, não quero que esse teste seja forjado.

— *Não irei permitir que isso aconteça, não no meu hospital.* — Respiro um pouco aliviado, Ricardo é meu amigo de infância e nele posso confiar de olhos fechados.

— Preciso desligar, entrarei em contato assim que estiver a caminho do hospital. — Falo, meu coração acelera quando avisto a casa de Ellen.

— *Fico no aguardo.*

Ricardo desliga e eu estaciono em frente à casa da mulher que amei, e que infelizmente, continuo amando. Nunca me esqueci de seus olhos e da sensação de seus lábios nos meus, eu me sentia completo quando estávamos

juntos, nos amando e rindo. Foi uma grande decepção quando eu descobri a verdade, para ser realista, nunca consegui superar sua traição, e se Mariana não for minha, não conseguirei mais ver beleza nesse mundo...

Balanço a cabeça, não posso pensar nisso!

Com uma respiração funda, desligo o Calilac, abro a porta e saio para fora, inspirando o ar fresco da cidade. Fecho meus olhos por alguns segundos, buscando a coragem para enfrentar a mulher do meu passado.

Balanço minhas mãos, com impulso subo as escadas da varanda e toco a campainha. Coloco minhas mãos no bolso da minha calça e espero ser aberta com a cabeça baixa e o coração palpitando.

Ela é aberta com delicadeza, nos primeiros segundos não tenho coragem de encará-la, pois tudo o que passei ao seu lado me vem à mente, os momentos felizes, nos amando ferozmente e das lágrimas da traição e do abandono. Respiro fundo e ergo a cabeça, encarando os olhos castanhos e grandes de Ellen, idênticos aos de Mariana.

— Alexander!?! — Balbucia meu nome em choque, seus olhos brilham e seu corpo treme, sem acreditar que eu estou à sua frente, batendo na sua porta.

— Oi, Ellen.

Assisto lágrimas caírem de seu rosto perfeito, ainda mais lindo do que quando a conheci, porém, sua tristeza é visível e sei como está sendo difícil para ela lidar com tudo sozinha, foi assim no passado. Ellen é fraca e tem a tendência de fugir do que a machuca, mas agora terá que enfrentar as consequências que a vida está lhe cobrando.

Ellen segura a porta e seu choro aumenta enquanto me olha, ela não tem ninguém e sofre calada, mas estou aqui para ajudá-la a superar toda essa

turbulência, Ellen não precisa mais sofrer sozinha.

Dou um passo à frente e a puxo para meu peito, ela enlaça minha cintura e chora compulsivamente escondendo seu rosto no meu terno. Esfrego suas costas e abaixo a cabeça encaixando meu rosto no seu pescoço, sentindo seu tão conhecido cheiro.

Aperto mais seu corpo contra meu peito protetoramente, me segurando para não chorar, porque não está sendo fácil tudo isso, estou prestes a perder minha única filha, meu mundo e meu tudo para um homem sem escrúpulos e sem limites.

Pego Ellen no colo quando suas pernas fraquejam, ela está fraca e frágil, e como eu cheguei, cuidarei dela. Fecho a porta com meu pé esquerdo e a levo para o sofá. Ellen soluça e funga tentando controlar o choro.

Coloco-a deitada no sofá e me sento no chão ao seu lado, tirando seus cabelos do rosto e enxugando suas lágrimas. Ellen parece durona, principalmente vestida com sua farda, mas dentro do seu peito, se encontra um coração quebrado, judiado e estilhaçado.

— Me perdoa, Alex... — Ellen coloca ambas as mãos no rosto e encolhe as pernas.

— Sabia que um dia isso iria acontecer. — Respondo retirando com carinho suas mãos do rosto. — Agora temos que enfrentar. — Ela assente e fecha os olhos por alguns segundos.

— Eu não sei o que fazer. Mariana não quer conversar e Bryan fica me pressionando...

— Ei, eu estou aqui agora. — Ela assente.

— Você não avisou que vinha.

— Gosto de surpresas. — Falo esboçando um pequeno sorriso, seus

olhos brigam.

— O que faremos? — Pergunta virando de lado e me encara.

— Quero o teste de DNA, Ellen. — Ela respira fundo e aperta seus lábios. — Só assim provarei para aquele cara que Mariana é minha. — Ellen sorri de lado e segura minha mão.

— Vamos fazer isso, só que...

Ela assusta quando a porta é aberta com brutalidade, levanto com minhas mãos em punhos encarando o homem que quer tomar minha filha. Ele me olha com surpresa, mas logo sua expressão é tomada por raiva e ódio.

— Você?! — Diz franzindo a testa, umedeço meus lábios e coloco minhas mãos trêmulas no bolso.

— Eu não sabia que ele vinha, então...

— Não se explique, Ellen. — Corto-a sem desviar dos olhos de Bryan.

— O que você está fazendo aqui? — Diz com fúria, dando um passo à frente.

Não respondo, não preciso dar explicações do que faço da minha vida, ainda mais que ele está ciente do porque estou aqui. Ellen abre a boca para responder, mas eu a calo quando aliso sua mão e balanço a cabeça negativamente.

— Vim por minha filha. — Bryan solta uma risadinha, ele está transtornado, assim como sempre foi, sabia que essa mudança e arrependimento era tudo fachada, para tentar conquistar Ellen e tirar a herança dos seus falecidos pais.

— Filha coisa alguma, ela sempre foi minha. — Suspiro balançando a cabeça de leve.

— Por que você quer tanto esse papel de pai? — Pergunto dando um

passo à frente e me aproximando dele. — Você expulsou Ellen, sem nenhum auxílio há dezoito anos atrás, humilhou e a fez sentir a pessoa mais suja desse mundo. Agora me vem dizer que Mariana é sua filha, quando o mesmo disse que não criaria filho de outro? — Passo a língua no meu lábio inferior. — Você não me desce, Bryan, não quando a conta da Ellen está recheada de bilhões de dólares.

Sim, Ellen é bilionária, seus pais morreram há cinco anos atrás, deixando seus patrimônios para a única filha e herdeira, com uma cláusula; ela só poderá tocar no dinheiro quando se casar oficialmente, enquanto isso, o dinheiro ficará trancado e intocado. Sei disso, pois a própria me contou, mesmo que não nos víamos, ela sempre ligava para saber da Mariana e acabava me contando as coisas, e é muita coincidência esse cafajeste vir com a exigência de paternidade depois de anos.

Sabia que tinha alguma coisa de errado, meu instinto nunca falha, tanto Ellen quanto Mariana, são um tesouro que todos querem ter, com contas recheadas e prontas para levarem um golpe. Por esse motivo que pedi ajuda de Ricardo, pois Bryan é capaz de tudo, até mesmo forjar o teste de DNA.

— Você está colocando Ellen contra mim novamente, assim como fez no passado. — Sorrio incrédulo.

— Nunca precisei fazer isso, você próprio fez. — Ele rosna e olha para Ellen.

— Preciso conversar com você, mas não agora. — Diz voltando a me olhar, mas não diz nada, apenas vira as costas e sai batendo a porta.

Solto a respiração que prendia, eu detesto brigar e discutir, são duas coisas que não levam a lugar algum. Ellen se senta por se sentir fraca e me olha.

— Desculpa por isso, às vezes ele é um pouco descontrolado,

geralmente é quando não tem um dia bom, então costuma descontar nas pessoas. — Ela meneia a cabeça. — Eu até que entendo ele, mas não é fácil lidar com pessoas assim, por isso que você não pode lhe dizer que vai fazer o teste, ele não vai aceitar e no fundo do meu coração, eu quero que você seja o pai e não Bryan, ele não vai ser bom para Mariana e...

— Shhh... — Corto-a e me agacho em sua frente, segurando suas mãos. — Fica calma, vai dar tudo certo e quando provarmos que Mariana é minha filha, ele vai te deixar, mas Ellen... — Respiro fundo quando seus olhos se predem nos meus. — Escolha um homem bom, um que te dê carinho e a ame como você é, Bryan não é a pessoa certa para nenhuma mulher, não se iluda

— Eu não...

— Sim, você estava cogitando em aceitar suas investidas. — Suspiro e seguro seu rosto com ambas as mãos. — Você é uma mulher incrível, maravilhosa na sua maneira, não precisa de um homem para te completar, e sim um homem para andar ao seu lado nos momentos bons e ruins, mas isso só acontecerá quando se perdoar. — Beijo sua testa e acaricio suas bochechas. — Está na hora de superar o passado e recomeçar, minha querida.

Ellen assente, enxugo suas lágrimas e a levo para meu peito. O arrependimento é o pior sentimento do ser humano, ele corrói o peito, nos matando aos poucos, até não restar mais nada.

— Farei algo para você enquanto esperamos por Mariana. — Ela assente e se afasta limpando suas lágrimas.

— Obrigada, Alex. — Sorrio para ela, que retribui.

— Não me agradeça, sempre protegerei a mãe da minha filha. — Ela me encara com seus olhos brilhando de lágrimas. Levanto para preparar sua comida antes que comece a chorar de novo. E a cada lágrima derramada, é um pedaço do meu coração que se parte.



Até o momento não me encontrei com Gilles e muito menos com Jimmy, o que deixa meu coração um pouco mais aliviado, mas isso vai durar bem pouco, porque eu sei que ele está aqui, no refeitório.

Respiro fundo, estou sem um pingo de coragem de topar com ele, ainda mais ver o estrago que fiz em seu rosto, o cara deve estar puto comigo, mas não tem outro jeito, preciso almoçar e enfrentar o que vier. Inspiro profundamente, fecho e abro minhas mãos algumas vezes e caminho em direção ao refeitório, com o coração a mil por hora.

Pego minha bandeja sem prestar atenção em nada, escuto cochichos e sei que é sobre mim e Gilles, ignoro como sempre fiz, pego minha comida e caminho em direção à mesa do Nerd. Coloco minha comida na sua frente e de costas para o trio, encaro Peter que arqueia a sobrancelha direita.

— Será que eu poderia me sentar à mesa com você, Nerdzinho? — Falo brincalhona, ele sorri e assente.

— Agora vai ficar sentada comigo? — Pergunta rodando seu garfo no macarrão sem desgrudar os olhos de mim.

— Claro, você é meu namorado, então como eu poderia ficar longe de você? — Peter congela, comprimo meus lábios com receio, acho que toquei em um ponto que não devia.

— Namorado? — Sua voz sai calma e grave, não sei se é um tom positivo, mas pelo seu olhar, ele parece não ter gostado do termo *namorado*.

— Estava brincado, seu bobo! — Falo soltando uma risada, ele relaxa na sua cadeira e retribui o sorriso.

Meu coração aperta de tristeza, porque eu não estou brincando, para mim ele é meu namorado, mesmo que não tenhamos oficializado nosso relacionamento, mas depois dessa sua atitude, já não sei em que patamar estamos.

Para mim somos namorados, mas para Peter...

— Como foi na prova? — Pergunto tentando mudar de assunto, ele me olha, sorrio para mostrar-lhe que está tudo bem, que foi realmente uma brincadeira, sem demonstrar que dentro de mim tem um sentimento de rejeição.

— Acho que me dei bem. — Murmura focado em seu macarrão, respiro fundo e me condeno por ter destruído o clima.

Ele não diz mais nada, compro o seu silêncio e deixo minha mente vagar enquanto remexo meu almoço sem nenhuma vontade de comer. Eu sou uma idiota mesmo, como fui falar para ele que somos namorados? Fecho meus olhos com força e aperto meus dentes, queria poder me socar nesse exato momento, não é assim que se pede um garoto em namoro, tem toda aquela coisa de romantismo e blá, blá, blá...

Ergo a cabeça quando sinto olhos em minhas costas, não sei como sabemos que estamos sendo observados, é como se nosso instinto de

sobrevivência apitasse, dizendo para entrar em alerta, pois o perigo está vindo. Os olhos de Peter se prendem nos meus, balanço a cabeça e mordo meu lábio inferior.

— Eles estão vindo, certo? — Peter assente e seu corpo fica tenso.

Respiro fundo e me faço de indiferente, fingindo que estou comendo e que sua presença não me intimida. Os três param ao lado da mesa, espero alguns segundos antes de olhá-los.

Jimmy cruza os braços, ele está vestido de preto e sua expressão é ilegível, mas seus olhos dizem tudo o que se passa em seu interior, raiva e decepção. Susan está como sempre, nem me demoro muito para observá-la de tão insignificante é para mim, mas Gilles... ele sim eu tenho que tomar cuidado.

Seu rosto está cheio de hematomas, seu nariz está enfaixado e suas mãos estão em punhos, segurando sua raiva. Meus olhos se encontram com os seus, engulo em seco quando ele se inclina na mesa, ficando próximo ao meu rosto. Peter faz um movimento para se levantar e afastá-lo, mas para quando ergo minha mão.

Esse é assunto meu e de Gilles, não tem o porquê de Peter se intrometer.

— Até hoje eu me pergunto como você teve coragem de me socar? — Diz com o canto superior do seu lábio esquerdo trêmulo.

— Eu também me faço essa pergunta, isso prova que não devemos subestimar os outros. — Ele umedece os lábios e estala a língua.

— Quero saber o porquê de ter me atacado. Ainda não sei o motivo da sua ira. — Balanço minha cabeça. Porque ainda me surpreendo com as pessoas?

— Claro que não se lembra, pessoas sem escrúpulos não tem noção e limite do que fazem. — Gilles aperta a mandíbula e chega mais perto.

— Eu tenho o direito de saber o porquê fui atacado ferozmente naquele dia.

— Então é bom você lembrar, pois ainda vai pagar pelo que fez. — Ergo meu dedo indicador e aponto em seu peito, cutucando-o. — Só não te denunciei por estupro e agressão porque Francine não permitiu. — Ele franze a testa, inclina a cabeça e me olha com dúvida estampada em seu rosto.

— Você acabou de falar que eu estupro Francine? — Deixo um sorriso incrédulo dominar meus lábios, ele até que parece inocente!

— Inacreditável! — Balbucio e encaro Peter por alguns segundos.

— Olha aqui, Mariana. — Gilles segura meu queixo com delicadeza, espalhando calafrio na minha espinha, Peter levanta mais uma vez, mas eu o impeço. — Eu posso ser a pessoa mais errada desse mundo, posso ser um safado, maltratar os pobres, humilhar as pessoas, me embriagar e até me drogar, mas nunca, Mariana, deixa isso bem gravado em sua memória, nunca estupraria e espancaria uma mulher. — Ele alisa meu queixo, levanto minha mão e afasto a sua.

— Frankie não...

— Ela é mentirosa e falsa, você está caindo perfeitamente no joguinho dela.

— Você me deu todos os motivos para que... — Me calo quando ele balança a cabeça negativamente.

— Isso vai ter troco, Mariana. — Diz encostando sua boca no meu ouvido. — Toma cuidado em quem você confia e faz amizade, nada é como você pensa que é! — Sussurra.

Gilles se afasta deixando apenas Jimmy e Susan para trás. Eles me encaram, Susan se aproxima e joga minha bandeja longe, derramando minha comida no chão.

— Tenho nojo de você! — Rosna seguindo Gilles.

— Então quer dizer que vocês estão... juntos? — Pergunta Jimmy com indiferença, nem eu e nem Peter respondemos. — Vocês estão fodidos! — Dizendo isso, ele se afasta.

Encaro Peter um pouco assustada, não com Jimmy e Susan, mas com o que Gilles falou. Recosto na cadeira, tem alguma coisa errada, porque Frankie inventaria uma mentira tão grave como essa?

— Você acredita que Francine mudou? — Peter fecha os olhos por alguns segundos, ele se inclina na cadeira e nega com a cabeça.

— Nem um pouco.

Suas palavras acertam em cheio meu coração, tem alguma coisa de errada com essas pessoas, com esse colégio e não há nada que me faça pensar diferente. O assassino é um dos alunos.



Depois do almoço, voltei para aula, Peter foi para sua e em todo momento a voz de Gilles batucava na minha mente *“Toma cuidado com quem você confia e faz amizade, nada é como você pensa que é!”* Parecia até que ele sabe de alguma coisa, não me importo com suas ameaças, mas suas palavras...

Subo as escadas apressada em direção à biblioteca, irei coletar todas as informações dos jovens que morreram e até mesmo os que não morreram, no caso das pessoas à minha volta, pois cada um é mais sinistro e esquisito que o outro.

Depois de duas horas coletando algumas informações, entrando nas redes sociais e tentando achar alguma ligação com isso tudo, envio para meu e-mail, tenho que ser rápida para que ninguém suspeite de nada. Agora entra a parte mais difícil, entrar no sistema do colégio e o único computador é do diretor.

Apago o histórico de busca antes de desligar o computador da biblioteca. Olho para o relógio, ele marca quatro da tarde, preciso enrolar até o diretor ir embora. Ando pelo corredor vazio e me sento no chão, aqui dará para escutar quando o diretor sair de sua sala.

Aparentemente todos já foram embora, claro que me despedi de Peter com muitos beijos, mas ainda sinto que tem alguma coisa perturbando-o, algo que não quer me contar. Inspiro fundo, não vou pensar nisso agora, tenho uma missão a cumprir e preciso de todo o foco necessário para isso.

Depois de muitos minutos, olho às horas no meu iphone, Pirosh encerra seu expediente às cinco da tarde, e faltam cinco minutos. Levanto-me e fico em posição, olhando para sua porta no canto da parede.

Exatamente às cinco em ponto, Pirosh sai da sua sala e caminha em direção contrária à minha. Espero que ele suma no corredor e ando até a sua porta, rezando para que esteja destrancada, o que não está, é obvio. No entanto, eu tenho minhas artimanhas, poxa... eu já invadi um museu, essa porta é fichinha em comparação ao que aprontei ano passado.

Tiro o grampo do meu bolso e enfio na fechadura, consigo abri-la com facilidade. Se as pessoas soubessem o quanto é fácil abrir uma porta com

apenas um grampinho, usariam uma fechadura mais eficaz.

Entro na sala e fecho a porta atrás de mim com delicadeza, não perco tempo e vou direto para o computador, enquanto espero ele ligar, analiso todas as gavetas, arquivos e tiro fotos com meu celular do que acho ser importante para minha investigação.

Quando percebo que o computador ligou, vou até ele e me sento na cadeira confortável de Pirosh, rezando ao bom Deus para que não tenha senha. Clico com o mouse na opção de entrar e... voá lá! Sem senha!

Umedeço meus lábios e começo a procurar e enviar tudo o que acho para meu e-mail, não paro para analisar, apenas passo meus olhos por cima e o que julgo ser importante eu envio, porque eu não tenho tempo.

Depois de finalizar minha pesquisa, apago todos os registros e desligo o computador, ainda bem que sou boa nessas coisas de tecnologia. Certifico de que tudo esteja no seu devido lugar e saio da sala de Pirosh, sem conseguir trancar a porta. Tomara que ache que esqueceu de trancá-la, ou então serei a primeira que ele suspeitará.

Esfrego meu rosto, me sinto uma espiã futricando em algo que não foi ordenado. Viro no corredor com uma respiração funda e olho para frente, meu corpo congela imediatamente e meu coração vem na garganta, fico com dificuldade de engolir por causa do medo.

Gilles está me encarando no fim do corredor, tem um sorriso de lado e olhos estreitos e furiosos. Olho para os lados, o colégio está vazio, se ele vier para cima de mim, ninguém irá me socorrer, serei eu contra ele sem interrupções.

O que eu faço? Continuo andando ou dou meia volta e saio correndo? Bem, a segunda não é a opção que iria escolher, porque preciso mostrar a ele que não tenho medo.

Aperto minhas mãos com força e começo a caminhar em sua direção, encarando seus olhos queimando de ódio. Engulo em seco quando ele também começa a caminhar, com um sorriso prepotente e perigoso.

Respiro fundo, controlando a tremedeira do meu corpo, ele se aproxima, eu me aproximo e ambos se encaram sem a intensão de desviar. Sei que ele está testando minha coragem, ou simplesmente brincando comigo.

Ele passa do meu lado roçando seu ombro esquerdo no meu direito sem dizer nada, viro o corredor e olho para trás, ele sumiu. Encosto na parede e levo a mão meu coração acelerado.

— Que merda... — Xingo controlando a respiração.

Juro por Deus que estava esperando-o me atacar, mas ao mesmo tempo pressenti que ele não faria isso, não agora. Gilles quer brincar, então seu objetivo agora é me aterrorizar de todas as maneiras, só não sei se terei paciência para ser o Jerry nessa história.



Caminho para fora do colégio, sentindo-me mais calma, Gilles vai ser uma pedra no meu sapato. Por que é que fui defender uma menina mentirosa? Mas será que realmente Frankie mentiu sobre isso? E por que faria isso? Ela e Gilles são enrolados, uma amizade colorida, por que esse ódio tão repentino?

Ajeito minha mochila nas costas, coloco meus fones de ouvido e caminho para casa. Preciso conversar com Ellen direito e lhe dizer sobre minha decisão, Bryan não pode ser meu pai, Deus me livre disso. Nos primeiros dias que eu o conheci, achei ele legal, mas depois ficou forçando amizade, sempre presente e... sei lá, ele é estranho!

Ele abandonou Ellen no passado e agora vem dizendo que eu sou filha dele e que está arrependido? Como ele pode ter tanta certeza que o sangue que corre nas minhas veias é dele?

Tantas perguntas, mas... Congelo na calçada, me viro lentamente e encaro o colégio. Por que Gilles ainda está no colégio? Todos foram embora, naquele horário só teria os vigias. A curiosidade começa a bater mais forte, ele deve ter se perguntando o mesmo, mas eu não sou suspeita, ele sim!

Dou um passo à frente com a intenção de voltar, porém, algo dentro de mim me faz recuar, não serei idiota de ir. Viro e volto a caminhar para casa, apresso meus passos louca para ficar em segurança.

Que merda... eu queria ir lá para descobrir. Será que ele é o assassino? Tem todos os motivos para ser, entretanto, minha intuição me diz que é outra pessoa. Viro à esquina de casa, franzo a testa quando avisto um carro estacionado na porta, me aproximo e analiso o veículo de luxo da cor vinho.

Que carro mais lindo! Lembro do meu pai, ele que gosta desses modelos Sedan, luxuosos e... olho para casa e saio correndo, subo as escadas e abro a porta abruptamente.

— Pai? — Chamo olhando pela sala e tirando meus fones, não é possível que é Alexander, ele não falou nada.

— Oi minha bebê! — Olho para trás, e lá está ele, encostado no balcão da cozinha, com as mãos na sua calça e vestido de terno.

— Pai!? — Murmuro sem acreditar que ele está na minha frente, depois de cinco meses longe, eu posso voltar a abraçá-lo.

Alexander sorri e abre seus braços, não penso em mais nada e corro para os seus braços, ele me segura tão forte que começo a chorar. Papai me ergue do chão e me aperta, não sei como eu consegui ficar esse tempo todo longe dele.

Papai é tudo que eu tenho, ele sempre esteve lá quando eu precisei, Alexander foi meu pai e minha mãe, meu confidente e melhor amigo, não sei o que farei se ele não for meu verdadeiro pai.

Ele me coloca no chão, desvencilha do nosso abraço, segura meu rosto com ambas as mãos e enxuga minhas lágrimas. Papai está mais magro, com olheiras um pouco escuras, aposto que mal consegue dormir.

— É você mesmo? — Pergunto sem acreditar que ele está na minha frente.

— Ao vivo e a cores. — Diz rindo quando reviro meus olhos.

— Estava com tantas saudades, pai! — Falo voltando a abraçá-lo.

— Eu também estou morrendo de saudades. — Alexander beija o topo da minha cabeça.

— Percebi que está mais magro e com olheiras. — Ele assente e se afasta.

— Não durmo direito desde que veio para cá.

— Quem ficou cuidando da empresa? — Pergunto segurando suas mãos grandes e quentes. — Você não pode se afastar por muito tempo.

— Sua tia Marta está cuidando de tudo.

— Estou com tantas saudades deles. — Choramigo, papai assente e inspira.

— Eles também, nossa família está murcha sem você, sua vó mal fala comigo.

— Bem feito, pai.

— Agora me fale tudo.

— Tipo o quê? — É a sua vez de revirar os olhos e me tirar uma risada.

— Cadê Dean? Quero ver aquela coisinha feia.

— Ele não é feio, pai! — Indago fazendo uma cara feia, ele ri e me segue.

Abro a porta do meu quarto e me afasto para que ele possa entrar. Papai analisa o quarto e franze a testa, comprimo meus lábios segurando uma risada enquanto coloco minha mochila na cama e pego Dean.

— Isso é...

— Obra de Ellen. — Completo encarando meu pai que lentamente começa a sorrir.

— Daria tudo para ver sua cara entrando nesse quarto de boneca.

— Não foi fácil ser educada, parece que ela fez com tanto carinho.

— Não tenha dúvidas. — Diz olhando para a criatura na minha mão. — Então é ele? — Assinto e estendo meu cachorro para que papai pegue. — Ei, campeão, você é até bonito. — Fala acariciando Dean que lambe seu nariz.

— Pai... — Ele me olha e coloca Dean no chão.

— Eu não vim para te levar de volta. — Confessa pegando minha mão e me sentando na cama, junto com ele. — Olha meu amor, eu sei que o que eu fiz foi errado, deveria ter te contando toda a verdade desde quando começou a entender as coisas, mas achei que seria melhor assim, para seu bem. — Assinto e aperto sua mão.

— Eu sei pai, mas...

— Mas? — Respiro fundo e enxugo minhas lágrimas.

— E se...

— Eu sou, meu bebê. — Encaro ele entre minhas lágrimas. — Só precisamos provar, por isso eu vim, vamos fazer esse teste e tirar todas as dúvidas.

— E se der negativo? — Papai inclina a cabeça e sorri para mim.

— Continuarei sendo seu pai. — Ele encosta a testa na minha e olha no fundo dos meus olhos. — Ser pai não significa ter somente o mesmo sangue. Ser pai vai muito além disso, Mariana, ser pai é estar presente em cada momento, é cuidar sem esperar nada em troca, é se doar e estar disposto a morrer no lugar de seu filho. É passar as noites em claro quando seu bebê

está doente, é sorrir por cada conquista do seu filho, é ensiná-lo o que é certo e errado... — Alexander coloca o dedo no meu peito e dá duas batidinhas. — Mesmo que não tenhamos o mesmo sangue, eu continuarei sendo seu pai pelo resto da vida, sou seu pai de alma e coração e nada nesse mundo mudará isso. Nossa ligação é mais forte que sangue, meu amor, nossa ligação vêm da alma e eu farei de tudo para que nada de mal aconteça com você.

— Eu te amo tanto... — Papai me abraça e se deita junto comigo na cama.

Fico abraçada com ele sem a intenção de soltá-lo, aproveitando cada carícia, cheiro e sua voz. Papai me conta tudo o que fez desde o momento em que fui embora, contando como vovó ficou brava com ele, as minhas tias queriam bater nele e todos ficaram uma semana sem falar com Alexander.

Ficamos conversando até tarde da noite, não deixando nada passar, contei até sobre Peter, papai ficou surpreso, mas logo pediu detalhes e me deu vários conselhos que mantereí na mente com toda certeza.

— Aonde você vai ficar? — Pergunto fitando seus olhos verdes.

— Aqui, Ellen arrumou o quarto de hóspedes. — Meus lábios se alargam em felicidade, papai não ficará longe de mim.

— Quando iremos fazer o teste?

— O quanto antes. — Assinto. — Mas, Mariana?

— Hum?

— Não conte a ninguém, é nosso segredo. Bryan não pode nem sonhar que iremos fazer esse teste.

— Por quê? — Pergunto curiosa.

— Só não conte. — Repete me dando um beijo na testa. — Agora se apronte para dormir, amanhã você tem aula.

— Tá! — Papai se levanta e caminha até à porta.

— Boa noite.

— Boa noite, pai. — Ele sai do meu quarto fechando a porta.

Respiro fundo e me estico, dormir é que nada, eu irei é analisar todos os documentos que coletei, preciso descobrir quem está por trás desses assassinatos, para proteger Peter e botá-lo na cadeia.

Não sou a polícia e nem nada, muito menos tenho experiência, mas como não fazem seus trabalhos direito, eu farei, pois me chamo Mariana Collins Vitale e não sou de *arregar* quando estou em frente a um desafio, irei mostrar a todos como pegar um criminoso.



Passo a noite toda analisando os documentos, listas e ligações um com outro, duas das meninas mortas eu estive na cena do crime, mas os outros não. Peguei meu Notebook e pesquisei como morreram, não me surpreendi ao descobrir que todos, sem exceção, morreram da mesma forma. A polícia alegou suicídio, mas claro que não acredito nisso e muitos blogs compartilham a mesma opinião que a minha.

Analiso fotos de todos eles, com quem andaram e conversaram, alguns ainda tem seu Instagram ativo, li todos os comentários e entrei em todos os perfis que curtiram as publicações.

Não encontrei nenhum do trio e muito menos Peter nos posts. Tenho uma ideia e digito o nome de Gilles Hall no google, se ele é tão rico assim,

deve ter alguma coisa por aí. Respiro fundo, meu coração bate mais rápido quando encontro muitos sites falando dele.

Gilles é filho de um empresário do ramo de tecnologia, sua empresa tem parcerias com grandes multinacionais, uma delas a Apple. Balanço minha cabeça impressionada com o quanto seu pai é rico, mas seu filho...

Em vários sites que eu pesquiso, Gilles está sempre envolvido em escândalos, aparecendo bêbado e drogado, tem um site que tem uma matéria sobre ele, um artigo enorme, não perco tempo e leio tudo.

Quando o artigo foi publicado, Gilles tinha apenas quinze anos e já era problemático, ele é filho único pela dureza da vida, pois perdeu sua irmã mais nova quando ele tinha treze anos. Eles foram para a fazenda da família e ela caiu no lago quando brincava sozinha, Linsey não sabia nadar, então acabou perdendo a vida.

O pior é que Gilles só se rebelou após a morte da sua irmã a qual ele era muito apegado. De lá para cá, ele só se afundou nas bebidas e drogas, sua família é problemática, mesmo que tenham dinheiro de sobra, eles não têm o mais importante, o amor.

Sua mãe é viciada em compras, metida e esnobe. Seu pai está o tempo todo viajando, raramente volta para casa e, lendo tudo sobre a vida de Gilles, acabei sentindo um pouco de compaixão por ele, sei que não é motivo para ele ser do jeito que é, mas...

Congelo quando encaro uma foto antiga e nela está Peter, Jimmy e Gilles, abraçados e rindo. Meus olhos descem para continuar lendo, meu coração está ansioso e surpreso.

Eles são primos?! Fico chocada com essa descoberta, não fazia ideia disso. Respiro fundo e volto a ler.

Os três são primos, o artigo diz que eles eram amigos inseparáveis, sempre no meio de confusões e brigas. Engulo em seco, Peter envolvido em confusão?!

No subtítulo abaixo está explicando a origem da família Mackenzie. Os três irmãos são filhos do homem mais rico da América e eram herdeiros do grupo Mackenzie, uma empresa de tecnologia absurdamente lucrativa e mundialmente conhecida, mas tudo acabou quando um dos filhos decidiu casar com uma cigana pobre.

Charlie Mackenzie abandonou sua família, adotou uma cultura hippie por ser apaixonado pelas cores e estilo de vida, estudou e se tornou um policial. Claro que sua família não aceitou, pois para o seu pai, os três deveriam liderar o grupo Mackenzie.

Charlie foi deserdado e excluído da família, seus dois irmãos se tornaram inimigos e aí começaram uma briga interminável pela herança do pai falecido.

O mais surpreendente é que Trump, aquele detetive que Ellen detesta, é irmão de Charlie e Mirko, pai de Gilles. Aparentemente o único a herdar toda a herança foi Mirko. Muitos dizem que ele forjou o testamento para que ficasse com tudo. Trump, assim como Charlie, seguiu carreira militar, foi para o exército e depois se tornou detetive.

Ele e Charlie trabalhavam no mesmo setor, mas nunca se deram bem – como sempre. Clico para ir à próxima página do artigo que volta o foco para os meninos. Quando o avô deles ainda era vivo, em um determinado momento, eles tentaram juntar a família novamente, os primos sempre apareciam juntos e eram tachados como delinquentes. Peter e Gilles começaram a usar drogas, sempre envolvidos em brigas e escândalos.

Jimmy era o menos problemático, o artigo diz que ele era o cabeça do

trio – apesar de continuar sendo o líder – só que Peter foi excluído quando seu pai foi acusado de tráfico de drogas e morto em um acidente.

O acidente aconteceu em uma noite chuvosa, os três primos estavam drogados e bêbados, mal conseguiam andar, Charlie foi ao socorro do filho e vendo a situação dos três começou um bate-boca na rua, eles entraram no carro de Charlie e partiram.

Fotos apontam que quem conduziu o carro foi Peter, Charlie foi como passageiro e os outros três no banco de trás. Digo três, porque tinha uma menina entre eles, não conseguiram descobrir quem era. Depois que partiram, quilômetros depois o carro colidiu com uma caminhonete.

Os peritos dizem que o carro onde Peter estava entrou na contramão, a caminhonete não conseguiu desviar e bateram de frente. O carro ficou destruído e alguns, inclusive Peter, foi jogado para fora com o impacto, pois o velocímetro do Impala 62 travou em 200 km/h.

Charlie e o motorista da caminhonete não sobreviveram, morreram na hora com o impacto. Meu coração aperta, respiro fundo e continuo lendo os últimos parágrafos do artigo. A pessoa que escreveu supôs que a morte foi premeditada, o carro de Charlie estava com o freio desgastado, ele sempre foi visto como o policial mais honesto do departamento e acredita que todas as acusações de propina eram mentiras. Pois, meses atrás, Charlie entrou na justiça pedindo sua parte da herança do seu pai, herança que era sua por direito.

E novamente começou uma briga, só que judicial. Trump também exigiu sua parte e Mirko jogou para todos os lados, fazendo de tudo para que ele fosse o único beneficiado. Charlie foi acusado por um crime que não cometeu e acabou morrendo em um acidente que tudo indica que o próprio filho foi o responsável.

MEU DEUS! Coloco minha mão na boca, surpresa e com o coração em pedaços. Peter estava dirigindo bêbado e drogado, a polícia o acusou de homicídio, porque tudo indicava que ele estava no volante. Ele foi julgado e como era menor de idade, o enviaram para reabilitação e Peter teve que prestar serviços comunitários durante um ano.

Trump conseguiu parte da sua herança, mas Trump continuou sendo detetive e Mirko comandando o grupo Mackenzie. Peter foi deserdado e sua mãe, Julie, ficou com todas as dívidas a serem pagas. Os primos se tornaram inimigos e o assunto foi encerrado.

Respiro fundo e me deito na cama, olhando para o teto, é muita informação de uma só vez. Passo uns vinte minutos pensando em tudo o que li, na rivalidade dos irmãos e primos, por isso que Gilles e Jimmy implicam tanto com Peter, seus pais fizeram a cabeça deles direitinho.

E o pior de tudo é a carga que meu nerd está carregando. Peter não só carrega a culpa do seu pai nas costas, mas também do motorista do outro carro.



Desço as escadas com Dean nos braços, se eu dormi três horas essa noite foi muito. Preciso conversar com Peter quando chegar no colégio. Coloco Dean no chão e vou até a mesa onde meu pai está com um jornal e bebendo seu café.

Ellen está sentada ao lado de Alexander, remexendo em sua comida, ela não me olha, o que me deixa um pouco chateada.

— Bom dia, meu amor! — Diz papai apontando para cadeira ao seu lado.

— Dia. — Respondo me sentando, olho para Ellen que me encara.

— Bom dia Mariana, fiz um mexido para você, sei que gosta. — Fala se levantando e indo para a cozinha, acompanho com meus olhos, ela está tão triste.

— Tenta entendê-la, filha. — Murmura papai, respiro fundo e assinto.

Ellen coloca um prato de ovos mexidos com bacon, um copo de suco de laranja e volta para o seu lugar me olhando enquanto beberica seu café.

— Obrigada. — Agradeço, começando a comer.

Amo os ovos mexidos dela, são tão saborosos!

— Pai? — Ele me olha por cima do seu jornal. — Será que eu posso pegar seu carro emprestado? — Papai franze a testa e assente enquanto dobra seu jornal.

— E como eu fico? — Pergunta se inclinando na mesa.

— Vamos lá, pai! — Rodo meu copo e sorrio encarando Ellen. — É para eu ir para o colégio e Ellen pode te acompanhar, porque ela está de férias, não é, Ellen? — Ela estreita os olhos.

— Sim, estou livre do trabalho por trinta dias. — Ela confirma e olha para meu pai. — Pode pegar meu carro quando quiser, Alex, vai ser difícil eu sair de casa nesse tempo.

— Perfeito! — Digo pulando da cadeira e bebendo o resto do meu suco. — Cuida do Dean, Ellen? — Peço, ela assente, me aproximo do meu pai e lhe dou um beijo na bochecha esquerda, pego minha mochila e caminho até à porta, paro segurando a maçaneta e suspiro. — Tchau, Ellen.

Despeço sem olhá-la, desço a escada da varanda e paro ao lado do carro do meu pai, um Cadillac CT5, mas tem um problema... esqueci a maldita chave. Volto correndo, abro a porta e vou até o balcão onde ela estava, meu pai e Ellen me encaram.

— Esqueci a chave! — Esclareço saindo apressada, entro no carro, coloco a chave na ignição, dou a ré e parto rumo ao colégio com esse carro lindo e maravilhoso de dirigir.

Estaciono e desligo o Cadillac, feliz por papai ter permitido pegá-lo, eu amo dirigir! Saio fechando a porta e olho pelo estacionamento à procura de Peter, mandei uma mensagem para que me encontrasse no estacionamento.

Encosto no carro e fico navegando pelo meu Instagram, respondendo comentários na minha última foto e comentando as fotos da minha família.

Aproveito para ver os stories das minhas primas e dos meus colegas, matando um pouco a saudade. Fico tão absorta que não percebo Peter se aproximando, somente quando ele coloca os dois braços do meu lado, me prendendo.

Levanto a cabeça e encaro seus olhos azuis, ele está com moletom preto e óculos, seu capuz deixa-o com um ar de mistério. Sorrio fitando sua boca que estica em um sorriso preguiçoso.

— Uma menina linda, encostada em um carro luxuoso e imersa no celular, fica difícil de resistir. — Inclino a cabeça presa em seus belos olhos, guardo o iPhone no bolso e enlaço seu pescoço.

— Um nerd com um ar de mistério e perigo, fica difícil de resistir. — Digo, ele abaixa a cabeça e acaricia meu pescoço com seu nariz.

— Está tão cheirosa, outro ponto difícil de resistir.

— Estamos no estacionamento com várias pessoas nos olhando.

— Não me importo. — Diz colocando sua mão direita entre meus cabelos e olhando no fundo dos meus olhos. — Você se importa?

— Nem um pouco!

— Ótimo, porque irei te beijar.

Peter enlaça minha boca tão calorosamente que o receio de estar em um local cheio de gente vai embora, agora todos sabem que eu e o Nerd estamos juntos. Não que eu tenha que esconder isso, mas Peter não parecia estar muito disposto a assumir esse compromisso, por isso esperaria o momento certo.

Seu beijo é quente e cheio de desejo, sua língua navega por minha boca me arrepiando, sinto um frio na barriga e é como se tivesse algo a

comprimindo, mas de uma maneira gostosa.

Peter se afasta e encosta sua testa na minha com a respiração acelerada. Ele sorri de leve e vira a cabeça, encarando algo à frente. Estranho seu comportamento e sigo seu olhar, encostados em um carro um pouco distante, estão Gilles e Jimmy nos encarando com braços cruzados, Peter fita-os com as sobrancelhas franzidas, será que ele...

— Você me beijou só por que eles estavam ali? — Pergunto voltando a olhar para Peter.

— Não...

— Você só me beijou para provocá-los? — Seus olhos nublam, uma mágoa aperta meu coração, eu pensei que ele estava me beijando porque queria mostrar a todos que estamos juntos, mas fitando seu rosto, soube que fez isso só para provocar seus primos. — Nossa Peter... — Empurro seu peito, afastando-o.

— Você me entendeu errado.

— Eu entendi o que vi. — Digo ressentida. — Vou entrar. — Falo dando-lhe as costas.

— Meu amor, não entenda errado... — Ele segura meu braço esquerdo com delicadeza. Paro e me viro, seus olhos estão brilhando de medo e arrependimento.

— Eu nunca pensei que você me usaria para provocar seus primos, Peter. — Fecho meus olhos com força, droga... Volto a abri-los e vejo Peter congelado e indecifrável.

— Como descobriu?

— Pesquisei sobre Gilles e acabei sabendo da história toda. — Ele assente e começa a andar, agora é minha vez de segui-lo.

— Você não vai dizer nada?

— Isso não é da sua conta. — Rosna com tanta raiva que acaba me machucando.

— Nós estamos juntos, então você é da minha conta. — Rebato andando mais rápido para alcançá-lo. — Peter...

— Olha, Mariana, — ele para e se vira para mim, — eu beijei você para provocá-los, porque Jimmy é louco por você e pela primeira vez na vida, eu tenho algo que eles não conseguiram ter, você! — Dou um passo para trás. — E o meu desejo só aumenta de esfregar na cara deles que você é minha, que eu venci... — Ele para quando meus olhos se enchem de lágrimas.

— Você me usou o tempo todo? — Ele abre a boca para falar, mas nenhuma palavra sai dela. — Uau... — solto uma risada sem humor — Parabéns... — Passo por ele esbarrando em seus ombros.

— Mariana...

— Eu, — paro e bato no meu peito — nunca te enganei, Peter, sempre fui honesta com os meus sentimentos e pelo que sinto por você, mas você... você só me enganou, bem que estranhei quando você ficou perplexo com o termo namorado. — Meu queixo treme e mordo meu lábio inferior para não chorar. — Não sei mais quem é você.

Deixo-o para trás e entro apressada, respirando fundo e me controlando para não chorar. Não estou acreditando que Peter estava me usando, ele na verdade me evitou por muito tempo, então por que agora? Por que de querer tanto provocar seus primos?

Gilles

Nunca me senti tão feliz ao vê-los discutir, meu primo é mesmo um imbecil, na verdade, não sei qual dos dois é mais burro, Jimmy por não ter conseguido conquistar aquela garota linda, ou Peter, usando-a para nos provocar.

Encostado no meu carro e encarando-os, torcia para que ambos discutissem, sabia que daria merda quando Peter nos viu andando em direção à Mariana e já foi reivindicando o que é seu. Bem, não posso negar, esse nerd de merda tem pura sorte, porque eu queria estar sentindo aquela boca atrevida e perfeita.

Então conhecendo a personalidade de Mariana, sabia que ela iria perceber algo errado, eu apenas esperei para ver o show. É uma pena que sou um merda problemático, porque talvez eu teria uma chance de tê-la. Respiro fundo, começo a bater meu pé no chão, a vontade de usar voltou, nunca me deixa por muito tempo.

Jimmy suspira ao meu lado enquanto Peter e Mariana discutem, ela parece realmente magoada, se eu tivesse um pouco de compaixão por eles, pensaria em confortá-los. Porém, sei que uma pessoa fará isso, Jimmy diz gostar de Mariana, mas ele... não é uma pessoa boa.

Ele a vê como uma posse, Jimmy odeia ser rejeitado e sempre tem o que quer, mas ele não merece essa garota, nunca mereceu nenhuma. Sua máscara engana a todos, mas eu sei do monstro que ele é e do que é capaz, até porque eu também sou.

Aperto minhas mãos, porra, eu preciso usar se não vou surtar. Ajeito minha mochila nas costas e caminho em direção ao Peter, Jimmy me acompanha calado, apenas esperando o momento de agir. Ele é calculista e perigoso, nunca sei o que se passa na sua cabeça, somente quando faz suas merdas e eu encubro-as.

— Brigando com sua namoradinha? — Zombo dando risadas, porque é bom demais ver sua cara de raiva e nojo. — Não é legal ficar usando-a e iludindo-a, isso é muito feio, Peter.

— Não se meta, cara. — Rosna com raiva, e meu riso só aumenta.

— Acho que tem uma competição de quem come aquela garota primeiro. — Peter se aproxima e fica pertinho do meu rosto.

— Meça suas palavras antes de falar da Mariana. — Estalo a língua, pelo menos defendê-la ele é capaz.

— Ou o quê? — Provoca Jimmy. — Estou muito satisfeito, Mariana fez você se tornar corajoso.

Olho para meu primo, ele tem um sorriso sarcástico no rosto, mas são seus olhos que dizem tudo, ele odeia Peter, tanto ódio que vaza por seus poros. Volto a encarar o nerd, Peter sabe bem como se comportar e não vai retrucar ou muito menos brigar aqui, conseguiu evitar tantos anos essas provocações, não vai ser agora, só se... Sorrio de prazer, quero vê-lo me atacar.

— Mariana é muita mulher para você, nerd de merda. — Digo deixando minha raiva aumentar. — Você é um bunda mole, não vai conseguir domá-la. Mas eu farei isso, tenho certeza que quando eu pegar Mariana e fazê-la gritar de prazer quando estiver debaixo de mim, ela não vai querer outra coisa...

Peter avança em minha direção e me joga contra o carro segurando meu colarinho. Sua respiração está acelerada, seus dentes estão cerrados e seus olhos estão queimando de ira. E a única coisa que sinto é prazer, quero que me bata, para finalmente, socar sua cara maldita.

— Eu falei para você tomar cuidado com o que fala da minha namorada. — Namorada? Gargalho o encarando.

— Agora é namorada? — Ele aperta mais minha blusa, se segurando o máximo para não entrar na minha. — Quero entender como ela teve coragem de namorar um assassino. — Suas mãos tremem, ele é arrancado de mim e jogado no chão por Jimmy, merda... Por que Jimmy tirou ele de cima de mim?

Peter levanta rapidamente e encara Jimmy, que está louco para enfrentá-lo. O nerd balança a cabeça e dá um passo para trás.

— Não vou comprar a briga de vocês. — Diz me olhando. — Eu sei perfeitamente o que fiz naquela noite, e me culpo todos os dias por isso. — Diz arrumando suas roupas. — Não preciso que me lembrem que sou um assassino.

Dizendo isso, Peter nos dá as costas e entra no colégio. Percebo que alguns dos alunos nos observam, mas logo saem quando eu encaro cada um deles. Escuto um barulho e olho para trás, Jimmy deu um soco no meu carro. Respiro fundo para não retribuir esse soco, só que no seu nariz.

— Cacete... — Grunhi de ódio. — Por que esse filho da puta não retruca?

— Porque é inteligente, porra. — Rebato começando a andar. — Peter é sensato. — Murmuro, aperto minhas mãos no bolso com impaciência.

Entrar em uma briga me faz esquecer da necessidade de usar, mas tem

dias que é mais forte, como hoje. Ontem minha mãe chegou com um homem em casa, não liga por ainda estar casada, ela só vive bêbada e envolvidas em escândalos, meu pai por outro lado, não liga mais para nada, faz três meses que não sei o que é ver sua cara na minha frente.

Lidar com minha mãe daquele jeito é complicado, não tenho cabeça e quando me drogo, sinto-me relaxado, e ao mesmo tempo sinto pelas minhas veias que sou capaz de tudo, mesmo não lembrando de nada quando encho a cara de álcool.

— Precisamos dar um jeito. — Jimmy reclama do meu lado.

— Mas você já não deu um aviso? — Ele respira fundo, eu estou odiando meu primo todas às vezes que me lembro do que ele fez.

— Não adiantou. — Murmura.

— Não acho que vá falar.

— Ela vai, amiguinha demais da Mariana. — Assinto, mas mesmo assim...

— Acho que não é ela, cara. — Digo abrindo meu armário. — Tem outra pessoa.

— Não importa, se ela abrir o bico é cana, Gilles, já tenho idade e se for provado, pegarei uns vinte anos. — Balanço minha cabeça de leve, acho pouco!

— Eu já levei culpa de mais, mano, — olho para ele — nunca faria tal coisa, mas porra, tudo para te encobrir, chega! — Falo batendo a porta do armário.

— Chega do quê? — Respiro fundo. — Sei muito bem das merdas que faz e fez, não vai querer que eu abra a boca, vai? — Ameaça de novo!

— Não, estou de boa.

— Ótimo, porque eu quero que faça algo para mim. — Encaro Jimmy, esperando suas ordens.

— O que devo fazer?

— Preciso que dê uma lição em Matheus, o cara pegou três quilos de cocaína e não me pagou. — Umedeço meus lábios.

— Sai dessa, cara... — falo com descrença. — Isso vai dar merda, você nem precisa entrar nesse negócio. — Ele dá um passo à frente e me encara.

— Não me diga o que eu devo fazer, eu mando e você obedece. — Jimmy dá dois tapas no meu peito tão forte que meu ar é cortado. — Recoloca a máscara de garoto delinquente e perigoso, bota terror do jeito que eu gosto e terá suas drogas, seu segredo está guardado, desde que faça o que eu mando e me encoberte para ninguém desconfiar. — Diz se afastando. — Fui claro?

— Claríssimo. — Respondo entre os dentes.

Jimmy assente e se afasta, esse cara está ficando cada dia pior. Respiro fundo e caminho em direção ao banheiro, preciso usar ou então vou enlouquecer. Ele é sempre assim, se as pessoas soubessem do que ele é capaz, Jimmy estaria em um manicômio, trancado sem permissão de nunca sair.

Entro em um dos banheiros e fecho a porta, desço a tampa do vaso, sento-me em cima e coloco a mochila no chão. Queria muito parar, mas não consigo. Minha mãe me dando um tapa na cara por eu apenas falar que o que está fazendo é errado me vem à mente, ela não liga para mim, sou um erro e atraso de vida.

Com minhas mãos trêmulas, abro minha mochila e pego o cachimbo e o fósforo, coloco o crack dentro, aqueço e trago. Respiro fundo quando sinto

a droga navegando por minhas veias transmitindo prazer, sinto meu corpo reagindo, aumentando minha energia e me acalmando, relaxando...

Trago mais uma vez e começo a rir, é um alívio, parece que estou no paraíso, que nada do que eu vivo faz diferença, toda a dor no meu coração é extinta. Dou a última tragada e encosto a cabeça na parede, sorrindo e feliz por eu estar no controle novamente, tudo fica mais brilhante e sei que nada vai me abalar, sou o Gilles novamente, o cara que não tem medo, enfrenta e aterroriza todo mundo.

Depois de alguns minutos de prazer, guardo o cachimbo na mochila, levanto e saio do banheiro cambaleando, sorrindo por estar pronto. Respiro fundo e caminho até onde Matheus está.

Encontro-o jogando futebol no campo, ando em sua direção sem que ele perceba, quando chego perto, empurro suas costas e ele cai no chão. Matheus se vira assustado e arregala os olhos.

— Cadê a grana? — Exijo estralando meu pescoço.

— Eu vou pagar, não consegui um bom dinheiro, ninguém está comprando...

— Desculpas comigo não vai rolar. — Digo partindo para cima dele.

Soco seu rosto, ele chia de dor, tenta desvencilhar de mim e evitar meus punhos, mas não consegue, pois esse momento é meu. Soco várias vezes seu rosto que sangra, eu sorrio de prazer e satisfação, coloco tudo o que estou sentindo para fora.

Quando ele fica mole e tonto, solto-o e me levanto. Minha camisa branca está com respingos de sangue, minhas mãos machucadas e Matheus está quase desacordado no chão, gemendo de dor. Respiro fundo, inclino a cabeça e sorrio.

— Jimmy avisou que se não o pagar, ele vai dar um fim em você. —
Matheus me olha e assente. — Esse foi apenas um aviso.

Viro de costas e volto para o colégio sentindo o efeito da droga em minhas veias. A irritabilidade começa a retornar junto com as lembranças, eu queria ser diferente, fazer tudo diferente, mas não dá, não tenho motivos para mudar quando tudo está contra mim, então eu continuo usando, mesmo que isso me mate futuramente, porém, essa é a única coisa que faz me sentir vivo... que me deixa feliz.



Procurei por Francine em todos os lugares do colégio que ela poderia estar, mas não a encontrei, fico preocupada com seu desaparecimento, ainda mais envolvida com aquele trio.

Entro no refeitório e a única coisa que eu pego é uma maçã para comer, estou sem fome, com raiva e irritada, procuro um lugar para me sentar. Meus olhos recaem no Nerd sentado em seu lugar de sempre, meu coração bate para ir lá, sentar, conversar com Peter e esquecer do que falou, mas não faço isso, aquelas palavras me magoaram.

— Por que não vai falar com ele? — Pergunta Katie com sua bandeja de comida e pirulito na boca. — Ficar encarando suas costas não vai resolver nada.

— E eu não sei disso?

— Só estou falando!

Ela passa por mim, caminhando em direção ao seu lugar na mesa, sigo e me sento à sua frente, as outras meninas me cumprimentam com

indiferença e me ignoram. Mordo minha maçã e fito Katie enquanto ela enrola seu pirulito no saquinho e o guarda.

— Para chupar mais tarde. — Conclui meu raciocínio, sorri e começa a comer seu almoço.

— Percebi. — Sussurro rodando minha maçã na mão. — Frankie sumiu, viu ela por aí? — Katie levanta seus olhos e sobrancelhas, como se a minha pergunta fosse uma piada de mal gosto.

— E eu tenho cara de que sabe daquele trio? — Suspiro e nego com a cabeça. — Bem, eu não a vejo desde ontem. — Responde branda e leva a comida à boca.

— Eu andei pesquisando umas coisas...

— Que coisas? — Pergunta curiosa enquanto mastiga.

— Sobre os assassinatos. — Digo em um tom que só ela consegue me escutar. — São sempre do mesmo padrão, histórico e ligação. — Umedeço meus lábios e inclino um pouco na sua direção. — Eu pesquisei sobre a vida dos Mackenzie, não acho que eles tenham culpa. — Ela me encara congelada com a bochecha cheia.

— Eles têm culpa. — Diz com mal humor e engole sua comida. — Você não encontrou nada direito, apenas especulações, eu estudo nesse colégio há muito tempo, então sei que tem alguma coisa errada com o trio e o Nerd, tudo liga a eles. — Fala com tanta convicção que eu quase acredito nela.

— Mesmo assim Katie, não acredito que um deles seja um serial Killer. — Ela respira fundo e recosta na cadeira, me encarando com irritação.

— Você descobriu sobre o acidente? — Assinto, Katie volta a inclinar e respira fundo antes de falar. — Eu não sei, mas acredito que um deles quer

incriminar o outro. — Franzo a sobrancelha, confusa. — Sabe como é, um querendo acabar com o outro...

— Por quê?

— Eles têm uma rixa, Mariana, não se bicam. — Ela dá de ombros e entorna sua boca com desdém. — Isso vem das antigas, não de agora. Peter quer se vingar deles, então mata os bolsistas, ou então, um do trio mata os bolsistas para matá-lo, ou incriminá-lo. — Meneio a cabeça, não tem lógica seu raciocínio.

— Peter não seria...

— Todos somos capazes de matar, Mariana. — Diz apontando a colher em minha direção. — Quando o sentimento de vingança toma conta de nós, a única coisa que queremos é sague e que a pessoa pague pelo que fez. Peter tem todos os motivos para querer vingança.

Por que ela insiste em acusar Peter? Não digo nada, apenas fico encarando-a com mais dúvidas do que eu tinha. Respiro fundo e dou uma última mordida na minha maçã, olhando para a mesa do trio.

Susan está se esfregando em Gilles que sorri maliciosamente, Jimmy está me encarando, como fez no momento que pisei no refeitório. Meus olhos se encontram com os dele e um calafrio sobe minha espinha, ele está cada dia mais furioso e estranho. Desvio do seu olhar e fito o miolo da maçã.

— Tem dúvidas de que esse trio é capaz de matar? — Levanto meus olhos, Katie aponta com o queixo atrás de mim e me viro.

— Eles que fizeram? — Pergunto encarando um garoto com o rosto detonado, ele é rodeado por seus amigos e diz estar tudo bem, que foi uma briga, ele olha em direção à mesa do trio por um segundo, volta a conversar e se senta com sua turma do futebol.

— Matheus tem envolvimento com drogas, não sei por qual motivos entrou nessa vida se é rico, mas enfim, se apareceu assim, é porque está devendo o traficante.

— Como sabe que foi o trio?

— É obvio que foram eles.

— E quem é o traficante? — Pergunto voltando a encará-la.

— Não faço ideia, mas o trio tem alguma coisa a ver com isso. — Diz voltando a comer. — Fiquei sabendo que Frankie está envolvida com drogas, então isso explica seu sumiço.

— Acha que Frankie é mentirosa? — Katie engasga com a comida na boca e começa a gargalhar.

— E você ainda acredita naquela garota? — Diz revirando os olhos. — Você deve rever quem confia, Mariana.

— É... — Balbucio, são tantas coisas que não tem lógica que estão me deixando frustrada.

— O que vai fazer hoje? — Pergunta afastando sua bandeja e se espreguiçando. — Queria que fosse comigo fazer compras, preciso de ajuda para escolher um vestido.

— Você tem amigas para isso. — Digo apontando para as duas barbies ao nosso lado.

— E eu tenho você. — Mordo meu lábio inferior, não quero sair com ela, preciso de uma desculpa.

— Preciso conversar com Ellen, estamos com problemas, hoje não escapo. — Katie me encara.

— Quer conversar sobre? — Até que queria, pena que não confio nela.

— Está tranquilo, coisa de mãe e filha. — Ela dá de ombros e sussurra um tudo bem.

Quando o horário do almoço termina, me levanto e caminho em direção à minha próxima aula, Katie tagarela do meu lado sem parar, o bom é que sua aula é diferente. Katie se despede e caminha para longe. Solto a respiração e vou para minha aula, mas quando estou perto da sala, minha boca é tampada e sou arrastada para um corredor isolado.

Tento sair de suas garras, mas não consigo porque ele é muito mais forte que eu, consigo morder sua mão e escuto-o gemer, ele solta minha boca, me joga na parede e agarra meu pescoço com firmeza. Seus olhos vermelhos e furiosos se prendem nos meus, um medo me consome.

Gilles estica seus lábios em um sorriso prepotente, seus olhos estão vermelhos e vidrados, não parece aquele cara que estava agora pouco no refeitório, meu corpo treme, meus lábios secam e engulo em seco.

— Eu preciso acabar com a infestação. — Diz sem focar em mim, parece que ele está em outro lugar.

— Quê? — Sussurro segurando seu pulso e tentando tirar sua mão do meu pescoço.

— Você me atacou, vírus espalhou pelo meu corpo, agora eu não consigo... tirar. — Murmura com pavor.

— Gilles? — Chamo-o com minhas pernas bambas. — Solta meu pescoço.

— Não... não... estou cansado de ver... coisas... — Fala olhando em volta como se estivesse sendo perseguido. — Eu quero que acabe..., mas não consigo. — Diz revirando os olhos e respirando fundo.

— Gilles, você está drogado? — Ele ri e assente me olhando.

— É bom... — Ele levanta sua mão esquerda e pega uma mexa do meu cabelo. — Eu precisava de mais, então usei mais e mais... e agora eles estão atrás de mim... — Diz enrolando meu cabelo no seu dedo, fixo em seu movimento.

— Gilles...

— Shhh... — Ele coloca o dedo na minha boca me calando e encosta sua testa na minha. — Ele está vindo... — sussurra com o corpo tremendo. — Ele quer me pegar...

— Quem quer te pegar, Gilles?

— O vírus, ele me quer... — Ele balança a cabeça negativamente ainda com a testa na minha. — Eu não posso deixar que me pegue... Você... você tem que pegá-lo.

— Você está delirando, Gilles, o que usou? — Ele respira fundo e desencosta da minha testa.

— Eu... — Ele olha para os lados. — Não sei...

— O que não sabe? — Gilles volta me olhar e acaricia meu pescoço que segura.

— Eu sei quem estava dirigindo, não foi ele... — Gilles balança a cabeça de um lado para o outro. — Eu menti... não foi ele... Eu lembro, agora eu lembro... — Ele solta meu pescoço e dá um passo para trás. — Mas ele não pode saber que eu lembrei... ele me mata se souber que eu sei...

— Gilles? — Ele me dá as costas e caminha com as mãos na cabeça e balbuciando que sabe de alguma coisa.

Vou atrás dele, Gilles não está bem e pode fazer alguma coisa errada. Chamo-o, mas ele não me escuta, seguro seu antebraço fazendo-o parar. Gilles olha para minha mão e depois meu rosto com os olhos ainda vidrados.

— Você precisa de ajuda.

— Eu estou bem.

— Você está drogado, Gilles, precisa de ajuda! — Ele nega com a cabeça.

— Ninguém se importa. — Murmura colocando sua mão em cima da minha.

— Eu me importo.

Ele levanta a cabeça e me encara, vejo um brilho diferente em seus olhos e meu peito aperta, Gilles parece tão sozinho e solitário que esqueço tudo o que fez.

— Queria ter te conhecido em um momento diferente. — Diz tirando minha mão do seu braço.

— Gilles...

— Eu até que estou acreditando que realmente está preocupada.

— Eu estou, você não está legal, precisa de ajuda. — Ele assente e respira fundo.

— Não chega perto... não sou bom...

— Deixa-me... — Paro quando ele sorri de um modo diferente.

— Obrigado... — Meu coração bate mais forte, Gilles falou com tanta dor que doeu em mim.

— Pelo quê?

— Por se preocupar. — Diz virando de costas e sai apressado sem olhar para trás.

Levo minha mão ao peito, sentindo meu coração bater desesperado, meu corpo treme e minha respiração está acelerada, não entendo o que

acabou de acontecer, do seu jeito e palavras, tudo é muito confuso.

Inspiro fundo, eu preciso fazer alguma coisa, ele falou que não foi aquela pessoa, que tinha lembrado, será que estava falando do acidente? Olho na direção em que caminhou, Gilles não está bem, algo o perturba e sei que ele precisa desesperadamente de ajuda.



Saio do colégio e caminho em direção ao Cadillac CT5, louca para ir embora, diminuo os passos quando o vejo encostado no carro com os braços cruzados. Respiro fundo, me aproximo e fico na sua frente, esperando por suas desculpas.

— Eu errei! — Sussurra com a cabeça baixa. — Eu não deveria ter feito aquilo.

— Você foi um babaca. — Rosno indo em direção à porta do motorista, mas Peter dá um passo para o lado, me bloqueia e me olha com súplica. — Tenta ser um pouco mais convincente, Peter. — Ele me encara no fundo dos olhos.

— Eu não me aproximei de você por causa dos meus primos, Mariana. — Troco o peso do meu corpo para a perna direita e fito a chave do carro na minha mão. — Foi apenas um momento de possessão, queria mostrar para eles que você é minha.

— E por isso começou uma competição de quem me tem?

— Não, meu amor, nunca faria isso. — Diz descruzando os braços. — Droga Mariana, você quem correu atrás de mim.

— É verdade. — Indago um pouco divertida.

— Eu errei, por isso peço desculpas. — Peter se aproxima e segura meu rosto com ambas as mãos. — Não deveria ter agido daquela forma.

— Você não precisa provar a ninguém que me tem, Peter.

— Eu sei...

— Meu coração é seu desde o momento que esbarrei em você no aeroporto, de mais ninguém. — Ele assente e suspira. — Suas palavras me magoaram.

— Eu sei!

— Você vai me contar tudo? — Peter me olha incerto. — Quero saber do Peter do passado, não quero que nada nos afaste, quero saber de tudo. — Ele inspira fundo e assente.

— Para o nosso lugar especial?

— Para o nosso lugar especial. — Repito lhe entregando a chave e contornando o carro.



Sento em uma pedra ao seu lado e encaro o horizonte, o sol está quase se pondo e o céu está laranja com várias gaivotas voando sem parar, seu canto é reconfortante, assim como o barulho do mar e o vento que bate em meu rosto.

— Esse lugar é maravilhoso. — Digo esticando minhas pernas.

— Por isso que sempre venho aqui.

— O que aconteceu naquela noite, Peter? — Ele suspira e fica calado por um minuto.

— Como já descobriu, eu fazia parte do trio, antes de Susan e Francine. — Começa com desconforto. — Eu era um garoto bobo e inocente que queria apenas se enturmar com seus primos. Nunca fui de ter amigos, sempre tive essa dificuldade de me aproximar das pessoas, mas com eles era diferente, eu os achava o máximo, eram descolados e sempre andavam com vários garotos em sua volta, queria ser igual a eles.

— Por isso que começou a fazer o que eles faziam?

— Em parte sim. — Diz chegando mais perto de mim e segura minha mão direita. — Nossa família está em pé de guerra, para ser sincero, nunca entendi a rivalidade dos Mackenzie, mas eles tentaram reconciliar e foi quando eu comecei a andar com os meninos. Meu pai não gostava muito, ele sempre teve um pé atrás, no entanto, quanto mais tempo eu passava com meus primos, mais revoltado eu ficava. Queria ser igual eles, sem os pais os perturbando, fazendo o que queriam e na hora que queriam, eu me espelhei nisso e comecei a me rebelar.

— Que feio, Peter. — Falo brincalhona, aperto sua mão para ele continuar.

— Comecei a brigar com meus pais, a sair escondido e voltar bêbado, só não parei de estudar porque o colégio onde estudávamos fazia parte da nossa rotina, e nunca era entediante. — Peter respira fundo e abaixa a cabeça. — Até eles me apresentarem uma droga, Jimmy disse que era boa, que não viciava e que era a sensação dos jovens, Gilles ficava alucinado e animado sempre que usava, ele sempre falava que era como uma pessoa viciada em

chocolate, sempre querendo mais. Fiquei curioso, mas me limitava, até que Jimmy começou a botar pressão, ele mandava eu fazer coisas cada dia piores, até mesmo entregar esses “chocolates” para outras pessoas.

— Esse *chocolate* seria o quê? — Pergunto com a testa franzida, Peter sorri de lado e entrelaça nossa mão.

— Crack, cocaína, maconha, ecstasy, LSD e heroína.

— Você não sabia? — Ele comprime os lábios e inspira fundo.

— No começo ele nunca me contava, sempre me entregava pacotes fechados para entregar e pegar o dinheiro, era um favor, tanto eu quanto Gilles. — Ele solta uma risada sem humor. — Quem diria, virei traficante sem nem ao menos saber.

— Como descobriu?

— Tanto eu, quanto Gilles fizemos esse serviço. Gilles era sempre recompensado, então Jimmy o instigava a sempre fazer seus favores, Gilles foi se perdendo e chegou em um ponto em que não conseguia mais ficar longe das drogas, mas nunca me ofereceu drogas — Peter respira fundo e solta o ar pela boca, angustiado. — Jimmy me ofereceu em uma noite, disse que me faria bem, pois naquela mesma noite eu tive uma briga com meus pais por um pacote que encontraram no meu quarto. Só bastou uma única vez para eu viciar.

— Qual?

— Heroína. — Responde com pesar. — Mariana, nunca tente usar, ou muito menos experimentar, quando alguém te oferecer alguma droga, você desfaz a amizade e se afasta, pois, amigo de verdade nunca irá te oferecer algo que acabará com a sua vida. — Engulo em seco e fico olhando para seus olhos marejados.

— O que aconteceu?

— O prazer se tornou necessidade, e a cada dia, cada hora eu queria usar. Me tornei obcecado, agressivo e me afundava cada vez mais no vício. Jimmy por outro lado, ficava feliz, pois a cada entrega que eu fazia para ele, mais drogas ele me entregava, um ciclo sem fim. Quando eu não fazia o que mandava, ele cortava minhas drogas, eu entrava em desespero, afinal não há tempo para esperar quando se é viciado, então corria até ele e fazia o que era preciso para ter meu prazer, a droga.

— A heroína era injetável?

— Sim.

Nunca imaginei que Peter teria um passado como esse, sei o quanto é difícil se livrar das drogas, ele poderia ter morrido no processo de abstinência. Não entendo sobre esse mundo, apesar de saber diferenciar cada uma pelo nome, mas nunca vi nenhuma droga na minha frente e muito menos convivi com um drogado, então saber de tudo o que Peter passou, só mostra o garoto forte e guerreiro que ele é, pois, são poucos que conseguem se reerguer.

— Meus pais ficaram desesperados, nossas famílias entraram em guerra novamente, meu pai não queria seus sobrinhos perto de mim e entrou na justiça para receber sua herança por direito. — Peter fecha os olhos e morde os lábios. — Mas como fui burro, encontrava com eles escondido e mesmo que me humilhassem, eu ainda continuava atrás deles, como um cachorrinho louco para receber a recompensa...

— Foi essa a época do acidente? — Ele assente e encara o horizonte.

— Jimmy me pediu o carro do meu pai um dia antes dele ser acusado, disse que estava desesperado e que algo grande tinha acontecido, que precisava da minha ajuda urgentemente. Então o idiota aqui pegou as chaves

do Impala 62 e foi ao seu socorro. — Meu coração acelera com a revelação de Peter. — Chegando lá, seu carro estava detonado, ele agradeceu e me deu uma seringa com heroína, fazia dois dias que eu estava limpo, vendo aquela droga meu corpo entrou em desespero, a necessidade tomou conta de mim, me afastei do carro e injetei no meu braço enquanto Jimmy carregava o carro do meu pai com quilos de drogas.

— Isso quer dizer que Jimmy...?

— Sim, ele era traficante. — Confirma o fato. — Ele é fascinado pelo crime organizado e máfia, dizia que iria se tornar um, então com o dinheiro que o pai dele, o detetive Trump lhe dava, ele comprava quilos de drogas para revender, fazendo isso ele conseguiu criar sua rede de tráfico, sendo ele o líder do tráfico nessa região. — Fico encarando Peter sem acreditar, parece ser demais para mim.

— E o carro? — Pergunto para saber do final da história.

— Ele me pediu para guardar na garagem de casa sem que ninguém soubesse, até a manhã do dia seguinte, lógico que concordei, ainda mais drogado do jeito que eu estava. Mas no dia seguinte ao invés de Jimmy buscar o carro, foi a polícia que bateu em casa e encontrou o carro com as drogas. — Peter umedece os lábios e solta um riso de dor e incredulidade. — O detetive Trump foi o responsável pela operação, humilhou meu pai de todas as maneiras e o mesmo nem faz ideia de que o seu próprio filho era o verdadeiro traficante. — Olho para ele perplexa, como assim?

— Peter, porque não contou a verdade? — Ele inspira profundamente e fecha os olhos por alguns segundos.

— Eu não consegui me explicar, a única coisa que me lembrava era de ter pego o carro, dirigido para o lugar onde eu me encontrei com Jimmy e usado a droga, depois tudo se apagou, apenas lembro de vozes me dizendo

que essas drogas iriam dar problema, que eu deveria parar de fazer o que fazia e que ser traficante não era o meu destino... eu não sei, Mariana, naquela época era tudo muito confuso. — Peter solta minha mão, se levanta, bagunça seus cabelos e anda de um lado para o outro, contando de um a dez várias vezes.

Sei que é um exercício para acalmá-lo, para não se entregar ao desespero e evitar a necessidade de se drogar que seus tormentos e frustrações despertam. Ele conta de um a dez, depois de trás para frente, intercalando com respirações, até se acalmar. Eu espero, olhando-o atentamente.

— O carro foi apreendido e meu pai foi preso, no outro dia ele foi solto, visto que tinha a ficha limpa, iria responder em liberdade até o julgamento. Meu pai perdeu seu emprego e foi expulso da polícia. Mas o pior não foi isso, o problema é que mesmo depois disso tudo, eu não parei, Mariana, eu continuei... — Ele me olha em desespero. — Jimmy exigiu aquelas drogas, ou eu dava um jeito de recuperá-las, ou ele faria com que meu pai nunca mais saísse da cadeia, e acreditei nele. Na noite do acidente eu roubei o carro do pátio da polícia com a ajuda de Gilles, em troca de crack, as drogas ainda estavam no carro, partimos para a boate que Jimmy estava, e quando saímos depois de festejar, fomos em direção ao Impala com a intenção de estender a noite, mas meu pai nos viu, eu tinha me drogado assim como Gilles, Jimmy estava apenas bêbado e tinha uma garota com a gente, mas não lembro do seu rosto, era algum rolo do Gilles.

— A identidade dela não foi revelada em nenhum site. — Ele assente.
— Por quê?

— Não sei, acho que era para esconder sua identidade, não sei se ela morreu ou sobreviveu, nunca consegui descobrir. — Ele para de andar e me

encara. — Começamos a discutir na rua, em frente à boate, decidimos ir embora, todos concordaram e o que eu me lembro é de entrar e ligar o carro, gritaria de briga, meu pai ao meu lado jorrando ofensas e insatisfação, luz me cegando, gritos e depois silêncio...

— Quando colidiu com outro carro... — Peter meneia a cabeça e olha fixamente para uma pedra, ao meu lado.

— Acordei com zumbidos e grunhidos de dor, estava chovendo e quando olhei para os lados, vi Gilles todo ensanguentado e desmaiado, estilhaços de metal e vidro se espalhavam pelo chão, fumaça e vozes me perguntando o por que eu não desviei do carro? Por que eu peguei o carro drogado? Perguntas que me atormentam até hoje, dia e noite. Acordei no outro dia no hospital, algemado na cama e com acusação de dois homicídios.

— Eu sinto muito. — Digo me levantando e indo em sua direção, lágrimas escorrem por seu rosto partindo meu coração.

— Eu sou o culpado de tudo, se eu estivesse escutado meus pais e não quisesse tanto ser reconhecido por meus primos, nada disso teria acontecido. — Fala fechando os olhos e permitindo que mais lágrimas caiam. — Se eu não estivesse tão louco para me drogar, eu não teria matado meu pai, Mariana.

Desabafa com tanta dor que minhas pernas bambeiam, não consigo dizer nada, apenas enlaço meus braços em seu pescoço e lhe dou um abraço. Porque nesse momento, Peter não precisa de palavras, apenas de conforto e de uma pessoa para estar ao seu lado para o que der e vier, o amando da maneira que merece, com seus erros, dores e culpas. A única coisa que o meu coração quer, é protegê-lo de todo mal.

Peter retribui o abraço, encaixa seu rosto no meu pescoço e começa a chorar, sei o quanto deve estar sendo pesado para ele lidar com isso sozinho.

A culpa, o remorso e o arrependimento nos destroem pouco a pouco, uma dor dilacerante que tira nossa capacidade de enxergar o sentido da vida.

Respiro fundo e aperto-o, como se estivesse dizendo que ficará tudo bem, que eu estou aqui com ele e que enfrentaremos tudo isso juntos, porque ser um casal é segurar na mão do outro e atravessar toda a tempestade, seja ela do passado ou a do presente, quando temos alguém para nos conduzir, fica impossível de cair e desistir.

Afasto dele quando se acalma, seguro seu rosto e limpo suas lágrimas, compartilhando sua dor e sofrimento. Ele está pagando por tudo o que fez de errado da pior maneira, mas isso não é certo, Peter era apenas uma criança perdida sem saber seu lugar, porém, agora é hora de levantar a cabeça e ir atrás de justiça.

— Peter, — começo olhando no fundo dos seus olhos — eu estou aqui com você, não me importo com seu passado, precisamos viver o presente para moldarmos nosso futuro, por isso você tem que jogar esses sentimentos de remorso, arrependimento e culpa para fora. Eles não vão te ajudar a seguir em frente, só irão te destruir. — Peter abre a boca para falar, mas eu o calo com meu dedo em seus lábios. — Está na hora de você ir atrás da verdade, da justiça e fazer com que os responsáveis paguem pelo que fizeram, só assim você poderá se perdoar e seguir em frente.

— Como? — Diz com uma voz rouca e trêmula.

— Vamos dar um jeito e descobrir como, ok?! — Ele respira fundo e assente. — Mas agora, vamos apenas curtir essa paisagem e namorar um pouco, preciso mimar meu nerdzinho que está triste e fragilizado. — Peter ri e morde meu lábio inferior.

— Você foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida.

— Melhor que droga? — Ele me agarra e sorri com malícia.

— Mil vezes melhor.

Seus lábios encostam nos meus, seu beijo tem sabor de lágrimas e hortelã, um sabor tão gostoso que quero ficar aqui para sempre, apenas beijando-o e sentindo-o por inteiro. Inspiro fundo e seguro seus cabelos. Assim como ele precisa dessa demonstração de carinho e amor, eu também preciso me sentir amada.

E ao lado de Peter, junto com ele, sou uma jovem capaz de voar e explorar meus limites, junto com ele eu posso ser e conquistar tudo o que desejo, porque o amor move montanhas, e o meu amor por ele, se continuar crescendo como está, vai mover o mundo.



Ver Peter com aquela garota me enoja, vê-lo feliz, me enoja. Caminho para fora do colégio encarando os dois saindo em um carro, enquanto estão felizes, minha vida está uma droga. Olho para o lado, vejo Jimmy e Gilles, dois idiotas, queria muito vê-los sangrarem, ou morrendo com seus próprios venenos, porque eles são os culpados, pois foram eles que fizeram isso comigo... com minha vida.

Raiva me consome, é difícil sorrir quando a única coisa que você quer e deseja é se vingar, claro que não podem saber quem eu sou, ou então tudo vai por água abaixo. Chego em casa, o lugar que eu detesto, subo as escadas e escuto uma mulher gritando por mim, ignoro, porque eu não quero conversar.

Entro no meu quarto, vou até o mural onde estão as fotos de todos que estão em meu caminho, aqueles que precisam ser mortos para eu chegar no meu objetivo final, aniquilar Peter.

Os bolsistas foram apenas o começo para tentar incriminá-los, foi até divertido, menos pobres no meu caminho, apesar de estar quase nesse caminho com minha família falindo, a mulher que chamo de mãe só vive

dopada e meu ódio por ela só aumenta. Rosno entre os dentes e escolho meu próximo alvo, chegou a hora de atingi-los, sem bolsistas.

Enquanto espero anoitecer, traço planos para os meus próximos passos, Mariana é até legalzinha, não seria morta por mim se não estivesse com Peter, mas por enquanto, deixarei ela se safar, desde que não entre em meu caminho. Escuto uma batida na porta, me levanto da cama, destranco a porta e olho para ela pela fresta, sem abrir muito.

— Eu te chamei, não me ouviu?

— Não!

— Tem comida no fogão, vê se come. — Seus olhos estão opacos e sem vida, suas olheiras estão cada dia mais escuras. Não entendo, se ela dorme o dia todo, por que tem olheiras fundas?

— Vou comer. — Ela me olha com a sobrancelha franzida e inclina a cabeça de lado tentando ver meu quarto.

— O que você tanto esconde?

— Não é da sua conta. — Ela me olha furiosa e cruza os braços.

— Eu sou sua mãe e você me deve satisfação.

— Agora você é mãe? — Pergunto com a voz baixa e calma. — Nunca foi uma mãe. — Ela me olha magoada, mas isso é verdade, seu interesse sempre foi o dinheiro do meu pai, mas agora que tudo está ruindo, eu sou apenas uma pedra no seu caminho, e pior que nem tem a capacidade de contornar a situação.

— Nossas reservas estão acabando, seu pai nos deixou afundados nas dividas dele.

— Não fala mal dele. — Ela ri sem humor.

— Pois bem, daqui alguns dias seremos *pobres*, tem noção disso?

— Você que não teve a capacidade de contornar a situação, apenas quis fazer compras sem necessidade, gastando o dinheiro que não é seu por direito.

— Como falei, sou sua mãe e tenho direito...

— Você é madrasta e o dinheiro é meu. — Digo respirando fundo e me acalmando, deixar a irritação me dominar não vai levar a lugar nenhum.

— Maldita hora que deixei você ficar, deveria ter te internado em um internato. — Fala com fúria, ela nunca gostou de mim, sempre fui a parede que separava ela do meu pai.

Não falo nada, apenas bato a porta na sua cara e volto a me sentar na cama. Essa mulher me irrita de uma maneira descontrolável. Levanto, vou até minha escrivaninha e pego o pote de comprimidos, fico encarando-o, já chega dessa mulher no meu caminho.

Quando o relógio marca onze horas da noite, saio do meu quarto e caminho em direção ao quarto dela, abro sua porta com cautela e me aproximo da sua cama, tomando cuidado para não fazer barulho.

Com minha mão enluvada, seguro seu pote de antidepressivos, despejo dentro de um saquinho que eu trouxe e coloco meus comprimidos no lugar, sua morte será lenta, e apreciarei cada segundo. Fico encarando-a, sem desviar o olhar enquanto dorme, não sinto nada, é como se ela não fizesse nenhuma diferença na minha vida, uma coisa insignificante!

Saio do quarto, fechando a porta atrás de mim com delicadeza, nunca perceberá que os seus remédios na verdade são venenos. Desço as escadas da minha mansão, pego a chave do carro e vou até ele. Minutos depois, estaciono na porta da casa da minha vítima, ela já passou tempo demais viva, será um bom momento, já que está envolvida com drogas e apareceu espancada no colégio.

Saio do carro, abro o porta-malas e pego minhas ferramentas, será uns minutos bem interessantes. Enquanto caminho até sua porta, penso em como vou matá-la, a mansão está escura, acredito que todos estão dormindo, destranco a porta com um aparelho e entro, fechando-a logo em seguida.

Ligo a lanterna para iluminar meu caminho e subo as escadas, com cuidado e cautela. Meu coração se mantém tranquilo, age como se o que eu vou fazer fosse a coisa mais normal, não me afeta em nada. Chego no meu destino, a porta está fechada, rodo a maçaneta e abro-a devagar.

Ela está com um fone de ouvido, balançando a cabeça para frente e para trás conforme a melodia, ela não me vê. Sei onde é seu quarto porque eu a visitei dias atrás com uma desculpa de que eu queria drogas, apenas com a intenção de conhecer o território antes, e ainda me contou tudo sobre como usar. Claro que ninguém ficou sabendo, nunca que falaria que ando com pessoas como ela.

Descobri que seus pais a proibiram de sair de casa, eles são superprotetores, no entanto, essa proteção não adiantou, porque essa garota só anda por caminhos errados.

Fecho a porta e retiro o revólver do cós da minha calça e aponto para sua cabeça, dou três passos à frente antes dela perceber que tem alguém em seu quarto. Sua cabeça levanta e seus olhos se encontram com os meus cheios de surpresa, espanto e medo.

— Voc... — Ela se cala quando levo meu dedo indicado esquerdo nos lábios, fazendo-a calar.

— Chegou sua hora. — Digo me aproximando, ela está congelada e com a boca aberta. Coloco minha mochila no chão e abro-a com cuidado, sem desprender meu olhar do dela.

— Minha ho-or-ra? — Gagueja e pisca várias vezes, abaixo a arma e

retiro de dentro da mochila cordas.

— Fica quietinha, ok?

— É você que está matando os bolsistas? — Pergunta horrorizada.

— Pobres não merecem viver...

— Por que está fazendo isso? — Diz com os olhos arregalados e despertando do transe.

— Porque vocês merecem. — Digo com descrença, encarando-a, acho que vou fazer diferente hoje, olho para dentro da mochila e sorrio.

— Você é doente. — Fala tentando se afastar, levanto minha cabeça e fito-a, ela estufa seu peito se preparando para gritar. — SOCOR...

Com impulso, tiro o facão da mochila e acerto seu pescoço, calando-a. Sua cabeça sai rolando enquanto seu corpo jorrando sangue despenca na cama. Respiro fundo, poderia ter a matado enforcada como das outras vezes, assim evitaria menos sujeira, mas já que foi feito, está feito.

Guardo minhas coisas, coloco a mochila nas costas e vou até a porta, mas paro encarando sua cabeça decapitada próxima à cômoda, franzo as sobrancelhas e estalo a língua com uma ideia em mente. Tiro a mochila das costas, vou até seu armário e pego um pano, levanto sua cabeça pelos cabelos, enrolo-a na fronha e guardo-a na mochila.

Tenho um destino perfeito para ela, e vai ser muito divertido.



Sou acordada no dia seguinte com um cachorro tentando subir na minha cama, viro de lado e encaro-o, com um pouquinho de raiva por ter me acordado tão cedo, mas essa irritação some, quando seus olhinhos brilhantes se encontram com os meus. Sorrio pegando-o e coloco-o na minha cama, fico abraçadinha com minha criaturinha cheirosa e gostosa.

Meu despertador apita dez minutos depois, minhas costas doem e o fundo da minha barriga contorce, constatando que estou naqueles dias. Droga... Suspiro e com uma respiração funda, levanto da cama junto com Dean. Tomo um banho, me arrumo, prendo meus cabelos em um coque alto um pouco bagunçado e desço para tomar o café da manhã.

Hoje estou um caco, só queria ficar deitada e dormir o dia inteiro.

Dean me acompanha, ele já consegue descer as escadas, com dificuldade, mas consegue. Fico observando-o, preparada para acudir caso ele não der conta, sorrio quando ele desce o último degrau e pula na minha perna.

— Olha só, se não está virando um homenzinho. — Elogio acariciando

sua cabecinha.

Balbucio um bom dia para meu pai quando vou para cozinha. Tomo um comprimido para dor, arrumo comida para Dean, pego um copo e encho-o de leite e me sento à mesa fazendo caretas.

— O que foi? — Papai pergunta me olhando por cima do Notebook.

— Posso faltar a aula hoje? — Ele arqueia uma sobrancelha. — Estou menstruada e com dores. — Papai meneia a cabeça e sorri.

— Um remédio vai resolver suas dores, agora a outra... bom, não pode te impedir de fazer as coisas.

— Mas é ruim, é como se meu útero e tripas estivessem saindo por...

— Não precisa detalhar. — Diz rindo, deito minha cabeça na mesa e fecho meus olhos por alguns minutinhos, esperando o remédio fazer efeito.

— Está trabalhando, pai? — Pergunto, porque sou incapaz ficar em silêncio.

— Estou analisando os relatórios do mês passado, para ver se está tudo certo. — Assinto.

— Uai... — Levanto a cabeça e olho em volta. — Cadê a Ellen?

— Está na cama. — Diz focado no que está digitando.

— Ela é sempre a primeira a acordar. — Papai me olha e suspira.

— Ellen acordou indisposta, quando eu fui vê-la, ela estava queimando em febre, mas agora está melhor, dei um remédio, parece que pegou uma gripe. — Mordo meu lábio, Ellen é tão forte, como um simples resfriado a derruba desse modo? — Vai lá vê-la, ela precisa do seu perdão, Mariana. — Encaro meu pai com meu coração começando a acelerar. — Ellen parece ser uma torre firme, mas por dentro está cheia de rachaduras.

— Eu não sei...

Alexander não diz mais nada deixando a escolha por minha conta, volta a prestar atenção no que estava fazendo, olho para as escadas e com um suspiro, levanto e vou até Ellen, está na hora de resolvermos isso.

Abro a porta com cautela e coloco minha cabeça dentro do quarto escuro, vejo seu corpo encolhido na cama, abro mais a porta e dou um passo à frente, Ellen se vira e me olha.

— Papai falou que está doente. — Digo congelada na porta, por que meu coração está acelerado?

— Uma gripe besta. — Responde se sentando na cama e ligando o abajur, que ilumina um pouco o quarto.

— Será qu...

— Venha! — Diz batendo a mão na cama. — Vamos conversar. — Assinto com um suspiro, fecho a porta e sento ao seu lado na cama.

Fecho minhas mãos nas cobertas de Ellen, estou tão nervosa e com o coração na garganta, não sei nem o que dizer, então fico em silêncio sem ter coragem de encará-la.

— Eu cometi um grande erro naquela época, — começa com a voz trêmula — um não, vários. Sei que não justifica o que eu fiz, mas eu quero me redimir, fui imatura e idiota, não sabia o que era ser mãe, porque eu só foquei no meu arrependimento. — Ellen se inclina e segura minha mão. — Você nunca foi um erro, Mariana, você foi uma benção que Deus colocou em nossas vidas, só que eu não soube reconhecer isso. — Mordo meu lábio inferior que treme.

— Eu fiquei muito magoada. — Confesso respirando fundo. — Sempre me perguntei porque minha mãe não queria me ver, os piores momentos

foram os dias das mães, a escola onde estudava sempre oferecia apresentações para homenagear essas mulheres, eu participava por obrigação, porque eu não tinha uma mãe, em vez dela estar na plateia, meu pai estava lá, ele nunca faltou nenhuma apresentação. — Fungo quando minhas lágrimas começam a escorrer. — Meus colegas sempre me perguntavam onde estava minha mãe, eu não sabia dizer, apenas falava que não tinha, via nos olhos de cada um o sentimento de pena. — Ellen aperta minhas mãos, fecho meus olhos por alguns segundos antes de continuar. — Eu não queria falar com você por telefone, queria você comigo, me ensinando o que é certo e errado, estando ao meu lado quando pela primeira vez eu menstruei ou quando dei meu primeiro beijo.

— Eu sinto muito. — Sussurra com a voz embargada de dor.

— Você me privou de ter uma mãe. — Continuo fitando nossas mãos. — Mesmo que papai tenha tentado ocupar todos os lugares, eu queria uma mãe. — Meneio a cabeça com meus olhos cheios de lágrimas. — Você tirou isso de mim, e me dói muito, parte de mim não quer te perdoar, mas a outra parece que já te perdoou.

— Podemos fazer isso. — Murmura puxando meu braço, finalmente encaro seus olhos aflitos. — Deixa-me ser a mãe que você não teve. Deixe que eu seja sua mãe. — Meu queixo treme.

— Não, você é muito marrenta. — Falo tirando uma risada sua.

— Pelo menos nisso você me puxou. — Diz me olhando com admiração. — Vem cá, me dá um abraço.

Não penso duas vezes e me jogo em seus braços, Ellen me aperta tão forte que eu começo a chorar. Me doía muito ver as mães dos meus colegas indo buscá-los e saindo de mãos dadas, ou das minhas amigas falando que as mães delas lhe ensinaram a usar maquiagem, chegou em um ponto que eu

sentia inveja deles pois, meu sonho era ter a minha comigo, sentir o seu cheiro e sair de mãos dadas com ela.

Papai tentou ao máximo tampar esse buraco, fez de tudo para ser as duas coisas, mas ele nunca ocuparia o lugar de uma mãe, pois esse lugar é insubstituível. Ellen me aninha em seu colo e chora tanto quanto eu, sei da sua dor e do seu arrependimento, mas agora é passado, é hora de criarmos nossas lembranças juntas.

— Você me perdoa? — Pergunta afastando fios de cabelo do meu rosto e enxugando minhas lágrimas.

— Eu te perdoo. — Murmuro voltando a abraçá-la. — Jura que nunca mais vai me abandonar?

— Você é minha vida, Mariana, nunca mais me afastarei de você. — Assinto, sinto meu coração mais leve.

Ficamos abraçadas durante uns dez minutos, antes de me deitar com ela. Acaricio seu rosto admirando-a, agora sim, eu tenho uma mãe.

— Por que Bryan me quer agora? — Ela me olha com encanto, alisa meu nariz com a ponta do seu indicador direito e meneia a cabeça.

— Alexander suspeita que seja por causa de dinheiro.

— Dinheiro? — Ela assente.

— Eu te contei que meus pais são milionários, certo? — Assinto. — Pois é, depois de muitos anos que me abandonaram, eles entraram em contato comigo, dizendo que estavam arrependidos e que queriam sua filha de volta, eles me perguntaram sobre minha filha, mas eu disse que tive problemas durante a gravidez e que você nasceu morta.

— Por quê?

— Eles não mereciam você. — Responde com pesar. — Então tempos

em tempos eles entravam em contato e foi ficando mais frequente, sabia que tinha alguma coisa de errado, não estava convencida de que ambos se arrependeram, mas eu deixei que continuassem, afinal, eles são meus pais.

— Pais não, projetos de pais. — Ellen sorri e assente.

— Decidiram que fariam um testamento, caso algo de ruim acontecesse, porém, era tudo um plano para me casar com um homem muito rico que eles queriam fechar aliança, e mais uma vez, eu estava sendo uma moeda de troca. — Balanço minha cabeça de um lado para o outro, indignada com esses velhos idiotas. — Entramos em uma briga feia novamente, expulsei eles da minha casa e da minha vida, no outro dia eles...

— Morreram? — Completo perplexa.

—O avião em que eles viajavam caiu, ninguém sobreviveu.

— Sinto muito.

— Obrigada. — Ellen respira fundo. — Dias depois o advogado deles me ligou marcando um encontro, pois leria o testamento. Fiquei com todos os bens, tanto dinheiro que se perde a conta, mas... — Ela comprime seus lábios e sorri. — Tem uma cláusula.

— Filhos da puta. — Xingo sem nem pensar, Ellen me lança um olhar severo, sorrio dando de ombros. — O que fala?

— Eu só tenho direito a tocar na herança se eu me casar oficialmente. — Fala tranquila. — Enquanto isso não acontece, o dinheiro fica em poder do governo ou algo assim.

— Por isso que você acha que Bryan está querendo tanto minha paternidade?

— Acredito que sim.

— Que cara babaca. — Xingo mais uma vez.

— Ele descobriu alguns anos, e a cada dia foi se aproximando até descobrir que minha filha tinha sobrevivido, e foi esse momento que começou a me pressionar, querendo ver sua filha e blá, blá, blá...

— Eu sempre o achei muito forçado.

— Eu e você somos um baú do tesouro, por esse motivo que ninguém pode saber. — Assinto, apesar de já ser rica. — Dinheiro só atrai vigaristas, por isso temos que preservar aquelas pessoas que estão do nosso lado em todos os momentos, seja os bons e ruins.

— Verdade. — Sussurrando alisando seus cabelos loiros.

— Amanhã faremos o teste, está tudo pronto. — Suspiro aliviada.

— Estou com medo. — Digo com meu coração palpitando. — Não quero ser filha do Bryan. — Ellen meneia a cabeça, mas não diz nada, apenas me abraça por alguns segundos.

— Vai dar tudo certo. — Diz batendo na minha bunda. — Agora levante e vai para o colégio, aquela mensalidade leva meu salário quase todo. — Solto uma risada quando ela me empurra para fora da cama.

— Fica bem e melhora, policial não tem tempo para isso. — Digo caminhando para fora.

— Boa aula. — Despede com um sorriso.

— Tchau mãe. — Falo fechando a porta sem esperar ver sua reação.

É a primeira vez que chamo Ellen de mãe, e gostei!

Desço as escadas animada, mas quando chego na sala, congelo. Bryan está em pé com os braços cruzados encarando meu pai, acho que eles estavam em uma conversa muito séria. Olho para meu pai, ele está passivo, é difícil tirar Alexander do sério, ele sempre age com calma, vendo positividade em tudo. Já Bryan é o contrário, seu semblante mostra o quanto

está furioso com meu pai.

— O que está acontecendo? — Pergunto olhando para Bryan, ele descruza os braços e sorri para mim.

— Quero te levar para o colégio hoje, para conversarmos. — Olho para meu pai receosa, ele suspira e assente.

— Ela vai com você, Bryan, mas saiba que eu sei o horário que ela chega, se ela não estiver naquele colégio...

— Fica tranquilo, — começa regendo os dentes — ela é minha filha, sei como cuidar dela.

Respiro fundo, o problema aqui é se eu quero ir com Bryan, mas pelo visto, não tenho voz. Bryan diz que vai me esperar no carro, viro para meu pai e olho para ele revoltada.

— Vai com ele, meu bebê. — Ele se aproxima e segura meus ombros. — Mesmo que me doa, talvez ele seja seu pai, tenta conhecê-lo um pouco.

— Mas eu não quero, pai! — Ele balança a cabeça e beija minha testa.

— Nem tudo o que queremos, podemos ter. — Dizendo isso, ele se afasta, pega minha mochila e abre a porta. Solto a respiração abruptamente e caminho até ele, pego minha mochila e encaro Alexander.

— Eu te amo.

— Eu também, lembre-se... — Papai acaricia minha bochecha. — Sempre serei seu pai.



Entro na caminhonete de Bryan, ele sorri para mim e eu retribuo – de um jeito forçado, mas ele não precisa saber. Afivelo o cinto e inspiro lentamente, tentando me acalmar para não ser estúpida com ele, pois era assim que eu gostaria de agir.

— Como anda o colégio? — Pergunta amigavelmente, dando partida no carro.

— Está indo... — Bryan me olha de esgueira. — Bem... — Limpo minha garganta e me acomodo mais confortável no banco de couro. — É que esse lugar é muito estranho, as pessoas daquele colégio são muito esquisitas, parece que está acontecendo alguma coisa. — Olho para ele. — Você entende o que eu quero dizer?

— Em partes. — Responde parando no sinal vermelho. — As pessoas de Sacramento são mais fechadas e reclusas, acho que deve ser da nossa natureza. — Assinto, porque realmente eles não são amigáveis.

— Os brasileiros são calorosos, receptivos e fazem amizade rápido. — Dou de ombros. — Claro que não todos, mas eu gosto da minha origem.

— Você não é brasileira. — Retruca virando a esquina, esse cara...

— Eu nasci no Brasil, vivi no Brasil e morrerei no Brasil. — Digo um pouco zangada, quase perdendo a paciência.

— Você pretende voltar?

— Lógico. — Respondo sem nem pensar. — Só ficarei aqui até as aulas terminarem, minha família e minha vida é no Brasil, Minas Gerais.

— Mesmo que Alexander não seja seu pai? — Ele me olha por alguns segundos com a testa franzida.

— Qual é, Bryan?! — Estreito meus olhos e meneio a cabeça.

— Eu tenho muito mais chances de ser seu pai, Mariana. — Diz mal-humorado. — Eu passava mais tempo com Ellen do que Alexander, pode ter sido coincidência nos dias, mas isso não tira o fato de que eu tenho mais chances.

— É o que você quer, não é? — Aperto minhas mãos na mochila com tanta raiva que eu queria era estar esmagando seu pescoço.

— Claro, você é minha filha, eu sou seu pai, então eu tenho direito em todas as decisões que tomar. — Bryan me olha com um sorriso prepotente. — Vou cuidar de você.

— Por que agora? — Pergunto com a testa franzida. — Por que me quer agora? Você foi o primeiro a virar as costas para Ellen, acha que isso vai te ajudar a ser um pai?

— Eu quero me redimir, Mariana. — Fala entrando no estacionamento do colégio. — Estou arrependido e já tenho planos. — Diz desligando a caminhonete.

— Planos?

— Sim, você vai morar comigo a partir do mês que vem. — Fico

encarando seu rosto, é isso mesmo que eu escutei?

— Com você?! — Pergunto perplexa, incrédula e chocada.

— Vamos nos divertir e cuidarei de você, sou um pai agora. — Fala com um sorriso de vitória nos lábios.

— Bryan, você acha que eu vou morar com um homem que eu mal conheço?

— Sou o seu pai!

— Foda-se, você é homem do mesmo jeito, tem a porra de um pênis. Nunca que vou morar com você. Meu Deus, você enlouqueceu?! — Seu sorriso some do seu rosto e seu olhar é de pura raiva.

— Preste bem atenção como fala comigo. — Diz quase gritando e apontando o dedo na minha cara. — Eu sou o seu pai e me deve respeito, e se não for por bem, vai por mal, porque senão eu entro na justiça e tomo você deles, fui claro? — Sobressalto com seu grito, meu pai nunca apontou o dedo na minha cara e muito menos me tratou de forma tão rude, mesmo quando fazia coisas erradas.

— Você nunca vai ser meu pai. — Falo com minha voz baixa, tentando mostrar que estou calma, porque se eu revidar o mesmo tom de sua voz, serei igual a ele. — Mesmo que seu sangue corra nas minhas veias, você nunca será meu pai. — Falo virando para abrir a porta, mas antes de conseguir abri-la, escuto um click, meu coração acelera e minhas mãos soam. Bryan me trancou.

— Olha aqui, garotinha mimada. — Viro minha cabeça lentamente, meus lábios estão secos e sinto meus olhos arregalados. Bryan está furioso, uma veia salta na sua testa, ele se inclina, eu chego mais para trás, encostando minhas costas na porta, assustada. — Se continuar assim, vou ter que te

ensinar a como falar comigo, começarei com essa sua boca atrevida. Você vai morar comigo e nada nesse mundo vai me impedir. Ellen já me privou de ser pai, e sei que a justiça estará do meu lado.

— Quero sair. — Sussurro. — Abre a porta, Bryan.

— Agora está com medo? — Pergunta com um sorriso maléfico. — Gosto de menininhas medrosas. — Engulo em seco.

— Você está me assustando. — Ele se inclina mais um pouco, um canto de seus lábios ergue.

— Não vejo a hora de vivermos como pai e filha, prometo que vai s...

Sobressalto de susto quando alguém bate na janela da caminhonete. Meu coração está explodindo e meu corpo inteiro treme de medo, olho para ver quem é, Gilles bate de novo e encosta a testa na janela com um sorriso indecifrável.

Bryan destranca a porta e eu abro de uma vez, quase caio de cara no chão se Gilles não tivesse me segurado. Seus olhos se fixam nos meus, percebe que algo aconteceu, ele inclina a cabeça para o lado e olha para dentro da caminhonete.

— E aí, Bryan, firmeza? — Cumprimenta, mas sinto sua voz fria. — Vi que Mariana estava demorando, vim buscá-la, tudo certo?

— Você é amigo dela? — Bryan pergunta de dentro do carro, não ousa encará-lo.

— Acredita nisso! Eu e essa marrentinha acabamos descobrindo uma amizade.

— Difícil de acreditar. — Bryan murmura. — Preciso ir, tchau Mariana. — Gilles bate a porta da caminhonete e me segura mais firme.

Escuto Bryan se afastar, um alívio recai em meu corpo deixando

minhas pernas bambas. O que aconteceu? Gilles se afasta um pouco segurando meus ombros e me encara preocupado.

— Você está bem? — Assinto tentando respirar de novo, sinto suas mãos trêmulas nos meus ombros.

— Você está tremendo? — Murmuro, ele me solta quando vê que estou recuperada.

— É...

— Obrigada. — Agradeço com a voz embargada, não posso chorar aqui. — Como soube que...

— Precisava de ajuda? — Ele dá de ombros e bagunça seus cabelos. — Vamos lá... — Sorrio de leve quando Gilles fica sem explicação. — Bryan não é um homem bom, é a única coisa que você precisa saber.

— Por quê? — Ele coloca suas mãos trêmulas no bolso e olha para os lados.

— Por que você estava com ele? — Pergunta voltando a me olhar.

— Uma longa história. — Ele acena com a cabeça.

— Só toma cuidado. — Diz encarando algo atrás de mim. — Seu namoradinho está chegando. — Revela dando as costas e caminhando para dentro do colégio.

Respiro fundo, é a segunda pessoa que me fala para tomar cuidado com Bryan, o que está acontecendo com essas pessoas? Olho para trás e Peter caminha em minha direção com a testa franzida.

— Tudo bem? — Meu queixo treme e nego com a cabeça. — O que aconteceu? — Pergunta preocupado e me puxa para seus braços. — Foi aquele idiota do Gilles? — Balanço a cabeça de um lado para o outro e enlaço meus braços ao seu redor.

Fico em silêncio, quero apenas sentir seu amor, carinho e permanecer segura em seus braços. Peter não diz nada, pois sabe do que eu preciso nesse momento, e palavras não é uma delas.

Depois de vários minutos me afasto e beijo sua boca com delicadeza, ele coloca sua mão no meu rosto e retribui o beijo, aprofundando nosso contato e me acalmando. Peter se afasta, suspira e me encara com olhos ansiosos.

Umedeço meus lábios e conto o que aconteceu no carro com Bryan, meu nerd fica ilegível e mais uma vez, não diz nada.

— Não fique mais sozinha com ele, Mariana. — Assinto. — Quando vão fazer o teste?

— Hoje. — Ele meneia a cabeça sério.

— Vai dar tudo certo, você não vai ser filha daquele homem. — Minha língua coça para perguntar, mas será perca de tempo porque ele não vai dizer.

Escuto uma gritaria e olho na direção dos xingamentos. Katie e Susan estão no maior bate-boca. Katie parte para cima de Susan que revida com tapas na sua cara. Olho para Peter antes de caminhar na direção das duas. Ninguém tem a intenção de separá-las, preferem vê-las se matando do que separá-las.

Empurro uma pessoa que ri da briga para sair da minha frente e com impulso agarro os cabelos de Susan e a jogo para longe, ela bate em um carro e me olha furiosa. Susan faz um movimento para vir em minha direção, mas para quando levanto minha mão.

— Se você triscar essa mão suja em mim, eu juro por Deus que te deixo pior que Gilles. — Fico encarando-a por alguns segundos, até Jimmy aparecer. Ele segura seu braço esquerdo e a leva para longe junto com Gilles

rindo.

— VAGABUNDA! — Katie grita arrumando seus cabelos. — O QUÊ VOCÊS ESTÃO OLHANDO? HEIN? — Grita para multidão. — SOMEM, A DIVERSÃO JÁ ACABOU, SEUS MERDAS!

— Dá para você se acalmar? — Digo com calma, ela respira fundo e me olha.

— Eu vou acabar com aquela garota, juro que vou! — Cruzo meus braços e fico esperando-a se acalmar. Sinto as mãos de Peter na minha cintura e sua boca encosta no meu ouvido direito.

— Te espero no almoço. — Peter sussurra, me dá um beijo na boca e segue para sua aula.

— Essa puta... — Katie esperneia.

— O porquê de se estapearem?

— Você acha que eu vou aceitar provocação de uma inútil como aquela? — Rosna ajeitando suas roupas, a saia é tão curta que por causa da briga, a polpa da sua bunda ficou à mostra, por isso que ninguém quis separá-las...

— Susan é perigosa.

— Eu sou mais! — Retruca pegando sua mochila. — Consigo ser pior do que aquela puta.

— Ok, machona! — Falo caminhando para dentro do colégio com Katie resmungando e amaldiçoando Susan. — Francine não apareceu de novo. — Digo preocupada.

— Ela deve estar dando o rabo por aí!

— Ei!? — Olho severa para Katie, ela dá de ombros com indiferença.

— O quê?

— Tem que ter respeito, Katie. — Ela solta a respiração abruptamente.

— E alguma vez eles tiveram respeito com a gente? — Reclama cruzando os braços, que nem aqueles adolescentes resmungões. — Não me peça algo assim.

— O que aconteceu? — Pergunto desviando de um aluno.

— Nada, aquela vaca que estragou meu dia. — Murmura colocando um pirulito na boca. — Ei, não sabe da melhor. — Katie para na minha frente e sorri.

— Conte-me.

— Então, faz um tempo que estou meio que interessada pelo capitão do time de futebol. — Seus olhos brilham de entusiasmo.

— Meio?

— Sim, aquele sentimento de não saber ao certo o que sentir. — Assinto fingindo ter entendido. — Pois bem, se liga. — Ela umedece os lábios e suspira sonhadora. — Ontem quando sai do colégio, ele me chamou para sair, passamos o dia juntos e o melhor... — Katie chega mais perto e sussurra: — Transamos a noite toda.

Ela solta um gritinho e pula de felicidade, fica impossível não se alegrar ao vê-la tão entusiasmada, então retribuo para deixá-la mais feliz.

— Fico feliz, como foi sua noite? — Pergunto cruzando meus braços.

— Mariana do céu... — Katie morde seu lábio inferior e estremece. — Não sei nem o que dizer, foi maraaaaaaaaa...

— Então aproveita, porque se for aquele que dormiu com você ontem à noite, ele está vindo em sua direção.

Encaro o capitão do time sobre seu ombro, ele é bem bonito, alto e forte. Ela se vira e sorri quando ele enlaça sua cintura e beija sua boca. Dou um passo para o lado e sigo em direção ao meu armário, deixando-os a sós. Suspiro e paro quando avisto Gilles fumando em um corredor um pouco afastado.

Observo o garoto atentamente, ele está vestido de preto, sua calça é cheia de cordões de prata, calça coturnos e seus dedos estão cheios de anéis, seus cabelos estão desgrenhados, mas de uma forma charmosa. Inspiro fundo, vou até ele e paro na sua frente.

— Ei, Gilles? — Ele não se move, continua com a cabeça recostada na parede e com os olhos fechados. — Isso é cigarro normal? — Gilles ri soltando a fumaça fedorenta.

— Se maconha for normal...

— Você tem que parar de se drogar, Gilles.

— Foda-se! — Diz tragando o cigarro, ele sorri enquanto solta a fumaça dos seus pulmões.

— Gilles?

— O que é Mariana? — Pergunta levantando a cabeça e finalmente me encarando. — Que porra você quer? — Sua voz sai calma e rouca.

— Isso vai te matar.

— Talvez é isso que eu queira. — Ficamos encarando um ao outro sem desviar, vejo uma grande solidão em sua volta e em seu coração.

— Você deveria se cuidar. — Balbucio, ele suspira e traga.

— Por quê?

— Sabe Gilles, — ele arqueia a sobrancelha direita — mesmo que ninguém se importe com você e com o que vive, deveria dar a volta por cima

e se cuidar, porque se não nos amarmos e preocuparmos com nós mesmos, colocando-nos em primeiro lugar, quem vai? — Gilles me encara. — Sua vida só depende unicamente de uma pessoa, você, mais ninguém.

Ele fica me encarando paralisado, seu olhar é intenso e indecifrável que me deixa um pouco sem graça. Olho para trás vendo Katie fitando meu armário, suspiro e volto a encarar Gilles.

— Vou pensar no seu caso.

— Não é algo a se pensar. — Retruco, umedeço meus lábios e esfrego minhas mãos.

— Você sabe da Francine? — Gilles traga, solta a fumaça e balança a cabeça negativamente. — Você é o único que pode saber dela, vocês... transavam.

— Não faço ideia, tem tempo que não converso com ela.

— Mas...

— Já te disse, não foi eu que bati nela! — Respiro fundo e assinto, onde está essa garota?

— Mariana? — Olho para trás quando Katie me chama. — Tem alguma coisa errada com seu armário.

— Quê?

— Você precisa ver. — FRANZO as sobrancelhas e olho para Gilles, ele dá de ombros, caminho até meu armário com ele e Katie atrás de mim. Paro em frente a ele e analiso-o, realmente está esquisito, algo escorre de dentro do armário, será que mexeram nas minhas coisas?

Com cautela coloco minha senha e vou abrindo devagar para nada cair, mas quando olho para dentro, solto um grito de horror e dou vários passos para trás, levo minha mão à boca com horror, não pode ser verdade o que

estou vendo!

Dentro do meu armário está a cabeça de Frankie, seus olhos estão arregalados, sua boca está aberta e me encara fixamente. Seu rosto está ensanguentado, ainda usa os fones de ouvido, dou mais um passo para trás batendo em alguém, balanço minha cabeça de um lado para o outro, me curvo levemente quando meu estômago contrai e engulo a bile.

Alguém... Alguém matou a Francine e colou sua cabeça no meu armário, qual é sua intenção? Me assustar? Me horrorizar? Se for isso, ele está conseguindo da pior maneira possível. O que fizeram com essa garota foi desumano...

Mais uma menina morta brutalmente, só que dessa vez não é um bolsista e sim, integrante do trio e minha amiga.

— Você estava procurando por ela, — Gilles sussurra no meu ouvido, olho para ele através das lágrimas, seu rosto está pálido e seus olhos espantados — aí está, você a encontrou.



Tento ao máximo não rir de toda situação, foi interessante ver Mariana gritando com toda a força de seus pulmões ao ver a cabeça da “*amiga*” dentro do seu armário. Essa ideia foi ótima, mesmo que não tenha culpa de nada, só o fato de namorar Peter a coloca no meu caminho.

Olho para ela que treme horrorizada ao lado de Gilles. Era para o Peter estar lá, não ele. Aperto minhas mãos em punhos, bom... não me importo, Gilles vai se foder assim como Jimmy e Peter, mas tem outra pessoa na sua frente.

Olho para dentro do armário, para a cabeça decepada de Francine, queria tanto poder gargalhar, mas não posso, tenho que fazer cara de choque e horror, afinal, Frankie era minha *coleguinha* de colégio.

Peter se aproxima com pressa, sua expressão é de confusão, até que olha para dentro do armário e o horror domina seu rosto, aperto meus dentes, não posso rir! Ele se aproxima de Mariana, que ainda está focada na cabeça sem reação. Olho em volta observando todo o colégio, ninguém desconfia de mim, fiz tudo discretamente, apreciando e aproveitando cada segundo.

As aulas de boxe e academia fez bem para o meu corpo, adquiri força e habilidade antes de começar a realizar meus planos, sempre trabalhando com a solidão, sem espaço para outra pessoa se tornar um parceiro. Essas coisas de crimes têm que ser feito por apenas uma pessoa, duas já é demais, uma boca a mais seria um perigo no futuro.

Nunca consegui sentir nada, nem amor e compaixão, é como se eu tivesse nascido com algo faltando dentro de mim. Frieza era minha amiga e o silêncio minha companheira. E o problema de você se acostumar com a solidão, é que depois fica difícil você interagir com as pessoas, você acaba gostando de ficar sozinho.

Sempre foi assim enquanto crescia, sentia mais conforto no silêncio e na solidão do que em meio a multidões de pessoas. O único que eu tive afinidade foi meu pai, queria que me reconhece, tivesse orgulho de mim e não tenho que reclamar, ele fazia de tudo por mim, mas mesmo assim não sentia nada, é como se meu coração só batesse por mim.

Entretanto, a raiva, o ódio e a frieza são sentidas por mim com intensidade, mas triplicou quando descobri que meu pai morreu... que na verdade foi assassinado, descobri mais tarde o que ocasionou sua morte, a fúria me dominou e jurei me vingar naquele dia.

Me preparei muito para estar executando isso tudo hoje, minha vingança. Assim como meu pai que não sobreviveu, ele também não irá.

Mariana me encara, assim como faz com os outros garotos, seus olhos estão vermelhos, seu rosto está pálido e seu queixo treme, algo chama sua atenção e olha para frente, sigo seu olhar prevendo o que vai acontecer. A cabeça de Francine começa a balançar antes de cair no chão, ela roda até os pés de Mariana deixando um rastro de sangue. Mariana solta um grito e Peter a leva ao peito, tirando-a daqui.

Suspiro com tédio e olho para minha próxima vítima, espero que aproveite suas últimas horas com vida.

Peter

Sento Mariana na enfermaria, para tentar acalmá-la. Seu corpo inteiro está tremendo, seus olhos estão arregalados e vidrados, lágrimas escorrem deles me deixando apreensivo, pois ela está em choque.

Não é para menos, a garota encontrou a cabeça da sua amiga dentro do seu armário. Respiro fundo me afastando quando Xayane agacha na sua frente, além de freira, ela também é enfermeira e cuidará perfeitamente de Mariana agora.

Olho para Gilles que não sai de perto, o que esse cara quer? Ele retribui o olhar e aponta o queixo para fora, vira e sai da enfermaria, suspiro e sigo-o, nesse momento Marina precisa de um profissional, eu não ajudaria em nada.

Gilles anda até o estádio do colégio e se senta na arquibancada, sigo-o e sento quase ao seu lado. Inclino meu corpo, coloco meus cotovelos nos joelhos e entrelaço as mãos, encostando-a na boca, lembrando do acontecido agora pouco, horrorizado pela frieza de como mataram Francine.

— Não foi eu. — Diz acendendo um cigarro de maconha com um isqueiro.

— Não foi o quê? — Gilles traga o cigarro.

— Que matei a Francine. Você acha que foi eu? — Olho para ele com a testa franzida.

— Não sei, foi?

— Não!

— Por que mataram ela? — Murmuro. — O foco desse assassino não era os bolsistas? — Gilles dá de ombros rodando seu cigarro entre os dedos.

— Como é? — Pergunta encarando seu cigarro.

— Como é o quê? — Por que esse cara não fala as coisas mais claras?

— Ficar limpo? — Gilles me encara, seus olhos estão um pouco vermelhos e suas mãos tremem, ele está mais magro e com olheiras profundas, e sei o que sente, essa sede de droga é insaciável. — Digo, viver sem depender das drogas.

— É libertador, a droga é como uma prisão, ela te priva de viver o mundo real. — Ele assente, suspira e traga, soltando a fumaça logo em seguida.

— Você sente vontade de usar?

— Às vezes. — Dou de ombros e respiro fundo. — A vontade sempre vem quando estou estressado ou quando as dificuldades apertam.

— O que você faz? — Olho para ele, seu olhar é de expectativa e ansiedade.

— Conto de um a dez e depois de trás para frente até a vontade ir embora.

— Sempre sentirá essa vontade de usar? — Assinto dando de ombros.

— Acho que sim.

Gilles desvia seus olhos e encara o campo de futebol vazio. Ao longe consigo escutar as sirenes da polícia que tinha chegado. Fico encarando Gilles por mais tempo, tentando entender o porquê de estar conversando com o nerd que tanto humilhou durante anos, sem um motivo eminente.

— Eu não sei... — Murmura esfregando a ponta do cigarro na arquibancada.

— Não sabe o quê?

— Se consigo largar. — Gilles suspira, começa a balançar suas pernas com impaciência e ansiedade. — Eu quero largar cara, mas... nada me faz querer parar.

— Pare por você mesmo. — Ele me olha. — Não precisa dos outros para querer parar, você é motivo suficiente para que queira um futuro diferente.

Gilles comprime os lábios e assente, suspira e volta a focar no campo.

— Por que está de boa comigo?

— Sempre te achei legal. — Confessa dando de ombros. — Mas Jimmy sempre foi uma inspiração para mim e sabia fazer minha cabeça, ele é manipulador e com a falta de drogas, preciso de alguma coisa para desestressar.

— *Ele sabia fazer sua cabeça?* — Repito o que falou, ele assente. — Não faz mais?

— De uns dias para cá, ele está estranho, estou vendo aos poucos do que ele é capaz, está ficando difícil de aceitar. — Gilles me olha com aflição. — Acho que foi ele, cara.

— Hum?

— Acho que foi ele que matou Francine. — Gilles balança a cabeça de um lado para o outro. — Ele que a estuprou e espancou naquele dia, Frankie ameaçou ele de alguma coisa, treta deles que não faço ideia, mas eu não sei por que colocou a culpa em mim, mas não foi eu que fiz aquilo com ela.

— Isso muda os fatos. — Falo surpreso. — Você pretende contar isso para polícia? — Ele balança a cabeça negativamente.

— Ele me mata, sei de coisas demais.

Ficamos calados por alguns minutos, inertes em nossos pensamentos. Eu ainda não estou acreditando que Frankie morreu e que Gilles está do meu lado conversando amigavelmente. O destino sempre nos surpreende, seja negativamente ou positivamente, ele sempre nos pega de surpresa.

— Peter? — Sua voz quebra o silencio, olho para ele. — Me desculpa, cara. Peço perdão por tudo o que eu fiz de mal para você.

— Por que agora? — Pergunto sem acreditar no que estou escutando.

— Eu me sinto sozinho, me arrependo de tudo o que fiz. Porra... estou tão fodido.

— Você precisa se decidir, Gilles, olha para você cara, nem parece um garoto de dezoito anos.

— Eu pareço com o quê? — Pergunta com um sorriso sarcástico.

— Um cara de mais de cinquenta anos.

Gilles me encara por alguns segundos, eu não desvio e logo começamos a gargalhar. Ele realmente parece mais velho, acabado e maltratado.

— Se você está querendo ficar limpo, vai se tratar.

— É difícil largar? — Comprimo meus lábios e estreito meus olhos, lembrando de quando eu fui para a clínica.

— É demais, pensei que ia morrer. — Ele suspira me olhando com descrença. — Mas quando você quer algo e foca naquilo que deseja, tudo se torna possível.

— Acha que eu consigo? — Pergunta apontando para seu corpo. — No nível que me encontro, será que eu consigo?

— Você é forte, consegue. — Gilles assente e respira fundo.

— Obrigada, cara.

— Quando precisar. — Seus olhos brilham, isso é tudo o que ele precisa nesse momento, de apoio. E darei tudo o que ele precisar, sei que a mágoa pelo que fez no passado ainda continuará no meu coração. Levanto com um suspiro e começo a descer as escadas.

— Ei, para aonde você vai? — Olho-o por cima do meu ombro.

— Vou ver como minha garota está.

Ele assente e deixa seus ombros cair, sei que se sente sozinho e não deixarei que pense que estará largado à míngua nesse mundo.

— Você vem? — Ele me encara por um momento e um sorriso vai se alargando em seus lábios.

— Vou. — Diz levantando e vindo em minha direção.

Bato em suas costas e sorrio, é tudo o que ele precisa, de apoio e amizade verdadeira, quem sabe assim não se ajeita na vida e se torne diferente? Eu sei como é estar viciado e de como isso nos destrói aos poucos, se ele não mudar de vida, ele irá morrer pelas drogas.

Se o perdoei? Vamos se dizer que sim, Gilles sempre foi mais gentil comigo e eu acredito que uma pessoa possa mudar, seja para o bem ou para o mal, ele sempre muda e se não mudar, a vida se encarregará disso. Só espero que Gilles tenha mudado e escolhido o bem.



Abro os olhos sentindo os efeitos do calmante que Xayane me fez tomar. Entrei em pânico, não via nada ao meu redor, apenas a cabeça da Francine no meu armário e caída diante dos meus pés. Fecho meus olhos com força de novo... que cena horrorosa! É até difícil acreditar que foi real e não um sonho.

Sinto alguém apertar minha mão esquerda, viro o rosto e abro os olhos, encontrando com o olhar de Peter fixos em mim. A última coisa que eu me lembro antes de dormir, é da Xayane tentando me acalmar.

— Está tudo bem? — Pergunta se sentando na cadeira ao lado da cama.

— Onde você estava? — Ele entrelaça as nossas mãos.

— Detetive Trump queria falar comigo. — Assinto, o colégio agora é a cena de um crime. — Ele vai querer falar com você.

— Eu sei! — Digo umedecendo os lábios. — Ainda não acredito que isso aconteceu, meu Deus Peter... — Fecho meus olhos por alguns segundos. — Quem fez isso é doente!

— Tenta ficar calma. — Assinto, porque não quero entrar em desespero novamente.

— Por que no meu armário? — Pergunto engolindo em seco. — Por que a porra da cabeça da Francine foi parar no meu armário? — Olho para ele em busca de resposta, sabendo que não a teria.

— Às vezes é porque você era amiga dela, então quiseram fazer esse joguinho. Essas pessoas têm problemas, não há um motivo lógico que explique isso. — Balanço a cabeça e aperto as mãos de Peter.

— E você? — Ele levanta nossa mão e beija meus dedos. — Como você está?

— Assustado. — Confessa fechando os olhos. — Estou fodidamente assustado!

Com a minha outra mão, passo-a em seus cabelos vermelhos, sentindo a macieis de seus fios e assistindo eles caírem em um movimento sutil de volta ao seu lugar. Uma batida na porta tira-nos do nosso momento, levanto a cabeça e encaro o detetive Trump, encostado no batente esperando permissão para entrar.

— Posso falar com você por um minuto? — Pergunta calmo e com uma voz branda.

— Claro. — Digo me erguendo para sentar-me na cama.

Trump entra, oferece um pequeno aceno para Peter que se afasta. O detetive se senta à minha frente, na cadeira onde Peter estava sentado segundos atrás e me encara.

— Sinto muito pela sua amiga.

— Obrigada. — Ele pega um bloco de nota e me encara.

— Estou no caso, então preciso de todas as informações para que eu

encontre o responsável por isso. — Balanço a cabeça negativamente.

— Adolescentes estão morrendo, todos os bolsistas desse colégio morreram e até agora vocês não foram capazes de pegar o responsável. — Trump assente e abaixa a cabeça, mas não diz nada e muito menos retruca.

— Esse assassino é esperto, Mariana, — diz voltando a me olhar — nunca deixa nada na cena do crime. Absolutamente nada que possa apontar para um suspeito. — Suspiro angustiada.

— Peter está na lista dele. — Confesso encarando meu nerd, ele cruza os braços, abaixa a cabeça e fica em silêncio, pois sabe que está em perigo.

— Como? — Trump franze as sobrancelhas, respiro fundo e conto o que eu sei.

— Peter é bolsista. — Falo cruzando minhas mãos. — Detetive, acho que esse assassino é alguém desse colégio, um dos alunos e que tem alguma ligação com o passado de Peter.

Trump me encara com intensidade, Peter dá um passo à frente confuso com o que acabei de contar.

— Eu pesquisei sobre eles, cada bolsista foi humilhado pelo trio, que têm como integrante Jimmy, Gilles e Susan, mas antes era Francine, e todos eles conversavam com Peter. — Esfrego minhas mãos, elas estão geladas. — O que me leva a pensar que ele quer Peter e os meninos. Um já morreu, que foi Francine.

— E o que os bolsistas tem a ver com isso? — Pergunta Trump duvidoso.

— Distração, ou queria de um jeito incriminá-los, mas é aí que está o “X” da questão. — Suspiro e encaro Peter. — Quem dos três ele quer?

— Mas se está matando todos, quer dizer que está atrás de todos. —

Fala Trump, nego com a cabeça e fixo meus olhos nos dele.

— O assassino tem um alvo, e ele vai matar todos antes de chegar no seu destino. — Trump me fita com espanto, vendo que eu tenho muito mais pista do que ele.

— Como chegou a essa conclusão? — Dou de ombros.

— Fui juntando as peças, não foi tão difícil. — Umedeço meus lábios e inclino para que somente ele possa escutar o que eu vou dizer. — Se quer encontrar o culpado, comece investigando seu filho e principalmente, reabra o caso do Peter, aquele acidente é a pista que você precisa. — Trump abre um pouco a boca, surpreso. Inspiro entediada e fico ereta. — Lembrando detetive: Psicopata não tem idade.

— Você é muito esperta.

— Tenho DNA de detetive. — Ele assente e olha para Peter por alguns segundos.

— Pois bem, senhorita Collins, — Trump levanta da cadeira e guarda seu bloco de nota no bolso do seu sobretudo — vou levar em conta tudo o que me sugeriu. — Meneio a cabeça e encaro minhas mãos.

— Espero que consiga encontrar o culpado, antes que ele mate mais alguém. — Ele me dá um aceno de leve e lança um olhar amistoso na direção de Peter antes de sair da enfermaria.

— Você acha que está certa sobre isso?

— Tenho certeza, ele vai encontrar, você vai ver. — Peter me ajuda a descer da cama. — Será que o diretor comunicou meus pais?

— Acredito que sim. — Responde segurando minha mão. — Vamos, talvez estejam lá fora.

Assinto e seguimos em direção ao estacionamento, passando por

policiais e legistas. Peter sugeriu que fôssemos por um outro caminho, para evitar passar na cena do crime, apesar de que agora eu suportaria ver tudo, mas é melhor evitar esse mal-estar.

O estacionamento do colégio está lotado de curiosos, muitos estudantes ainda não foram embora. Policiais fazem a vigia e cercam parte do estacionamento com uma fita amarela isolando as pessoas e impedindo-as de ultrapassar. Padre Pirosh está dando entrevista para alguns jornalistas, tentando dar explicações para o que aconteceu, deve estar furioso, pois o Colégio Cristo Rey já não tem mais a mesma fama de antes. Suspiro ao passar por debaixo da fita, louca para ir o mais longe daqui.

Avisto um Cadillac vinho entrando e estacionando um pouco distante de nós. Papai e Ellen descem dele e olham pelo estacionamento, provavelmente à minha procura. Os olhos de Alexander se fixam nos meus, ele suspira aliviado e vem em minha direção, não espero por mais nenhum segundo e me jogo nos seus braços e começo a chorar. Ellen me abraça também.

Ficamos assim por alguns minutos, o conforto dos braços dos meus pais era tudo o que eu precisava para me sentir segura. Papai me afasta minutos depois, segura meu rosto e enxuga minhas lágrimas.

— Eu não quero mais ficar aqui. — Digo com minha voz carregada de dor.

— Oh meu amor! — Ellen empurra meu pai com delicadeza e me abraça forte. — Vai ficar tudo bem!

— Quando? — Pergunto me afastando dela. — Quando mais adolescentes morrerem? — Ela olha para Alexander e respira fundo.

— Vamos para casa descansar, depois decidimos o que fazer. — Assinto, limpo minhas lágrimas e olho para Peter, mas não o encontro.

Olho para todos os lados, ele não está em nenhum lugar. Peter foi embora.

— Vocês ficaram sabendo? — Mamãe assente.

— Sinto muito, deve ter sido horrível. — Meneio a cabeça.

— Vamos sair daqui. — Papai coloca a mão nas minhas costas e me guia para o carro. — Vou ligar para Ricardo e desmarcar, faremos o exame no outro dia. — Congelo no lugar e olho para meu pai.

— Não, quero fazer hoje. — Falo com convicção. — Quero provar a Bryan que não sou filha dele, não quero nem chegar perto daquele homem, pai.

— O que ele fez? — Pergunta apertando a mandíbula.

— Nada. — Minto. — Só me assustou com a sua paranoia de ser pai. — Ele assente e olha para Ellen, em busca de aprovação.

— Vamos acabar logo com isso. — Ellen acaba com todas as dúvidas de papai e segundos depois, partimos em direção ao laboratório para finalmente provar que Alexander é meu pai.



Ricardo, médico e amigo do meu pai, nos atendeu assim que chegamos. Ele é dono do laboratório, então furamos várias filas para finalmente fazermos o exame. Os nossos sangues foram coletados em menos de dez minutos e já foram levados para análise, resultado sairá daqui a quatro dias.

Respiro aliviada, mas ao mesmo tempo preocupada. E se Alexander

não for meu pai? O que eu farei da minha vida? Sinto um desespero tentando me dominar, mas o empurro para as profundezas, não é hora de pensar besteira.

Quando chegamos em casa, a única coisa que eu quero é minha cama e meu Dean, não demora muito para que isso aconteça. Francine não saiu da minha cabeça hora nenhuma, fico imaginando como os seus pais devem estar lidando com a morte tão brutal de sua filha. Rezo para que Deus conforte seus corações nesse momento.

Depois de sair do quarto, jantar e arrumar comida para Dean, que cada dia fica maior, decido assistir a um filme fofinho, sem muitas lágrimas e muito menos morte, para tentar esquecer um pouco a cena de hoje mais cedo.

Me acomodo e envio uma mensagem para Peter pelo aplicativo Whatzapp, iremos assistir juntos e na mesma hora. Dean pede para subir na cama, permito o ajudando a subir, ele se aninha aos meus pés fechando seus olhinhos. Seu pelo está um preto brilhante, nenhum sinal de outra cor, sorrio acariciando sua cabecinha. A noite quando me levanto para fazer xixi sem ligar a luz, fico com receio de tropeçar nele e cair no chão de tão escuro que está, Dean se mistura perfeitamente na noite.

Meu iphone apita, me tirando a atenção de Dean. Peter responde que está pronto para assistir, digo que apertei o play e começo a assistir ao filme chamado “Megarrromântico” que conta a história de Rabel, uma arquiteta talentosa, só que ela é feita de capacho por seus colegas de trabalho, até que um dia sofre um acidente, bate com a cabeça e ao acordar, todos os homens caem aos seus pés.

Nos primeiros minutos começo a me sentir envolvida e quase me esqueço de Francine, mas o grito de Ellen me tira do meu momento relaxante. Respiro fundo, envio uma mensagem para Peter dizendo que irei pausar o

filme e vou ver o que Ellen quer.

Quando chego na sala, encontro Katie analisando um retrato com minha foto e dos meus pais que tínhamos tirado. Ela recoloca o porta-retrato no seu lugar e olha para trás. Seu rosto está um pouco diferente, seus olhos estão sombrios, Katie me lança um sorriso forçado e me cumprimenta.

— Oi. — Diz colocando as mãos para trás. — Desculpe vir a essa hora, mas é que fiquei preocupada com você depois do episódio de hoje. — Assinto e retribuo o sorriso esfregando minhas mãos no vestido de seda.

— Não tem problema. — Respondo apontando para que se sente no sofá. — Apesar de tudo, eu estou bem. — Ela balança a cabeça positivamente.

— Foi horrível aquilo. — Engulo em seco e mordo meus lábios. — Essa pessoa é doente.

— Nem me fale. — Digo sem graça, esfrego minhas mãos no vestido de novo, por que estou me sentindo incomodada e querendo que ela vá embora?

— É... — Fico encara-a com aflição. — Você quer sair para comer uma pizza? — Pergunta um pouco resignada.

Comprimo meus lábios, meu único desejo era ficar sozinha e curtir meu momento, mas ficaria ruim da minha parte recusar seu pedido. Talvez ela queira uma companhia e se eu recusar posso magoá-la. Então com uma respiração funda e um pouco derrotada, assinto percebendo que Katie me encara cuidadosamente.

— Calabresa?

— Só se pedir uma de palmito. — Sorrio para ela e assinto.

— Vou pedir uma para cada, vamos engodar dois quilos hoje. — Ela

sorri animada e seus olhos brilham. — Venha, vamos assistir filmes e esquecer do que aconteceu hoje. — Ela assente e me segue, conversando mais que o homem da cobra, agora sim, essa era a Katie que eu conheço.

E durante a noite toda, conversamos e assistimos uns três filmes. Ela acabou pegando no sono e dormindo na minha cama, mas mesmo assim, aquele incômodo no meu peito, a estranheza de não me sentir segura nunca me deixava.

Respiro fundo e olho pela janela, não irei conseguir dormir, não quando o assassino está à solta, então o único jeito é me manter acordada, até me sentir segura outra vez.



Saio do banho, paro em frente ao espelho e me encaro. Estamos sem aula já há três dias, nada de avanço do caso de Francine e a cada dia fico ainda mais preocupado com o rumo que isso está levando. Esse assassino é esperto e astucioso, sabe fazer tudo sem deixar nenhuma pista. E se as suspeitas de Mariana estiverem certas? Ele está atrás de mim, mas por qual motivo? O que eu lhe fiz?

Respiro fundo tentando esquecer essas perguntas sem respostas, esfrego a toalha nos meus cabelos, enxugando-os. Porém, o sentimento de angústia que está sufocando meu peito é por causa de Mariana, não pelo maldito assassino, merda... ela não vai voltar mais para o colégio, seus pais não a deixarão em um lugar com um assassino à solta, e tudo isso leva a um único rumo – Mariana vai voltar para o Brasil.

Estou prestes a perdê-la e não poderei fazer nada quanto a isso, pois comecei a me relacionar com ela sabendo que no final, não ficaríamos juntos, entretanto, essa paixão que sinto por ela a cada dia aumenta, me deixando desesperado para tê-la o tempo todo, droga... Jogo a toalha na parede com

raiva, fecho meus olhos e tento controlar minha respiração e a ansiedade que estou sentindo. É nesses momentos que a vontade de me afundar nas drogas me consome, grita no meu ouvido que a heroína me ajudaria a passar por toda essa tempestade.

Inspiro fundo e conto de um a dez, não posso ceder a essa maldita droga, cheguei longe e sei que posso vencer esse vício. Quando me sinto mais calmo, visto minhas roupas, arrumo meus cabelos e saio do quarto, indo atrás da minha mãe.

Encontro-a sentada à mesa com vários papéis espalhados, um caderno, caneta e calculadora, seus dedos voam nela com desespero. Julie anota algo assim que a calculadora lhe entrega o resultado, ela meneia a cabeça de leve, pega outro papel e volta a digitar com um pouco mais de fúria, me aproximo, Julie ergue os olhos e suspira.

— Fazendo contas? — Ela comprime os lábios e assente.

— Sim. — Responde tristonha. — Não queria te falar isso filho, mas não tem jeito. — Meneio a cabeça, já sabendo da nossa situação.

— Não está conseguindo, não é? — Mamãe assente e umedece os lábios.

— As contas são demais, esse mês não consegui quase nada na loja e a cada dia as vendas caem. Não vou conseguir pagar parte das contas desse mês. — Fala com a voz trêmula. — Eu não sei mais o que fazer.

— Vai dar tudo certo, mãe. — Seguro suas mãos em cima da mesa.

— Peter, — ela me olha com pesar — eu não vou conseguir te mandar para faculdade. — Uma lágrima escorre por seu rosto. — Eu estou falhando deploravelmente como mãe.

— Ei... — Levanto-me apressado e vou até ela. — Nunca diga isso

dona Julie, você é a melhor mãe desse mundo, está carregando o mundo nas costas. — Digo me agachando e segurando suas mãos.

— Nós podemos vender a casa e a loja.

— Não! — Balanço a cabeça. — Esse é o nosso único bem mãe, única coisa que é nosso por direito.

— Mas se eu não pagar a hipoteca, vamos perdê-la, Peter. — Seguro seu rosto e limpo suas lágrimas.

— Vamos dar um jeito, só não podemos entrar em desespero, ok? — Mamãe assente e respira fundo, se acalmando.

— Ok! — Julie sorri e acaricia meu rosto. — Eu que deveria estar cuidando de você, não você de mim.

— Somos uma família e família cuida um do outro. — Digo com um sorriso, confortando-a. — Vamos conseguir passar por tudo isso, confie e tenha fé, Julie.

— Sim, vamos nos reerguer. — Ela beija meu rosto, inspira fundo e volta a fazer suas contas.

Sento-me na cadeira à sua frente, observando-a com cuidado. Mamãe tinha envelhecido um pouco, apesar de parecer mais uma adolescente, porém, suas preocupações e tristezas a fazem se desgastar e chorar, tem muito tempo que eu não vejo um brilho em seus olhos ou um sorriso sincero em seus lábios, ela morre por dentro todos os dias, aos pouquinhos quando tenta me dar uma vida melhor e um futuro promissor, mas o sentimento de fracasso a cada falha, a deixa à mercê da tristeza.

Julie foi a que mais sofreu quando meu pai morreu, teve que se tornar o homem da casa, cuidar do filho e de todas as dívidas que ficou com o falecimento do meu pai. A herança não saiu, Mirko fez de tudo para que meu

pai fosse excluído e conseguiu perfeitamente, mas sobre essa sua atitude deplorável, a vida cobrará com juros.

Suspiro lentamente para que mamãe não perceba minha angústia, não quero tirá-la do seu foco. Queria tanto poder ajudá-la, mas ela não aceita, seu filho tem que se dedicar exclusivamente aos estudos e não ocupar a mente com trabalho, desde que dinheiro não me fazia falta, pois meu pai deixou uma mesada gordinha, liberada aos poucos a cada mês pelo banco, não havia motivos de me desviar dos meus objetivos.

Ela alisa seus cabelos e os amarra, para evitar que caiam em seu rosto tão delicado e lindo, Julie parece uma boneca de porcelana com olhos azuis e cabelos vermelhos, mesmo com seus trinta e cinco anos, ela não perdeu sua beleza.

— PETER.... — Sobressalto com um grito vindo lá de fora, minha mãe me encara assustada. — CARA... E-EU NÃ...

— O que é isso?! — Pergunta preocupada.

— Não sei! — Levando abruptamente o caminho até à janela que dá para rua, afasto a cortina e olho para fora.

— EU ESTOU TÃOOOOOOO LEVEEEEEEE.... — Grita arrastado e com a língua enrolada.

— Peter?! — Olho para minha mãe preocupada e suspiro.

— Eu resolvo isso mãe, não se preocupe. — Digo saindo apressado.

Meu coração está batendo na minha boca enquanto desço as escadas que leva até à porta de saída. Escuto-o cantando, não acredito que ele veio na minha casa, drogado e bêbado daquele jeito que eu o vi pela janela.

Saio para fora com o corpo tenso e preocupado, alguma coisa aconteceu para ele vir atrás de mim. Olho para Gilles cantando, ele mal

consegue dar um passo sem cambalear, fico chocado e alarmado, pessoas drogadas como ele, tem que tomar muito cuidado e ser cauteloso, não sei se Gilles é um drogado agressivo, então ficarei na defensiva.

— Gilles?! — Ele se cala e me olha sem foco.

— Você me perdoou... — Diz com a voz pesada. — Eu não tenho amigos, então lembrei de você, e caraaaaa... — Ele gargalha e balança a garrafa de uísque que segura. — Eu gostei de saber que tenho alguém...

— Cara, o que aconteceu? — Pergunto dando um passo à frente, querendo chegar perto dele e tomar aquela maldita garrafa de suas mãos. — Você está se drogando e bebendo ao mesmo tempo? Gilles...

— Eu... eu prometi não usar mais... — Ele tira do seu bolso um cigarro. — Mas não pude. — Ele coloca-o na boca e acende com um isqueiro, guarda-o no bolso em seguida traga o cigarro.

Mas quando sinto o cheiro, descubro que não é um cigarro normal, e sim um cigarro de maconha.

— Gilles, não faz isso mano! — Aproximo dele, me inclino e tento pegar a garrafa de suas mãos, mas ele se afasta cambaleando para longe de mim.

— Me deixa... — Resmunga tragando e bebendo o uísque no bico da garrafa. — Ele me expulsou de casa... — Esfrego minhas mãos no rosto e olho para os lados, ainda bem que já estava tarde da noite e não tem quase ninguém na rua.

— Ele quem?

— Meu pai. — Diz soltando uma risada sem humor. — Ele falou que sente vergonha de me ter como filho, que sou um nada, um bosta que nem capacidade de salvar minha irmã eu tive. — Revela amargurado, Gilles bate

em seu peito e vejo lágrimas escorrer por seus olhos. — Mas sabe, Peter?

— O quê? — Meu coração aperta por esse garoto, Mirko é um bosta, até mesmo com o próprio filho.

— Ele não precisa falar algo que eu sei.

— Gilles, você não tem culpa...

— EU TENHO! — Grita com angustia. — Ela tinha mania de ficar me chamando o tempo todo, vivia pedindo socorro apenas para eu ir atrás dela, porque não suportava que eu me afastasse. — Gilles limpa o rosto e traga mais uma vez o cigarro. — Então, quando eu a escutei gritando por socorro, eu não fui vê-la, Peter, eu não fui... — Ele engasga com suas palavras e chora, leva alguns segundos para que ele se recupere, enxugo minhas mãos na calça aflito, mas disposto a escutar todo seu tormento. — E quando percebi que ela tinha se calado e desaparecido, fui atrás... eu a encontrei... — Gilles suspira e dá um gole no uísque. — Linsey estava boiando na represa da nossa fazenda, pulei na água e a tirei de lá, só que era tarde demais...

— Você não teve culpa, Gilles. — Repito minhas palavras, ele balança a cabeça várias vezes e traga o cigarro de maconha.

— Meus pais nunca me perdoaram, minha família nunca foi a mesma... — Ele me lança um olhar perdido. — Eu destruí minha família, Peter.

Fico encarando-o, Gilles chora de dor e sei como é perder alguém que amamos por culpa nossa, esse sofrimento nunca passa, esse rancor e arrependimento nunca vão embora, sempre estão presentes loucos para nos destruir aos poucos.

— Você tem que se reerguer, cara, mostrar que você é mais do que um drogado de merda. — Gilles ri e joga o cigarro no chão.

— *Drogado de merda...* Quero que tudo se FODAAAAA... — Grita,

entretanto, seu grito nada mais é que uma tentativa de aliviar tudo o que está sentindo em seu peito.

— Deixa-me te ajudar! — Ele me olha e sorri.

— Obrigado, irmão. — Fala dando três passos à frente, seguro-o quando ele cambaleia e quase cai. — De todas pessoas ao meu redor, você foi o único a me dar forças, mesmo que eu tenha feito sua vida um inferno naquele maldito colégio.

— Isso é passado... — Respondo com sinceridade, não sinto mágoa e muito menos raiva, não irei viver corroendo esses sentimentos.

Gilles encosta sua testa no meu ombro, com lágrimas escorrendo, um gesto de companheirismo e respeito, pois ambos compartilhamos o mesmo sentimento. Seu cheiro tem mistura de álcool e maconha, abaixo meus olhos e analiso seus braços sem que perceba, ambos estão cheios de picadas de agulha, Gilles está usando a mesma droga que me destruiu.

— Você está usando heroína?! — Ele assente se afastando.

— Eu precisava...

— Você está se matando, Gilles! — Digo puxando seu braço para analisar o estrago que o filho da puta fez.

— Talvez eu queira morrer. — Congelo quando suas palavras invadem meus ouvidos.

— Gilles...

— Eu preciso ir, Peter. — Fala puxando seu braço e descendo a manga de sua blusa para cobrir os hematomas das agulhas.

— Aonde? — Ele balança a cabeça negativamente e volta a beber seu uísque.

— Preciso esconder as drogas... — Revela olhando para os lados. —

Jimmy me mata se a polícia pegá-las.

— Como assim? — Pergunto perplexo.

— Nada, Peter. — Ele dá um passo para trás, voltando a olhar para os lados. — Falei demais. — Gilles suspira e me fita com os olhos vermelhos e inchados. — De toda forma, muito obrigado Peter.

— Gilles...

— Preciso ir, eles estão chegando...

— Quem, Gilles? — Dou um passo à frente, tentando alcançá-lo para impedir que faça alguma besteira. — Quem está chegando?

— O vírus... — Responde arregalando os olhos. — Preciso ir proteger as drogas e me esconder do Vírus. — Ele me olha assustado e começa a tremer. — Fique em casa, não saia, se proteja do vírus...

Gilles vira as costas e começa a correr, fico congelado por alguns instantes, tentando entender o que acabou de acontecer, mas então lembro que as drogas nos fazem delirar e ele está justamente delirando e isso não coloca somente a vida dele em perigo, mas de outras pessoas também.

Ele falou em esconder drogas e que precisava ir para o colégio e Gilles foi nessa mesma direção. Respiro fundo, não tenho outra alternativa a não ser, pará-lo. Estalo meus dedos, coloco o capuz na cabeça e com pressa, sigo Gilles sem saber se é o certo a se fazer, porém, não vou ser um lixo abandonando um amigo que tanto precisa da minha ajuda.



O colégio está silencioso e escuro, como se parece um pequeno castelo, nessa hora da noite ele fica muito mais assustador do que quando está lotado de adolescentes. Olho para os lados me certificando de que não há ninguém, vejo Gilles distante entrando pela porta do zelador, indo em sua direção apressado.

Como ele consegue entrar sem ser descoberto?

Abro a porta com cautela e entro em uma pequena sala cheia de utensílios de limpeza. Em uma prateleira à minha esquerda, procuro alguma lanterna para andar pelos corredores escuros atrás de Gilles. Congelo quando encontro uma, batuco meus dedos nela e penso se realmente estou fazendo a coisa certa.

Quem em sã consciência vai atrás de um bêbado lunático em um colégio tarde da noite? Sou muito louco em estar fazendo isso, posso me enfiar em uma merda que talvez não darei conta de sair. Inspiro fundo, não vou ser cagão, já estou aqui mesmo, vamos ver que merda aquele cara está aprontando!

Ligo a lanterna e abro a outra porta, coloco a cabeça para fora me certificando de que está tudo limpo e saio. Caminho com cautela, prestando atenção em cada barulho que escuto, tentando encontrar um rastro de Gilles.

A sala de onde saí é perto do refeitório, então é o primeiro lugar que procuro por Gilles. Com a lanterna, ilumino o lugar sem nenhuma alma viva, apenas o silêncio, a quietude e o breu.

Um calafrio percorre meu corpo, esse colégio é mais assustador do que imaginei.

Saio do refeitório e vou andando com passos silenciosos, verificando cada sala de aula a procura do lunático. Vou até o banheiro, porque é o lugar que ele se droga nos intervalos das aulas, talvez esteja lá, se drogando feito

um louco de novo.

Empurro a porta com cuidado para não o assustar se acaso estiver aqui, verifico em todos os banheiros, mas nada dele, nada de Gilles. Abaixo a lanterna e encaro a parede, será que não é melhor eu deixar isso de lado e ir embora?

Porra...

Esfrego meus lábios com a mão esquerda, inspiro e saio do banheiro, voltando para os corredores, subo as escadas que leva para o segundo andar. Essa será minha última tentativa, se ele não estiver lá, eu vou embora.

No primeiro corredor eu não encontro nada, apenas salas vazias e banheiros vazios. Já me sentindo cansado, olho pelas janelas, elas dão para o campo de futebol. Fico olhando, tentando ver se Gilles está lá, rezando para que ele esteja na arquibancada, mas como está escuro, pouca coisa eu consigo enxergar.

Balanço a lanterna, entediado, não vou mais... Olho para trás quando escuto um barulho, meu coração dispara e meus sentidos entram em estado de alerta, dou um passo à frente, na direção do barulho, com cuidado viro a lanterna que ilumina o corredor à minha direita.

Nada... não tem absolutamente nada!

Engulo em seco, será que é o Gilles? Pode ser que eu esteja agindo como um louco e idiota, pois ao invés de virar as costas, sair correndo e ir embora para minha casa, estou aqui, seguindo um barulho que talvez tenha sido invenção da minha própria cabeça.

— Gilles? — Chamo com uma voz mais baixa. — Cara, é você? — Paro para tentar escutar alguma coisa, mas não ouço nada!

Volto a andar, mas paro abruptamente quando escuto uma cadeira se

arrastar atrás de mim. Viro e aponto a lanterna à minha frente. De que sala veio esse barulho? Umedeço meus lábios secos devido a tensão e vou atrás do responsável pelo barulho, que no caso é Gilles, fazendo alguma farra por estar alucinando.

Olho para o corredor escuro, acredito que seja o mais escuro de todos que eu passei. Dou um passo à frente, com cautela e cuidado para não fazer barulho, tentando ser o mais silencioso possível para que não escutem eu caminhar.

No entanto, quando olho para frente, meu coração vem parar na garganta, pois no fim do corredor tem a sombra de uma pessoa, parada ali me observando, não tenho coragem de apontar a lanterna para saber quem é, porque o assassino me veio à cabeça, o louco que vem matando os bolsistas e que matou Francine. Eu estou na sua lista e até agora não consegui entender os motivos do porque quer se vingar de mim. De repente meu braço pesa, talvez se eu apontar a lanterna nele, seja apenas o Gilles.

Respiro fundo, meu coração bate tão forte que penso que vai estourar no meu peito e com a mão trêmula, levanto lentamente a lanterna na direção da pessoa que deu dois passos à frente.

Engulo em seco quando meus olhos focam em Gilles iluminado pela minha lanterna, mas não fico tranquilo... eu fico ainda mais apavorado, porque seu rosto está ensanguentado, ele tem a mão na barriga que pinga sangue no chão, Gilles se curva e geme de dor, me deixando ainda mais horrorizado, paralisado e assustado.

— Gilles!? — Murmuro seu nome, balanço minha cabeça com a vontade de que seja apenas uma ilusão, de que nada disso aqui seja real. Gilles está na minha frente, espancado, machucado, sangrando e a única coisa que eu faço, é ficar congelado.

Mas de repente Gilles ergue com dificuldade sua mão esquerda e aponta na minha direção. O calafrio que senti no refeitório retorna, porque Gilles não está apontando exatamente para mim, e sim para algo atrás de mim.

— Atrás de você...

Lentamente vou me virando, com meu corpo ainda mais tenso e trêmulo, temendo o que irei encontrar. Deixo minha lanterna cair com tamanho assombro, sem acreditar que estou em frente ao assassino, cheio de sangue, com um sorriso no rosto, olhos frios e um taco de beisebol na mão direita.

O pior não é nem isso, mas sim, que eu conheço essa pessoa perfeitamente, não que sejamos amigos, mas estava tão próximo que nunca poderia imaginar que fosse o responsável.

— Oi, Nerd! — Diz dando um passo à frente com um sorriso cruel.

Seu rosto perfeito fica ainda mais nítido, seus olhos cor de mel me olham com satisfação e com um brilho desumano, não posso acreditar que o assassino é...

Sinto uma pancada forte na lateral da minha cabeça, dou dois passos para trás antes de cair no chão com a visão distorcida, e a única coisa que eu vejo antes de desmaiar é o seu sorriso.



Sinto uma dor infernal na lateral da minha cabeça, tento me mexer, mas não consigo, algo está me impedindo. Abro os olhos com dificuldade, tentando lembrar onde estou. Minha visão entra em foco, estou em uma sala de aula iluminada apenas pelos raios do luar que entram pela janela, olho para minhas mãos amarradas nas costas sobre o ombro, respiro fundo e engulo o medo.

Não posso acreditar que estou vivendo esse inferno!

Sobre minha boca, está uma fita impedindo-me de fazer qualquer tipo de barulho, tento colocar a língua para fora, para molhar a cola da fita e quem sabe descolar essa droga da minha boca.

Escuto alguém gemer ao meu lado, olho assustado em direção ao barulho e arregalo os olhos, Gilles está deitado e extremamente machucado, sua boca também tem uma fita e suas mãos estão amarradas atrás das costas e suponho que foi por isso que não escutei quando ele foi espancado, mas como ele conseguiu se soltar?

Seus olhos se encontram com os meus, mais lúcidos do que quando me

procurou, sinto uma pitada de alívio por ele ainda estar vivo. Gilles geme outra vez e tenta se mexer, mas não consegue. Ele balança a cabeça, como se estivesse me dizendo que precisamos sair daqui o mais rápido.

Ele se arrasta até a parede e com muita dificuldade, Gilles consegue se sentar. Volto a mexer com minhas mãos e passar a língua na fita, porque se meu primo conseguiu fugir uma vez, certamente conseguiremos outra.

Meu corpo congela quando escuto assobios vindo em nossa direção. O olhar de Gilles se fixa em mim com um brilho de pavor, meu coração está tão acelerado que escuto-o batendo em meu ouvido.

Quanto mais o assobio se aproxima, mais tenso meu corpo fica. O ar da sala de aula vai sumindo e tudo a minha volta parece me sufocar e apertar, nada faz barulho, tudo se cala, dando passagem ao assassino.

E lá está ela, parada na porta com um bastão de basebol na mão direita.

Ela dá um passo à frente, como se tivesse todo o tempo do mundo para fazer o que planeja, sem pressa para aproveitar cada segundo de sua tortura. Katie para na minha frente, seu rosto lindo desapareceu, dando uma nova feição para a garota que eu via pelos corredores da escola nos anos em que estudo aqui. Sempre sorrindo e rodeada de amigos, sem maldade alguma, apenas uma patricinha como as outras, descobrindo os prazeres da vida, mas sempre me observando cautelosamente à distância.

Katie bate o bastão duas vezes no chão, fazendo um eco na sala silenciosa. Seus olhos amendoados estão fixos em mim, um brilho de prazer passa por eles e um sorriso cruel se estica em seus lábios perfeitos. Engulo em seco, pois sua intenção é nunca me deixar sair daqui com vida, por qual motivo? Irei descobrir agora.

— A margarida acordou? — Cantarola balançando o bastão. — Já estava ficando impaciente. — Ela umedece os lábios e encara Gilles por

alguns segundos. — Você literalmente estava na hora errada e no lugar errado, — diz para mim enquanto sorri — mas fico até feliz, porque já pego os dois de uma só vez, deixando Jimmy por último.

Quero lhe perguntar o que fiz para querer tanto me matar, mas não consigo, a fita me impede de retrucar tudo o que está dizendo. Essa garota é doida, preciso me livrar dela. Remexo minhas mãos discretamente tentando afrouxar os nós da corda nos meus pulsos enquanto encaro seu rosto.

Não acredito que Katie é a assassina! Eu me recuso acreditar que aquela garota popular é uma Serial Killer.

— Vim para o colégio assim que matei Susan. — Arregalo meus olhos, ela matou a Susan?! — Não foi difícil matá-la, aquela garota só tem papa na língua, porque é um cachorrinho amedrontado, acredito que foi a pessoa mais fácil que matei até hoje. — Diz com indiferença e frieza, nunca pensei que uma pessoa poderia ser tão sem coração como Katie. — Susan achava que poderia gritar e caçar encrenca com qualquer pessoa e sair ilesa, eu nem iria tocá-la, mas quando me xingou de piranha... ah, aí é outra coisa! — Katie olha para Gilles com um ar pensativo. — Oh garotinha insuportável, como você conseguia ficar perto dela, Gilles? — Pergunta meneando a cabeça.

Katie respira fundo e volta a me olhar, sua expressão é de puro desprezo. Ela dá um passo à frente e agacha ao meu lado, perto suficiente para eu ver em seus olhos sua maldade e impiedade.

— Três anos me preparando para tê-lo assim, prontinho para acabar com você. — Diz com satisfação, fito seu rosto sujo de sangue, sentindo meu estômago embrulhar. — Sabe Peter, eu nunca senti nada por ninguém, nunca soube o que era me apaixonar, gosto do prazer do beijo e do sexo, mas aquele sentimento que as pessoas sentem um pelo outro, eu nunca consegui sentir. — Ela ergue a mão esquerda e a guia na minha direção, quando ela quase

toca nos meus cabelos, eu viro o rosto recusando seu toque asqueroso. — Eu sempre sinto muito prazer em fazer maldades, uma vez minha madrastra caiu da escada, não que ela tenha caído, mas eu a empurrei sutilmente, para testar o que eu sentiria, mas Peter... — Katie balança a cabeça e comprime os lábios. — Não senti nada, nem pena, nem compaixão e muito menos remorso, apenas prazer.

Ela levanta e se encosta em uma mesinha, sem desgrudar os olhos dos meus.

— Eu escutei cada osso dela rangendo enquanto caia, desejando escutar mais e mais, e para mim aquele dia foi incrível, um prazer me consumiu de tamanha intensidade que eu desejei fazer de novo. — Katie sorri e abaixa a cabeça, fitando suas botas. — Fiz uma vez com um cachorrinho de uma colega de escola, ele me irritou tanto que quando minha colega virou as costas para pegar biscoitos, eu agarrei o animal e joguei-o do quinto andar do prédio pela janela. — Ela inspira levantando a cabeça. — Ver aquela garota chorando por uma coisa insignificante me deixou com inveja, porque eu queria poder chorar.

Katie lança um olhar para Gilles que está imóvel, encarando-a com pavor.

— Nunca chorei. — Ela volta a me olhar. — Como é chorar? Por que as pessoas choram quando estão felizes e tristes? Nunca senti nada, Peter, sinto um buraco no meu peito que é preenchido quando faço algo de mal para alguém, me sinto feliz. Isso é como uma droga para mim, me deixa viciada e a cada dia eu quero mais e mais sentir as pessoas morrendo nas minhas mãos, me sinto como a morte ceifando essas almas, lhe dando os últimos momentos para aproveitar enquanto vivem calorosamente.

Sinto que o aperto no meu pulso deu uma afrouxada, não ousou

demonstrar que estou prestes a me soltar, porque tenho certeza que essa louca não vai me deixar livre, por isso preciso ganhar tempo.

— Porém, — continua narrando sua vida doentia — uma única pessoa tinha um controle sobre mim, que de algum jeito estranho conseguia me entender, era o único que tinha meu coração. Mas ele foi tirado de mim em uma noite chuvosa quando estava indo me buscar no psiquiatra. Era tarde da noite, mas eu tinha que ir atrás do doutor, porque meu pai dizia que matar era errado, e naquele momento eu queria matar minha madrastra, então, obedecendo as ordens do meu pai, eu liguei para meu psiquiatra, ele me atendeu imediatamente e quando a sessão acabou, pedi para meu pai me buscar, no entanto, papai nunca chegou.

Katie me encara com o semblante de derrota, mesmo dizendo que não sente nada, eu vi sua dor estampada em seus olhos. Ela inspira, aperta a mão no bastão de beisebol e o bate três vezes no chão.

— Um Impala 62 invadiu a contramão em alta velocidade e colidiu de frente com a caminhonete do meu pai. O impacto foi tão forte, que papai morreu na hora. — Congelo, sentindo meu coração acelerar ainda mais, não pode ser! — Nesse Impala tinha quatro pessoas, três adolescentes bêbados e drogados e um policial que morreu com o impacto. — Katie solta uma risada e desencosta da mesa. — Não acreditei que meu pai, a única pessoa que fazia eu me sentir normal foi morta. Quando a terra do cemitério cobriu seu caixão fechado, porque nem seu rosto eu pude ver, pois ele estava irreconhecível, eu jurei me vingar de cada um daqueles cretinos, principalmente do motorista do Impala, Peter Mackenzie.

Eu não fazia ideia de que o homem que eu matei foi o pai de Katie, eu me sinto tão culpado por ter tirado duas vidas, agora ainda mais por ter assassinado um pai de família que tinha uma única filha no centro do mundo,

o único que poderia parar essa garota doente, impedindo-a de fazer tantas maldades.

— Então tive a ideia de começar pelos bolsistas. — Continua andando de um lado para o outro. — Certo que eles não faziam parte, mas pessoas inocentes têm que morrer para que as culpadas sofram ao decorrer da vida. Então eu apenas adiantei suas mortes, foi melhor assim, pensei em incriminá-los, mas mudei de ideia. — Ela estala a língua. — Entretanto, os bolsistas se tornaram um caminho para chegar até você Peter, para podermos acertar as nossas pendências.

Katie para e me encara com menosprezo, ela inclina a cabeça para a esquerda e sei nesse exato instante que ela está pensando em me torturar lentamente. Preciso ganhar tempo e impedir que ela faça qualquer coisa.

— Pensei tantas coisas, Peter, anotei diversas formas de te matar lentamente, mas não soube escolher a melhor, deixei que o destino me mostrasse. — Ela inspira e bate o bastão no chão. — Queria usar Mariana contra você, — meu coração palpita ao escutar o nome da minha garota, — mas preferi deixá-la de fora. — Katie balança a cabeça negativamente. — Mariana é uma boa garota, gosto da sinceridade dela e de como fala tudo o que pensa, sem medo de nada. Torci para que não se intrometesse, assim não a mataria, pena que vai sofrer a perda de um namorado. — Ela faz um bico, coloca o bastão na mesa e se alonga. — Bom, chega de ladainha e vamos logo ao que interessa, tenho que acabar logo com isso antes do amanhecer.

Solto a respiração, meu corpo inteiro está em estado de alerta, pronto para reagir a qualquer momento, mas preciso ter cautela e achar uma saída, uma fuga antes que seja tarde demais. Katie se vira, olha de mim para Gilles, como se estivesse pensando por qual começar.

— Vou deixar você por último, Peter. — Katie anda até a porta, mas

não sai, ela se inclina e pega uma bolsa e a coloca em cima da mesa à nossa frente. — Mesmo que você e seu primo não se deem bem, vai ser interessante vê-lo morrer aos poucos. — Diz abrindo a bolsa, olho para Gilles que estremece, ele me encara com os olhos suplicando ajuda.

Meu Deus, eu preciso sair daqui!

Volto a passar a língua na fita e mexer meus braços, tenho que me soltar, não há mais tempo. Assisto Katie tirar três seringas cheias da bolsa, coloca duas na mesa e a outra ergue e aperta para que saia um pouco de líquido na ponta da seringa.

— Gilles... Gilles... — Cantarola soltando sua respiração. — Pensei em várias formas de como acabar com você lentamente, mas nada foi tão perfeito do que aplicar heroína na sua veia. — Ela sorri parando de encarar a seringa e se fixa em Gilles. — Um fim digno, já que sua vida é à base de drogas, e eu tenho o suficiente para te fazer ter uma overdose. — Ela dá um passo para frente e Gilles começa a gritar de pavor. — Não se preocupe, querido, você vai ter uma viagem inesquecível.

Katie se agacha ao seu lado direito e leva a agulha ao braço de Gilles que grita silencioso, ela aperta a seringa a esvaziando na veia do meu primo. Meu coração está aflito, porra, não consigo ajudá-lo.

Entro em desespero quando Gilles me encara, pedindo socorro. Sua cabeça roda e seus olhos vão perdendo um pouco o foco. Katie levanta e suspira, voltando para a mesa e pegando outra seringa.

Preciso pará-la...

Ela volta para Gilles, só que no outro lado. Ele esperneia, mas está fraco e perdendo o controle dos seus movimentos, a dosagem de heroína é alta demais para que ele possa se manter em sã consciência. Mexo minhas mãos, puxo a esquerda para cima enquanto a outra puxo para baixo.

A corda começa a machucar meus pulsos, mas não paro de puxá-las, olho para Katie, ela sussurra coisas no ouvido de Gilles enquanto brinca com a pouca consciência que ele tem, mexendo com sua cabeça fraca. Preciso salvá-lo e me salvar.

Sinto a corda escorregando por meu pulso, impeço-me de gemer de dor, mas com um impulso, consigo soltar a mão esquerda, com elas soltas, me inclino e solto a fita enrolado nos meus tornozelos que nem tinha reparado a poucos segundos. Com minhas mãos e pés soltos, consigo ficar de pé e retiro a fita da minha boca.

Katie está congelada me encarando, controlo minha respiração acelerada e não desgrudo do seu olhar de ódio, raiva e surpresa.

— É melhor você parar, Katie. — Falo ofegante, vou até a mesa e pego a outra seringa. — Chega disso, não vou deixar que mate mais ninguém.

— Olha só, o nerd conseguiu se soltar. — Balbucia com sarcasmo.

— Você é boa em matar pessoas, mas não em fazer nós. — Digo jogando a corda diante aos seus pés.

— Talvez eu tenha facilitado para você se soltar, afinal, gosto de brincar de gato e rato. — Ela ainda está abaixada com a seringa no braço de Gilles, pronta para injetar a heroína em sua veia.

— Eu me arrependo. — Confesso engolindo em seco. — Eu me arrependo mortalmente por ter matado seu pai, Katie. — Ela balança a cabeça.

— Não é o suficiente.

— Você está sendo pior do que eu. — Falo dando um passo à frente. — Eu errei, Katie, paguei pelo que eu fiz...

— Você pagou?! — Ela retira a agulha do braço de Gilles e fica de pé.

— Eu venho pagando por tudo o que eu fiz, eu fui imaturo naquela noite, mas não foi seu pai o único a morrer, eu perdi o meu também.

— Você faz ideia de como foi minha vida sem meu pai, Peter? — Nego com a cabeça, Katie está tremendo, mas ao mesmo tempo está calma. — Foi um verdadeiro inferno. Aquela mulherzinha ficou responsável por tudo o que é meu, gastando o dinheiro do meu pai e deixando-me sem nada, estamos à beira da falência e tudo por sua culpa, você matou o meu pai. — Ela bate em seu peito. — EU VIREI UMA ASSASSINA POR CULPA SUA! — Grita apertando a seringa.

— Mas o que está fazendo não vai te levar em luga...

— Cala a boca, Peter. — Diz com impaciência. — Não me venha com seus conselhinhos de moral, porque não vai dar certo. — Ela suspira e dá outro passo em minha direção. —Tenho ódio de você, nojo dessa sua cara e ranço de escutar sua voz. Eu te odeio por ter tirado meu pai de mim, por ter destruído minha vida e por ter me tornado o que sou agora, e vou te fazer pagar por tudo o que fez, com dor, Peter. Vou te fazer sentir a dor mais insuportável do mundo.

— Katie...

— Meu pai era o único que me ensinava a ser normal... — Ela engole as lágrimas. — O único que faz doer meu peito quando me lembro de seu sorriso. Você sabe o quanto dói Peter, não ter essa pessoa do seu lado para te ajudar a ver o mundo como ele é?

— Eu perdi o meu pai, Katie. — Digo com a voz baixa, os seus olhos brilham por causa das lágrimas que escorrem por seus olhos. — Você disse que nunca chorou...

Katie toca seu rosto, leva a mão para frente de seus olhos e esfrega seus dedos sentindo as lágrimas.

— É... estou chorando? — Pergunta a si mesma. — Porque dói, Peter. — Ela levanta os olhos e me encara. — Dói ver o assassino do meu pai na minha frente vivo, rindo e se divertindo enquanto meu pai está morto. Dói vê-lo tão bem e eu tão mal... Eu vou te matar, Peter, eu não o deixarei sobreviver.

Katie avança na minha direção tão abruptamente que só percebo quando caio no chão. Ela me empurrou com tanta agilidade que me assusto com sua força, Katie se vira e pega seu bastão de beisebol em cima da mesa, roda ele no ar e me encara com um sorriso diabólico.

— Não deixarei que escape, Nerd. — Levanto rápido e desvio do seu ataque, o bastão acaba acertando meu ombro direito, solto um grito de dor e dou três passos para trás.

Ela gargalha, coloca o bastão no ombro e fica parada me encarando. Ela gosta de aterrorizar e correr atrás de suas presas. De esgueira noto Gilles se soltando da corda e com cuidado, retira a fita da sua boca, se levanta com a ajuda da parede e se prepara para atacar Katie.

Preciso ganhar tempo para que ele tenha forças para afastá-la de nós.

— O que você ganha com isso? — Ela umedece os lábios.

— Vingança.

— Vingança não vai trazer seu pai de volta. — Digo deixando-a furiosa.

— Mas vai me dar paz, porque eu vou saber que você não vai ser feliz enquanto meu pai está morto.

Gilles vai se aproximando de Katie por trás, preciso continuar com essa conversa.

— Acha que seu pai está feliz por você estar matando pessoas? — Seus

olhos estremecem.

— Ele está morto...

— Ele lutou por você, Katie, te ensinando o que é certo e errado, lhe dizendo que matar é errado, mas olha para você. — Engulo em seco quando sua expressão se fecha, ficando ilegível. — Virou aquilo que ele lutava para que não fosse, uma assassina. Acha que ele está orgulhoso?

— Não, ele não sabe!

— Você deveria estar seguindo os seus ensinamentos e não ter virado o que ele mais temia. — Ela range os dentes, dá um passo à frente, pisando em cima da seringa que deixou cair quando pegou o bastão.

— Cala a boca, você não sabe de nada!

— Eu sei o suficiente, Katie. — Retruco apertando minhas mãos em punhos e controlando a tremedeira. — Sei o quanto seu pai te amava e não queria que se tornasse um monstro...

— CALA A BOCA! — Grita descontrolada e Gilles aproveita sua distração e a empurra, fazendo com que ela caia no chão e bata com a cabeça.

Olho para meu primo um pouco zozinho, ele escora na mesa para não cair, vou até ele e passo meu braço por cima do meu ombro para nos tirar daqui enquanto Katie está tonta por causa da batida.

— Pre-eci-isamos.. — Ele passa a língua nos lábios secos e rachados. — Temos que sair...

— Sim, vamos sair daqui, mas preciso que me ajude também, ok? — Gilles assente com a cabeça. — Vamos!

Ele pesa nos meus braços por estar fraco, mas consegue caminhar com um pouco de dificuldade, escuto um rosnado atrás da gente e olho sobre meu ombro, Katie se contorce no chão e sussurra.

— Melhor correr seu merdinha, não deixarei que saia daqui vivo.

— Vamos, mano... — Balbucia Gilles, me encarando com os olhos quase voltando ao foco.

— Você está bem? — Pergunto andando pelo corredor escuro.

— Não... — Diz com as pernas um pouco moles.

Olho para trás para certificar que Katie não está vindo em nossa direção. Gilles geme de dor e paro um pouco, recuperando meu fôlego e ajeitando-o no meu ombro dolorido. Volto a caminhar e paro diante da escada, que dá para o corredor de saída do colégio. Gilles deixa seu corpo pesar e quase caio na escada tentando firmá-lo.

— Ei, seja forte, cara. — Digo batendo em seu rosto com minha outra mão. — Não desmaie agora. — Ele assente, respira fundo e firma seus pés no chão.

— Como vamos nos livrar dela? — Pergunta com dificuldade.

Desço um degrau e espero que ele me acompanhe, agarro o corrimão e desço mais um degrau.

— Não faço ideia, mas precisamos nos esconder.

— Você é mais forte do que ela. — Diz com dificuldade de descer o terceiro degrau.

— Ela é mulher, não vou tocá-la. — Respondo indignado.

— Uma mulher que matou um monte de gente... — Ele inspira com dificuldade de falar. — E quase nos matou.

— Mesmo assim...

Sinto o corpo de Gilles ficar tenso assim que escutamos uma risada, olho para baixo e vejo Katie andando tranquilamente com seu bastão de

beisebol, acompanho-a até parar diante da escada, na nossa frente.

— Acharam que iriam fugir tão facilmente assim? — Katie bate o bastão no corrimão da escada, fazendo-o tremer na minha mão.

— Droga... — Amaldiçoa Gilles.

Tento subir um degrau de volta para cima, mas acabo me desequilibrando com o peso de Gilles, solto-o com brutalidade não conseguindo segurá-lo, para não torcer meu tornozelo, tombo meu corpo para frente e caio degrau abaixo, sentindo todo meu corpo ranger enquanto rodo escada abaixo.

Sinto uma fisgada enorme nas minhas costas e ranjo meus dentes, sentindo-os bater enquanto rolo a escada. Quando finalmente os degraus acabam, bato a testa com tanta força no chão que quase perco os sentidos, parando de bruços. Meus ouvidos zumbem, meu corpo dói e grito quando Katie coloca seu pé em cima das minhas costas com tanta força que tira o ar dos meus pulmões.

— Uau, que cena interessante. — Diz batendo o bastão no chão na frente dos meus olhos. — Esse brinquedinho aqui, — fala se referindo ao bastão — foi presente do meu pai para mim, nos fins de semana costumávamos jogar beisebol a manhã inteira, uns dos meus dias favoritos e será ele que vai te matar, Peter.

Tento me erguer, mas ela impede com seu pé.

— Vou te bater até não conseguir mais respirar. — Ela tira o pé de cima mim, quando tento me reerguer, grito de dor quando algo bate nas minhas costas. — Vou te fazer sofrer, assim como você me fez, tirando meu pai de mim.

Katie me bate outra vez nas costas com o bastão, tirando todo o ar dos

meus pulmões e um grito dilacerante sai da minha garganta. Pura dor invade meu corpo quando ela bate em mim novamente, começo a chorar e tento me reerguer, mas me sinto fraco e sem forças para reagir.

Cada golpe seu é uma dor cortante, minhas costas queimam, tento me arrastar para longe, mas não consigo, meu corpo já não me obedece e sei que irei morrer aqui.

— PARA... — Escuto Gilles gritar, não consigo vê-lo, porque minha visão já está turva e não tenho forças para erguer a cabeça. — Não foi ele!

Katie coloca a ponta do bastão nas minhas costas e empurra para baixo, intensificando minha dor e tirando mais um grito meu.

— O quê? — A voz de Katie sai indiferente. — Não se preocupe Gilles, assim que eu acabar com seu priminho, eu vou atrás de você.

Katie tira o bastão das minhas costas e me golpeia novamente. Grito sentindo meus músculos se contraírem, o gosto de sangue invade minha boca e sei que algo de errado está acontecendo comigo, porque estou perdendo os sentidos.

Penso em Julie, como ela ficará quando eu morrer? Mamãe já perdeu o amor de sua vida, ela tem um coração frágil, não vai suportar perder seu filho. Sinto lágrimas escorrerem pelo meu rosto e minha cabeça pesa, sinto o gelo do chão sob minha bochecha e mais uma vez uma dor insuportável, fazendo eu desejar morrer logo para acabar com essa tortura.

Mariana...

Lembro da minha garota com cabelos cacheados e volumosos, sua boca atrevida e de como mudou minha vida, mostrando que para eu seguir em frente, precisava me perdoar, que tudo foi uma fatalidade, mas mesmo assim, me sinto culpado e não sei se me perdoarei antes de morrer.

Em tão pouco tempo ela entrou na minha vida, arrombando meu coração e o reivindicando sem pedir permissão, espero que ela supere minha perda e consiga seguir em frente, porque a única coisa que eu desejo, é que ela seja muito feliz.

— PARA, KATIE... — Gilles grita com dificuldade. — Não era o Peter... Não foi ele que estava dirigindo. — Meu coração pula ao escutar as palavras de Gilles, mas como estou fraco, só posso lutar para não desmaiar.

— Quê?! — A voz de Katie soa surpresa. — Tem provas que foi ele!

— Não, Peter não dirigia aquele carro.

— Mentiroso...

— PARAAAAA... — Gilles Grita e sinto outro golpe nas minhas costas, só que dessa vez mais fraco. — Ele pegou o carro sim, mas na esquina depois da boate ele parou, pois Francine começou a se debater querendo sair do carro.

— Francine?!

— Sim, era ela a moça não identificada, eu estava ficando com ela naquela noite, viu quem era o motorista e decidiu contar a verdade para Mariana, mas Jimmy não deixou, ele então a estuprou e espancou, lhe dando um aviso. — Revela Gilles com desespero e com a voz mais lúcida.

— Isso quer dizer que?

— Peter passou para trás assim que Francine desceu do carro e foi embora, o tio Charlie descobriu que foi o Jimmy que o incriminou com as drogas, porque estava na mira da polícia naquela época e precisava se livrar das drogas... — Escuto os batimentos do meu coração em meus ouvidos enquanto escuto toda a verdade sendo revelada, sem conseguir me mover. — Jimmy estava apontando uma arma para o tio Charlie, estava com a intensão

de matá-lo para poder calar sua boca, Peter não conseguia fazer nada, estava longe demais por estar drogado. Eu estava mais lúcido, fingindo estar muito ruim, porque o que Jimmy pretendia fazer não era certo, mas então, conforme dirigia rumo ao destino onde iria matar Charlie, ele ficava a todo instante mexendo com a cabeça de Peter, para que no fim, Peter acreditasse que foi o culpado, todas as lembranças que o Nerd tem é mentira.

— Então...

— Jimmy perdeu o controle do carro de propósito, ele pulou antes do carro colidir com a caminhonete. Como eu estava sem cinto e encostado na janela, tanto eu quanto o Peter fomos jogados para fora. — Gilles e Katie ficam em silêncio, luto para me manter acordado, mas não consigo, meu corpo pesa e meus olhos se fecham. — Quem matou o seu pai foi o Jimmy, Katie, não o Peter.

— Você está mentindo, não é?!

— Peter é inocente, foi incriminado por algo que não fez, ele mal conseguia andar e falar. Ele não dirigia o carro.

— Não me importo, ele estava com vocês, então mesmo que não tenha culpa, ele vai morrer. — O golpe que ela me dá nas costas é o que eu precisava para perder a consciência e antes de apagar, escuto um disparo e tudo fica silencioso...



Cinco horas antes

Frustração. Tudo o que sinto é frustração. Na sala do departamento de polícia, analiso o painel onde coloquei todas as informações do caso dos bolsistas, tentando de algum jeito achar uma pista que me leve ao assassino.

Apesar das dificuldades da minha profissão, eu amo ser detetive, refazer os passos deles, pensar como eles, tentar achar uma pista que me leve até os assassinos e descobrir os motivos que os levaram a cometer barbaridades me deixa realizado, mas às vezes é frustrante, ainda mais quando não encontro nada.

Penso no que Mariana me falou, não levei em conta nada do que disse, até agora, talvez se eu for pelo seu raciocínio eu encontre algo. Droga... uma garota de dezessete anos pode ter descoberto o assassino primeiro do que eu que sou um profissional, me sinto um fracassado!

— Dylan? — Chamo um dos meus homens.

— Sim.

— Preciso que pesquise sobre o acidente do Charlie Mackenzie.

— Do seu irmão?! — Sua expressão é de surpresa, respiro fundo e ignoro.

— Quero que descubra se foi realmente Peter quem dirigia o carro e quero a identidade do homem da caminhonete que morreu.

— Certo, detetive. — Diz se sentando à sua mesa e fazendo o seu trabalho.

— Rose? — Olho para minha parceira, ela levanta os olhos dos papéis e se fixa em mim.

— Do que está desconfiando? — Inspiro fundo, não posso acreditar no que estou fazendo.

— Pesquise sobre Jimmy, tenta encontrar qualquer coisa sobre ele e use nossos informantes infiltrados nas gangues e nas organizações criminosas.

— Você não está...

— Quero ter certeza. — Rose assente, ajeito minha calça na cintura e pego meu celular, digito o número de Jimmy e aponto o dedo para Willy. — Rastreie meu telefone, quero saber onde Jimmy está. — Espero ele me dar um ok para prosseguir com a ligação.

Quando faz o sinal de positivo, aperto o botão de ligar, o telefone toca quatro vezes antes de Jimmy atender com sua arrogância de sempre. Às vezes me arrependo de não ter dado umas surras nesse garoto quando era menor.

— O que é, velho?

— Está ocupado? — Pergunto com meu coração acelerado, porque faz muito tempo que eu desconfio que Jimmy está fazendo algo de errado, mesmo que eu tente me aproximar dele, o garoto me afasta.

— O que você quer?

— Aonde você está? — Meu filho respira fundo antes de responder.

— Em casa, porra. — Rosna com impaciência.

— Deveria falar comigo direito, eu te eduquei e te dei tudo do bom e do melhor...

— Foda-se! — Fecho meus olhos. — Não preciso mais de você, então vê se para de me atormentar. — Então desliga na minha cara.

Fico em silêncio, tentando absorver tudo o que vem acontecendo durante os anos e de como ele está agressivo. Se arrependimento matasse, eu estaria morto, pois mimei demais esse moleque e olha só no que resultou.

— Detetive? — Olho para Willy. —Tenho a localização dele.

Vou até Wolly e olho para o mapa da cidade pela tela do computador. Ele está no bairro Zie, um local onde está localizado a boca de fumo, e é o lugar favorito dos traficantes para efetuar vendas e tráficos.

— Detetive eu encontrei. — Encaro Dylan, aceno para que continue. — Pesquisei a fundo sobre essa data e a única coisa que diz é que Peter foi o motorista.

— Encontrei algo também. — Rose entra na sala e coloca alguns papéis na mesa. — Exclui o fato de Jimmy ser seu filho, detetive, e fui bem fundo, não demorou muito para eu encontrar suas sujeiras.

— Sujeiras?!

— Sinto muito, Trump, — ela me olha com compaixão — Jimmy está envolvido com o crime organizado e é o líder de um deles.

— O quê?! — Fico congelado no lugar sem acreditar que meu filho é um criminoso.

— Ele é conhecido por ser rigoroso e impiedoso, sempre cobrando o que não é pago, todos o conhecem como Cachorro Louco, pois quando perde

a cabeça manda espancar sem piedade, geralmente os traficantes pagam a dívida arrancando o lóbulo da orelha e viram subordinados de Jimmy.

— Ele só tem dezenove anos! — Rose me olha e comprime os lábios.

— E já tem um reinado, detetive, ele está dominando o crime de Sacramento.

Soco a mesa com raiva, como deixei isso passar? Como não vi meu próprio filho entrar nesse mundo? Pensei que sua revolta era da idade e sempre achei que uma hora passaria, mas não, cada dia só piora.

— Detetive? — Olho para Dylan. — O homem morto no acidente é o Felício Becker. — Vou até ele e olho para a foto do homem estampado na tela do computador. — Ele foi um grande empresário do ramo esportivo e tinha uma fábrica de bastão de baseball, sua primeira esposa morreu no parto, criou sua filha sozinho e depois se casou de novo, arrumando uma madrasta para ela.

— Um homem normal?

— Tudo indica que sim, não tem ficha suja e muito menos envolvimento em escândalos.

— Quem é sua filha? — Pergunto pegando um papel que Rose me entregou.

— Katie Becker, dezoito anos e estuda no mesmo colégio que seu filho. Lembro das palavras de Mariana, não há lógica no que disse.

— Ela é normal? — Pergunto indo para frente do painel e analisando todas as minhas anotações.

— Tudo indica que sim, mas... — Viro a cabeça e olho para Dylan sobre meu ombro. — Parece que ela tinha seções com um psiquiatra.

— Depressão? — Pergunta Rose. — Hoje em dia os adolescentes estão

mais depressivos.

— Sabe quem é o médico? — Pergunto, Dylan assente. — Tente descobrir algo, fale que se não nos der informações iremos atrás dele com um mandado judicial, eles sempre falam depois dessa ameaça. — Ele assente e já pega o telefone.

— Trump? — Rose para ao meu lado. — Eu busquei as gravações que tínhamos e analisei com cuidado os arredores quando os meninos saíram da boate. — Olho para ela e suspiro.

— Quando?

— Desde que aquela garota te falou aquilo, fiquei encucada, então hoje eu fui e pedi algumas fitas das câmeras de segurança dos arredores, eles ainda as tinham e eu analisei atentamente. — Ela me entrega uma foto. — Depois que Peter entrou no carro, na esquina abaixo, ele parou, apenas uma garota saiu, mas a câmera do sinaleiro onde eles pararam, fotografou o rosto de Jimmy no volante. — Meneio a cabeça incrédulo, mas não mais surpreso. — Detetive, não foi Peter quem estava dirigindo o carro, era o Jimmy.

— Meu Deus! — Sussurro esfregando meu rosto e vendo minha vida ruindo debaixo dos meus pés. — Por que não analisaram as câmeras antes? Por que deixaram isso passar?

— Eles tinham testemunhas e provas que apontaram para Peter, não iriam se aprofundar em um caso quando o próprio acusado confessou o crime. — Responde Rose decepcionada.

— Então Peter viveu esse tempo todo achando que matou o pai e outra pessoa, enquanto meu filho, o responsável construiu um império no crime?

— Sinto por isso, detetive. — Balbucia Rose.

Suspiro sem saber o que dizer e pensar. É inacreditável descobrir que

meu único filho matou meu irmão, como pude criar um garoto tão frio e impiedoso? Além de ser um traficante, é um assassino também. Meu Deus!

— Senhor? — Olho para Dylan — Ele revelou que Katie tem psicopatia. — Franço minha testa e Dylan logo se explica. — O psiquiatra cuidou dela desde os quatro anos de idade, disse que ela tem um grande problema de não sentir compaixão, então comete atos ruins para satisfazer o vazio que sente.

— Isso quer dizer o quê?

— Que Katie sente prazer em machucar e até mesmo matar, o caso dela é grave e precisa de muito acompanhamento, desde que psicopatia não tem cura por não ser uma doença. Mas ela parou de ir nas seções e de recebê-lo quando seu pai morreu.

— Droga... — Será que é ela?

Olho para o painel, de todas as minhas suspeitas ela é a única conclusiva, pois tem um motivo plausível de ir atrás dos bolsistas e de Peter, por achar que ele foi o responsável pela morte de seu pai.

Mariana está certa e Peter corre perigo!

— Se preparem. — Anuncio.

— Aonde iremos? — Pergunta Willy.

— Vamos na minha casa primeiro, depois na de Katie para descobrir o que está aprontando.

Quando todos estão prontos e com alguns policiais para nos ajudar com a operação, vou direto para minha casa, pois desconfio que é onde Jimmy esconde suas merdas. Não demoro muito para chegar em casa, peço para que me acompanhem e sigo em direção ao sótão, um lugar onde nunca vou.

Minha esposa se desespera e Rose tenta acalmá-la, pois nesse

momento, estou sem cabeça para lidar com drama feminino. Tento abrir a porta, mas não consigo, então dou dois tiros na maçaneta que abre, entro, desço as escadas, ligo a luz e lá está o que eu mais temia.

Meu coração acelera, incrédulo por estar vendo quilos de drogas na minha casa, debaixo do meu nariz sem nem eu perceber o que estava acontecendo. Jimmy esconde todas as drogas que vem vendendo e traficando na minha casa.

Bagunço meus cabelos frustrado e soco a parede, não posso acreditar que meu filho é um traficante de merda e lidera uma organização.

— Detetive...

— Quero um mandado de prisão agora, — digo saindo do sótão — vamos prender Jimmy.

Nenhum dos policiais diz algo, apenas me seguem, vou direto para o SUV, alguns policiais ficam na minha casa para coletar as drogas e eu dirijo em direção ao meu filho, porque o único que irá prendê-lo, será eu, mais ninguém.

Não consigo pensar em nada enquanto dirijo até o bairro onde meu filho lidera o crime, sinto uma dor no meu peito, eu dei minha vida para manter essa cidade na linha, pegando os criminosos e protegendo os cidadãos, mas sinto que na minha vida pessoal eu falhei deploravelmente.

Falhei com meu irmão Charlie que morreu tão bruscamente, mesmo que tenhamos uma briga, eu nunca desejei sua morte, diferente de Mirko que mal consigo olhar na sua cara. Falhei com meu filho e minha família.

Estaciono na esquina acima de onde eles estão, um promotor já nos espera, me deixando aliviado e ao mesmo tempo decepcionado porque tudo é real. Ele me entrega a autorização e caminho com vários policiais atrás de

mim.

Conto os meus passos tentando me acalmar e não surrar meu filho. Vários criminosos, traficantes e usuários saem correndo, muitos deles procurados pela justiça, mas meu foco é Jimmy, o cachorro louco.

— Que apelido original! — Zombo em um sussurro.

Chuto a porta, ela cai no chão com um baque, entro em uma casa pequena e dou de cara com vários homens contando dinheiro, muito dinheiro. Eles erguem as mãos quando os policiais apontam as armas, vou em direção à única porta do lugar e arrombo-a, chutando e derrubando-a.

Jimmy está lá, sentado em uma cadeira em frente a uma mesa com um charuto na boca, parecendo um rei mafioso, uma visão deplorável. Ele levanta abruptamente, surpreso e ergue as mãos quando dois policiais entram apontando fuzis na sua cabeça.

Dou um passo à frente e ergo o papel.

— Jimmy Mackenzie, você está sendo preso por tráfico de drogas e associação criminosa. Você tem o direito de ficar calado. Tudo o que disser pode e será usado contra você no tribunal. — Anuncio com a voz firme, uma policial segura seus pulsos e algema suas mãos atrás da costa. — Seu reinado acaba aqui, cachorro louco.

Digo com uma voz decepcionada e carregada de tristeza, nunca pensei que um dia prenderia meu próprio filho, mas eu fiz isso, porque eu sou a lei. Jimmy me olha furioso e para na minha frente.

— Como pôde?! — Rosna, engulo em seco e meneio a cabeça. — Eu sou o seu filho!

— Eu não criei meu filho para se tornar um criminoso. — Retruco, decepcionado. — Você vai ter que pagar pelo que fez, Jimmy, como um

criminoso, pois nem eu, seu próprio pai pode impedir isso.

— Eu te odeio. — Cospe as palavras que golpeiam meu coração, o destruindo aos poucos.

— Eu te amo o suficiente para te mostrar o certo. — Falo colocando minha mão na sua bochecha.

Aceno com o queixo para que o policial o tire da minha frente, não posso desmoronar aqui, não antes de terminar o que eu tenho que fazer. Inspiro fundo e sigo para fora, para o meu segundo destino.

— Detetive? — Olho para Willy que vem correndo. — Recebemos uma denúncia, mais uma garota foi morta.

— Quem?

— Susan, prima de Francine, a que teve a cabeça decapitada. — Soco o carro de raiva, tenho certeza que foi o mesmo assassino.

— Como ela morreu?

— Ela foi brutalmente espancada, detetive, e enforcada como as outras vítimas. — Respiro fundo e esfrego meu queixo.

— Não viram nada?

— Dessa vez sim. — Diz me entregando seu celular onde tinha uma foto. — Katie foi vista saindo e entrando em um carro, no mesmo horário que Susan foi morta. — Era tudo o que eu precisava, minha confirmação, Katie é a Serial Killer.

— Depois que descubro quem é a assassina, ela resolve dar as caras? — Resmungo entrando no carro.

— Para aonde, detetive?

— Para casa dela, vamos começar por lá.

Ligo a sirene e vários policiais me acompanham, enquanto outros levam Jimmy para prisão. Tento ao máximo tirar meu filho criminoso da cabeça durante a trajetória até a casa de Katie. Quando chego, tiro minha pistola do coldre e aponto com o dedo para que os policiais rondem ao redor da casa que está silenciosa demais.

Tento abrir a porta, mas não consigo e mesmo sem permissão eu arrombo e entro. A mansão de Katie está vazia, tem poucos móveis e parece estar à beira da falência.

— Katie Becker, é a polícia! — Grito verificando a cozinha. — Precisamos que você esclareça algumas coisas. Desça e vamos conversar.

Nenhuma resposta, apenas silêncio. Decido subir as escadas que leva para o andar de cima, entro no corredor e vou abrindo cada porta, todos os cômodos estão vazios.

— Katie, não adianta se esconder. — Falo abrindo outra porta, mas encontro apenas mais um quarto vazio.

Sinto um cheiro forte e abro a porta do final do corredor, levo a mão direto ao meu nariz quando o cheiro fica insuportável. Olho para a cama e encontro o corpo de uma mulher já em estágio de decomposição. Me aproximo da beira da cama e observo-a, ela deve estar morta há mais de cinco dias. Pego o pote de remédios no criado mudo e analiso, é um antidepressivo ou veneno.

— Meu Deus! — Rose amaldiçoa quando entra no quarto. — Essa garota é um monstro. — Diz e me olha. — Ela não está aqui.

Aonde você está Katie?

— Chame os peritos para analisar tudo e recolher o corpo.

— Será que foi realmente ela? — Pergunta Dylan, é difícil de acreditar

que foi uma adolescente que fez isso.

— Tenho certeza que sim! — Respondo saindo do quarto e respirando aliviado.

— Ela matou a própria madrasta? — Willy pergunta chocado e assinto, criminosos como Katie não tem limites.

— Aonde ela foi? — Pergunto mais para mim, tentando achar uma resposta.

— Detetive? — O policial Tom vem em minha direção apressado. — Escutei no rádio da patrulha uma denúncia do zelador do colégio Cristo Rey, ele relatou ter ouvido gritos, pode ser Katie.

— Mas porque estaria lá? — Pergunta Rose.

— Droga... — Saio correndo, se ela quer vingança, vai atrás dos garotos que estavam no carro, Jimmy está preso, então só resta Peter e Gilles.

Não vejo quem me segue, apenas entro no carro e dirijo em direção ao colégio, buzinando para que todos os carros saiam do meu caminho, rezando para que não seja tarde demais. Pego o rádio e ordeno que todos desliguem as sirenes e os faróis para não sermos detectados.

Desço do SUV, recarrego minha arma e olho para Willy, Rose e Dylan, acenando para irmos pegar de uma vez por todas essa Serial Killer, que no caso não passa de uma adolescente de dezoito anos. Assustador, mais real!

Entro no colégio e começo a andar sorrateiramente pelos corredores escuros, sem fazer barulho, assim como meus parceiros policiais. Escuto um barulho e paro, tentando descobrir de onde vem, então escuto um grito de dor que corta minha alma, alguém está sendo ferido.

Aponto para o lado direito com dois dedos e andamos apressados, mas ao mesmo tempo, cautelosos. Quanto mais eu chego perto de onde estão,

mais nítida fica a conversa.

— ... do carro de propósito, ele pulou antes do carro colidir com a caminhonete. Como eu estava sem cinto e encostado na janela, tanto eu quanto o Peter fomos jogados para fora. — Tento descobrir de quem é essa voz, mas não consigo, ela está trêmula e fraca. — Quem matou o seu pai foi o Jimmy, Katie, não o Peter.

— Você está mentindo, não é?!

Finalmente eu a encontrei, encosto me na parede e olho para a cena.

— Peter é inocente, foi incriminado por algo que não fez, ele mal conseguia andar e falar. Ele não dirigia o carro.

Peter está deitado de bruços no chão, não consigo ver se ele está consciente, mas pelo jeito que se encontra imóvel no chão, meu sobrinho não está nada bem. Olho para cima, Gilles está sentado em um dos degraus com os olhos inchados e com o rosto cheio de hematomas, sua cabeça está escorada na parede, fraco demais para mantê-la erguida.

— Não me importo, ele estava com vocês, então mesmo que não tenha culpa, ele vai morrer. — Katie rosna e golpeia com tudo as costas de Peter, que choramanga de dor, com agilidade destravo minha pistola, miro na mão de Katie e quando ela levanta o bastão de beisebol para golpear Peter novamente, eu atiro, fazendo-a soltar com um grito o bastão. Ela se inclina segurando a mão esquerda ensanguentada.

— Parada Katie, você está sendo presa por assassinato e tentativa de homicídio, — vários policiais a cercam e apontam os fuzis em sua cabeça, ela vira a cabeça lentamente e me encara furiosa e ao mesmo tempo indiferente. — Você tem o direito de permanecer calada ou tudo o que disser poderá ser usado contra você no tribunal. — Dou um passo à frente, tiro minhas algemas do bolso da calça e encaro-a. — Eu te peguei! — Digo algemando suas mãos.

— Seu DESGRAÇADO! — Grita vindo na minha direção, mas é rendida pelos policiais que estão em sua volta. — Me solta, eu não terminei! — Katie se debate, ignoro seu protesto e vou até Peter.

Agacho na sua frente, temendo o pior, ele está desacordado, coloco meus dedos no seu pescoço, procurando seu pulso e respiro aliviado quando encontro.

— Pobre rapaz! — Balbucio, fui um escroto com esse garoto e com meu irmão, me arrependo tanto...

Engulo a emoção quando ele geme abrindo seus olhos, ele é a cara de Charlie. Coloco minha mão no seu ombro para tranquilizá-lo. Peter arregala os olhos ao escutar a voz de Katie, olho para cima e aponto para fora com meu queixo.

— Tire-a daqui agora e chame uma ambulância, temos dois feridos.

Dylan tira Katie aos protestos do colégio e olho para Rose e Willy socorrendo Gilles. Volto a encarar Peter que me fita com atenção.

— Fique tranquilo, garoto, — digo segurando sua mão trêmula e escutando-o chorar baixinho de dor — acabou. Tudo está acabado.



Acordo com uma baita dor de cabeça e com um sentimento ruim no peito, me sufocando. Levanto da cama e caminho até o banheiro, um pouco sonolenta. Não consegui falar com Peter ontem à noite, liguei para ele algumas vezes e mandei mensagens, mas não obtive resposta, acho que deve ter dormido.

Pego a pasta de dente e começo a escovar meus dentes me encarando pelo espelho. Estou um caco hoje! Inspiro fundo, cuspo a pasta na pia, enxágua a boca e lavo meu rosto, tentando aliviar a tensão que estou sentindo sem saber o porquê.

Papai disse que não vai me deixar voltar para o colégio e não falou mais nada, tenho certeza que ele está planejando me levar embora. Mas não vou ficar pensando nisso ou tirar conclusões precipitadas, talvez irá apenas me mudar de colégio.

Prendo meus cabelos, volto para meu quarto, pego o iphone e tento falar com Peter, envio uma mensagem e ligo, mas nada de resposta. Sento na cama encarando o celular. Por que será ele não atende? Já são nove da

manhã, não é possível que ele ainda não tenha acordado!

Inspiro fundo e expiro lentamente, vou tentar novamente mais tarde. Chamo Dean quando abro a porta para descermos e tomar nosso café da manhã, ele ergue a cabeça e me segue, esse cachorro está cada dia maior, Dean está parecendo um Labrador.

Pico algumas frutas para ele e coloco em sua vasilha, pego uma caneca com leite e me sento à mesa, nem papai e nem Ellen parecem estar em casa. Fico encarando o bolo à minha frente, hoje o dia amanheceu tão esquisito e silencioso.

Cansada de encarar o bolo, corto uma fatia e coloco no meu prato, me forço a comer, mesmo sem fome e aflita. Dou um gole no meu leite para ajudar a descer o bolo, hoje é o resultado do DNA, o que me deixa ainda mais nervosa.

Escuto alguém abrir a porta, Ellen entra com algumas sacolas do supermercado, mas é seu rosto que me deixa paralisada e assustada com o coração acelerado. Ela está um pouco pálida e com os olhos assustados. Ellen inspira, coloca as compras no balcão, suspira e me encara.

Um arrepio percorre minha espinha, será que papai não é meu pai de verdade? Será que sou filha do Bryan? Engulo em seco, sentindo meu corpo gelado.

— É... — Ellen limpa a garganta e desvia seus olhos dos meus. É uma notícia ruim, tenho certeza, porque se fosse algo bom, ela não estaria relutante.

— O que foi?

— Peter está no hospital. — Meu coração começa a bater tão forte que sinto meu peito doer, estou congelada olhando para Ellen, não consigo nem

respirar. Como assim no hospital? — Ontem à noite ele foi atacado no colégio pelo assassino dos bolsistas, o estado dele é grave.

Minhas mãos começam a tremer, sinto um nó na minha garganta e meus olhos queimam. Estado grave? Meu Peter? Meu nerdzinho? Balanço a cabeça de um lado para o outro, não pode ser, isso deve estar errado, ele é forte, já passou por tantas coisas, Peter não vai morrer assim.

— Eu... — Engulo o choro e pisco várias vezes para limpar minha visão. — Estado grave? — Minha voz sai fraca e trêmula.

— Uma costela dele foi quebrada e acabou perfurando seu pulmão, seus hematomas são graves, ele está muito debilitado.

— Hematomas?

— Ele caiu da escada fugindo da assassina, e ela ainda o espancou.

Meu Deus!

Solução por causa do choro e levo as mãos à minha boca para tentar abafar o barulho agonizante que sai da minha garganta, mas a única coisa que eu quero, é que tudo seja mentira, que meu Peter esteja bem e que nada disso aconteceu com ele.

Entretanto, as palavras de Ellen ficam batendo na minha mente, olho para ela através das lágrimas.

— Assassina?! — Ela assente e respira fundo.

— É a Katie, Mariana. — Arregalo os olhos e prendo minha respiração.
— A assassina que matou os bolsistas e Francine, é a Katie Becker, sua amiga.

Você alguma vez já sentiu seu mundo desabando debaixo dos seus pés? Eu nunca tinha passado por isso, e nesse momento o que sinto é uma pressão insuportável no meu peito, não sinto o chão e é como se eu estivesse

pendurada em um abismo prestes a cair, as paredes ao meu redor parecem se encolher, me esmagando e tirando todo o ar dos meus pulmões.

Katie é a assassina?! A Serial Killer?! Meu Deus!

Meu cérebro grita, pedindo desesperadamente que isso seja mentira. Ela dormiu aqui noites atrás, na minha cama, debaixo do meu teto. Ela dormiu aqui!

Começo a balançar a cabeça de um lado para o outro. Katie andava comigo, eu estava gostando mais daquela garota, do seu sorriso e de sua falação. Nunca imaginaria que ela seria tão... Que seria um monstro sem escrúpulos.

Lágrimas escorrem pelo meu rosto, ela andava o tempo todo comigo, trocávamos algumas confidências, era chata algumas vezes, mas estávamos nos dando bem, nunca que iria suspeitar dela, no entanto, eu deixei muitas informações passarem.

Lembro-me que ela havia me revelado que seu pai morreu há três anos atrás, e ao mesmo tempo ficava me jogando contra Peter de um jeito discreto, isso me deixava desconfiada, não só do Peter, mas do Trio, Katie queria que eu odiasse eles e me afastasse. Eu convivi com ela diariamente, no colégio, fora do colégio, na minha casa e até saímos algumas vezes, e em todo instante eu estava ao lado de uma psicopata.

— Eu... — Enxugo minhas lágrimas. — O que aconteceu?

— O detetive chegou a tempo de impedir que ela matasse Peter e Gilles. — Coloco meus cotovelos na mesa e encosto minhas mãos na boca.

— Gilles?! — Pergunto em um sussurro.

— Eles estavam juntos, não sei muito, porque meu colega não sabia da história completa, mas ele me disse que... — Ellen se cala e olho para ela. —

Peter é inocente, Mariana, não foi ele que estava dirigindo o carro, e as drogas que encontraram com Charlie não eram dele, ambos são inocentes.

— Eu sempre soube que Peter não era o culpado. — Digo através dos soluços do meu choro. — Quem foi?

— Jimmy. — Encaro Ellen em choque. — Jimmy é um traficante, foi ele quem colocou as drogas que encontraram com Charlie para incriminá-lo e foi ele que estava dirigindo o carro na noite do acidente.

— Jimmy?! — Sussurro incrédula.

— Ele foi preso pelo Trump e será julgado. — Assinto me levantando com dificuldade.

— Vou me arrumar. — Digo mordendo meu lábio inferior, segurando o choro preso na garganta.

— Aonde você vai? — Pergunta Ellen vindo atrás de mim.

— Preciso ver o Peter. — Ellen segura meu braço esquerdo com delicadeza, meu peito está doendo demais e o choro que estou segurando está me sufocando.

— Ele está na UTI... — Mordo com mais força meu lábio inferior, não posso desabar agora, Peter ainda está vivo. — Ei... — Ellen me faz virar e encaro-a através das minhas lágrimas. — Ele só poderá receber visitas depois das três da tarde. — Assinto querendo me trancar no quarto. — Oh meu amor!

Ellen me puxa e me aninha em seus braços, não consigo mais segurar, então permito que o choro e o desespero me consumam, porque nesse momento não quero me sentir forte, quero cair no abismo e pela primeira vez em dezessete anos, minha mãe é quem está me amparando.

Choro por medo de perder meu nerd, não posso imaginar tudo o que ele

passou enfrentando aquela lunática maluca de merda. Rodeio meus braços em volta de Ellen e a sinto me apertar, protegendo-me de todo mal, me confortando e me acalmando, nunca pensei que por estar nos braços da minha mãe tornaria mais fácil lidar com os problemas do que sozinha.

— Peter é forte, vai sair dessa. — Sussurra no meu ouvido, assinto através do choro. — Agora se acalme e vamos esperar até o horário de ir visitá-lo, não sofra antes, ok?

— Tudo bem! — Ellen me afasta, limpa minhas lágrimas e me encara.

— Seja forte, por você e por ele.

Inspiro fundo e limpo meu rosto, não vai adiantar nada eu ficar chorando, isso não vai fazer Peter melhorar, e com o coração aflito e preocupado, espero até poder visitar meu nerd onde quer que ele esteja.



Não sei por quanto tempo fico sentada na escada encarando a porta, contando os minutos e os segundos até dar a hora de visitar Peter. Ellen tenta me fazer comer alguma coisa, mas é em vão, não consigo engolir nada.

Vejo a porta ser aberta e papai entrar por ela, vestido com terno e gravata, está com um ar pensativo, acho que estava em uma reunião de trabalho, mesmo estando longe do Brasil e da empresa, ele nunca larga o trabalho, sempre mergulhado em suas obrigações.

Seus olhos se fixam nos meus que imediatamente se enchem de lágrimas, Alexander franze as sobrancelhas, respira fundo e se aproxima,

agachando na minha frente. Papai não diz nada, apenas me leva para seu peito e me segura firme, seu cheiro e calor é tudo o que mais ansiei desde o momento que soube do Peter.

— Ellen ainda não teve notícias dele, pai. — Choramingo sentindo seu peito subir e descer enquanto respira.

— Ele está bem, meu bebê. Hospitais são péssimos informantes, ainda mais quando a pessoa está em um estado mais delicado.

— E se...

— Ele não vai!

— Estou com medo... — Papai intensifica o abraço e beija o topo da minha cabeça.

— Eu sei que está. — Fala me afastando. — Agora suba e vá se arrumar, está quase na hora de você ir visitá-lo. — Assinto e subo as escadas para eu me arrumar, escuto papai conversar com Ellen, mas não presto atenção, quero ir ver Peter o mais rápido possível.

Ellen não soube nada do Gilles, o que me deixa muito preocupada, pois, apesar de ter sido um babaca, ele se mostrou arrependido e uma boa pessoa. Gilles é apenas um jovem perdido nessa vida, que precisa de amigos e de uma pessoa que demonstre estar ao lado dele.

Respiro fundo e desço pronta para ver meu nerd, quando olho para sala meu coração entra em desespero, Bryan está sentado no sofá encarando meu pai encostado na parede com os braços cruzados, como sempre calmo, mas eu sei que por dentro Alexander está furioso e cheio de ódio.

Ellen me olha preocupada e com impaciência, um sentimento que eu compartilho perfeitamente com ela, mas que merda... O que Bryan faz aqui agora?

Ele se levanta e sorri para mim com um sorriso forçado, essa cena de querer ser pai não me convence, pois vejo que seus olhos dizem outra coisa, e o que ele fez no carro comigo aquele dia, eu não me esqueci e jamais vou esquecer.

— Está pronta? — Pergunta papai desencostando da parede.

— Mariana? — Olho para Bryan — Queria te convidar para irmos tomar um sorv...

— Não vai dar, tenho compromisso agora. — Digo seca e sigo em direção à porta.

— Eu posso te levar. — Insiste, nego com a cabeça e abro a porta.

— Obrigada pela oferta, mas meu pai e minha mãe irão me levar.

— Eu sou seu pai, então eu faço isso. — Olho para ele queimando de ódio, será que ele nunca vai parar?

— Bryan, agora não! — Interrompe Ellen.

— Quando então? — Diz ficando alterado. — Vocês só podem estar de brincadeira comigo! — Resmunga me irritando.

— Olha, Bryan... — Começo com minha voz mais alta. — Peter está no hospital e eu estou indo vê-lo, então se você puder ter um pingão de compaixão, por favor, vá embora.

— Compaixão? — Ele ri e me olha com indiferença. — Eu não sei o que aconteceu e não me importo, quero ficar com a minha filha e é isso que eu farei. — Fala vindo em minha direção, sinto minhas mãos começarem a tremer, mas papai bloqueia sua investida e o encara furioso. — Eu nunca permiti que ela namorasse com aquele bastardo.

— Você não tem que permitir nada, até o momento eu sou o pai dela e eu que cuido da vida dela, então não me venha com essa autoridade de bosta

para mandar em *minha filha*. — Bryam rosna de raiva e me encara.

— Eu n...

— Tenha respeito e se manda, antes que eu te tire daqui a força. — Papai ameaça, Ellen me puxa para sair da porta e me segura.

— Bryan, — Ellen respira fundo — você está passando dos limites, então por gentileza, queira se retirar da minha casa.

Bryan olha para ela furioso e depois para meu pai, ele respira fundo, alisa sua barba rala e assente, tentando ao máximo se controlar.

— Vocês estão dificultando minha convivência com minha filha.

— Acho que você mesmo está fazendo isso. — Retruca papai saindo da frente de Bryan. — Você está se complicando a cada dia, por que esse desespero, Bryan? — Pergunta pegando seu paletó estendido na cadeira e vestindo-o. — Esse seu comportamento está me deixando curioso.

Bryan parece congelar no lugar, suas mãos se fecham em punhos e seus olhos se fixam em mim por alguns segundos.

— Precisamos ir, Bryan. — Comunica Ellen pegando a chave da casa e me empurrando para fora. — Não temos tempo para seus dramas. — Papai sai e espera por Ellen que está com a porta aberta esperando Bryan sair.

— Esse cara está me dando nos nervos. — Sussurra caminhando em direção ao Cadillac e abre a porta para que eu entre.

— Ele é um entijo. — Digo fazendo papai rir.

— Não tenha dúvidas.

Ellen vem logo em seguida com Bryan atrás, ele passa direto e vai em direção à sua caminhonete com o rosto vermelho de raiva. Papai abre a porta para Ellen, quando ela senta, solta a respiração de alívio e me olha pelo retrovisor.

— Agora podemos ir ver seu namorado.

— Ele não é meu namorado. — Respondo tristonha, Ellen arqueia a sobancelha direita e papai dá partida no carro.

— Como assim?

— Ele não me pediu em namoro.

— Por quê? — Pergunta papai focado na direção.

— Não sei. — Dou de ombros. — Você é homem, deveria saber essa resposta. — Escuto papai rir junto com Ellen.

— Se não pediu você em namoro ainda, acredito que não esteja preparado para dar esse passo tão importante.

— É... Talvez...

Recosto a cabeça no banco e fico em silêncio pelo resto do caminho, pensando em Peter e reprimindo o medo que estou sentindo. Papai para o carro no estacionamento do hospital, desce abre a porta para mim, eu demoro alguns segundos para sair, minhas pernas estão bambas demais. Respiro fundo e saio do carro, Ellen nos guia para dentro do hospital. Fico impressionada com o quanto é bonito e organizado, me sinto dentro do seriado Chicago Med – que inclusive, sou viciada. Papai me olha e sorri, pensando no mesmo que eu, deslumbrado, afinal, não se compara aos hospitais que temos no Brasil.

Ellen para na recepção e pede informações, a enfermeira explica o caminho que devemos seguir. Papai me apoia e Ellen lidera o caminho.

Enquanto caminho pelos corredores, penso em tudo no que eu e ele vivemos nesses cinco meses juntos, passou tão rápido, parece que foi ontem que eu cheguei em Sacramento, com tanta raiva do meu pai por ter me enviado, e por Ellen ter me abandonado, nunca imaginei que a minha vida

teria tantas reviravoltas.

— Julie? — Ellen chama a mãe de Peter que está sentada em uma sala de visitas com a cabeça baixa. Ela se vira e nos encara com os olhos vermelhos. A senhora que me deu Dean está ao seu lado, segurando sua mão.

— Ellen?! — Julie se levanta e aproxima. — É você?

— Sim! — Ellen responde dando um abraço em Julie.

— Como você está? Eu nunca mais te vi.

— Estou bem... — Ambas engatam em uma pequena conversa e sinto papai pressionando sua palma da mão nas minhas costas com mais força.

Olho para ele e franzo o cenho, Alexander está olhando fixamente para Julie enquanto ela conversa com Ellen, assisto seus olhos descerem pelo corpo da mãe de Peter, analisando-a com cuidado e curiosidade.

— Ela é cigana. — Sussurro quebrando seu momento de avaliação.

— Quê? — Pergunta confuso me olhando.

— A mãe de Peter é cigana. — Papai fica me encarando por alguns segundos, assente e volta a olhar para Julie um pouco mais admirado, curioso e instigado pela cigana à sua frente.

Sorrio de leve e observo Julie conversar com Ellen, como amigas que não se veem com muita frequência. Meus olhos descem para suas roupas, tão lindas, extravagantes e sensuais, entendo agora o porquê papai ficou tão hipnotizado observando-a.

Julie está vestindo uma saia vermelha rodada até os tornozelos e com várias moedas ao redor da cintura, está de rasteirinha e tornazeleira de ouro e prata. Sua blusa bege realça seus seios e cintura, mas não de um modo vulgar, mas sedutor, delicado e comportado.

Ela sorri e nos olha finalmente, seu rosto é delicado, seus cabelos

vermelhos idênticos ao do filho reluz com as luzes do hospital, Julie também usa algumas moedas presas no cabelo, um brinco de pena e várias pulseiras. Ela caminha em minha direção e me abraça apertado, retribuo sentindo seu cheiro delicioso e adocicado.

— Você veio... — Diz com a voz trêmula e baixa. — Fico feliz por te ver aqui, Mariana.

— Ele está bem? — Ela se afasta, acaricia meu rosto e assente.

— Está no quarto duzentos e sessenta. — Revela apontando para o quarto. — Ele vai ficar feliz em vê-la. — Assinto, olho para papai que me dá um pequeno aceno, respiro fundo e caminho até o quarto do Nerd.

Escuto Ellen apresentar meu pai a Julie e a avó dele que se manteve calada o tempo todo. Paro em frente ao seu quarto, olho para o lado e noto que papai ficou mais afastado, encostado na parede e observando Ellen, Julie e a senhorinha conversarem. Ele está inerte em seus pensamentos, desvio meus olhos e seguro a maçaneta.

Respiro fundo, abro a porta com cuidado e entro no quarto, está um pouco gelado. Fecho a porta sem fazer barulho e me encosto nela, analisando cada detalhe, principalmente Peter.

O quarto é todo branco, não tem muita coisa, apenas um sofá preto, aparelhos médicos, duas cadeiras e uma cama, onde Peter está deitado com os olhos fechados, pulsos enfaixados e com o tornozelo engessado. Levo a mão à boca abafando meu choro.

Ele está tão machucado...

Forço-me a dar um passo à frente, minhas pernas estão bambas, mas mesmo assim eu consigo me aproximar de Peter. Com cuidado, seguro sua mão direita e fito seu rosto, tem cortes por todo ele e alguns pontos na testa.

Como aquela garota pôde fazer isso com meu nerd?

— Ei... — Sussurro acariciando seus cabelos vermelhos. — Eu não consegui te proteger... — Umedeço meus lábios e assusto com o barulho dos aparelhos que contam os batimentos de Peter. — Você está péssimo. — Murmuro com a voz trêmula. — Você vai ficar bem, não vai? — Soluço e fecho meus olhos, permitindo que as lágrimas escorram pelo meu rosto, vê-lo nesse estado me deixa tão quebrada. Me sinto inútil por não poder fazer nada para tirar seu sofrimento.

— Claro que vou! — Assusto com sua voz baixa e pesada, abro os olhos e congelo vendo-o acordado.

— Você acordou... — Peter assente levemente e aperta minha mão.

— Não chora... — Sussurra. — Não vou morrer. — Sorrio limpando minhas lágrimas.

— Se você morrer, eu te mato, Nerdzinho. — Brinco tirando um sorriso de seus lábios machucados, ele geme de dor e pisca um pouco pesado.

— Ver você triste me dói.

— Ver você machucado me quebra.

Peter fica me encarando por alguns segundos sem desviar, ele assente e puxa de leve minha mão.

— Venha, deite-se aqui comigo, preciso ser mimado, passei por muitos perrengues. — Sorrio e me ajeito ao seu lado, deito a cabeça no seu braço e fico encarando seus olhos azuis.

— Como ela te atacou? — Ele respira fundo.

— Gilles foi na minha casa bêbado e drogado, falou um monte de coisas sem sentido e depois disse-me que precisava ir ao colégio esconder as drogas que estavam lá.

— E você o seguiu? — Peter assente e beija de leve minha testa.

— Tinha que ajudá-lo... — Encosto minha testa na sua e ficamos em silêncio por alguns segundos.

— Estava com medo de te perder. — Confesso, Peter acaricia minha bochecha com sua outra mão.

— Eu imagino...

— Ellen falou que seu estado era grave e que estava na UTI, mas você está melhor... — Ele assente limpando uma lágrima solitária que escorre do meu olho.

— Sai hoje de manhã, estou fraco, dolorido e um pouco zozinho, mas vou sobreviver.

Suspiro de alívio, ergo minha mão e coloco-a em sua bochecha, sentindo seu calor.

— Deve ter sido horrível! — Ele assente fechando os olhos. — Está com sono? — Peter balança a cabeça e me abraça apertado, como se estivesse com medo de que eu fuja.

— Um pouquinho, preciso descansar... — Peter geme de dor quando tento me mexer, paraliso e assisto seus lábios se esticando em um sorriso preguiçoso, relaxo em seus braços encostando meus lábios nos seus.

— Vou cuidar de você, meu nerd. — Sussurro enquanto sinto-o pegar no sono.

Respiro fundo, durante uma hora fico observando-o dormir nos meus braços. De vez em quando, ele geme de dor, mas logo volta a dormir pesado novamente. Acaricio seu rosto, o amando ainda mais do que ontem.

Espero nunca mais sentir esse medo de perdê-lo outra vez, sei que somos jovens e com um futuro incerto, mas prefiro mil vezes ver Peter com

outra garota, do que morto sem nunca mais poder vê-lo de novo.

Com cuidado, saio dos seus braços e fico diante de sua cama, inclino e lhe dou um beijo leve na boca, me despedindo sem precisar acordá-lo, porque agora eu sei que ele ficará bem.

Fecho a porta do quarto quando saio e fico encarando-a. Olho para meu lado esquerdo e não vejo ninguém, acho que devem ter ido para algum lugar, mordo meu lábio inferior e olho para o lado direito. No fim do corredor, avisto um policial fazendo guarda, o notei quando cheguei, mas não dei muita importância, pois estava preocupada demais com Peter, mas agora sei muito bem porque dele estar ali.

Inspiro e começo a caminhar em direção ao guarda, porque ali, dentro daquele quarto, está a pessoa mais sem escrúpulos e doentia que eu conheci na minha vida, sinto a necessidade de conversar com ela, de ter certeza que tudo isso é real.

O policial me encara com a testa franzida, ele não se move e não fala nada. Olho para os lados e para trás, não há ninguém aqui.

— Eu quero conversar com ela. — Digo, ele apenas nega com a cabeça.

— Ninguém é autorizado a entrar, senhorita. — Responde com uma voz plausível.

— Ela é minha amiga, tenho esse direito.

— Ela é uma criminosa e muito perigosa, está sob escolta policial, não posso permitir sua entrada.

Droga...

— Deixe-a. — Olho para trás ao escutar a voz de Trump. — Se não fosse por essa garota, não teríamos chegado a tempo de salvar os garotos. —

Diz para o policial. — Katie está algemada, não vai fazer nada com ela.

— Ela vai ficar aqui? — Pergunto com cautela. — Katie tem que sair de perto de Peter, se ela quer tanto matá-lo, não é uma algema que vai segurá-la, não depois de tudo o que fez.

— Iremos transferi-la para um centro psiquiátrico, até saber a sentença do juiz. — Assinto, realmente ela tem que ficar em um hospício, pessoas como ela não podem viver livres na sociedade.

— Onde está Gilles?

— Está no trezentos e seis. — Assinto, será que ele está bem? — Ele vai ficar bem. — Responde já prevendo minha pergunta. — Agora vá fazer o que pretende, temos que levá-la daqui uma hora.

Encaro o rosto do detetive e agradeço com um aceno de cabeça, ele retribui. O Policial dá um passo para o lado permitindo minha entrada, e antes de entrar, inspiro tomando coragem para enfrentá-la.

Entro no quarto e olho direto para cama. Katie está sentada me encarando com indiferença, sua mão esquerda está enfaixada e algemada na cama. Fecho a porta atrás de mim e me aproximo com cautela.

— O que está fazendo aqui? — Pergunta com agressividade, dou de ombros e me sento na cadeira ao seu lado.

— Vim te ver. — Respondo me inclinando e sustentando meus antebraços nos joelhos, fitando minhas mãos. — Ainda não consigo acreditar que você é...

— Um monstro? — Levanto minha cabeça e olho para seus olhos frios, nunca os vi desse jeito, ela soube esconder sua verdadeira face perfeitamente.

— Sim, um monstro. — Ela sorri de lado. — O que você ganhou com tudo isso? — Katie desvia dos meus olhos, encara a parede e dá de ombros.

— Por que você colocou a cabeça da Francine no meu armário, Katie?

Ela volta a me olhar e inclina a cabeça.

— Queria um pouco de diversão. — Responde indiferente, meneio a cabeça e suspiro.

— Jimmy foi preso. — Seus olhos brilham. — Você também vai ser, e poderá pegar pena perpétua. Você pode nunca mais sair da prisão se provarem que você é um perigo para a sociedade, ou podem te internar em um centro psiquiátrico.

— Não sou louca... — Sussurra entre os dentes.

— Então eu te pergunto. — Katie me fita com intensidade. — Valeu apenas tudo o que fez? Para no fim viver trancada em uma jaula feito um animal?

Ela fica me encarando, não desvio do seu olhar frio, cruel e desalmado, como pode uma garota cheia de vida e beleza se tornar isso? Katie umedece os lábios, mas não diz nada, o seu silêncio é tudo o que recebo.

— Eu não te odeio, Katie. — Digo chamando sua atenção. — Eu apenas sinto por tudo o que teve que viver. — Levanto e sorrio de leve. — Eu te desejo sorte, você vai precisar.

Dou as costas, caminho até a porta e quando rodo a maçaneta, Katie me chama, olho para ela e vejo um brilho diferente em seu olhar.

— Não preciso da sua pena. — Rosna se alterando, meneio a cabeça negativamente.

— Não é pena, Katie, é desejo sincero de uma pessoa que te considerava uma amiga. — Minhas palavras parecem ter lhe afetado, ela abre a boca para falar, mas no final, prefere se calar. — Adeus, Katie.

Saio do quarto com meu coração mais aliviado, sei que não posso

mudar sua natureza e tudo o que fez, mas minhas palavras foram sinceras, espero do fundo do meu coração que ela se arrependa e se torne uma pessoa diferente, pois de agora em diante, sua vida não vai ser fácil.

Caminho em direção ao quarto de Gilles, preciso ver como ele está. Paro em frente ao quarto 306, ninguém está por perto e o seu corredor é o mais quieto de todos, abro a porta e entro com cuidado, a luz baixa do quarto deixa-o mais sombrio, não há ninguém aqui com ele, Gilles está sozinho.

Me aproximo da sua cama e seguro sua mão. Um nó se forma na minha garganta ao vê-lo entubado e com vários aparelhos, pensei que ele estaria bem e não em um estado tão delicado. Aperto sua mão e acaricio seus cabelos, seu rosto tem vários hematomas, olho para seus braços, eles têm várias marcas de agulhas e os furos estão arroxeados. Vendo-o assim me dá uma vontade absurda de chorar, eu não quero que ele morra.

Escuto alguém abrir a porta e olho para trás, Julie entra e sorri para mim. Ela se aproxima e para do outro lado de Gilles, alisa seus cabelos e suspira comprimindo seus lábios rosados.

— Sempre tive pena desse garoto. — Fala baixinho sem tirar os olhos dele. — De todos os anos que passou ao lado de Peter, ele sempre foi o mais perdido do trio. — Ela puxa a coberta para cobri-lo melhor. — Eu sempre observava ele à distância, Charlie também, apesar de toda essa briga de irmãos, Gilles nunca teve um amor de pai e mãe, diferente de Jimmy, que teve um pai que fazia de tudo por ele.

— Ele vai ficar bem? — Pergunto ainda segurando sua mão.

— Quem sabe? — Ela se senta na beira da cama e vira a palma da mão dele. — Se ele quiser acordar e enfrentar a vida, vai superar todos seus obstáculos e se tornará um grande homem, com um coração quebrado, porque o que fizeram com ele nunca terá cura. — Julie alisa a palma da mão de

Gilles e sorri. — Ele e Peter serão grandes homens. — Murmura.

— Você vê o futuro? — Ela me olha e inclina a cabeça de lado.

— Eu vejo o que o destino me mostra, mas o futuro é incerto, pode mudar de uma hora para a outra. — Responde encarando Gilles. — Os pais dele não vieram.

— Eles sabem que ele está aqui? — Julie assente.

— Horas antes de tudo acontecer, Gilles foi em casa procurando Peter, disse que o pai dele o expulsou da casa. — Ela suspira e meneia a cabeça. — Tão triste ver que existem pais desse jeito, que desistem de lutar por seus filhos.

— Então quem está cuidando dele? — Julie me olha e sorri.

— Eu vou cuidar desse garoto. — Revela me surpreendendo. — Ele precisa de alguém do seu lado para conseguir superar todas essas dificuldades, ficarei encarregada disso.

— Você tem um belo coração.

— E você um belo pai. — Solto uma risada e fico olhando-a, enquanto levanta, pega um pano úmido e coloca na testa de Gilles.

— Você acha que ele vai querer acordar? — Ela balança a cabeça negativamente e me encara com um olhar triste.

— Vamos rezar para que sim. — Assinto e volto a olhar para Gilles.

— Meu sonho é vê-lo bem e longe das drogas. — Digo com minha voz trêmula e segurando as lágrimas.

— Seu sonho será realizado, vamos esperar o tempo dele, talvez Gilles só precise de um descanso.

— E quando ele acordar? — Umedeço meus lábios e acaricio sua mão.

— Eu e Peter estaremos aqui para ele.

— Gilles salvou o Peter? — Julie me olha e nega com a cabeça.

— Meu filho que o salvou.

Respiro fundo sentindo meu coração apertado, Peter é um herói, mesmo depois de tudo o que passou com Gilles, ele ainda perdoou e salvou seu primo, e por isso, ambos merecem o melhor dessa vida. Irei rezar e torcer para que Gilles acorde e vença todos os seus obstáculos, como um guerreiro que será a partir de hoje.

Julie começa a cantar, acredito que seja uma música cigana, escuto-a comovida com meu choro preso na garganta. O pai de Gilles fez tanta maldade com seu marido e ainda assim, escolheu cuidar do filho que ele abandonou. Seu coração é muito mais puro do que imaginei, só espero que Julie e sua família sejam felizes.

Saio do quarto sem fazer barulho, deixando-a cuidando e confortando Gilles, volto para o quarto de Peter, pois agora preciso cuidar do meu nerd e me despedir sem que perceba, porque mais cedo ou mais tarde irei embora, então vou aproveitar cada segundo que tenho com ele e esperar a palavra final do meu pai.

Por esse motivo que não quero pensar no ontem e nem no amanhã, apenas no agora, e o meu agora é Peter Mackenzie.



Puxo meu pulso com raiva e ódio, mas a merda da algema me impede de me soltar e ainda espalha uma dor terrível pelo meu braço devido aos pontos que levei por causa da bala que o detetive me acertou.

Deito minha cabeça no travesseiro e fito o teto branco, Mariana só veio para rir da minha cara, dizer o quanto sou uma fracassada e que nadei e nadei para morrer na praia. O assassino do meu pai continua vivo, sei que agora vai pagar pelo que fez na cadeia e não pelas minhas mãos, isso me deixa frustrada e com raiva.

EU NÃO SOU UMA PERDEDORA!

Inspiro fundo, preciso pensar em alguma coisa, um plano para me livrar, porque eu não vou viver o resto da minha vida presa em uma gaiola feito um animal, não vou!

Escuto alguém abrir a porta, Trump entra com dois policiais e se aproxima.

— Hora de ir, Katie. — Diz algemando minhas mãos antes de soltar a

outra algema. — Já temos um lugar para você.

Respiro fundo e assinto me levantando da cama. Sou escoltada para fora por dois policiais e enquanto caminho pelos corredores, assisto minha vida passar como um filme em minha cabeça.

Sempre busquei algo para me completar, nada era suficiente e tudo era insignificante, apenas ele era tudo para mim, me fazia entender as coisas. Seu sorriso me vem à mente e sinto meu peito apertar.

Peter está certo, tudo o que papai me ensinou ficou esquecido, eu me tornei o que ele mais temia, um monstro, uma vergonha, um fracasso, mas não consigo me ver vivendo sem ele ao meu lado, esses três anos eu tive um único objetivo, ir atrás daqueles que mataram papai, fiz tudo o que podia e falhei.

E agora? O que eu faço agora?

Não tenho mais um rumo, não tenho mais o meu pai, tudo o que eu fiz não trouxe ele de volta, só me sinto ainda mais perdida, sem rumo, sozinha sem um caminho a seguir e sem conseguir sentir e entender nada.

Eu sou um perigo, isso eu não posso negar. Minha vontade de matar e torturar é maior do que qualquer coisa, como irei fazer para seguir em frente? Por que sou tão fria assim? Olho para as pessoas que passam nos corredores, elas me encaram com pena, horror e pavor, é monstruoso saber que uma garota de dezoito anos matou cruelmente mais de dez pessoas, que de um jeito ou de outro, poderiam ser os seus filhos.

Abaixo minha cabeça e observo minhas lágrimas caírem no chão, nunca chorei, mas porque estou chorando pela segunda vez? Queria tanto chamar meu pai e perguntar-lhe o porquê eu fiz o que fiz, queria saber o porquê de não conseguir sentir nada de amor no peito e porquê matar é tão ruim assim?

Levanto a cabeça e observo uma mulher abraçando outra, chorando nos braços dela ao lado de um corpo coberto por um pano, enquanto enfermeiros e médicos ficam um pouco distantes com a cabeça baixa.

Será que um dia alguém vai chorar por mim?

Paramos em frente ao elevador e o detetive aperta o botão para ele descer. Olho para a mão do policial à minha esquerda segurando meu braço e discretamente encaro o da minha direita que me soltou.

É a minha chance!

Sorrio friamente, respiro fundo enchendo meus pulmões de ar e com toda a força que eu tenho, piso no pé do policial à minha esquerda, que solta de imediato meu braço e grita de dor. Rotaciono meu corpo e com impulso, acerto o nariz do policial à minha direita, ele se inclina com um rosnado e leva a mão para estancar o sangramento. Trump se vira imediatamente, mas não é rápido o suficiente para desviar do meu chute em sua barriga.

Ele cai de joelhos com falta de ar, dou um passo para trás me preparando para correr, mas um dos policiais me puxa pela blusa, ergo minhas mãos entrelaçadas e com as algemas acerto a lateral de sua cabeça, fazendo-o cambalear para trás, aproveito e saio correndo, empurrando as pessoas que entravam em meu caminho.

— Pega ela seu idiota. — Escuto o detetive amaldiçoando, olho para trás e os vejo vindo atrás de mim, volto a olhar para frente, porém, não consigo desviar a tempo e bato na parede, caindo com tudo no chão.

Meu corpo inteiro dói com o impacto, minhas vistas escurecem, balanço a cabeça de um lado para o outro, não posso desmaiar e muito menos deixar que me peguem. Levanto com dificuldade, um dos policiais me alcança, mas impeço que me segure chutando e acertando no meio de suas pernas, rotaciono meu corpo e dou um chute em sua cabeça, fazendo com que

caia tonto no chão, ele se contorce e geme.

Volto a olhar para frente e não espero que o detetive e o outro policial chegue muito perto, saio correndo, passo pelos corredores, escorrego, esbarro em algumas pessoas, mas não paro e muito menos deixo que cheguem perto de mim.

— KATIE... — O detetive grita com raiva. — É melhor você parar.

Não é melhor nada! Penso e entro em um corredor mais escuro e silencioso, avisto uma escada e com minhas mãos algemadas começo a subir, minha respiração está ofegante e já estou ficando cansada, entretanto, se eu parar será meu fim.

Um policial me alcança, o mesmo que machuquei o nariz, sinto suas mãos tentando me pegar pela blusa, mas viro com agilidade e empurro-o com toda minha força, ele cai e sai rolando escada abaixo, Trump me olha com os olhos arregalados e sorrio para ele, não espero por mais nenhum segundo e volto a subir as escadas.

Os anos na academia e em aulas de luta e defesa pessoal me ajudaram, não permitirei que me predam. Paro em frente a uma porta e torço para que esteja destrancada, ou então terei que enfrentar o detetive, que é mais alto e forte, não acho que teria essa vitória. Rodo a maçaneta e sorrio ao ver que está aberta, passo por ela e respiro o ar livre. Um vento forte bate em meu rosto, bagunçando meus cabelos, mostrando a liberdade que estou prestes a perder.

— Estou no terraço. — Sussurro andando até a beirada, me inclino na mureta e olho para baixo. — OIII... — Grito e solto uma risada escutando os ecos da minha voz.

As pessoas e carros estão em miniatura, tão insignificantes aqui de cima. Escuto o detetive passar pela porta e sem perder tempo, subo a mureta

com um pouco de dificuldade, fico em pé sentindo o vento no meu rosto e olho novamente para baixo.

É tão alto que se eu cair não há possibilidades de que eu sobreviva. Seria uma cena grotesca. Sorrio ao me sentir invencível, é até engraçado ver no que me tornei, uma Serial Killer, perigosa e temida por muitos. É legal... Fecho meus olhos e sinto meu rosto molhado, apesar tudo, eu não quero viver sendo um mostro, mas o pior é que não quero viver sem saber como será o meu amanhã, isso é tão assustador!

Eu não tenho mãe, perdi minha amiga... não tenho pai. Estou tão sozinha nesse mundo assustador que não me entende, que todas às vezes que penso nisso, fico ainda mais apavora.

— KATIE... — Abro os olhos ao escutar a voz de Trump. — Desce daí! O que você está fazendo? — Me viro com cuidado, ficando de costas para o abismo e encaro o detetive.

— Eu não vou ficar presa. — Digo com a voz trêmula. — Eu quero meu pai. — Sussurro através dos soluços.

— Ei garota... — Trump dá um passo à frente. — Desce e vamos conversar, ok? — Nego com a cabeça.

— Quero ser livre, quero sentir...

— Sentir o quê? — Pergunta com uma voz doce.

— Amor... — Falo chegando mais perto da beirada.

— Podemos te ajudar. — Balanço minha cabeça e encaro seu rosto apavorado e preocupado do detetive.

— Ninguém pode me ajudar. — Digo e respiro fundo. — O único que poderia está morto.

— Katie... — Olho para ele através das lágrimas.

— Ninguém consegue me entender...

— Podemos tentar. — Nego com a cabeça. — Você falou que não sente amor, mas o que sente ao pensar no seu pai? — Fico olhando para ele e refletindo sobre sua pergunta.

— Meu peito dói. — Digo meneando a cabeça. — Sinto um nó na minha garganta.

— Isso se chama saudade. — Franzo a testa sem entender. — É quando você ama alguém e fica longe dela, você sente saudade, o peito aperta e esse nó na garganta é tristeza.

— Amar?

— Sim, você ama seu pai, Katie, tenho certeza que quando você estava com ele, você sentia seu peito acelerar, ficava alegre e ansiosa para vê-lo novamente, sempre com um sentimento de nunca querer largar dele, estou certo? — Balanço minha cabeça positivamente, solto um soluço, porque era assim que sentia quando eu tinha meu pai. — Então querida, você sente amor. Isso é amor.

Será que é isso mesmo?

Engulo em seco e olho para baixo, para as pessoas e carros em miniatura, mas do que adianta eu amar alguém que morreu? Que não está aqui comigo? Porque eu tenho certeza que nunca serei capaz de amar outra vez. Onde será que papai está? Olho para cima, fitando o céu azul.

— Trump? — Abaixo a cabeça, olho para seu rosto escorrendo suor, ele meneia a cabeça. — Você acredita que existe o céu? Aonde dizem que pessoas boas vão?

— Sim, eu acredito! — Responde chegando mais perto com cuidado.

— Você acha que meu pai foi para o céu?

— Ele foi um homem bom, não foi? — Sorrio ao lembrar do seu rosto alegre e de como era carinhoso comigo.

— Foi...

— Então sim. — Soluço sentindo meu coração doer.

— Se eu morrer, eu vou para o céu? — Olho para ele através das lágrimas, vejo-o congelar, seu olhar vacila antes de responder.

— Acho que sim, você não é má, apenas errou. — Diz com a voz calma, sorrio e inspiro.

— Não quero viver como um monstro.

— Venha, desce, podemos te ajudar querida. — Nego com a cabeça, ninguém pode me ajudar.

— Vou me encontrar com meu pai no céu. — Digo dando mais um passo curto para trás. — Eu não quero viver sozinha...

— Você nã...

Fecho meus olhos e quando sinto o vento tocar meu rosto, me jogo do alto do prédio, escuto Trump me gritar, mas a única coisa que eu vejo é meu pai e me sinto feliz porque estarei em seus braços daqui a pouco. Abro os olhos pela última vez e vejo o céu azul me dizendo que nunca mais viverei sozinha, que nunca mais serei um monstro e que meu pai me espera...



Recosto a cabeça no encosto do carro e fico encarando a clínica, sem coragem de buscar aquele maldito exame. Ele ficou pronto um mês atrás, mas preferi estender para que Mariana ficasse mais tempo com Peter, olho para as passagens no banco do passageiro, temos apenas três dias para aproveitar antes de irmos embora.

Respiro fundo e abro a porta do carro, chega de espera, é hora de saber a verdade, até porque, não aguento mais Bryan indo atrás da minha filha. Caminho um pouco apressado, Ricardo já me espera com o resultado, não quis me revelar nada no telefone e ao escutar sua voz eu me senti muito inseguro.

Bato à sua porta e segundos depois ele a abre, me encara com a expressão ilegível, dá um passo para o lado para que eu entre. Escuto-o fechando a porta atrás de mim, vou até a cadeira e me sento, esperando o pior.

Ricardo senta à mesa e coloca dois envelopes lado a lado na minha frente. Engulo em seco, cruzo minhas mãos e olho para ele em busca de

explicação.

— Eu sei de tudo da sua vida, Alexander. E como somos melhores amigos eu vi como foi difícil criar aquela criança sozinho, mesmo distante, eu estava do seu lado. — Ele coloca os antebraços em cima da mesa e se inclina com os olhos fixos em mim. — Você sem dúvida é um grande homem, meu amigo.

— Você está me deixando nervoso. — Digo remexendo na cadeira.

— Aqui está o resultado do exame. — Revela colocando a mão no envelope esquerdo. — E esse aqui é uma escolha que deverá fazer.

— Então...

— Sinto muito... — Fecho meus olhos e sinto toda a dor me consumir. — Mariana não é sua filha.

Mordo meu lábio inferior e sinto meus olhos queimarem, meu queixo treme e meu mundo desaba. Eu tinha certeza que ela era minha filha, meu bebê, de sangue e de alma, mas tudo o que eu mais temia, veio à tona, destruindo tudo o que construí e conquistei, tudo por amor à minha Mariana.

Não posso acreditar que ela é filha daquele homem... Que não é minha... Sinto lágrimas escorrerem pelo meu rosto, estou quebrado de tantas formas possíveis que não sei como irei seguir em frente, como poderei deixar minha criança com aquele homem sujo?

— Alex? — Abro os olhos e encaro Ricardo. — Eu sei perfeitamente da sua dor, quando vi o resultado, meu peito doeu por você, então fiz algo que poderá me destruir no futuro se vier à tona. — Umedeço meus lábios e respiro fundo.

— O que quer dizer com isso?

— Você não merece isso, meu amigo. — Diz apontando para o

envelope direito. — Aqui comprova que Mariana é sua filha...

— Isso...

— Não estou te obrigando a nada, muito menos a participar de algo errado, então esse segredo é nosso. — Ele arrasta o envelope e me encara. — Esse teste é o falso, Alexander, se fizer essa escolha estaremos infligindo a lei e se alguém descobrir...

— Um teste forjado?

— Está em suas mãos revelar que Mariana não é sua filha de sangue ou morrer com esse segredo que apenas eu e você saberemos a verdade.

Fico encarando Ricardo, sem acreditar que ele está me sugerindo algo tão arriscado. Olho para os envelopes e penso em tudo o que eu passei com minha filha, eu a criei com meu suor, enquanto Bryan humilhou Ellen, deixou-a na sarjeta sozinha, alegando que nunca iria criar filho de outro sendo que Mariana sempre foi dele.

Bryan é agressivo, ambicioso e não tem condições nenhuma de criar uma adolescente, ainda mais Mariana que tem um gênio forte, mas o problema nem é esse, eu criei uma criança que não era minha com todo meu amor, dei minha alma para dar tudo a ela, eu me tornei um dos homens mais ricos do Brasil, tudo para dar uma vida melhor para minha filha.

Ela é minha, sempre foi minha e sempre será minha filha.

Levanto da cadeira e pego o envelope direito. Ricardo assente, pega um isqueiro e queima o envelope esquerdo, fico assistindo até o papel virar cinzas.

— Fez uma boa escolha. — Diz meu amigo recostando na sua cadeira.
— Vá contar as novidades e volte para o Brasil com sua filha ao seu lado.

— Obrigado...

— Tudo o que tenho hoje, eu devo a você, Alexander. — Respiro fundo e sorrio agradecido. — É o mínimo que eu posso fazer.

Assinto, viro de costas e saio da clínica com o resultado de DNA, meu coração dói por saber a verdade, mas eu sei que estou fazendo a escolha certa, mesmo que seja um caminho errado, eu fiz a escolha certa.

Entro no carro, dou partida e sigo de volta para casa com um segredo que morrerei com ele e farei de tudo para que ninguém descubra. Porque eu sou o pai da Mariana e sempre serei o pai dela.

Estaciono o carro e sem perder mais nenhum segundo, entro em casa para revelar o resultado. Encontro Ellen sentada no degrau da escada, aflita e ansiosa, ela me encara com seus olhos idênticos aos de Mariana, suplicando em silêncio para que eu seja o pai.

Mariana levanta do sofá e anda em minha direção, para na minha frente e me fita preocupada. Ela é tão linda e vê-la crescer foi a minha maior riqueza, ser chamado de pai pela primeira vez foi o meu maior presente, posso ser julgado pelo que irei fazer, mas é o que eu preciso fazer, por mim, por Ellen e principalmente por Mariana.

— Papai? — Sussurra com os olhos brilhantes, vejo o quanto está com medo de saber a verdade.

Umedeço os lábios, sinto meu queixo tremer e engulo o choro preso na garganta. Mariana cresceu tanto, já é uma adulta, mas nesse momento é como se eu a estivesse vendo com dois aninhos, quando pela primeira vez, me disse que me amava.

Entrego-lhe o envelope e com minha voz carregada de dor e lágrimas eu digo a maior mentira de toda a minha vida, aquela que poderá destruir minha vida um dia.

— Você é minha filha. — Lágrimas escorrem por seu rosto, lágrimas de alívio e de felicidade, ela me olha e pula em meus braços chorando de alegria.

Retribuo o abraço e fecho os olhos sentindo o seu amor, sei que errei, mas ao mesmo tempo sei que fiz o certo, vê-la assim em meus braços, me beijando e chorando por eu ser o seu verdadeiro pai, faz tudo valer a pena.

Às vezes a mentira é a melhor escolha a se fazer.

— Eu sabia que você era meu pai. — Diz através das lágrimas.

Mariana se afasta, entrego o teste para Ellen e limpo as lágrimas da minha menininha. Minha filha é minha vida e sem ela eu sou um homem vazio, sem rumo e sem destino, Mariana é o meu caminho e sempre farei de tudo para fazê-la feliz, mesmo que seja mentindo.

— Sim, eu nunca duvidei disso. — Falo com confiança, tentando não demonstrar o quanto estou quebrado. — Tenho outra coisa para revelar.

— O quê?

— Iremos embora daqui a três dias. — Revelo lhe entregando três passagens de volta para o Brasil.

— Três? — Sorrio e olho para Ellen.

— Estou indo com vocês. — Mariana olha para ela incrédula. — Pedi as contas do meu trabalho, mas por incrível que pareça, um amigo meu conseguiu um cargo de policial no Brasil, então estou sendo transferida para Minas Gerais.

— Jura?! — Ellen assente com o queixo tremendo, Mariana começa a chorar e pula em seus braços.

— Eu te falei que nunca mais te deixaria, não te falei? — Mariana assente e chora nos braços de Ellen.

Minha filha não voltará para o Brasil só com seu pai, mas com sua mãe também.

Escuto uma batida forte na porta e logo em seguida Bryan entra, com a testa franzida e com os olhos nublados, ele não parece estar bem. Ele sorri e me encara, coloca as mãos nos seus bolsos e me lança um olhar prepotente.

— Vim buscar minha filha. — Fala friamente, suas palavras são como um soco no meu estômago, porque ele é realmente pai de Mariana.

— Ela não é sua filha. — Retruco dando um passo à frente.

— Eu não vou discutir com você Alexander, eu apenas vim pegar minha filha.

— Como eu falei, Mariana não é sua filha. — Dou mais um passo parando centímetros de distância.

— Não me irrite cara, eu quero a m... — Estendo o teste com minhas mãos trêmulas.

— O teste de DNA prova que Mariana é minha filha, então se puder sumir das nossas vidas, eu vou agradecer. — Bryan congela, segundos depois pega o envelope com brutalidade e analisa o resultado.

— Mas isso...

— É verdade, Mariana não é sua e nunca será.

— É falso! — Diz fazendo meu coração acelerar. — Como não fui noticiado? Isso aqui é armação sua, Alexander.

— Por que eu armaria isso? — Pergunto cruzando meus braços. — Qual o sentido de mentir? Não preciso de dinheiro, Bryan, tenho um império. Eu criei Mariana sozinha durante dezessete anos, sempre estive aqui para ela, como eu poderia mentir? — Ele solta uma risada e joga o exame no meu rosto, fecho meus olhos por um instante, me mantendo calmo e

controlado para não estourar e quebrar o nariz desse maldito.

— Para ficar com ela. — Diz alterado e apontando para Mariana.

— Não sou um hipócrita. — Olho para ele que bagunça os cabelos. — Quero você longe de Mariana, Bryan.

— Você n...

— Eu doei toda a herança. — Ellen interrompe a discussão, fazendo Bryan se calar. — Eu doei todo o dinheiro que meus pais me deixaram para instituições de caridade, não tenho nada, Bryan, sou apenas uma assalariada que está desempregada agora, meu único bem é essa casa.

Bryan dá um passo para trás em choque, vejo seus olhos vacilando e sua expressão ficar desesperada. Respiro fundo, tendo a certeza do que planejava, ele queria o dinheiro e não Mariana.

— Por quê? — Pergunta com os dentes cerrados.

— Eu não vou permitir que meus pais controlem minha vida mesmo depois de mortos. — Bryan solta uma risada e lança um olhar cruel em direção à Ellen.

— Sua vadia. — Xinga dando um passo à frente, mas eu impeço empurrando-o contra a parede, seguro seu pescoço com tanta força que ele começa a ficar vermelho, ele tenta se soltar, mas aparentemente, sou mais forte.

— Eu te avisei para não ofender a mãe da minha filha. — Digo com uma voz calma, mas cruel. — Se não quer ver seu rosto triturado por meu punho, é melhor dar as costas e sumir da minha frente. — Me afasto soltando seu pescoço.

— Eu vou...

— Some! — Falo abrindo a porta.

Bryan me encara e sabe que perdeu essa batalha, que o que planejava foi descoberto e se quer dinheiro, com a Ellen ele não terá. Bryan ajeita sua roupa e encara cada um de nós antes de sair pela porta.

Fecho a porta, trancando-a, e mais uma vez, tenho certeza de que eu fiz a escolha certa. Respiro aliviado e me viro, para olhar para as duas mulheres que protegerei com a minha vida até eu morrer.

— Acabou. — Digo umedecendo meus lábios e esfregando meus cabelos.

— Esse homem é muito estranho. — Mariana murmura, assinto e sorrio para ela.

— Vá arrumar suas malas, iremos embora o mais rápido. — Ela balança a cabeça de leve e fica calada nos encarando.

— O que foi? — Pergunta Ellen.

— Preciso me despedir de Peter. — Revela com uma voz trêmula.

— Sinto muito, meu amor. — Falo chegando mais perto, uma lágrima escorre pelo seu rosto.

— Já sabíamos que isso ia acontecer. — Diz respirando fundo. — Vou arrumar minhas coisas e me despedir dele.

— Faça isso. — Digo esfregando seus ombros.

— Eu cuido das papeladas de Dean, — comunica Ellen — enquanto você se despede dos seus amigos.

— Obrigada, mãe. — Mariana abraça Ellen e depois me dá um beijo na bochecha e sobe as escadas.

Inspiro fundo, fito o rosto de Ellen que me olha atentamente.

— Tudo bem, Alexander? — Pergunta preocupada.

— Sim, só ansioso para voltar para casa. — Respondo acariciando seu rosto. — Vou tomar um banho. — Ela assente e vou direto para meu quarto.

Tranco a porta, vou para o banheiro, tiro minhas roupas apressado, ligo o chuveiro e com o barulho da água eu deixo meu choro contido sair. Encosto minha testa na parede e deixo-me quebrar, porque dói saber que Mariana não é minha filha de sangue quando eu tinha certeza que era.

Sinto meu coração se despedaçar aos poucos, mas eu tenho que ser forte e carregar essa mentira pelo resto da vida, eu fiz uma escolha que julgo ser a correta, entretanto, isso não impede de me sentir tão devastado. Então choro na tentativa de aliviar a pressão do meu peito, para que eu possa me recompor e levar minha filha de onde ela nunca deveria ter saído, que é ao lado de sua verdadeira família.



Soco o volante com tanta força que uma dor insuportável percorrer minha mão, não acredito que isso está acontecendo. Estaciono na minha casa e entro apressado, meu plano foi por água abaixo, tudo por causa daquele desgraçado do Alexander.

Meu plano era tão simples, conquistar Mariana e fazer dela minha prisioneira, ameaçar Ellen a se casar comigo e me dar todo seu dinheiro para salvar sua filha e eu salvaria minha pele. Mas tudo se tornou muito difícil, Mariana foi difícil de conquistar e confia muito pouco nas pessoas, ainda mais com seu pai aqui, e quando as coisas foram se apertando, me pressionando, eu perdi a paciência e agi com a cabeça quente, assustando uma garota que nem é minha filha.

Entro no meu quarto, pego minha mala que está na minha cama e vou direto no meu cofre, tiro o quadro e digito a senha, o pouco de dinheiro que tenho será o suficiente para eu sair do país.

Começo a encher a mala com a grana e me assusto com o barulho do meu telefone tocando. Retiro do bolso e atendo.

— *Bryan cadê o dinheiro?* — Diz Maicon desesperado do outro lado da linha.

— Não consegui. — Escuto meu sócio respirar fundo e amaldiçoar.

— *Bryan, você está ferrado.*

— Eu sei...

— *Se a polícia te pegar, será mais de dez anos de cadeia.* — Chuto a mala com raiva, eu sei perfeitamente do meu futuro se eu não fugir.

— Não precisa falar algo que eu já sei. — Rosno apertando o aparelho.

— *Os sócios estão trancados na sala de reunião, descobriram tudo, é melhor você fugir antes que seja tarde, Bryan.*

Droga... Pego minha mala cheia de dinheiro e saio do quarto, não há mais tempo.

— Eu vou, não me ligue mais até que as coisas estejam mais calmas.

— *Eu ainda estou tentando entender como você pôde fazer isso com sua própria empresa.* — Respira fundo. — *Desviando dinheiro, fazendo investimentos falsos e ainda perdeu tudo, Bryan? Não estou acreditando...*

— Nem eu entendo, Maicon, só sei que ainda não ferrei com tudo, vou bolar um plano. — Digo descendo as escadas, meu amigo respira fundo.

— *Melhor que seja rápido.* — Diz incrédulo.

— Acredita em mim, vou arrumar toda essa merd...

Congelo diante à porta aberta, o detetive Trump dá um passo à frente saindo do meio de vários policiais, sorri e estende o papel.

— Pensando em ir para algum lugar, Bryan Ayers? — Engulo em seco, solto a mala e abaixo o celular, encarando o sorriso vitorioso do detetive Trump. — Senhor Ayers, você está sendo preso por lavagem de dinheiro e

apropriação indevida de propriedade. — Estendo meus braços quando ele para na minha frente, ele ergue as algemas e em seguida as coloca em meus pulsos. — Você tem o direito de ficar calado. Tudo o que disser pode e será usado contra você no tribunal.

Respiro fundo e deixo meus ombros caírem em derrota, agora sim, eu estou ferrado.



Estaciono o carro em frente à clínica e ficamos em silêncio, encarando-a fixamente sem desviar. Escuto Gilles suspirar no banco de trás e olho para ele pelo retrovisor, seu semblante é de preocupação.

— Por que Bryan tem tanta raiva de vocês? — Pergunto curiosa, fiquei sabendo ontem que ele foi preso por crimes fiscais e corrupção, Bryan não sairá da cadeia tão cedo.

— Tio Charlie estava investigando-o há um tempinho. — Responde Gilles encarando a clínica de reabilitação.

— Meu pai era encarregado de investigar Bryan, descobriu muitas coisas erradas, só que precisava de provas para colocar ele na cadeia, mas morreu antes de provar. — Assinto, sabia que esse cara é todo errado!

— Agora pagará pelo que fez. — Peter sorri de leve e olha para trás.

— Está pronto, irmão? — Gilles respira fundo, volto a encará-lo pelo retrovisor e comprimo meus lábios.

Depois de um mês ele recebeu alta, porém, esses trinta dias internado

foram de estrema luta, Gilles ficou quinze dias entubado por causa da overdose, sua saúde ficou fragilizada contraindo infecções e até mesmo uma pneumonia. Desde o dia em que entrou naquele hospital lutou para sobreviver.

Fico tão feliz por ter conseguido sair dessa sem sequelas físicas, ele encontra com o meu olhar e sorri, Gilles está muito mais magro e com olheiras, a internação e a abstinência das drogas o deixaram muito fraco e debilitado.

— Você vai conseguir. — Falo com confiança, Gilles assente e sai do carro.

Olho para Peter com meu coração doendo, hoje vou contar que amanhã irei embora, não vai ser fácil, mas tenho um plano para que nossa despedida seja incrível.

Desço do carro e me encosto no Cadillac, observo Gilles olhar para a entrada da sua nova casa. Peter para ao meu lado e segura minha mão, ficamos em silêncio esperando por Gilles, ele está com medo do que enfrentará, sabe que vai ser uma batalha muito difícil, mas sei que ele irá vencer.

— Então é isso... — Murmura virando e nos olhando. — Acho que chegou a hora. — Assinto, solto a mão de Peter e abraço Gilles.

Ele rodeia seus braços em volta da minha cintura, me aperta e encaixa seu pescoço no meu ombro, ficamos assim por alguns segundos, sentindo o calor um do outro, então de repente sinto algo molhar meus ombros, engulo em seco quando Gilles começa a chorar com intensidade.

Não digo nada, apenas deixo que desabe em meus braços, porque ele está ferido e solitário, seus pais não quiseram saber dele, Gilles só teve eu, Peter e Julie para ajudá-lo a enfrentar esse momento.

Esfrego suas costas e quando seu choro diminui, afasto-o e seguro seu rosto. Gilles me olha através das lágrimas.

— Obrigado por tudo... — Sussurra segurando meu rosto também.

— Não importa o quanto seja difícil sua jornada, não desista. — Ele assente — Quero ver você como um vencedor e não um perdedor. — Ele ri e umedece os lábios, Gilles está tão abatido e desgastado, que nem parece um menino de dezoito anos. — Lembre-se, todo guerreiro carrega grandes cicatrizes na alma e no coração, mas independente das suas feridas eles nunca desistem, mesmo caindo, quebrando e falhando, eles sempre se levantam e começam de novo. — Limpo suas lágrimas, fico na ponta dos pés e beijo seu nariz. — Você é um guerreiro que está prestes a entrar em uma grande missão, seja forte e tenha garra, você vai vencer, Gilles.

Ele respira fundo, beija minha testa com ternura e me olha com seus olhos sem vida, tristes e desolados, mas cheios de esperanças.

— Você foi a melhor coisa que me aconteceu, agradeço por ter aparecido naquele colégio e entrado em nossas vidas. — Mordo meu lábio inferior, segurando o choro. — Você vai me visitar, não vai? — Fico encarando-o, vejo quando sua expressão entristece, puxo-o para mais um abraço apertado, só que de despedida.

— Vou torcer por você onde quer que eu esteja e um dia iremos nos reencontrar. — Gilles assente e intensifica o abraço.

— Vou sentir sua falta.

— Eu também.

— Adeus, Mariana. — Diz beijando minha bochecha.

— Adeus... — Sussurro dando um passo para trás e com os olhos cheios de lágrimas.

Peter entrega sua mala e fica olhando para seu primo, sem saber o que dizer. Gilles sorri e puxa o nerd para um abraço forte, eles sussurram palavras que não consigo escutar, e nem me esforço para ouvir, porque esse momento é só deles.

Peter se afasta e passa o braço direito sobre meu ombro e me aperta enquanto encaramos Gilles. Ele sorri, respira fundo, pega sua mala, e caminha em direção à clínica de reabilitação. Não sei se um dia eu o reencontrarei, mas se acontecer quero ver um homem novo e longe das drogas e da bebida.

Inspiro fundo e quando Gilles some pelos portões libero meu choro. Peter me enlaça com seus braços e me aperta, nunca pensei que seria tão difícil me despedir, me apeguei tanto a todos eles que meu coração não está aguentando, mas não tenho outra escolha, esse é nosso destino e é assim que deve ser.

Olho para meu nerd, aliso seus cabelos vermelhos e sorrio quando sua boca encosta na minha. Esse será o nosso último dia juntos e farei valer a pena. Me afasto do seu beijo e acaricio seu rosto.

— Vamos para o nosso lugar especial?

— Claro... — Responde me encarando.

— Peter... — Ele respira fundo e beija meu nariz.

— Eu sei... — Fecho meus olhos por alguns segundos antes de lhe entregar a chave do carro.

Peter me encara, seus olhos azuis estão opacos e tristes, sei o quanto está sendo difícil para ele, mesmo sabendo qual seria nosso fim, nunca estamos preparados para a hora do adeus. Ele abaixa a cabeça e encara a chave na sua mão, fecho meus olhos por um instante antes de rodear o carro e

entrar.

Olho pela janela, coloco minha mão na boca, esfregando meus lábios na tentativa de impedir que o choro saia. Peter arranca com o carro e dirige por todo o caminho em silêncio. Sorrio discretamente ao lembrar da nossa primeira interação, até hoje não devolvi seu livro e nem sei se vou devolver, será uma lembrança que terei do meu nerd.

Peter estaciona e sai do carro, viro para pegar a cesta no banco de trás antes de sair e segui-lo. Quando chegamos ao topo da montanha, coloco a cesta no chão debaixo de uma árvore e vou até Peter, que está na beirada encarando o mar.

Paro ao seu lado, sentindo o vento, escutando as gaivotas e observando as ondas do mar, um paraíso que estará gravado em minha memória, pois foi aqui que dei o primeiro beijo no meu nerd.

— Vou sentir saudades desse lugar. — Sussurro sem saber mais o que dizer.

— E eu de você. — Rebate se virando para mim.

— Nós podemos...

— Namoro a distância não vai dar certo, Mariana. — Olho para baixo e suspiro. — Somos jovens e iremos morar em países diferentes, — Peter dá um passo em minha direção, sinto sua mão no meu rosto, levanto a cabeça encontrando com seu olhar — não quero te privar de viver sua juventude, por isso o que temos hoje, acaba aqui. — Meu queixo treme e deixo minhas lágrimas caírem, Peter enxuga-as com o polegar.

— Eu...

— Você foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida. — Revela deslizando suas mãos no meu pescoço. — Você me ensinou a perdoar, que eu

deveria parar de alimentar a culpa e o rancor que eu sentia para superar meu passado. Se não fosse por você, eu ainda estaria perdido. — Ele encosta sua testa na minha. — Obrigada por ter esbarrado duas vezes em mim.

— E você me ensinou a ser uma pessoa melhor. — Digo roçando meus lábios nos seus. Peter fecha os olhos e encosta sua testa na minha. Seu silêncio me dá coragem de seguir em frente com meus planos. — Seja o meu primeiro, Peter.

— O quê? — Ele se afasta chocado e me encara com surpresa.

— Não sei se um dia iremos nos reencontrar, talvez você se apaixone na faculdade, encontre uma pessoa que te faça feliz, nosso caminho pode se desviar, mas quero sempre me lembrar de você, Peter. — Seguro firme seus cabelos e encaro o fundo de seus olhos. — Quero você marcado na minha pele e na minha alma pelo resto da vida, por isso quero que seja o meu primeiro.

Peter me olha fixamente, sem acreditar no que estou pedindo, mas são os seus olhos que revelam seu desejo. Ele sorri de lado, segura meus cabelos com um pouco mais de força e roça seu nariz no meu.

— Você nunca irá me esquecer... — Diz colando sua boca na minha.

Seu beijo é feroz e molhado, uma mistura de desejo e paixão. Puxo seus cabelos com mais força sentindo meu corpo despertar, a vontade de tê-lo aumenta quando suas mãos seguram minha cintura e me puxam para ficar ainda mais colada em seu corpo.

Peter me aperta contra seu peito, sua língua viaja dos meus dentes ao céu da boca, me arrepiando por inteira. Sinto um frio na barriga quando ele morde meu lábio inferior, meu coração acelera e desço minhas mãos para segurar seu pescoço.

A sensação de saber o quanto me quer, me deixa com o coração palpitando e com um nó na garganta, porque eu sei que será a nossa primeira e última vez. Não faço ideia de como seguirei em frente com Peter dominando minha mente e meu coração, esquecer dele será impossível, mas nesse momento, não quero pensar que daqui algumas horas estarei embarcando para longe do garoto que fez meu coração se apaixonar pela primeira vez.

Deslizo minhas mãos por seus braços, sentindo-os se contraírem com meu toque, seus beijos são intensos e vorazes, o começo de uma memória inesquecível. Coloco ambas as mãos em seu peito e com delicadeza o empurro, fazendo-o desprender de meus lábios. Respiro fundo em busca de fôlego, seu peito sobe e desce sob minha mão, abro os olhos e levanto a cabeça, encarando seus olhos brilhantes e cheios de luxúria.

Peter se afasta e caminha até a cesta que eu trouxe, ele se inclina e retira de lá o cobertor, estende no chão e volta tirando os fios dos meus cabelos do meu rosto. Fecho os olhos quando seus lábios macios tocam meu olho direito, depois o esquerdo, sinto meu coração acelerar ainda mais a cada carícia do meu nerd.

— Você tem certeza que quer isso? — Abro os olhos e encaro-o com intensidade.

— Sim, eu quero você! — Peter sorri de lado e com os lábios úmidos, volta a me beijar, mas não da forma que estava antes, seu beijo agora é suave, carinhoso e sedutor.

Peter se abaixa um pouco e me pega no colo sem desgrudar dos meus lábios, rodeio minhas pernas ao seu redor enquanto ele nos leva para o cobertor estendido no chão. Ele se agacha e senta no chão comigo ainda em seu colo, sem a intensão de me soltar.

Suas mãos entrelaçam meus cabelos, sua língua viaja por minha boca, me explorando com calma e paciência. Seu aperto em meus cabelos intensifica, puxa-os para trás inclinando minha cabeça, abrindo espaço para seus lábios navegarem do meu queixo ao meu pescoço com beijos que parecem brasa passando em minha pele.

Engulo em seco quando sinto-o pulsar debaixo de mim, assim como eu estou pulsando de desejo por ele. Peter afasta a alça do meu vestido, beijando meu ombro junto com mordidas de leve. Suspiro ao sentir o prazer aumentando, meu coração dispara quando ele faz a mesma coisa com meu ombro esquerdo, seus lábios vão descendo até senti-los perto dos meus seios.

Peter me olha nos olhos pedindo permissão para continuar, sinto minhas mãos tremerem e uma dúvida começa a me consumir, já não sei se isso é o certo, mas não irei permitir que o medo estrague esse momento tão especial.

Respiro fundo, fecho meus olhos por um instante e volto a abri-los, com a certeza de que é isso que eu quero. Assinto de leve, Peter umedece os lábios e puxa meu vestido para cima, passando-o por meus braços.

Sinto o vento fresco beijar meu corpo. Com os dedos, Peter começa a deslizar por minha pele, acariciando-a, sentindo-a e observando-a. Ele contorna meu sutiã e volta a me olhar nos olhos com intensidade. Fico nervosa, porque nenhum homem me viu tão exposta.

— Não fique com vergonha, você é perfeita. — Sussurra encostando seus lábios nos meus.

Inspiro fundo e sorrio, Peter morde meu lábio superior com sedução, fazendo-me esquecer da vergonha. Desço minhas mãos e seguro a barra de sua blusa, ele se afasta para que eu possa tirá-la, joga-a ao lado e observo seu corpo. Peter tem um peitoral definido na medida certa e braços fortes, sua

pele branca reluz quando os raios de sol batem em seu corpo.

Tão lindo! Passo a mão em cada parte, conhecendo-o e sentindo-o, Peter suspira e captura minha boca com a sua, suas mãos deslizam por minhas costas, abrindo e tirando meu sutiã. Ele me puxa para mais perto, colando nosso corpo quase nu e sentindo o calor um do outro.

Nosso beijo se intensifica, tornando-se ainda mais ardente. Acompanho os movimentos de seus lábios, me entregando completamente e me esquecendo de onde estamos, a única coisa que eu quero nesse momento, é me entregar para aquele que aos poucos foi tomando conta do meu coração, com seu jeito quebrado, isolado e ao mesmo tempo instigante, fazendo-me querer saber o que havia além daqueles olhos tristes e sem brilho.

Peter aos poucos mudou, se iluminou, ficou mais forte e enfrentou os sentimentos que o aprisionava. Sei que tem um longo caminho para percorrer, se curar e superar definitivamente o seu passado.

Mesmo que não fiquemos juntos, só de vê-lo enfrentar seus demônios e seguir em frente com as esperanças renovadas, me faz sentir completa, como se minha missão fosse essa, libertar sua alma aprisionada.

Peter me deita com delicadeza no chão e fica em cima de mim, seus lábios começam a deslizar por meu pescoço, clavícula e param em meus seios, engulo em seco quando sua língua roça meu mamilo, espalhando uma sensação nunca sentida, meu corpo esquenta, sinto-me pulsar ainda mais de desejo.

O toque suave de seus lábios faz meu corpo se arrepiar, minha respiração acelera e minhas mãos soam, seus beijos vão descendo trilhando seu caminho até minha barriga. Peter aperta minha coxa, sinto sua respiração na minha pele, ele levanta a cabeça e com delicadeza retira meu mini short com a calcinha junto, me despindo por inteira, seu olhar é de fascínio e

adoração. Peter me olha com um pedido silencioso para seguir em frente, eu apenas assinto.

Respiro fundo quando sua língua acaricia minha pele lisa, me fazendo sentir algo extraordinário, como se estivesse prestes a explodir, uma sensação que nunca senti antes. Sua língua me explora, agarro seus cabelos e um gemido sai pela minha garganta. Peter sobe e cola sua boca na minha, me beijando com ardor e desespero, ele pressiona seu membro na minha entrada, com ânsia de sentir-me por inteira.

Peter morde meu lábio inferior com um pouco mais de força, seguro seu rosto e encaro-o no fundo dos olhos, gravando cada detalhe para eu nunca me esquecer. Engulo o caroço que se forma em minha garganta, ele se afasta, tira suas calças e encaro-o, vendo-o por inteiro e desejando-o muito mais.

Umedeço meus lábios enquanto observo-o tirar o pacote de camisinha do bolso de trás da calça e colocar em seu membro, sorrio quando ele se encaixa em meio as minhas pernas, sustenta seus antebraços ao meu lado e encosta a testa na minha. Aliso suas costas, sentindo sua pele molhada pelo suor, ele respira fundo, beija de leve meus lábios enquanto encosta seu membro na minha entrada, espalhando arrepios por meu corpo

— Como vou fazer quando eu acordar e não poder te ver? — Diz com a voz trêmula, fazendo meu coração apertar.

— Vou sentir tantas saudades dos seus cabelos vermelhos. — Confesso em um sussurro entrelaçando minhas mãos em seus cabelos. — Eles são tão lindos...

— Você que é linda, Mariana. — Murmura beijando meu pescoço. — Minha princesa...

— Meu nerd. — Peter me encara com os olhos marejados.

— Vou sentir saudades da sua voz, do seu cheiro e do seu sabor. — Diz beijando meu rosto, olhos e pescoço. — Sentirei saudades de você me chamando de nerdzinho...

— Eu queria que esse momento durasse para sempre. — Peter volta a beijar minha boca, colando ainda mais nossos corpos suados e prontos para nos unir.

— Eu te amo, Mariana... — Congelo ao escutar suas palavras, ele se afasta um pouco para encarar meus olhos, sinto uma lágrima escorrer pelo meu rosto e Peter captura-a com seus lábios.

Nunca imaginei escutar essas palavras saindo de sua boca, ainda mais agora quando nossas horas estão contadas. Meu queixo treme e fito seus olhos, vejo neles a verdade, não teremos outro momento para dizer essas palavras um para o outro, porque eu também o amo do fundo do meu coração. Um amor que tenho certeza que jamais poderei esquecer.

— Eu também te amo, Peter Mackenzie.

Lágrimas escorrem de seus olhos e caem em meus lábios, sinto o sabor doce delas, vê-lo chorando me deixa tão quebrada... Com as mãos eu limpo-as do seu rosto. Peter volta a me beijar, um beijo com sabor de despedida, nossas lágrimas se misturam e sinto-o entrando em mim, com cuidado e carinho para não me machucar.

Respiro fundo quando Peter entra por completo, mordo seu lábio inferior com mais força quando sinto uma dor se espalhando por meu corpo, ele espera, sua mão esquerda desce por meu corpo, apertando minha cintura enquanto me beija com delicadeza.

Peter ergue minha perna, encaixando ainda mais nossos corpos suados. Ele se afasta dos meus lábios, abro meus olhos e encaro seu rosto molhado, minhas mãos alisam suas costas e cravo minhas unhas em sua pele quando

começa a se movimentar.

— Eu nunca vou te esquecer...

— Nunca pensei que ao chegar eu me apaixonaria por um nerd. — Seus lábios se esticam em um sorriso preguiçoso, seus olhos azuis me fitam com admiração e amor.

— Minha princesa...

Peter levanta fazendo-me sentar em seu colo, entrelaça minhas pernas na sua cintura sentindo-o mais confortável dentro de mim. Ele afasta meus cabelos do meu rosto suado e beija meu queixo.

— Vou te amar a noite inteira, Mariana.

Peter segura minha cintura com mais força, captura meus lábios e começa a me movimentar, um gemido sai da minha garganta quando o desejo começa a se intensificar. Seu membro pulsa dentro de mim, nosso beijo tem gosto de saudade que já nos consome, é um beijo tremido, misturado com o choro e que dá um nó no peito e faz com que as lembranças venham aos montes.

Nosso primeiro encontro. Primeiras palavras trocadas, a descoberta da paixão, nossa primeira discussão e nosso primeiro beijo... Tudo não passará de lembranças... meras lembranças.

Entretanto, tudo o que vivi nesses meses me fizeram mudar, olhar a vida com outros olhos e enfrentar de cabeça erguida meus problemas. Sou uma nova Mariana e irei embora não como uma adolescente insegura, revoltada e com medo de enfrentar o mundo como quando cheguei, mas sim, como uma mulher, determinada e pronta para a vida. E devo tudo a Peter Mackenzie, meu nerd que marcou tanto minha alma, mostrando que amar vale a pena, mesmo que seja por um determinado tempo, que tudo nessa vida

é passageiro e que algumas pessoas vêm apenas para nos mostrar o significado de viver, perdoar e superar.

Peter foi uma delas, entrou em meu coração com data e hora determinados, mas que deixa uma grande lição que levarei até o meu último suspiro...



Encaro a janela fixamente, com minha mente ainda em Mariana, na noite em que passamos juntos... nossa primeira e última noite juntos. Engulo o caroço na minha garganta, lembrando de quando ela parou o carro em frente à minha casa ainda essa manhã, nenhum de nós dois falamos nenhuma palavra, eu apenas desci e entrei em casa. Naquele momento não conseguiria olhá-la para dizer adeus.

Olho para o relógio e suspiro, daqui quatro horas ela embarca para o Brasil, meu coração não para de doer, está acelerado e apertado, estou perdendo a mulher que amo. Esfrego meu rosto, afastando as lágrimas que escorriam sem que eu percebesse.

Escuto uma batida na porta, mamãe abre em seguida e me olha devastada, ver seu filho sofrer deixa-a desesperada e sem chão. Ela suspira e encosta no batente da porta.

— Vá atrás dela, Peter. — Diz, nego com a cabeça voltando a encarar o lado de fora pela janela.

— Não tem como ficarmos juntos, não quero fazer uma promessa que

eu talvez não consiga cumpri-la.

Mamãe se aproxima, me abraça por trás e beija meu ombro. Seguro suas mãos e encosto minha cabeça na sua enquanto meu queixo treme por eu tentar segurar o choro.

— Ela é muito especial, não é? — Assinto mordendo meu lábio inferior.

— Mariana me mudou. — Julie me aperta mais forte.

— Eu vi...

— Não mãe. — Corto-a virando minha cabeça e beijando seu nariz com carinho. — Não quero saber o que as cartas te falaram em relação a mim e Mariana, não quero alimentar falsas esperanças. — Julie suspira e encosta nas minhas costas.

— O destino sempre dá um jeito de unir pessoas destinadas a amar eternamente. — Ela se afasta e alisa minhas costas. — Se for seu destino, não importa os anos que passarem, ele há de unir vocês. — Mamãe enxuga minhas lágrimas, suspira e aponta para fora. — O mecânico que chamou está te esperando.

Respiro fundo me recompondo e acompanho Julie até ao lado de fora. Dorian me cumprimenta com alegria e o guio até a garagem, segurando a mão da minha mãe. Quando paro em frente a ela, meu coração acelera, porque chegou o momento de me livrar do passado para finalmente seguir em frente.

Empurro para cima a porta de metal da garagem, dou um passo à frente encarando o carro coberto, inclino e com impulso tiro o pano que cobre o Impala 62. Minhas mãos tremem ao relembrar tudo o que sofri achando que era eu o culpado pela morte do meu pai.

— Ele está um pouco destruído, mas ficará perfeito quando concertado.
— Dorian se aproxima fascinado pela máquina.

— Cara, tem certeza que quer vender?! — Pergunta enquanto analisa o carro. — Isso aqui é uma relíquia! — Olho para mamãe que balança de leve a cabeça.

— Tenho certeza.

Dorian fica deslumbrando com o negócio que fez, o valor da venda não foi muito, até porque a frente do carro está destruída, mas vai nos ajudar a pagar algumas prestações de nossas dívidas.

Ajudo-o a colocar o carro no guincho e assisto o caminhão levando a paixão do meu pai embora, mas que durante os últimos três anos, foi o meu pesadelo. Mamãe beija meu rosto e me diz que fiz a escolha certa antes de voltar para casa.

Dorian caminha até seu carro, olho para o relógio no meu pulso, ainda faltam duas horas e meia para Mariana embarcar. Sinto um desespero me consumir, eu nem disse adeus a ela, apenas sai do carro sem falar nada, não vou suportar viver com esse peso.

— Ei, Dorian? — Ele olha para trás. — Você me levaria até o aeroporto de San Francisco? — Dorian franze as sobrancelhas, esperando que eu revele mais alguma coisa, mas fico calado e receoso de que recuse.

— Claro, entra aí. — Diz sorrindo, não perco tempo e entro no seu Camaro, uma verdadeira máquina, potente e veloz. — Não sei o que pretende fazer lá, mas deve ser importante. — Fala fazendo o carro gritar. — Então afivele o cinto amigo, que teremos uma viagem interessante.

Durante uma hora e meia viajamos pelas estradas, cortando cidades e ultrapassando carros em alta velocidade para chegar o mais rápido possível

no aeroporto. Dorian estaciona o carro e eu saio correndo, demorou muito mais do que esperava, não levei em conta o congestionamento até aqui.

Olho no meu relógio, falta dez minutos para as seis da tarde, horário do embarque da Mariana. Enquanto corro em busca do portão de embarque para o Brasil, esbarro em algumas pessoas e acabo derrubando malas no processo, mas não paro para ajudar e me desculpar, pois meu coração está desesperado.

Paro uma aeromoça e pergunto por qual caminho devo seguir, ela me orienta e educadamente agradeço, saindo correndo com a respiração falhando. Paro de uma vez e olho para cima, lá está o portão onde Mariana irá passar, diminuo meus passos e finalmente a vejo entregando sua passagem para a funcionária e entrando pelo portão.

— MARIANA... — Grito com os passos mais acelerados, ela olha para trás, assustada e com os olhos arregalados. Mariana larga a mala e vem em minha direção, abro os braços para recebê-la.

Fecho os meus olhos quando ela se encaixa em meus braços com o corpo trêmulo. Seguro-a mais apertado, sentindo seu calor e cheiro que tanto me persegue ao longo dos dias e das noites.

— Peter... — Sussurra meu nome e se afasta me encarando com os olhos marejados. — O que faz aqui?

— Vim me despedir. — Digo segurando seu rosto, ela é tão linda e especial que não sei explicar o quanto a amo. — Porque eu não iria suportar viver sem te dar o último beijo.

Não espero ela falar, inclino e capturo sua boca com a minha, sentindo o seu sabor e o seu cheiro, enlaço sua cintura e colo seu corpo no meu, ansiando por mais uma noite igual à que passamos juntos, sentindo a pele um do outro, nos amando ao ar livre sem medo e ressalva.

Mariana retribui calorosamente, suas mãos agarram meus cabelos e quando sua língua roça o céu da minha boca, esqueço que estamos no aeroporto cheio de gente nos observando e com seus pais nos assistindo, porque nesse momento a única coisa que me importa é Mariana, aquela que mudou minha vida, me mostrando o significado de continuar lutando.

Sinto o gosto das lágrimas se misturando em nosso beijo ardente, afasto meus lábios dos dela ofegante e buscando por ar, encosto minha testa na sua e fecho meus olhos, me embriagando pela última vez com seu cheio e sabor.

— Todo ano... — Respiro fundo tentando controlar minha respiração acelerada.

Afasto minha testa para olhar em seu rosto, coloco uma mecha de seu cabelo atrás da sua orelha e fito seus olhos grandes e castanhos, ela suspira e morde os lábios trêmulos. Mariana se assusta quando anuncia que faltam cinco minutos para embarcarmos, meu tempo acabou.

— Eu não vou te falar para me esperar, Mariana, porque eu não quero isso. — Digo respirando fundo e olhando fixamente para ela. — Quero que viva sua vida intensamente, saia com amigos, namore e se divirta, aproveite cada oportunidade que tiver, permita-se se apaixonar, Mariana, mas nunca... em hipótese alguma me espere. — Ela abre a boca para falar, mas calo-a com um beijo na boca, afasto novamente. — E todos os anos, no dia primeiro de janeiro as duas da manhã, iremos nos falar, seja em ligação ou chamada de vídeo, namorando ou solteiros, iremos fazer isso.

— Certo! — Confirma com a voz trêmula e prestando atenção em cada palavra minha.

— Iremos contar tudo um para o outro, até mesmo se nos apaixonarmos por outra pessoa. — Ela assente e sorri de leve. — O destino sempre une pessoas destinadas a amar eternamente, e se esse for nosso destino, a vida irá

nos unir novamente.

— Eu queria tanto poder te esperar... — Sussurra alisando meus cabelos.

— Mas não vai, quero que aproveite sua juventude. — Engulo em seco e roço meus lábios nos seus. — Seja muito feliz, Mariana Collins Vitale.

— Seja muito feliz, Peter Mackenzie. — Mordo seu lábio inferior e abraço-a pela última vez.

— Eu te amo...

Ela se afasta com os olhos cheios de lágrimas, fica me encarando por alguns segundos, gravando-me em sua memória antes de virar e caminhar em direção ao portão de embarque. Sinto lágrimas escorrer por meu rosto, mas apesar dessa despedida, meu coração está aliviado, porque essa garota mudou minha vida e me deu esperanças de um futuro.

Mariana olha para trás, sorri com o rosto encharcado de lágrimas e passa pelo portão, deixando apenas saudades para trás e um homem eternamente grato e apaixonado. Deixo um gemido sair pela garganta, não vai ser fácil seguir em frente sem tê-la ao meu lado, sorrindo e me beijando todos os dias, mas eu sei que agora conseguirei vencer todos os meus desafios, estou pronto para enfrentar tudo o que a vida pretende me dar.

Viro de costas e caminho em direção à saída, com a certeza de que a partir de hoje, serei um novo homem, cheio de sonhos e objetivos para realizar e nada nesse mundo me fará parar até que eu os conquiste, em nome do meu pai e de Mariana, eu conquistarei uma nova vida.



Estaciono a viatura em frente ao aeroporto de Cofins, olho para Dean sentado no banco do passageiro. Esse cachorro ficou muito maior do que imaginei, inclino na sua direção e esfrego seu pescoço, sorrindo quando me morde de leve.

Quando cheguei em Minas Gerais, dez anos atrás, já sabia qual carreira queria seguir, então para torná-lo meu escudeiro, cuidei para que ele fosse adestrado e treinado para quaisquer tipos de situações. Foi uma longa jornada e muitos treinos até chegar ao nível que está, hoje é meu parceiro inseparável.

Respiro fundo olhando para entrada do aeroporto me sentindo nervosa e com o coração na mão. Tomando coragem, desço da viatura, contorno-a para abrir a porta para Dean, ele desce e me olha, esperando meu comando.

Ajeito minhas roupas, confiro meu distintivo da Polícia Federal na cintura e ajeito o coldre da pistola para ter certeza que está tudo no lugar, mas isso é apenas distração para tentar esquecer um pouco meu nervosismo antes de encontrá-los.

Dou um toque na cabeça de Dean para que me siga, passo pelas portas do aeroporto e enquanto caminho com meu cachorro colado em minhas pernas, observo toda a movimentação de pessoas, algumas me encaram e umas crianças apontam em minha direção fascinadas em verem uma policial

e um cachorro.

Na verdade, uma delegada da Policia Federal de Minas Gerais. Meu peito infla de orgulho porque não foi fácil chegar até onde estou. Quando voltei para casa, já tinha um objetivo, fazer a faculdade de direito e me tornar uma delegada. Perdi as contas de quantas noites passei em claro estudando, tanto para faculdade quanto para o concurso que fiz um ano após me formar, abdiquei de muitas coisas, principalmente minha vida social, teve ano que se eu saí quatro vezes foi muito e o único tempo livre que eu tinha, ficava com minha família. Essa era uma chance e precisava agarrá-la.

Papai como sempre, solteiro. Sorrio de leve ao lembrar dele entrando em casa furioso por ter sido traído outra vez, disse-me que nunca mais namoraria com mais ninguém, apenas iria se satisfazer por uma noite e nada mais. E foi o que fez, porém, sinto que a cada dia ele fica mais isolado e solitário, se afundando no trabalho. Meu coração aperta por vê-lo assim, meu desejo é que ele possa encontrar uma mulher que o ame como merece.

Em algum momento eu pensei que ele e Ellen iriam se reconciliar, mas percebi que a união que ambos têm não passa de uma amizade sincera. Minha mãe é casca grossa, não deixa nenhum homem se aproximar dela e juro que pensei que nunca encontraria um namorado, mas para meu alívio ela se apaixonou por um capitão do exército, muito bonito e educado. Aparentemente está feliz e estão pretendendo morar juntos. Torço para que isso aconteça.

Paro em frente ao desembarque, sustento minha mão na cabeça do Dean e fico esperando pelo novo Juiz e Promotor do estado. Ambos foram considerados os melhores dos Estados Unidos, resolvendo os casos mais complicados que nenhum outro conseguiu, eles são astutos e inteligentes, despertando interesse em vários governantes que lutam por um país longe da

criminalidade.

Diferente de muitos que só são contratados através de concursos, eles são particulares, recebem propostas absurdas de governantes para que defendam seu estado, dificilmente eles ficam por muito tempo em apenas um lugar. Sua missão é desvendar, descobrir e julgar os criminosos mais perigosos, destruindo organizações criminosas e dando à população esperanças de tempos melhores.

Meu coração acelera quando os passageiros começam a sair, mordo meu lábio inferior ansiando por esse encontro, que na verdade, é um reencontro que venho sonhando há dez anos. Olho para baixo quando Dean sapateia sentado, seu rabo balança sem parar, seus olhos estão fixos à frente, olhando para alguma coisa ou alguém. Meu corpo congela, porque eu sei quem ele está vendo, cachorro nunca esquece daquele que gosta. Dean levanta e fecho meus olhos sentindo meu coração bater em meus ouvidos.

Eles chegaram...

Olho para frente e encontro com seus olhos azuis e cabelos vermelhos, um nó se forma na minha garganta. Faz sete anos que não nos vemos e nem nos falamos, aquela história de todo ano nos falar por ligações foi um fiasco, Peter decidiu que era melhor pôr um ponto final, com a desculpa de que eu nunca iria viver minha vida como deveria, porque eu ficaria esperando-o.

Mesmo que eu tenha saído, tentado aproveitar minha juventude e namorado alguns garotos, eu nunca consegui esquecer do meu nerd, então desisti de procurar, meu coração não descompassou por nenhum homem, por isso que me joguei de cabeça nos estudos e na minha profissão

Ao saber que o novo Juiz e o Promotor é nada mais e nada menos que Peter e Gilles, meu coração voltou a bater como há dez anos atrás. O governador Romeu Zema me deixou encarregada por recebê-los na cidade e

aparentemente serei a responsável por eles enquanto se acostumam com sua nova rotina.

Dean sai correndo em direção a Peter, ele solta a mala e se agacha para acariciar minha criatura gigantesca. Seu sorriso é fascinante, seu corpo está mais definido e seu rosto já não é de um garoto de dezoito anos, mas de um homem que arranca suspiros de qualquer mulher.

Peter se levanta e me encara, nosso olhar se encontra e tudo em volta desaparece, é como se estivéssemos em um corredor cheio de lembranças. Engulo em seco com medo de correr para seus braços. Será que ele está namorando ou se casou? Será que ele ainda me ama?

Sinto minhas mãos tremerem e minha barriga se contorce, abaixo a cabeça incapaz de continuar encarando-o, pois mesmo que tenha me dito para eu não ter esperanças de que um dia ficaríamos juntos, eu não consegui, falhei deploravelmente. Todos os dias eu olhava no espelho e alimentava a expectativa de tê-lo de volta.

— Mariana? — Sobressalto ao escutar uma voz grossa vindo atrás de mim, encontro com um homem alto, forte, sorriso discreto e muito lindo. Seus cabelos escuros estão um pouco bagunçados, mas são seus olhos que me fazem lembrar quem é.

— Gilles? — Pergunto com a voz trêmula.

— Sou eu! — Diz soltando a mala e vindo em minha direção.

Ele me pega nos braços e me roda, enlaço meus braços em seu pescoço, sinto seu cheiro e seu calor. Foi uma surpresa quando três dias atrás eu descobri que Gilles lutou e conseguiu superar seus vícios. Se tornou um promotor rigoroso e eficiente, e vê-lo assim, tão bem e bonito me deixa emocionada.

Gilles me afasta, segura meu rosto e me encara dos pés à cabeça, com um sorriso astuto e divertido, seus olhos cheios de vida brilham ao se encontrar com os meus.

— Uau... Não acreditei que a delegada que iria nos escoltar seria você.
— Coloco minhas mãos em cima da sua no meu rosto e sorrio.

— Eu fiquei impressionada quando descobri que se tornou um Promotor.

— Agora prendo bandidos. — Diz com diversão voltando a me abraçar.
— Que saudades que eu estava. — Sussurra me apertando contra seu peito.

— Eu também. Como você está? — Pergunto empurrando seu peito, ele ri e beija o topo da minha cabeça.

— Estou bem. — Diz piscando um olho. — Ele nunca te esqueceu. — Murmura em meu ouvido me congelando.

Gilles dá um pequeno aceno atrás de mim e sorri de alegria, meu queixo treme querendo chorar por estar na sua frente outra vez depois de tantos anos, umedeço meus lábios e lentamente eu me viro, ficando em frente aquele que roubou meu coração há mais de dez anos atrás.

Peter me encara com intensidade, seus olhos descem por meu corpo e seus lábios esticam em um sorriso preguiçoso. Não sei o que dizer e muito menos como reagir, engulo com dificuldade sentindo meu peito doer por causa das batidas descontroladas do meu coração, decido quebrar o silêncio.

— Eu não estraguei seu livro. — Ele assente sem desviar os olhos de mim, mordo meu lábio inferior com mais força quando o silêncio começa a me incomodar, seu olhar é intenso e me analisa fixamente. — Eu estou solteira. — Digo por fim, Peter ri e dá um passo chegando mais perto de mim.

— Eu tenho uma namorada. — Fecho meus olhos por um instante ao escutar sua voz grave e rouca, sentindo-a percorrer por meu corpo e me arrepiando completamente.

Olho para ele por alguns segundos antes de abaixar a cabeça e encarar minhas mãos trêmulas. Realmente passou pela minha cabeça que talvez ele estivesse namorando, homens lindos e com uma carreira promissora como ele, dificilmente está à disposição.

— Irei levá-los para sua nova ca...

— Mas ela ainda não sabe. — Peter me corta, olho para cima em confusão, me assusto com a sua proximidade e por instinto dou um passo para trás, mas suas mãos enlaçam minha cintura impedindo-me de afastar.

— Como assim? — Sussurro colocando minhas mãos em seu peito.

— O destino sempre une pessoas destinadas a amar eternamente. — Ele se inclina ficando mais próximo do meu rosto, seu cheiro me invade e sua respiração acaricia meus lábios. — E ele acaba de nos unir outra vez.

Sinto meu queixo tremer e meus olhos se enchem de lágrimas, uma de suas mãos entrelaça meus cabelos e a outra faz meu corpo colar no seu. Sem conseguir aguentar permito que as lágrimas escorram, seus olhos brilham e sua testa encosta na minha.

— Oi Nerd! — Murmuro ao sentir o roçar dos seus lábios macios nos meus.

— Oi Mariana...

Passo meus braços em volta do seu pescoço e encosto meus lábios nos seus. Peter sorri sobre eles e me beija com intensidade, matando a saudade e o tempo que ficamos separados. Parece até um sonho que venho tendo desde o momento em que voltei para casa, no entanto, sentindo o seu calor, o seu

sabor e o seu toque, sei perfeitamente que não é um sonho, e sim o destino unindo dois corações destinados a amar eternamente.

Meu nerd voltou para os meus braços e dessa vez é para sempre.

Agradecimentos



Mais uma história finalizada... Sinto uma emoção tão grande que sou incapaz de explicar, acompanhar Mariana e Peter desde o começo e ver como eles cresceram e amadureceram foi tão mágico.

Finalizar meu segundo livro é absolutamente inacreditável!

Quero agradecer a Carina Barreira por ter me acompanhado nessa nova aventura, me ajudando com a revisão, com o desenrolar da trama e com a construção da história de Mariana e Peter. Tê-la convidado para revisar Victória foi o meu maior presente, porque a partir dele tivemos uma grande conexão, não sei o que farei se um dia eu não a tiver do meu lado.

Obrigada amiga por tudo o que está fazendo por mim, por estar apoiando minhas loucuras e mergulhando nos meus livros sem pedir nada em troca. Sua amizade é mais do que especial, é um presente, uma dádiva que Deus me deu.

Outra pessoinha que quero agradecer é a Mariana, pois apaixonada por um Nerd foi criado para homenageá-la, para lhe agradecer pela amizade, companheirismo e por estar me apoiando nessa nova trajetória.

E a Aline Dantas por ter escolhido o nome do Peter, que ficou perfeito com a personalidade do personagem e por estar sempre ao meu lado, me incentivando e me animando.

Não posso deixar de agradecer a Deus, meu pai eterno por ter me mostrado o caminho que nunca imaginei que percorreria, sem ele eu não sou nada.

E meu último agradecimento vai para todas as pessoas que me apoiaram nessa minha nova carreira, que apostaram em mim e que abriram o coração para receber minhas histórias.

Obrigado leitores por estar aqui comigo mais uma vez, chorando, sofrendo, suspirando e amando.

Siga-me no Instagram @autora_jenniffer_alves e saiba de todas as novidades.

Até o próximo!!!